



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANDRÉ PEDRO DA SILVA

VOGAIS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS:
Do Sistema ao Uso

JOÃO PESSOA
2010

ANDRÉ PEDRO DA SILVA

**VOGAIS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS:
Do Sistema ao Uso**

Tese de Doutorado apresentada à coordenação do Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do Grau de Doutor em Linguística. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística.

Orientador: Dermeval da Hora

João Pessoa
2010

ANDRÉ PEDRO DA SILVA

**VOGAIS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS:
Do Sistema ao Uso**

Tese apresentada para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, área de Análise Linguística junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, João Pessoa-PB.

Banca Examinadora:

José Sueli de Magalhães
(Coorientador)

Elisa Battisti
(1ª Examinadora)

Stella Telles
(2ª Examinador)

Julienne Lopes Ribeiro Pedrosa
(3ª Examinador)

Rubens Marques de Lucena
(4º Examinador)

João Pessoa
2010

DEDICATÓRIA

A Deus, pai onipotente, pela oportunidade de estar vivo e de aprender um pouco mais a cada dia. Os novos caminhos percorridos, afora as grandes sensações de descobrimento, foram gratificantes, mesmo quando tudo parecia perdido... Graças ao teu amor, eu cresci!

A Margarida Targino e a José Maria, meus pais, meus pilares, que, mesmo a distância e sem entender bem o significado de se ser doutor em Linguística, me apoiaram e incentivaram em todos os momentos deste árduo caminho. Obrigado por sempre demonstrarem o seu orgulho pelo meu desenvolvimento acadêmico e por contribuir para que eu pudesse ter condições de progredir e chegar onde cheguei!

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Dermeval da Hora, que, desde o início, demonstrou confiança em minhas ideias, sendo um dos grandes fatores de estímulo para que eu concluísse esta tese.

Ao José Magalhães, meu coorientador, que, de maneira suave e amigável, porém com sólida e determinada supervisão, foi imprimindo às minhas pesquisas o balizamento indispensável para que eu não perdesse o rumo no vasto campo da fonologia métrica.

À minha sempre mestra, Juliene Pedrosa, pela importante e especial amizade, e que sempre se dispôs, de forma constante e fundamental, a me “socorrer”. Seu apoio e a sua confiança foram fundamentais para impulsionar minha chegada aqui.

À professora Elisa Battisti pela leitura precisa e criteriosa. Seu olhar e sua perspicácia foram fundamentais para o aprimoramento desse trabalho.

Aos colegas e às colegas do VALPB, por tudo o que aprendemos juntos e pelos momentos de descontração nas leituras. Em especial, a Sílvia Ribeiro e a Valeria Viana, que sempre se fizeram presentes em minha caminhada, ouvindo, incentivando e dando forças para que eu seguisse sem cair.

À minha irmã de coração, Irineide Lima, por estar sempre presente e vivenciar comigo todos os momentos bons e ruins desses quatro anos de amizade e de tese. Obrigado por tudo!

A todos os meus familiares, em especial, a Alexandre e a Juliana, meus irmãos, e Neide, minha cunhada. Sem vocês, a caminhada certamente teria sido mais difícil!

À Débora David, Lucirene Carvalho, Fátima Aquino e Rafaela Veloso que, diversas vezes, não foram apenas companheiras de Projeto, de disciplinas, mas fiéis e valiosas amigas, as quais guardarei no meu coração para sempre.

À Andreza Oliveira, Bruno Góes, Carla Oliveira, Fabiana Quarterola, Fernando Domingos, Kelly Cristine, Luiz Humberto, Moama Marques, Monalisa Rios, Mônica Ferreira e, em especial, a Clerisson Rocha, por fazerem dos momentos difíceis os mais amenos, graças aos momentos de distração, companheirismo e caloroso convívio.

À Wanilda Lacerda, por sempre acreditar em meu potencial, encorajando-me a caminhar olhando sempre para a frente. Obrigado pelo amor, pela preocupação e pelo carinho!

À Maria Aparecida e a Veralúcia que, inúmeras vezes, pela dedicação e preocupação, mais se assemelharam a mães. Obrigado por tudo!

Às pessoas que mais próximas de mim estavam e que, por estar entregue de corpo e mente aos estudos, muitas vezes, deixei de dar-lhes a devida atenção. Agradeço-lhes o carinho, a paciência, a disponibilidade para ouvir meus desabafos. Graças também a vocês, hoje estou aqui.

Aos informantes que compuseram meu *corpus*, por terem sido tão receptivos e agradáveis e não terem feito imposição, em momento algum, às etapas de realização das entrevistas.

RESUMO

O presente trabalho descreve o comportamento variável das vogais postônicas mediais, em nomes, no dialeto da cidade de Sapé, localizada no interior do estado da Paraíba. Nesse contexto, objetivaram-se duas análises: uma variacionista, a fim de verificar os efeitos do *apagamento da vogal postônica medial* e comparar os resultados com outros estudos de mesma natureza. Para tanto, foram adotadas as propostas teóricas de Labov (1972) e de Weinreich, Labov e Herzog (1968). A segunda análise, de caráter fonológico, visou analisar os processos desencadeados ora pela resistência à síncope – o alçamento e o arredondamento das vogais postônicas mediais, a partir da discussão de Câmara (2002 [1970]) e de Battisti e Vieira (2005) – ora pela ocorrência da síncope: assimilação, ressilabação e reestruturação dos pés, a partir de dois modelos teóricos da Fonologia Métrica: o de Selkirk (1982), sobre sílaba, e o de Hayes (1995), sobre o acento. Sob a égide da Sociolinguística Variacionista, analisaram-se, estatisticamente, as variáveis linguísticas e sociais que favorecem o apagamento da vogal postônica medial. Os resultados foram comparados com os de outros trabalhos que tiveram por objetivo investigar o mesmo fenômeno, porém com dados de fala de outras regiões do Brasil. Constatou-se que o *fator ano de escolarização* é o mais relevante no processo de apagamento da vogal postônica medial em três dos quatro trabalhos em estudo, assim como o contexto fonológico seguinte, que foi tido por todos como sendo o mais propício ao processo aqui em estudo. Porém Amaral (1999) e Lima (2008) apontam a *líquida vibrante* como a mais favorecedora do processo de apagamento, ao passo que Silva (2006) e Ramos (2009), a *líquida lateral*. Assim sendo, depois de ocorrer o processo de apagamento da postônica medial, o segmento consonantal restante após o apagamento é incorporado ora à sílaba tônica, ora ao ataque da sílaba átona final, por meio da ressilabação, o que provoca uma reestruturação dos pés silábicos, transformando-as em palavras paroxítonas, como, respectivamente, em: *música* ~ *musca* e *xícara* ~ *xicra*. Quando não ocorre esse apagamento, as vogais [e] e [o] postônicas mediais sofrem processos de abertura, como por exemplo, em *a.bó.b[o].ra* ~ *a.bó.b[ɔ].ra*, e de alçamento, em *ár.v[o].re* ~ *ár.v[u].re*. É por esse processo de assimilação que um segmento assimila características do segmento precedente, como em *fizica* ~ *fizga*, e/ou do segmento seguinte, como em *música* ~ *musca*.

Palavras-chave: Teoria Variacionista. Fonologia Métrica. Vogais Postônicas Mediais. Proparoxítona. Apagamento.

ABSTRACT

This paper describes the behavior of variable medial post-stressed vowel in nouns, in the dialect of the town of Sapé, located in the state of Paraíba. In this context, there were done two analyses. The first one is a variationist, in order to verify the effects of deletion of the medial post-stressed vowel, and compare the results with other studies of similar nature. To do so, we adopted the theoretical basis in Labov (1972) and Weinreich; Labov; Herzog (1968). The second analysis, phonological character, focused on analyzing the processes triggered either by resistance to syncope - the raising and rounding of the medial post-stressed vowels, based on Câmara Jr. (2002 [1970]) and Battisti; Vieira (2005) – the former one is an occurrence of syncope: assimilation, resyllabification and restructuring of the feet, from two theoretical models Metrical Phonology: The Selkirk (1982) on the syllable, and Hayes (1995) on the accent. Under the Sociolinguistics Variation point of view, one analyzed statistically, linguistic and social variables that favor the deletion of the medial post-stressed vowel. The results were compared to those of other studies that aimed to investigate the same phenomenon, but with speech data from other regions of Brazil. It was found that the fact of year of schooling is the most important one in the medial post-stressed vowels deletion in three out of four works under study, as well as the following phonological context, which was considered the most conducive to the process focused on this study. But Amaral (1999) and Lima (2008) state that the liquid vibrant is the most vibrant favoring the process of deletion, while Silva (2006) and Ramos (2009), state that the liquid side is the one. Thus, after the erasure process it occurs medial post-stressed vowel, the consonantal segment remaining after the deletion is incorporated herein to the stressed syllable, either to attack the unstressed final syllable, through resyllabification, causing a restructuring of syllabic feet, transforming them into penultimate stressed words as, respectively: *música* ~ *musca* and *xícara* ~ *xicra*. whenever this deletion does not occur, the medial post-stressed vowels [e] and [o] face prosecution for opening, for example, in *a.bó.b[o].ra* ~ *a.bó.b[ɔ].ra*, and *revolt* in *ár.v[o].re* ~ *ár.v[u]re*. It is through this process of assimilation that a segment assimilates characteristics of the previous segment, as in *física* ~ [fizgɐ], and/or segment, as in *música* ~ [musca].

Keywords: Variation Theory. Metrical Phonology. Medial Post-stressed Vowel. Antepenultimate Stressed Words. Syncope.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa do Estado da Paraíba, focalizando Sapé	87
GRÁFICO 1 – CRUZAMENTO ENTRE FAIXA ETÁRIA E ESCOLARIZAÇÃO (Apagamento da vogal postônica não-final)	112
GRÁFICO 2 – CRUZAMENTO ENTRE SEXO E ESCOLARIZAÇÃO (Apagamento da vogal postônica não-final)	114
GRÁFICO 3 – CRUZAMENTO ENTRE SEXO E FAIXA ETÁRIA (Apagamento da vogal postônica não-final)	116
GRÁFICO 4 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Apagamento da vogal postônica não-final)	124

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – APAGAMENTO/PRESENÇA DA VOGAL POSTÔNICA MEDIAL	103
TABELA 2 – ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO (Apagamento da vogal postônica não-final)	106
TABELA 3 – ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO (Paralelo entre Pesquisas Anteriores)	107
TABELA 4 – SEXO (Apagamento da vogal postônica não-final)	108
TABELA 5 – SEXO (Paralelo entre Pesquisas Anteriores)	109
TABELA 6 – CRUZAMENTO ENTRE FAIXA ETÁRIA E ESCOLARIZAÇÃO (Apagamento da vogal postônica não-final)	110
TABELA 7 – CRUZAMENTO ENTRE SEXO E ESCOLARIZAÇÃO (Apagamento da vogal postônica não-final)	113
TABELA 8 – CRUZAMENTO ENTRE SEXO E FAIXA ETÁRIA (Apagamento da vogal postônica não-final)	114
TABELA 9 – CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE (Apagamento da vogal postônica não-final)	117
TABELA 10 – CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE (Paralelo entre Pesquisas Anteriores)	119
TABELA 11 – TRAÇO DE ARTICULAÇÃO DA VOGAL (Apagamento da vogal postônica não-final)	120
TABELA 12 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Apagamento da vogal postônica não-final)	123
TABELA 13 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Paralelo entre Pesquisas Anteriores)	125
TABELA 14 – FENÔMENOS RECORRENTES À VOGAL MÉDIA POSTÔNICA NÃO-FINAL	127
TABELA 15 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Abertura da vogal postônica média)	129
TABELA 16 – EXTENSÃO DA PALAVRA (Alçamento da vogal postônica média)	131
TABELA 17 – CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE (Abertura da vogal postônica média labial)	133
TABELA 18 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Abertura da vogal postônica média labial)	135
TABELA 19 – EXTENSÃO DA PALAVRA (Alçamento da vogal postônica média labial)	136

TABELA 20 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Abertura da vogal postônica média coronal)	137
TABELA 21 – CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE (Alçamento da vogal postônica média labial)	138
TABELA 22 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Abertura da vogal postônica média coronal)	140
TABELA 23 – EXTENSÃO DA PALAVRA (Alçamento da vogal postônica média coronal)	142
TABELA 24 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Alçamento da vogal postônica média coronal)	143

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES	88
QUADRO 2 – COMPARAÇÃO ENTRE OS DIALETOS CARIOCA E SAPEENSE NO ESTILO FORMAL	147
QUADRO 3 – COMPARAÇÃO ENTRE OS ESTILOS FORMAL E INFORMAL	148
QUADRO 4 – COMPARAÇÃO ENTRE OS ESTILOS FORMAL E INFORMAL NOS DIALETOS CARIOCA E SAPEENSE	148
QUADRO 5 – FORMA BASE DAS VOGAIS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS NO DIALETO SAPEENSE	150
QUADRO 6 – PROCESSOS DE ABERTURA E ALÇAMENTO NO DIALETO SAPEENSE	150
QUADRO 7 – TRAÇOS DE ABERTURA DAS VOGAIS TÔNICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	154
QUADRO 8 – ARREDONDAMENTO DAS VOGAIS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS	156
QUADRO 9 – ALÇAMENTO DAS VOGAIS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS	157
QUADRO 10 – MANUTENÇÃO DAS VOGAIS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS	158

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

~	Variação
<	Menor
< >	Sílaba extramétrica
>	Maior
μ	mora
C	Consoante
V	Vogal
G	Glaide
L	Líquida
N	Nasal
O	Obstruinte
N. A.	Não se aplica
PB	Português do Brasil
PR.	Peso relativo
ASE	Adjunção da sílaba extramétrica
PSS	Princípio de sequenciamento de soância
PSB	Princípio de silabação de base
PMA	Princípio de maximização do ataque
PLP	Princípio de licenciamento prosódico
CLP	Condição de língua particular
LCS	Lei do contato silábico
PD	Princípio de dispersão
PCSB	Princípio de composição de sílaba básica
RF	Regra final
C ₁	Posição primeira de um ataque complexo
C ₂	Posição segunda de um ataque complexo
ab	Abertura
F	Pé
ω	Palavra fonológica
σ	Sílaba
Wd	Palavra
soa	Soante
sil	Silábico
cons	Consonantal
cor	Coronal
cont	Contínuo
s	Forte
Ø	Apagamento
vs.	<i>versus</i>
w	Fraco
x	Sílaba proeminente do pé
.	Sílaba não proeminente do pé
⋈	Desassociação de um nó

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	iv
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE TABELAS	ix
LISTA DE QUADROS	xi
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	xii
APRESENTAÇÃO	16
1 AS PROPAROXÍTONAS - OBJETO DE ESTUDO	25
1.1 A SÍNCOPE	26
1.2 PROCESSO DE ENFRAQUECIMENTO SILÁBICO	29
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	31
2.1 FONOLOGIA PROSÓDICA	31
2.1.1 O Molde Silábico de Selkirk (1982)	33
2.1.2 Alguns Princípios Silábicos	41
2.1.2.1 Princípio de Silabação de Base (PSB)	41
2.1.2.2 O Princípio de Dispersão (PD)	42
2.1.2.3 Princípio de Sequenciamento de Soância (PSS)	44
2.1.2.4 Princípio de Composição de Sílabas Básicas (PCSB)	45
2.1.2.5 Condições de Língua Particular: o PB	47
2.1.2.6 Lei do Contato Silábico (LCS)	49
2.1.3 Fonologia Métrica	50
2.1.3.1 Hayes	54
2.1.3.2 Extrametricidade	59
2.1.4 O Acento no Português Brasileiro	59
2.1.4.1 Bisol (1992, 2002)	60
2.1.4.2. Lee (1995)	65
2.1.5 Hierarquia Prosódica	68
2.1.5.1 A Fonologia Prosódica de Nespor & Vogel (1986)	68
2.2 TEORIA DA VARIAÇÃO	70
2.2.1 Sociolinguística Variacionista	72
3 METODOLOGIA	84
3.1 SELEÇÃO DOS INFORMANTES	86
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	86
3.3 COLETA DE DADOS	88

3.4	DEFINIÇÃO OPERACIONAL VARIÁVEL	90
3.4.1	Variável Dependente	90
3.4.2	Variável Independente	90
3.4.2.1	Variáveis Sociais	91
3.4.2.2	Variáveis Estilísticas	96
3.4.2.3	Variáveis Linguísticas	98
3.5	LEVANTAMENTO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS	100
3.6	MÉTODO DE ANÁLISE: O PROGRAMA VARBRUL	100
4	ANÁLISE	103
4.1	ANÁLISE ESTATÍSTICA DA SÍNCOPE	103
4.1.1	Fatores Sociais	104
4.1.1.1	Anos de Escolarização	105
4.1.1.2	Sexo	107
4.1.1.3	Faixa Etária	110
4.1.1.4	Cruzamento entre os Fatores Sociais	110
4.1.2	Fatores Linguísticos	116
4.1.2.1	Contexto Fonológico Seguinte	116
4.1.2.2	Traço de Articulação das Vogais	120
4.1.2.3	Contexto Fonológico Precedente	123
4.2	ANÁLISE DOS VOCÁBULOS RESISTENTES À SÍNCOPE	125
4.2.1	Análise dos Processos que Recaem sobre a Postônica Medial	128
4.2.1.1	Abertura e Alçamento das Vogais Postônicas Médias	128
A.	Abertura das Vogais Postônicas Mediais	128
a.	Contexto Fonológico Precedente	128
B.	Alçamento das Vogais Postônicas Mediais	129
a.	Traço de Articulação da Vogal	130
b.	Extensão da Palavra	130
c.	Contexto Fonológico Precedente	131
d.	Contexto Fonológico Seguinte	132
4.2.1.1.1	Abertura das Vogais Postônicas Médias Labiais	132
a.	Contexto Fonológico Seguinte	133
b.	Estrutura da Sílabas Tônica	134
c.	Contexto Fonológico Precedente	134
4.2.1.1.2	Alçamento das Vogais Postônicas Médias Labiais	135
a.	Extensão da Palavra	136
b.	Contexto Fonológico Precedente	137
c.	Contexto Fonológico Seguinte	138
4.2.1.1.3	Abertura das Vogais Postônicas Médias Coronais	139
a.	Contexto Fonológico Precedente	139
b.	Estrutura da Sílabas Tônica	141
c.	Variável Estilística Tipo de Entrevista	141
4.2.1.1.4	Alçamento das Vogais Postônicas Médias Coronais	142
a.	Extensão da Palavra	142
b.	Contexto Fonológico Precedente	143
4.3	NEUTRALIZAÇÃO DA POSTÔNICA MEDIAL EM COMPARAÇÃO A OUTROS ESTUDOS	144

4.4 ANÁLISE FONOLÓGICA ACERCA DA SÍNCOPE	158
4.4.1. O Processo de Apagamento da Vogal Postônica Não-Final	159
4.4.2. Ressilabação Mediante Apagamento da Postônica Não-Final	171
4.4.3. Assimilação no Processo de Apagamento da Postônica Não-Final	175
4.4.4. Reestruturação dos Pés	179
5. CONCLUSÃO	189
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	196
ANEXOS	203
Anexo 1 - FORMAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	204
Anexo 2 - FICHA SOCIAL DO INFORMANTE	205
Anexo 3 - LEITURA DAS PALAVRAS NO TEXTO	206
Anexo 4 - FIGURAS UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS	207
Anexo 5 - PERGUNTAS PARA OBTENÇÃO DAS PROPAROXÍTONAS	215

INTRODUÇÃO

A modificação das línguas, ao longo do tempo, é um dos fenômenos linguísticos mais intrigantes que pode ser observado pelo homem e, por essa razão, tem sido objeto de estudo desde os tempos mais remotos.

As línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo. Essas mudanças, percebidas de um modo mais sutil em um recorte sincrônico da língua, são mais evidentes quando dois momentos distintos de uma língua são comparados. Segundo Faraco (1991, p. 9), parece razoável que o português falado nos dias atuais não seja o mesmo português falado no século XVIII. Ora, seria bem mais lógico que a língua sofresse alterações, visto que a sociedade não é a mesma em diferentes períodos históricos: valores sociais, políticos e econômicos mudam. Isso atesta fortemente o caráter social da mudança linguística. Dessa forma, estudos linguísticos contemporâneos têm dado prioridade à busca pelos universais linguísticos (CHOMSKY, 1968) e pela variação linguística (LABOV, 1966) existente nas línguas. Para tal, os processos estruturais das línguas têm sido analisados sob perspectivas teóricas que possam esclarecer esses fatos.

Correlacionando fatores linguísticos e extralinguísticos, a Teoria Sociolinguística (LABOV, 1966) vem dando à língua a aceitação como objeto social e, como tal, variável. Vale ressaltar que esta variação é, porém, passível de sistematização, em que o controle das restrições linguísticas e sociais, que determinam um dado processo variável dentro de uma língua, pode ser efetuado.

A partir do exposto acima, o presente estudo, trata de quatro questões em específico, nos vocábulos proparoxítonos, na fala de 36 informantes da zona urbana da cidade de Sapé, no interior da Paraíba:

- Do processo de apagamento das vogais postônicas não finais;
- Do processo de não apagamento das vogais postônicas não finais;
- Do processo de neutralização da vogal postônica não final em comparação a outros estudos; e

→ Dos processos fonológicos recorrentes a vogal postônica não final após seu apagamento, tais como: o de ressilabação, o de assimilação, e o processo de reestruturação dos pés.

É, pois, objeto central desta tese avaliar os fenômenos que envolvem as vogais postônicas não finais, por dois viés:

- Variacionista: o apagamento ou não desta vogal (quando não apagadas, analisar os processos de arredondamento e alçamento);
- Fonológico: a neutralização da vogal em estudo, bem como os processos de apagamento, de ressilabação, de assimilação e reestruturação dos pés a partir do apagamento da vogal postônica não final.

As vogais postônicas não finais localizam-se na sílaba átona que se encontra, imediatamente, após a sílaba tônica e, imediatamente, anterior à sílaba átona final como, por exemplo, em *abóbora* > *abobra*; *música* > *musca*; *câmara* > *cama*.

A síncope é, pois, a queda ou supressão de um fonema interno em determinada palavra. Vários fatores podem, às vezes, concorrer para a aplicação dessa regra, como, por exemplo, *o comprimento do vocábulo, a maior ou menor rapidez da elocução, a natureza dos fonemas circunvizinhos etc.; a sua causa preponderante é, sem dúvida, o acento intensivo* (FARIA, 1955, p. 162).

As formas sincopadas, do ponto de vista fonológico, resultam de processos de supressão de segmento e/ou segmentos. Usam-se aqui estes dois termos, pois há, em determinado momento, apenas o apagamento da vogal postônica não final (*música* ~ *musca*; *xícara* ~ *xícra*) e, em outro, além deste apagamento, a síncope da consoante de menor soância (*câmara* ~ *cama*; *sábado* ~ *sabo*). Nos dois casos, há pouco citado, uma vez confirmada a queda da vogal postônica não final, a estrutura silábica também é modificada, passando, no primeiro caso, do molde *consoante/vogal* (CV) para o molde *consoante/consoante/vogal* (CCV), como em (1a) e (1b) adiante.

A segunda possibilidade de apagamento (1c) acontece igualmente à primeira, mas com uma pequena modificação no que concerne à boa-formação silábica do Português Brasileiro, isto é, vocábulos que resultarem em sílabas com formações não

aceitas pelo Princípio de Sequenciamento de Soância¹ (Cf. Clements, 1990) sofrerão uma outra síncope, e, agora, perderão a segunda consoante, voltando, assim, ao molde *consoante/vogal* (CV). Em ambos os casos, haverá a perda de uma sílaba e, conseqüentemente, a necessidade de uma reestruturação silábica. Neste, acontecerá uma acomodação da estrutura silábica ao molde CV, considerando o molde silábico canônico no português brasileiro. Este processo pode ser melhor visualizado conforme os exemplos que seguem:

(1)

- | | | |
|----------------------|------------|----------------------------|
| a. [‘muzika] |▶ | [‘muska] |
| mú-si-ca (3 sílabas) | | mus-ca (2 sílabas) |
| (molde silábico: CV) | | (molde silábico: CVC e CV) |
|
b. [‘ʃikara] |
.....▶ |
[‘ʃikra] |
| xí-ca-ra (3 sílabas) | | xi-cra (2 sílabas) |
| (molde silábico: CV) | | (molde silábico: CV e CVC) |
|
c. [‘kagaɔ] |
.....▶ |
[‘kagɔ] |
| cá-ga-do (3 sílabas) | | ca-go (2 sílabas) |
| (molde silábico: CV) | | (molde silábico: CV e CV) |

Assim, o propósito principal desta pesquisa é analisar as variáveis linguísticas e extralinguísticas responsáveis pela ocorrência desta supressão em vocábulos proparoxítonos do Português Brasileiro (doravante PB). A partir de um *corpus* sincrônico, e com base em teorias fonológicas do acento e em teoria sociolinguística variacionista, procurar-se-á entender melhor este processo comum em nossa língua.

Para tal estudo, analisar-se-ão as vogais postônicas não finais apenas em nomes, isto é, em substantivos e adjetivos, na fala espontânea e dirigida da cidade de Sapé-PB. A escolha por esta cidade deu-se ao fato de o pesquisador conhecê-la bem e ter percebido que o fenômeno de apagamento da postônica não final era bastante recorrente

¹ Segundo este princípio a sílaba apresenta um contorno de soância crescente no ataque e decrescente na coda. Ver subseção 2.1.2.3 deste trabalho para melhor entendimento.

ali, bem como a sua importância histórica para o estado e para a Região Nordeste, com João Pedro Teixeira, fazendeiro que organizou as Ligas Camponesas em Sapé, desaparecido durante o regime militar; e literária para o Brasil e o mundo, com o poeta parnasiano² Augusto dos Anjos. Optou-se por analisar os substantivos e os adjetivos visando a comparações com outros estudos já realizados acerca do tema em questão e também porque há argumentos consistentes (Cf. LOPES, 1979 e MATEUS, 1983) para se classificarem os itens lexicais, do ponto de vista semântico, morfológico e fonológico, em dois grandes grupos: de um lado, os verbos e, de outro, os nomes (substantivos e adjetivos).

A distinção entre nomes e verbos é feita por Câmara Jr. (2002 [1970], p. 64-65) em níveis semântico, morfológico e fonológico. Do ponto de vista semântico, de acordo com o autor, os nomes representam ‘coisas’ ou seres; já os verbos, ‘processos’. De um outro prisma, o da forma (nível morfológico), Câmara Jr. (2002) afirma haver uma clara oposição entre nome e verbo, uma vez que há uma forma dependente que precede o nome, no caso, o artigo, além de este nome poder ser flexionado em gênero e número. O verbo, por sua vez, tem traços gramaticais de tempo, modo, número e pessoa. Fonologicamente falando, o acento faz a distinção entre o substantivo, proparoxítono e a forma verbal, paroxítona, do verbo correspondente quando há uma mesma sequência fônica, como em *rótulo*: *rotulo* (verbo *rotular*).

Do ponto de vista fonológico, esta distinção entre nome e verbo também é feita por Lee (1995), que, retomando a ideia de Câmara Jr. afirma que, em primeiro lugar, o nome está sujeito à regra de abaixamento datílico (*fon[ɔ]logo*, *ab[ɔ]bora*), pautando-se em Wetzels (1992), ao passo que esta regra não atinge o verbo (**f[ɔ]ramos*, **esqu[ɛ]çam*). Em segundo lugar, os sufixos flexionais não afetam a atuação da regra de acento nos nomes, enquanto que, nos verbos, os sufixos flexionais podem mudar a localização do acento primário (*g[á]to* → *g[á]tos* (número); *[á]ma* → *am[á]mos* (número/pessoa). O último ponto de vista, proposto por Lee, diz respeito ao acento. Segundo ele, o acento no nome cai na última sílaba pesada, constituindo o caso não marcado; já nos verbos, o acento não cai na última sílaba pesada, como por exemplo:

² Todavia, muitos críticos, como o poeta Ferreira Gullar, preferem identificá-lo como pré-modernista, uma vez que se encontram características nitidamente expressionistas em seus poemas.

rap[á]z, am[ó]r vs. f[á]lam, fal[á]vamos. Isso só não acontecerá se o verbo estiver no infinitivo.

Ideias como as citadas acima levaram a se adotar tal distinção entre esses itens lexicais, fazendo com que se optasse por investigar, neste trabalho, apenas os substantivos e os adjetivos, o que propiciará uma comparação com outros estudos realizados sobre o tema, em outras variedades do português brasileiro.

Nas palavras de qualquer língua do mundo, há uma sílaba mais forte, chamada de tônica, e outra mais fraca, de átona. A percepção distintiva dessas sílabas está no acento³, que é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais proeminência do que outros. As acentuadas (tônicas) e as não acentuadas (átonas) diferenciam-se de acordo com a força da proeminência que incide sobre determinados segmentos que caracterizam os sons da fala humana.

Em uma perspectiva variacionista, o objetivo desta pesquisa é analisar e discutir um conjunto de variáveis linguísticas e extralinguísticas que caracterizam o processo de apagamento da vogal postônica não final, utilizando, para isso, a Teoria Sociolinguística Variacionista ou Laboviana.

Fonologicamente, serão investigados o processo de apagamento e os ambientes favorecedores ou não desse fenômeno linguístico, apresentando contribuições descritivas e explicativas, com base nos dados coletados. Para a realização deste estudo acerca do apagamento das vogais postônicas não finais e/ou seu alçamento, serão utilizadas as Teorias Silábicas de Selkirk (1982) e a Métrica de Hayes (1995).

No tocante ao apagamento da vogal postônica não final, as seguintes hipóteses foram levantadas:

- a. O apagamento da vogal postônica não final evidencia a tendência ao não uso da proparoxítona, já que este parece ser um processo de regularização do acento em vocábulos paroxítonas, isto é, para posição penúltima;
- b. Há diferença quanto à ocorrência de apagamento da vogal postônica não final em relação às restrições sociais: É possível que as mulheres evitem a supressão

³ Exceto em línguas tonais, que não têm acento.

da vogal em estudo, por ser tratar de uma variante sem prestígio. Referentemente à escolaridade, acredita-se que os menos escolarizados tendam a apagar mais, já que não tiveram o contato com a língua padrão. O fator idade pode interferir no processo em questão, ao se considerar que os jovens tendem a se correlacionar mais positivamente a ausência da vogal postônica não final em palavras proparoxítonas;

- c. Quanto às restrições linguísticas, acredita-se que os contextos fonológicos seguintes, bem como os precedentes possam ser favoráveis ao processo de apagamento da vogal postônica não final, já que são estes contextos os envolvidos diretamente no processo de ressilabação da postônica apagada, o que resulta em uma nova reestruturação, buscando uma formação adequada e possível à língua. Em se tratando de um processo de apagamento silábico, acredita-se também que o tamanho das palavras também seja motivo para o processo em estudo, sendo os polissílabos os mais passivos, considerando-se os ambientes propícios à redução (como a síncope) de palavras, cujas vogais postônicas não finais são, em geral, antecedidas por uma obstruinte e seguidas por uma líquida (espírito > esprito);
- d. É possível que haja uma tendência de que a vogal postônica não final possa sofrer um processo de *abertura* entre as vogais médias: fós.f/o/.ro ~ fós.f/ɔ/.ro; úl.c/e/.ra ~ úl.c/ɛ/.ra), haja vista o processo de abertura de vogais ser um fenômeno usual na Região Nordeste indicando, o que pode, de maneira geral, configurar um quadro de mudança em progresso;
- e. Outra hipótese é de que o processo de *alçamento*, assim como o de *abertura*, ocorra nessas vogais postônicas não finais, proporcionando o alçamento destas vogais médias a vogais altas, como: ár.v/o/.re ~ ár.v/u/.re; nú.m/e/.ro ~ nú.m/i/.ro, já que este é um fenômeno também usual na Região Nordeste e registrado por vários estudos aqui realizados;
- f. A estrutura silábica, através de processos fonológicos de ressilabação e assimilação, pode interferir, diretamente, no apagamento da vogal postônica não final, permitindo que o apagamento se realize apenas quando a formação de uma nova sílaba esteja em consonância com a fonotática da língua, uma vez que a

efetivação do processo de apagamento dependerá das características dos segmentos envolvidos no processo;

Em resumo, podem ocorrer as seguintes possibilidades para este grupo de palavras proparoxítonas, a partir das hipóteses acima levantadas:

(i)	árv/o/re	(léxico)	(ii)	núm/e/ro	(léxico)
	arv/Ø/re	(apagamento)		num/Ø/o	(apagamento)
	árv/u/re	(alçamento)		núm/i/ro	(alçamento)
	árv/ɔ/re	(abertura)		núm/ɛ/ro	(abertura)

Sabe-se que, depois que a vogal postônica não final é apagada, o vocábulo proparoxítono apenas sofre o processo de ressilabação quando as sílabas, alvo do processo de juntura, estiverem aptas às condições do molde silábico e de acordo com as exigências de boa-formação (mú.si.ca ~ *mu.s.ca⁴ ~ *mu.sca ~ mus.ca; xí.ca.ra ~ *xic.ra ~ xi.cra nú.me.ro ~ *num.ro ~ *nu.mro ~ numo).

A partir das hipóteses levantadas, pode-se afirmar que o objetivo central desta pesquisa é:

- Descrever e analisar o processo de apagamento das vogais postônicas não finais;
- Descrever e analisar, após o apagamento da vogal postônica não final, os processos de reestruturação silábica, de neutralização, de assimilação e reestruturação dos pés;
- Descrever os processos de abertura e de alçamento de /e/ e /o/ quando nessa mesma posição átona dentro da palavra, isto é, quando a vogal postônica não final não sofrer o processo de apagamento, visando contribuir para a caracterização desses processos no PB.

⁴ Segundo Pedrosa (2010), existe a possibilidade da existência de o /s/ ser entendido como um onset de núcleo vazio, já que, *quando um núcleo está foneticamente vazio, a única forma de vir à superfície é através de um compartilhamento com o onset precedente – um tipo de prolongamento compensatório que tenta aproximar-se da estrutura da sílaba CV do português e, ao mesmo tempo, manter uma fidelidade segmental ao input subjacente VC*. Para saber mais sobre o assunto, ver Pedrosa (2010).

Partindo desse objetivo geral, traçaram-se os seguintes objetivos específicos:

- Identificar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que possam influenciar positiva ou negativamente o comportamento variável dos processos;
- Estabelecer um quadro comparativo entre os resultados obtidos neste trabalho e os resultados alcançados em outras pesquisas realizadas por estudiosos em outras variedades do PB;
- Analisar, em nível fonético-fonológico, o apagamento da vogal postônica não final em vocábulos proparoxítonos;
- Apresentar um quadro das vogais postônicas não finais na variedade falada na cidade de Sapé-PB.

Com o intuito de desenvolver as ideias que norteiam este trabalho, estruturou-se o texto da seguinte forma:

No primeiro capítulo, faz-se uma revisão das teorias e das análises em que se fundamenta o estudo, como a Teoria da Fonologia Métrica (HAYES, 1995 e BISOL, 2002) e a Fonologia da Sílabas (SELKIRK, 1982), dando-se ênfase a aspectos condizentes com o tema em foco.

Na segunda seção, expõe-se, resumidamente, a Teoria da Variação e da Mudança Linguística (LABOV, 1966), apresentando a comunidade de fala em que essa pesquisa foi realizada e os procedimentos metodológicos adotados para a análise dos três processos em questão (apagamento, abertura e alçamento das vogais em estudo). Neste momento, serão apresentados o modelo quantitativo a ser utilizado na interpretação estatística dos dados; os objetivos, as hipóteses, a metodologia (levantamento e a codificação dos dados de fala espontânea) e as variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Na seção seguinte, apresentar-se-ão a análise estatística e a fonológica, bem como a discussão dos resultados dos processos de apagamento, de abertura e de alçamento das vogais postônicas não finais, além do processo de ressilabação após o processo de apagamento das vogais em estudo. Aqui, traça-se um quadro comparativo entre os resultados obtidos neste trabalho e os resultados alcançados em outros estudos, sobre outras variedades linguísticas em que ocorre este fenômeno.

Por fim, apresentam-se as considerações finais acerca dos processos aqui estudados.

1 AS PROPAROXÍTONAS – OBJETO DE ESTUDO

Em todas as línguas do mundo, as palavras apresentam uma sílaba mais forte, que recebe o nome de tônica, e outra mais fraca (com exceção das línguas tonais), chamada de átona. A percepção distintiva dessas sílabas está no acento, que é o modo de proferir um som ou grupo de sons com mais proeminência do que outros. As acentuadas (tônicas) e as não acentuadas (átonas) diferenciam-se de acordo com a dosagem - maior ou menor - de certas qualidades físicas que caracterizam os sons da fala humana. Esse acento pode ser apontado como sendo de intensidade (força, dinâmico, expiratório ou *icto*), quando o relevo consiste em um maior esforço expiratório, e musical (tom ou altura), quando o relevo está na elevação ou maior altura da voz. De acordo com Crystal (2004), acento é:

um termo usado em FONÉTICA para referir-se ao grau ou à força usada na produção da SÍLABA. A distinção usual é entre sílabas tônicas (acentuadas) e átonas (não acentuadas), em que a tônica é mais proeminente que a átona e marcado na TRANSCRIÇÃO com uma linha vertical crescente, [']. A proeminência geralmente se dá devido ao aumento da SONORIDADE da sílaba acentuada, mas aumentos em EXTENSÃO e às vezes em PICO podem CONTRIBUIR para a impressão total de proeminência⁵.

Na língua portuguesa, dentre essas três subdivisões supracitadas, os vocábulos proparoxítonos são os menos produtivos e, por sua vez, os mais especiais. Registram-se no Dicionário Aurélio, de acordo com Amaral (1999), 8.520 proparoxítonos de um total de aproximadamente 120.000 verbetes, razão pela qual são considerados pelos estudiosos formas marcadas no léxico, ou seja, exceções. É normal, os vocábulos proparoxítonos obedecem, na fala, ao molde canônico português, tornando paroxítono o que é proparoxítono.

⁵ A term used in PHONETICS to refer to the degree or force used in producing a SYLLABLE. The usual distinction is between **stressed** and **unstressed** syllables, the former being more PROMINENT than the latter and marked in TRANSCRIPTION with a raised vertical line, [']. The prominence is usually due to an increase in LOUDNESS of the stressed syllable, but increases in LENGTH and often PITCH may contribute to the overall impression of prominence.

1.1 A SÍNCOPE

Neste trabalho, analisar-se-á o enfraquecimento da vogal postônica não final em vocábulos proparoxítonos, que os leva a sofrerem uma consequente supressão dessa vogal, como, por exemplo, em *abóbora* > *abobra*; *cócega* > *cosca*; *árvore* > *arvre*.

A síncope, em latim, atingia unicamente as vogais breves e átonas, e, principalmente, aquelas situadas na vizinhança da sílaba tônica. Conservando o latim pré-histórico e proto-histórico o primitivo acento itálico, que sempre incidia sobre a sílaba inicial do vocábulo, é natural que, nesse período da língua, a síncope atingisse, necessariamente, a segunda sílaba da palavra. Por outro lado, como a síncope ocorre em diversos dialetos itálicos, deve ser considerada como um fenômeno geral do italiano, assumindo naturalmente características próprias em cada um dos dialetos, ou grupos dialetais em que se subdividiu a antiga unidade itálica.

De acordo com Faria (1955), quando a síncope ocorria depois das soantes *r*, *l*, *n* e não podiam se construir como centro de sílaba no itálico e no latim, onde só desempenhavam o papel de consoantes, esses fonemas passavam a desenvolver antes de si um timbre vocálico, mudando para *er*, *il*, *in*. O desenvolvimento desse timbre vocálico tomou o nome de samprasárana, denominação tomada dos gramáticos hindus (**sacrodotis* > **sacrdotis* > *sacerdotis*; **agrolas* > **agrlos* > **agerlos* > *agellus* – diminutivo de *ager*).

Ainda segundo o autor, em sílaba final, a síncope não teve, em latim, a mesma extensão que no osco-umbro, em que *e*, *i*, *o* breves, seguidos de *s*, sempre caíam. Em latim, exceção feita para o *e* breve, numerosos são os exemplos de síncope do *i* e do *o* breves em sílaba final terminada por *-s*, principalmente nas terminações *-ros* e *-ris*, como: *pueros* > **puers* > *puer* (com a simplificação da geminada em final absoluta *rr* > *r*); **soceros* > **socers* > *socer*; *sacros* (forma atestada sob a grafia *sakros*).

Na 3ª declinação, era frequente a síncope do *i*, no nominativo-vocativo de palavras do gênero masculino e do feminino, quando esse *i* vinha precedido de uma consoante oclusiva (**atrocis* > *atrocs*; **cots* > *cos*; **dotis* > *dots* > *dos*, etc.).

Uma vez que o latim pré-histórico conservava o antigo acento itálico, que sempre incidia sobre a sílaba inicial do vocábulo, era *natural que neste período da*

língua a síncope atingisse necessariamente a segunda sílaba da palavra (FARIA, 1955, p. 187).

O *Appendix Probi*⁶, valioso documento de fala corrente do século IV a.C., refuta as formas sincopadas: *speculum* non *speclum*, *masculus* non *masclus*, *vetulus* non *vetlus*, *articulus* non *articlus*, permitindo-se deduzir que as formas correntes (e erradas, de acordo com Probo) eram *speclum*, *masclus*, *vetlus*, *articlus* (ILARI, 2000).

É notório que nem todas as diferenças sejam consideradas sinais de mudança, já que, como bem afirma Lucena (2001) algumas destas características são características próprias da oralidade em oposição àquelas próprias da escrita.

No português arcaico, que se estende do século XII aos meados do século XVI, eram raras as proparoxítonas. Encontravam-se apenas algumas palavras semieruditas – eclesiásticas, jurídicas, medicinais etc., como os nomes de contribuições: *hospedádego*, *eirádega*, *montádega*. Com o Renascimento, os esdrúxulos (proparoxítonos) portugueses passaram a constituir a parte principal das palavras cultas, poéticas e eruditas, reintroduzidas a partir do século XV (AMARAL, 1999), cuja maioria decorre de empréstimos de palavras do latim clássico, entre as quais, palavras do grego adaptadas à estrutura latina (CÂMARA JR., 1979). Entre os quinhentistas e os seissentistas, Luís Vaz de Camões foi quem mais enriqueceu a língua nacional e elevou a cultura pátria com elementos da antiga civilização. Em *Os Lusíadas* (1572), já apareciam proparoxítonos como *trêmulo*, *lúcido*, *rúbido*, *nítido*, *túmulo*, *diáfano*, *fatídico*, *belígero*, entre outros (AMARAL, op. cit.).

No português moderno, quase todos os vocábulos proparoxítonos são eruditos. Mesmo os populares, como *árvore*, *estômago*, *câmara*, pela lei de menor esforço⁷, pelo princípio de economia ou por tendência a seguir o padrão da língua, são transformados pelos falantes em paroxítonos, como, respectivamente, *arvre*, *estomo*, *cama*.

No Brasil, estudos sistemáticos sobre as proparoxítonas são escassos. Tem-se conhecimento de “O destino das palavras proparoxítonas na linguagem popular”, de Briam Head (1986); “Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas”,

⁶ Chama-se APPENDIX PROBI (Apêndice Probo) porque foi achado como anexo a uma obra de um gramático PROBO – o que não significa que fosse esse o seu autor”. (Silva Neto, 1977, p. 110).

⁷ Quando o falante tende a reduzir um ou mais fonemas visando a fazer um menor esforço músculo-articulatório.

dissertação de Mestrado, de Valmir Caixeta (1989); “aspectos fonéticos das proparoxítonas no falar de Fortaleza”, de Maria do Socorro Silva de Aragão (1999); “As proparoxítonas: teoria e variação”, tese de Doutorado de Marisa Porto do Amaral (1999); “O efeito da síncope nas proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do sudoeste goiano”, dissertação de Mestrado de Giselly de Oliveira Lima (2008) e “Descrição das vogais postônicas não finais na variedade do Noroeste paulista”, dissertação de Mestrado de Adriana Perpétua Ramos (2009).

Desde o surgimento da Sociolinguística, o tema fonologia, e, em específico, a supressão de segmentos, vem sendo explorado em estudos na área da variação. Primeiro, com Labov (1966), quando investigou o apagamento da consoante /r/ em palavras como *farm* e *fair*, no inglês falado em Nova Iorque, e comparou-o com o inglês RP (*received pronunciation*), falado pela classe média-alta da Inglaterra.

No Brasil, Paiva (1996) investigou a supressão das semivogais nos ditongos decrescentes no Rio de Janeiro. Brandão (1991), em um estudo sobre dialetos rurais, observou a incidência de apagamento de *flaps*. Vandresen (1999), em um estudo sobre o português falado na Região Sul, pesquisou a queda da vibrante em posição de coda.

As formas sincopadas e não sincopadas, aos olhos da fonologia, resultam de processos de supressão de segmento e/ou segmentos. Usam-se, neste estudo, esses dois termos, pois a síncope em questão pode apresentar o apagamento de apenas a vogal postônica não final e, além deste apagamento, o apagamento da consoante de menor soância. Em ambos os casos, uma vez confirmada a queda da vogal postônica não final, a estrutura silábica também é modificada, passando, no primeiro caso, do molde *consoante/vogal* (CV) para o molde *consoante/consoante/vogal* (CCV), como em (1a).

A última possibilidade de apagamento (1c) acontece tal qual a primeira, mas com uma pequena modificação no que concerne à boa formação silábica, isto é, vocábulos que resultarem em sílabas com formações não aceitas pelo Princípio de Sequenciamento de Soância⁸ (ver seção 2.1.2.3) sofrerão uma outra síncope, e, agora, perderão a segunda consoante, voltando, assim, ao molde *consoante/vogal* (CV). Vale lembrar que, em ambos os casos, haverá a perda de uma sílaba, surgindo, assim, a

⁸ De acordo com este princípio, os segmentos com posição mais alta ficam no núcleo da sílaba; já os segmentos com posição mais baixa ficam nas margens. Os sons vocálicos são os mais soantes e os sons obstruintes os menos fortes.

necessidade de uma reestruturação silábica, como se pode ver em (1). Em (1b), há uma acomodação da estrutura silábica ao molde CV, considerado o molde silábico canônico no português brasileiro.

Este trabalho busca apresentar evidências da influência dos diversos fatores presentes no processo da síncope da postônica não final, tendência do português. Tais fatores encontram-se relacionados a aspectos fonológicos e sociais, como se mostra a seguir.

1.2 PROCESSO DE ENFRAQUECIMENTO SILÁBICO

O processo de enfraquecimento é regido por uma *escala de força* (*strength hierarchy*), que se baseia no modo de articulação (KATAMBA, 1993, p. 107). Quanto maior a obstrução de um som, mais forte ele será, e quanto menor essa obstrução, mais fraco ele será. A escala de sonoridade é uma reafirmação inversa da *escala de força*. De acordo com o esquema apresentado por Katamba (1993), tanto a sonorização quanto o enfraquecimento caminham rumo à vocalização ou ao apagamento:

(2)

ESCALA DE SONORIDADE

(- Sonoridade)

1	oclusivas surdas (p, t, k)
2	oclusivas sonoras (b, d, g)
3	fricativas surdas (f, s, š)
4	fricativas sonoras (v, z, ž)
5	nasais (m, n, nh)
6	líquidas (r, l, lh)
7	glides (y, w)
8	vogais (a, e, é, i, o, ó, u)

(+ Sonoridade)

ESCALA DE FORÇA

(+ força)

8
7
6
5
4
3
2
1

(- força)

Dessa forma, as oclusivas envolvem as obstruções mais fortes, e as aproximantes (nasais, líquidas, glides e vogais), as mais fracas, com o restante dos sons ficando entre elas. A perda total de um som é a forma final de enfraquecimento

(OCLUSIVA > AFRICADA > FRICATIVA > APROXIMANTE > ZERO)⁹. Hora; Pedrosa e Cardoso (2010, p. 75) associam esta perda de som a uma tendência à queda do ponto de articulação, que parte de um enfraquecimento leve, até chegar a um enfraquecimento total, culminando assim no apagamento deste fonema.

Uma conhecida lei de mudança linguística, segundo Coutinho (1976b, p. 112), é a de que consoantes mediais surdas latinas, quando em posição intervocálica, sonorizam-se em português nas suas homorgânicas, e as sonoras geralmente caem, como em: *vita* > *vida*, *ibam* > *ia*. Esse é um exemplo clássico de um processo de enfraquecimento.

É possível que, neste trabalho, esse enfraquecimento também ocorra, pois, ao observar a queda da postônica não final no vocábulo *música*, vê-se que há as seguintes possibilidades de manutenção: *musca*, sem sonorização, apenas síncope da vogal “i”, como *árvore* > *arvre*; *retângulo* > *retanglo*, etc., e *musga*, com a sonorização do -k- em -g-. Como também pode ocorrer o contrário. Observando a palavra *cócega*, vê-se que, quando neste vocábulo cai a postônica não final, há simplesmente um ensurdecimento da velar, ou seja, o -g- passa a -k- (*cócega* > *cosca*).

⁹ (>) indica um passo em direção a uma fraca pronúnciação.

2 Fundamentação Teórica

Este capítulo é constituído pela apresentação dos pressupostos teóricos em que são embasadas as análises variacionista e fonológica realizadas nesta pesquisa. Optou-se em dividir esta seção em duas etapas: na primeira etapa (2.1), são feitas considerações acerca da Fonologia Prosódica, do Molde Silábico de Selkirk (1982), de alguns Princípios Silábicos, da Fonologia Métrica, do Acento no Português Brasileiro e da Hierarquia Prosódica.

Na segunda etapa, apresenta-se uma breve visão sobre a Teoria da Variação e a Mudança Linguística (2.2), haja vista o *corpus*, coletado consoante a teoria laboviana, servir de base para as investigações realizadas sobre o processo de apagamento da vogal postônica não final.

Optou-se por tratar apenas dos princípios teóricos acima mencionados, com o intuito de realizar as análises pertinentes a esta tese, sob o olhar dessas teorias. Por essa razão, não cabe aqui explicar completamente todas as questões que cada teoria aborda, mas sim demonstrar os aspectos necessários ao desenvolvimento das análises propostas.

2.1 FONOLOGIA PROSÓDICA

Um novo modelo teórico da sílaba surge nos anos 70, tomando a sílaba como unidade fonológica - o da Fonologia Métrica. Esta teoria, proposta por Liberman (1975) e desenvolvida por Liberman e Prince (1977), tem sido utilizada para analisar os padrões de acento das mais diversas línguas do mundo, com maior afinco nas versões de Halle e Vergnaud (1987) e Hayes (1991), este último o norteador desta pesquisa.

A Fonologia Métrica utiliza a concepção hierárquica das estruturas linguísticas, permitindo uma análise adequada do acento e uma nova representação da sílaba (HERNANDORENA, 1996, p. 78). Collishonn (2005) faz algumas observações acerca do tempo de estudo sobre a sílaba e ainda esclarece que:

A noção de sílaba não é nova em fonologia, entretanto, apenas recentemente ela foi incorporada à fonologia gerativa. Nos anos 70, a discussão girava em torno do status fonológico da sílaba, a partir de trabalhos de Hooper (1976) e

Kahn (1976), a sílaba foi gradativamente sendo aceita como unidade fonológica, e rapidamente aumentou o número de pesquisas em torno de sua natureza e do papel por ela desempenhado na fonologia das línguas. (COLLISHONN, 2005, p. 101)

Segundo Selkirk (1982), durante muito tempo, a sílaba apenas foi vista sob uma perspectiva puramente linear, entendida como uma sequência qualquer de segmentos delimitados por fronteiras representadas pelos símbolos (\$) ou (.). Dessa forma, a palavra era entendida como uma sequência de prováveis sílabas, como em (3a) e (3b):

(3a) \$ CVC \$ CV \$ \$ cas \$ ca \$

ou

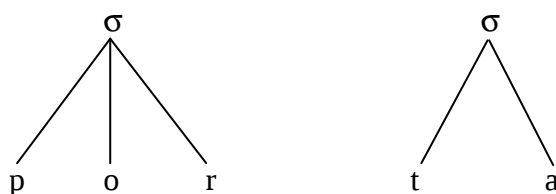
(3b) . CVC . CV . . cas . ca .

(Selkirk, op. cit., p. 353)

A partir dos anos 70, teorias que dão à sílaba o caráter de unidade fonológica têm maior ênfase do que a perspectiva linear. Com esta ruptura, duas teorias são apontadas por Bisol (1999, p. 107) para o tratamento silábico como unidade fonológica, a Teoria Autossegmental e a Teoria Métrica, tratadas a seguir. Com este pensamento, a sílaba passa a ser encarada como unidade da hierarquia de constituintes prosódicos.

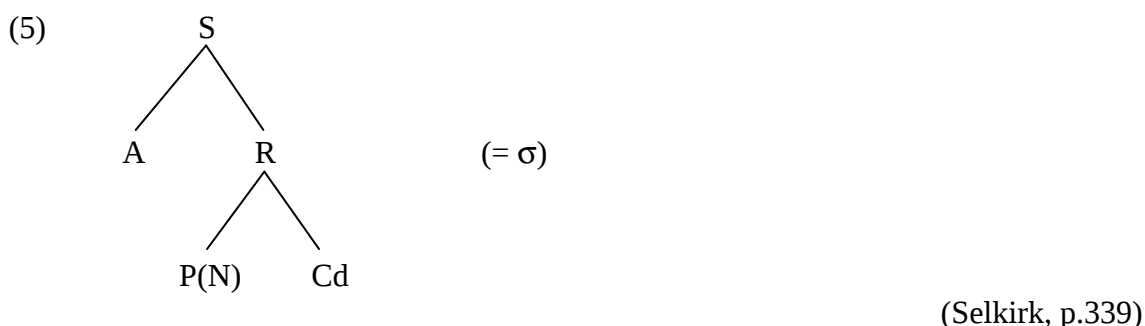
Kahn (1976) é quem apresenta a Teoria Autossegmental, em que os elementos se encontram diretamente ligados a um nó silábico, criando, dessa maneira, uma relação de igualdade entre eles, e não mais uma hierarquia entre os segmentos que constituem a sílaba. Nessa perspectiva, a sílaba não tem uma estrutura interna e, por isso, as regras fonológicas agem na sílaba e não em um segmento, como se pode observar em (4):

(4)



Outra perspectiva é a da Fonologia Métrica, em que os estudos sobre sílaba baseiam-se, principalmente, nos trabalhos de Harris (1983), Kiparsky (1982) e Selkirk (1982), sendo esta última a base teórica deste trabalho.

De acordo com Selkirk (1982), a sílaba é reconhecida como um elemento hierarquicamente organizado na estrutura prosódica. Assim, é passível de representar as regras e/ou princípios de sua composição básica, a partir de uma representação arbórea da sílaba (σ). Esta representação comporta um *ataque* e uma *rima*. A rima, por sua vez, divide-se em *pico* (núcleo silábico) e *coda* (Cf. SELKIRK, 1982, p. 338-9), como mostra o modelo apresentado em (5):



Neste tipo de representação é que restrições fonotáticas ou distribucionais mais estreitas podem ser analisadas. Mas vale ressaltar que a representação não pode ser diferente do molde silábico. Isso é uma condição necessária para que haja uma representação bem formada da sílaba.

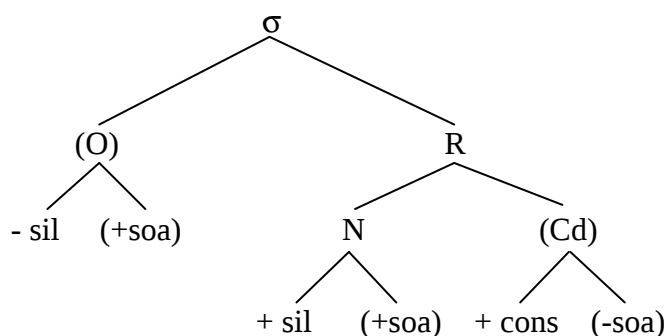
2.1.1 O Molde Silábico de Selkirk (1982)

O molde silábico de Selkirk reflete a condição de boa-formação silábica de uma língua e é esta boa-formação que determina o número máximo de elementos do nível esqueletal que podem fazer parte de uma sílaba. Sendo assim, se uma língua tem o molde [CCVV], isso significa que ela admite os padrões silábicos CCV, CVV, CV, VV, V e o próprio CCVV. De acordo com a autora, a função do molde é codificar todas as características da estrutura da sílaba, obedecendo aos seguintes princípios:

(i) a composição da sílaba em termos de tipos de segmentos identificados pelos traços de classes maiores [+/- sil.], [+/- soa.], [+/- cons.]; (ii) a ordem desses tipos de segmentos dentro da sílaba; (iii) as relações estruturais entre os tipos de segmento (definidos em termos de constituinte imediato = CI); e (iv) a opcionalidade de segmentos ou grupos de segmentos (= constituintes) dentro da sílaba.

O molde silábico de Selkirk (1982) é, sem dúvida, uma das mais importantes e influentes abordagens sobre a sílaba baseada no modelo autosegmental. A autora oferece um molde para o inglês (6), no qual especifica todos os tipos de sílabas possíveis, isto é, como uma unidade linguisticamente significativa, e que pode servir como condição de boa-formação para a estrutura silábica das representações fonológicas desta língua, ocupando, assim, um lugar de importância na teoria fonológica.

(6)



(adaptado de Selkirk, 1982)

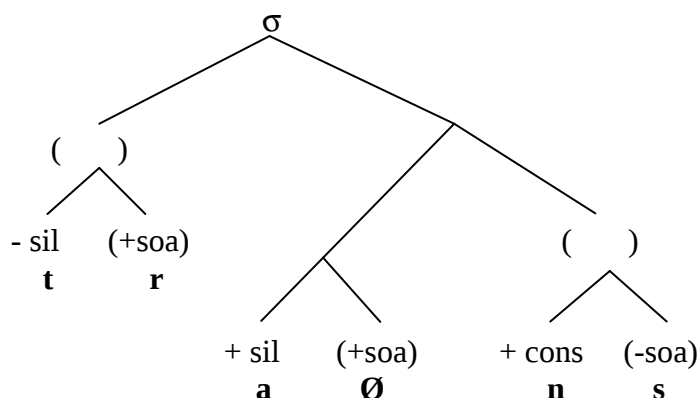
São opcionais os elementos parentetizados; isso significa que uma sílaba pode não ter ataque ou coda, mas, necessariamente, deverá ter uma rima contendo o pico (ou núcleo).

O ataque do PB contém uma ou duas consoantes. Quando o ataque é formado por uma só consoante (independentemente de que consoante seja essa), é chamado de ataque simples. Quando este é formado por duas consoantes (uma obstruente ou uma fricativa labial seguida de uma líquida), é chamado de ataque complexo. Um único elemento silábico (vogal) forma o núcleo das sílabas do PB.

O molde estabelece que a coda pode conter uma única consoante, formando assim uma coda simples. Porém, havendo duas consoantes, a segunda deve ser uma [-soante]. Pode-se observar que as palavras do PB se encaixam perfeitamente neste

molde, tomando-se como exemplo a estrutura máxima da língua portuguesa, que é o CCVCC, como em **trans.por.te**, representado em (7):

(7)



(Adaptado de COLLISCHONN, 2005, p. 109)

Selkirk (1982) refere que nem todas as sílabas do inglês são ricas em estruturas internas. Tomando por base este molde e as análises de Bisol (1999), o molde silábico do PB pode ser formado maximamente por duas consoantes no ataque (a primeira posição ocupada por uma [-contínua] – /p, b, t, d, k, g/ – ou por uma [+contínua, +labial] – /f, v/. Já o segundo elemento será ocupado por /l, r/, ou seja, por uma consoante que tenha traços [+soante, - nasal]. Vale destacar que o segundo elemento do *ataque* não é obrigatório. O núcleo é constituído por apenas uma vogal, com o traço [+silábico]. Dois segmentos também podem constituir maximamente a *coda*, desde que o segundo elemento seja um /S/, incorporado por uma regra de adjunção (BISOL, 2005).

Para Selkirk (1982, p. 357), *uma representação fonológica será bem formada se não for distinta do molde e não violar as restrições colocacionais*. Seguindo este pensamento, percebe-se que o molde e as restrições colocacionais (de coocorrência) são os princípios básicos de composição da sílaba. Portanto, para a autora, a estrutura silábica dispensa regras de construção. Ela considera três razões imprescindíveis para o estudo da sílaba como unidade significativa: as restrições fonotáticas, a aplicação de regras fonológicas e o tratamento do fenômeno suprasegmental.

As restrições fonotáticas são aquelas que podem ser discutidas com base na estrutura silábica. No PB, pode-se usar como exemplo a coda silábica, posição que não aceita nenhuma obstruinte. Quando ocorre tal fenômeno, isto é, quando surge a presença de uma estrutura com um segmento obstruinte fechando a sílaba, é normal e até regular que o falante insira uma vogal epentética (geralmente esta inserção acontece com a vogal /i/) e adéque a da estrutura ao molde canônico do PB, o molde CV, como se pode observar em (8):

(8)

advogado ~ ad[i]vogado

opção ~ op[i]ção

adjunto ~ ad[i]junto

A aplicação das regras fonológicas, segunda razão citada por Selkirk (1982), propõe que é possível, a partir da sílaba, caracterizar o domínio de aplicação de grande parte das regras fonológicas. Assim, de acordo com Collischonn (2005, p.129), regras fonológicas como a neutralização da sibilante e a de velarização do /l/ antecedendo uma consoante ou em final de palavra são caracterizadas pelo domínio silábico. A autora descreve estas duas regras da seguinte forma:

- O /l/ velariza-se “... antes de outra consoante e no final de palavra (a[ɫ]ta, ca[ɫ]). Como se pode verificar, o contexto de aplicação da regra é a posição de Coda”.

(9a)

$$l \rightarrow \text{ɫ} / \text{ ______ }]_{\sigma}$$

- Já na regra de neutralização da sibilante, como *paz* /'paS/; *susto* /'suSto/; *vesga* /'veSga/, “... há a perda da distinção de sonoridade que separa /s/ e /z/, assim como as palatais correspondentes”.

(9b)

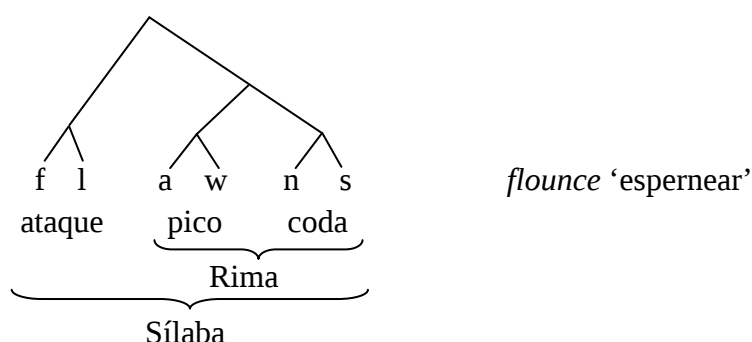
$$[\text{sonoro}] \rightarrow \emptyset / \text{ ______ }]_{\sigma} \left[\begin{array}{c} + \text{ cont} \\ + \text{ coron} \end{array} \right]$$

Em relação ao tratamento do suprasegmento (acento), terceiro e último fenômeno, requer o agrupamento de segmentos em unidades do tamanho da sílaba. Segundo Selkirk (1982), isso acontece porque a unidade portadora de acento é a sílaba, que possibilita, a partir de estudos sobre este constituinte, a descrição do padrão do acento de várias línguas, como por exemplo, no PB:

- contando da esquerda para a direita, o acento primário recai na penúltima sílaba, e o acento secundário, em todas as outras sílabas alternantes, como por exemplo: “mà.ra.ví.lha”; “bì.ci.clé.ta”.

De modo hierárquico, como concebe Selkirk (1982), a sílaba situa-se na hierarquia prosódica como um alicerce/base para os demais constituintes prosódicos, como: o pé, a palavra fonológica, a frase fonológica, a frase entonacional e o enunciado. A partir desta ideia de binariedade, a autora (op. cit., p. 338) propõe uma divisão da rima em duas partes: *pico* ou *núcleo* (sendo este o mais importante) e *coda* (referindo-se aos elementos pós-núcleo dentro da *rima*). A representação abaixo ilustra esta divisão:

(10)

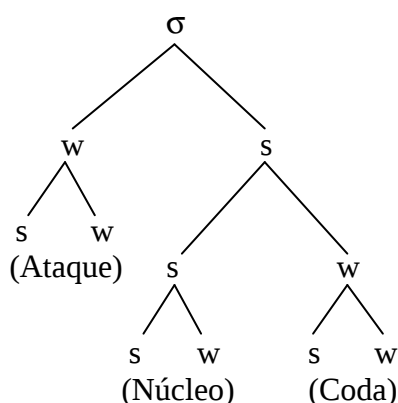


Além dos conhecidos *Constituintes Imediatos* (ataque, núcleo e coda), existem outras restrições fonotáticas em relação à posição que cada segmento pode ocupar na estrutura silábica, isto é, as línguas podem apresentar restrições específicas para o *núcleo* – vogal –, o *ataque* e a *coda* – soante e o /S/ (BISOL, 1999). Como o *núcleo* e a

coda formam um constituinte imediato logo acima, a saber, a *rima*, os processos que envolvem *núcleo* e *coda* são mais prováveis de ocorrer do que entre *ataque* e *núcleo*, como também, entre *ataque* e *coda*.

De acordo com Selkirk (1982), os nós que compõem a estrutura silábica são binariamente ramificados em uma relação de forte (s) e fraco (w), como se pode ver na representação que segue:

(11)



De acordo com a estrutura acima, observa-se que o *núcleo* é mais forte (*strong*) e mais sonoro que o *ataque*. Convém ressaltar que o ‘S’, nos demais constituintes, indica uma sonoridade maior para cada constituinte. Logo, se o *ataque* for complexo, isto é, formado por dois segmentos, o segundo elemento será menos sonoro do que o primeiro.

Partilhando, ainda, desta idéia, a *rima* é mais forte do que o ataque; o núcleo é mais forte do que a coda, e, se a coda tiver mais de um elemento, o primeiro deles será mais sonoro. Em resumo, há uma relação de hierarquia em que o *núcleo* é o forte, seguido pelo *ataque*, fraco, e a *coda* também fraco.

Como se pode ver, o modelo de Selkirk (1982) pode ser aplicado a todas as línguas, embora cada uma tenha um molde silábico diferente, levando-se em consideração as particularidades estruturais de cada sistema e obedecendo às condições de boa-formação. Para Collischonn (2005), a sílaba do português é formada por três estruturas fundamentais: *V (sílabas simples)*, *CV (sílabas complexa, aberta ou livre)* e, como sílabas fechadas ou travada, *VC (em que falta o aclave)* e *CVC (sílabas completa, com aclave e declive)*. A seguir, serão apresentados os padrões silábicos do PB, com

base em Collischonn (2005), com algumas alterações, a partir do trabalho de Lima (2008), para melhor entendimento:

(12)

V	a - sa	Núcleo
VV	eu - ro - pa	Núcleo e Coda
VC	ar - pa	Núcleo e Coda
VCC	ins - pi - rar ¹⁰	Núcleo, Coda e /S/
CV	ca - bo	Ataque e Núcleo
CVC	par - te	Ataque, Núcleo e Coda
CVCC	mons - tro	Ataque, Núcleo e Coda e /S/
CCV	bra - vo	Ataque Complexo e Núcleo
CCVC	in - glês	Ataque Complexo, Núcleo e Coda
CCVCC	trans - tor - no	Ataque Complexo, Núcleo e Coda /S/
CVV	lei - to	Ataque, Núcleo e Coda
CCVV	de - grau	Ataque Complexo, Núcleo e Coda
CCVVC	claus - tro - fo - bia	Ataque Complexo, Núcleo e Coda /S/

É por meio do molde silábico que é possível analisar as características da estrutura silábica de uma língua, para se poderem definir o número e as características dos elementos que compõem a sílaba.

O Pico é o elemento com maior sonoridade, identificado por meio do Princípio de Sequenciamento de Sonoridade (doravante PSS. Ver seção 2.1.2.3). Dessa forma, o elemento mais sonoro da sílaba ocupará a posição de Pico ou Núcleo da sílaba, ficando à margem desta os elementos menos sonoros. De acordo com este princípio, as vogais são os segmentos mais sonoros, ao passo que as oclusivas, os menos sonoros. Isso significa que, quanto menor a obstrução de um som, mais sonoro ele será e, quanto maior essa obstrução, menos sonoro ele será.

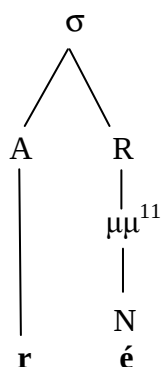
¹⁰ No quarto exemplo, em *ins.pi rar*, Bisol (1999) afirma que ocorre uma regra de inserção ou acréscimo de /S/ às codas, aplicada após a constituição da sílaba.

A partir da *rima*, surge a noção de peso silábico, i. é, se a Rima for formada por apenas um elemento nuclear, ter-se-á uma sílaba leve. Contudo, se formada por um segmento nuclear e outro na *coda*, a sílaba será caracterizada como pesada.

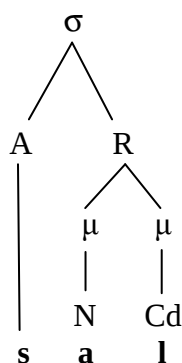
Hayes (1995) assevera que a mora é uma unidade menor que a sílaba e é ela quem determina o peso silábico. Isso significa que a mora (μ) é entendida como cada unidade da Rima, isto é, uma sílaba com Rima, formada por dois elementos, um no núcleo e outro na Coda, ou seja, pesada, apresenta duas moras. Entretanto, se a Rima tiver duas sílabas leves, com apenas um segmento, também serão encontradas duas moras. E, como o Ataque não tem peso silábico, este não conta como mora.

(13)

a



b.



¹¹ Segundo Collischonn (2005, p. 96), vogais longas são associadas a duas moras.

Pelo fato de a Rima ser detentora do peso silábico, é nela que muitos processos fonológicos acontecem, inclusive o processo de apagamento da vogal postônica não final, foco deste trabalho. Acredita-se que o este fenômeno de síncope aconteça na Rima, uma vez que o Núcleo é apagado, deixando o Ataque solto, isto é, flutuando, o que possibilita a incorporação deste *ataque* na outra sílaba (precedente ou seguinte) ou, até mesmo, o apagamento.

Segue agora uma breve noção dos princípios e das condições que regulam a silabação de uma língua, e que serão importantes no desenvolvimento deste trabalho.

2.1.2 Alguns Princípios Silábicos

Visando a um melhor desenvolvimento e explicação do nosso tema tratado nessa pesquisa, far-se-á uma discussão sobre alguns princípios e condições universais, que norteiam a formação silábica, como: Princípio de Silabação de Base; Princípio de Dispersão; Princípio de Sequenciamento de Soância, todos propostos por Clements (1990); Princípio de Composição de Sílabas Básicas, proposto por Selkirk (1982) e Lei do Contato Silábico, proposto por Vennemann (1988).

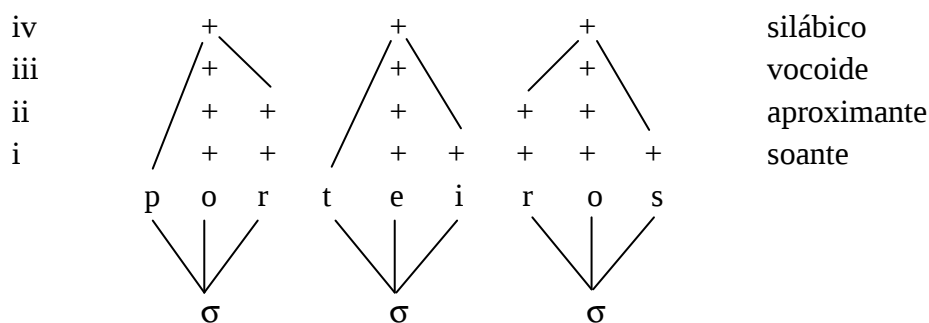
2.1.2.1 Princípio de Silabação de Base (PSB)

É durante a silabação que este princípio é definido e fixado por uma língua particular. Neste contexto, as regras de silabação de base e os princípios se aplicam recursivamente no *output* de cada operação fonológica e morfológica. Baseada em Selkirk, Bisol (1999) aponta os seguintes passos para que esta regra aconteça:

- a. Associe cada segmento [+silábico] a um nó silábico;
- b. Dado P (um segmento não silabado), precedendo Q (um segmento silabado), ligue P à sílaba que contém Q e somente se P tiver um grau de soância mais baixo do que Q (iterativo);
- c. Dado Q (um segmento silabado) seguido por R (um segmento não silabado), ligue R à sílaba que contém Q se e somente se R tiver um grau de soância mais baixo do que Q (iterativo).

Seguindo este princípio, ter-se-ia a seguinte silabação para a palavra **porteiros**:

(14)



Entendendo (14), tem-se: uma primeira iteração na linha (i) que marca os picos silábicos (o, e, o); na linha (ii) ocorre a segunda iteração, dando forma à sílaba CV (po, te, ro) padrão universal. Por fim, na última fase (iii), a Coda é criada, formando as sílabas apresentadas (por, tei, ros). A precedência dada em (ii) sobre (iii) é amplamente observada nas línguas: ‘precedência à esquerda’ ou ‘primeiro o ataque’. A partir da colocação dada acima, é possível entender o porquê de as sílabas mostrarem uma queda gradual em termos de soância em direção aos seus finais.

O PSB mostra, de modo geral, de que forma são organizadas as sequências de segmentos em sílabas. Este princípio fornece uma classificação das sílabas em dois tipos:

- (i) sílabas que se enquadram no Princípio de Silabação de Base, isto é, as sílabas não marcadas; e
- (ii) aquelas que violam por apresentar inversão de soância¹² ou plateaux¹³.

2.1.2.2 O Princípio de Dispersão (PD)

Este princípio determina a complexidade entre as sílabas marcadas das não marcadas, ou seja, aquelas que mostram uma elevação constante em termos de soância, que vai das margens ao pico. O PSB nada tem a dizer sobre esta complexidade relativa das sílabas.

¹² A inversão de soância acontece quando um encontro de soância aumenta e depois cai, como em *sky* (inglês) e *mgla* (russo) (AMARAL, 1999).

¹³ O ‘plateaux’ ocorre quando duas consoantes adjacentes, no começo ou no fim de uma palavra, têm o mesmo grau de soância, como *act* (inglês) e *mnu* (russo) (AMARAL, 1999).

Clements (1990) apresenta a noção de demissílaba, fazendo divisão de uma sílaba em duas partes sobrepostas, em que o pico da sílaba pertence a ambas, e cada uma destas partes recebe tal nomeação. Seguindo esta noção, a sílaba “sol” consiste em duas demissílabas: *so* e *ol*, em que [so] maximiza o contraste entre seus membros, ao passo que [ol] o minimiza.

O contraste em soância entre dois elementos em uma demissílaba se dá por meio de uma medida de dispersão que designa a distância no grau de soância na escala de sonoridade (AMARAL, 1999). Sendo assim, a sequência obstruinte + vogal (OV¹⁴), como em *bola*, é ótima em uma demissílaba inicial, em termos de complexidade, já que a sonoridade cresce em sentido ao núcleo.

Observada a sequência glide + vogal (GV), é notória a percepção de que se tem um alto grau de complexidade, já que o contraste de soância entre os dois elementos é mínimo, como se pode ver em *história* (CLEMENTS, 1999, p. 305).

Há uma forte tendência entre as línguas de preferirem sílabas em que elementos adjacentes não sejam tão próximos um do outro em grau de soância, chamado de *restrições de distância mínima* (CLEMENTS, 1999, p. 317). Vale enfatizar que essas restrições são aplicáveis apenas na demissílaba inicial, já que, nas finais, os segmentos tendem a ser próximos um do outro em termos de soância. Exemplos para tal afirmação são encontrados tanto no PB quanto no Espanhol, já que nenhuma delas permite grupos iniciais obstruinte+nasal (ON) e nasal+líquida (NL).

Segundo Harris (1983), esta não é uma propriedade arbitrária do espanhol, e sim, uma tendência das línguas preferirem sílabas com elementos adjacentes separados por uma distância mínima específica na escala de soância. O espanhol é descrito por Clements (1999) como uma língua cujas demissílabas iniciais CCV têm uma complexidade máxima de 1, logo, demissílabas iniciais do tipo Oclusiva + Líquida + Vogal são as únicas permitidas nessa língua.

¹⁴ Melhores explicações sobre a Escala de Sonoridade em 3.4.

2.1.2.3 Princípio de Sequenciamento de Soância (PSS)

Segundo o PSS, a partir de uma escala de soância, os segmentos com posição mais alta ficam no núcleo da sílaba; já os segmentos com posição mais baixa ficam nas margens. E essa regularidade de estrutura da sílaba deve-se ao *Ciclo de Soância* (CLEMENTS, op. cit., p. 284), no qual o contorno da soância da sílaba ótima aumenta maximamente no início e cai minimamente no final, como uma curva. Os sons obstruintes são os menos soantes, e as vogais são as mais soantes. A ordem da escala de soância é: $O > N > L > G > V$ ¹⁵.

Desse modo, as sequências *br* e *fl* são permitidas no português pelo fato de crescerem em direção ao núcleo, como se pode observar em (15). Já **rb* e **lf* não são, uma vez que violam o PSS, já que o segundo elemento decresce em relação ao núcleo. A definição de soância se dá em termos de traços binários, envolvendo as quatro maiores classes de traços:

(15)

O	>	N	>	L	>	G	>	V	
-		-		-		-		+	silábico
-		-		-		+		+	vocoide
-		-		+		+		+	aproximante
-		+		+		+		+	soante
0		1		2		3		4	grau de soância

Como se pode observar, as vogais têm maior grau de soância 4, e as obstruintes têm o menor grau 0. Desse modo, a sequência *dr* de *drama* é bem-formada, porquanto o contorno de soância cresce em direção ao pico. Mas **rda.ma* seria mal formada, pois o segundo elemento do ataque é menos soante do que o primeiro, o que violaria o princípio.

Assim, a tendência do português, como a de outras línguas, de preferir sílabas com elementos adjacentes separados por uma distância mínima de dois graus na escala de soância, faz com que sequências do tipo OO, ON, NN e NL sejam bloqueadas.

¹⁵ Respectivamente, O - Obstruintes; N - Nasais; L - Líquidas; G - Glides e V - Vogais.

No que tange à coda do PB, somente as soantes /l, n, r/ e /s/, de acordo com a *Condição de Coda*, podem estar nessa posição: cal-do, bar, can-ga, co_s-tu-me. Uma sequência das duas também é válida (hifens), mas outras, não¹⁶.

2.1.2.4 Princípio de Composição de Sílabas Básicas (PCSB)

Segundo Selkirk (1982, p. 360) o Princípio de Composição de Sílabas Básicas *consiste em um modelo, com elementos auxiliares e grupos de restrições colocacionais*. Uma regra de adjunção de /S/, que pode funcionar como um modelo auxiliar no PCSB, foi apresentado por Bisol (1999), para quem (op. cit., p. 705) *tal regra existe em função de um pequeno grupo de palavras: fausto, monstro, austral, claustro, auspícios, auscultar, austero, solstício, interstício, perspectiva e poucas outras*. Segundo esta regra, se a rima for bem-formada, uma obstruinte poderá ocupar a posição de coda. A silabificação, por sua vez, determina uma sequência sonora que esteja de acordo com o PCSB. Quatro passos são propostos por Bisol (1999), em obediência ao PCSB, para que haja a silabificação. São eles:

1º Passo: Identificar o Núcleo;

2º Passo: Projetar a Rima e, seguidamente, projetar a sílaba (σ);

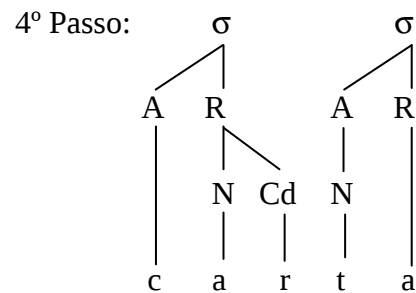
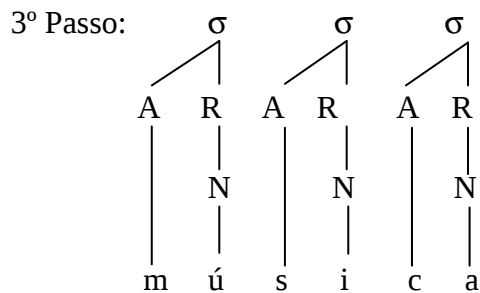
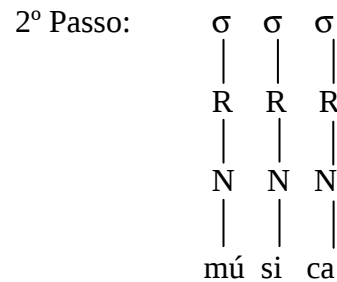
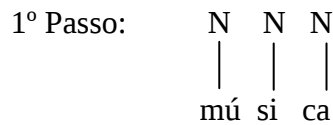
3º Passo: Ramificar a sílaba à esquerda para formar CV;

4º Passo: Expandir a Rima para formar a Coda.

Tais passos podem ser visualizados a partir nos exemplos abaixo:

¹⁶ Se, por exemplo, houver uma consoante oclusiva numa posição inicial e medial, /p/ e /t/ em pneu e ritmo, a primeira consoante não pode ser associada a um nó silábico, deixando o contexto propício à criação de uma epêntese: pⁱneu ou p^eneu, ritⁱmo. Neste último caso, é interessante observar que a vogal epentética cria uma proparoxítona em nível de superfície.

(16)



Convém evidenciar que, nem sempre, as restrições, nem tampouco o molde silábico satisfazem por completo uma boa escansão. De acordo com Lima (2008), palavras como *allow* ‘permitir’, seguindo o PCSB, podem ter duas estruturas: a.llow ou al.low; sendo que a forma correta é a primeira, com /l/ como ataque da sílaba seguinte.

Problemas como este, em que uma consoante tanto pode ocorrer na posição de Ataque, quanto na de Coda, de acordo com o PCSB, fazem com que se observe a sílaba a partir de outros princípios, como bem coloca Selkirk (1982), quando nos apresenta o Princípio de Maximização do Ataque. De acordo com este princípio, o Ataque deve ser maximizado na estrutura interna da sílaba, conforme o PCSB e, em seguida, aplica-se o PSS, para que a sonoridade siga um padrão de gradação em qualquer constituinte de uma sílaba e seu núcleo (17a). Assim, após realizada a identificação do núcleo, isto é, da posição máxima de sonoridade na sílaba, maximiza-se o Ataque de acordo com a escala de sonoridade. Portanto, fazendo uso deste princípio, a escansão para uma sequência do tipo VCV seria V.CV (16b), e não, VC.V.

a.



Há também um outro princípio que se deve levar em consideração, o da Preservação da Estrutura (PPE), tendo em vista que é ele que assegura que todas as estruturas devam ser preservadas. Isso significa que a criação de novas estruturas silábicas é proibida, no léxico, pelo PCSB. De acordo com Bisol (1999), pelo fato de o PPE não atuar livremente no nível fonético, ele fica desativado para as regras de silabificação.

O Princípio de Licenciamento Prosódico (PLP) é um outro princípio muito importante, uma vez que é ele que exige que todas as unidades fonológicas pertençam a unidades linguísticas mais altas numa relação de hierarquia. Assim, segundo Itô (1986, p. 3), segmentos menores pertencem à sílaba, estas aos pés métricos, que pertencem à palavra ou frase, e assim sucessivamente. A partir deste princípio, os elementos devem ser silabados, na estrutura silábica, para que estes pertençam à sílaba, pois, se um elemento não for escandido, este será apagado ainda no nível lexical.

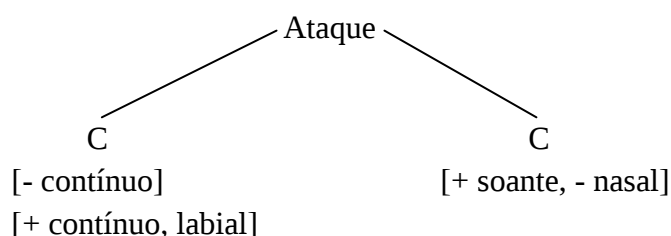
Mesmo o PCSB sendo assegurado por princípios universais, é preciso levar em consideração as Condições de Língua Particular. Na próxima seção, seguindo os pressupostos de Bisol (1999), serão apresentadas condições específicas do PB.

2.1.2.5 Condições de Língua Particular: o PB

Segundo Bisol (1999), as Condições de Língua Particular são determinadas pelas estruturas possíveis na língua. Ao retomar a noção dos constituintes imediatos, é possível delimitar restrições fonotáticas, no PB, entre os constituintes que compõem o ataque e aqueles que compõem a *rima*, o que resulta em dois tipos de condições de boa-formação: a Condição do Ataque e a Condição da Coda.

O Princípio de Maximização do Ataque rege a Condição de Ataque. No entanto, existe um parâmetro que restringe o ataque ao máximo de dois segmentos no PB. Bisol (1999, p. 720) apresenta como condição positiva de ataque complexo a seguinte estrutura:

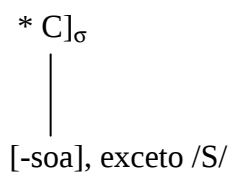
(18)



Como se pode observar em (18), a primeira posição será sempre ocupada por segmentos consonantais, com os traços [-contínuo] ou [+contínuo, labial]. Já a segunda posição será sempre preenchida por consoantes com traço [+soante, - nasal].

Em relação à coda, pode-se ver que as soantes são as únicas que podem ocupar tal espaço, embora o /S/ seja a única não soante licenciada para ocupar esta posição. Bisol ainda representa essa proibição da seguinte forma:

(19) Condição de Coda



De acordo, ainda, com esta autora, essa restrição tanto proíbe um /p/ ou /k/ nessa posição, quanto possibilita a incorporação do /S/ à coda de palavras como, “espada”, “distante”, “hóspede”, “custódia”, etc.

Palavras como “advogado”, “espectro” e “técnico” tanto ferem a condição de coda, quanto a condição de ataque. Esse problema é resolvido por epêntese vocálica, em que ocorre a inserção de uma vogal, como por exemplo: advogado ~ ad^[j]vogado, espectro ~ espéc^[j]to, técnico ~ téc^[j]nico.

2.1.2.6 Lei do Contato Silábico (LCS)

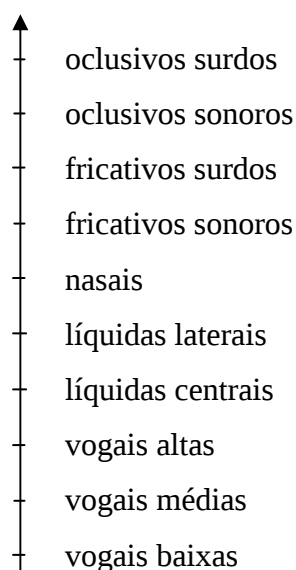
De acordo com esta lei, o contato preferido entre duas sílabas consecutivas é aquele em que o final da primeira sílaba é maior, em termos de sonoridade, do que o começo da segunda. Murray & Vennemann (1983) propõem que a otimidade de dois segmentos adjacentes heterossilábicos aumente na medida em que o primeiro precede o segundo elemento em termos de soância. Dessa forma, palavras como *oc.o* tem uma sílaba de pior contato; mas em *o.co* já surge a sílaba de melhor contato. Esta lei faz parte das leis preferenciais de Vennemann (1988), leis universais que especificam os padrões silábicos preferidos das línguas naturais, como também determinam a direção da mudança de estrutura silábica.

Logo no início do seu trabalho, Vennemann (1988, p.1), utilizando alguns parâmetros da língua portuguesa, qualifica a estrutura linguística como melhor ou pior. Para isso, ele usa uma teoria que diz que *X é preferível¹⁷ a Y, onde X é um padrão fonológico e Y uma propriedade gradual de X*. Dessa forma, toda mudança em um sistema linguístico é uma melhora local, embora a ditongação, a apócope e a síncope piorem a estrutura da sílaba ótima (CV.CV.CV). Isso porque estruturas simples passam a estruturas complexas na língua. Em nota, Vennemann (1988, p. 69) afirma que os ditongos se desviam da estrutura tida como ótima por serem sequências tautossilábicas VV (*pei.xe*); a síncope piora as estruturas, como em CV.CV.CV > CVC.CV (*ân.gu.lo* > *an.glo*), com a menos preferida CCV ou, ainda, CVC.CV, com a menos preferida CVC; e ainda com pior estrutura, a apócope CV.CV.CV > CV.CVC (*sutile* > *sutil*) com a menos preferida CVC.

Dessa forma, as sequências sonoras de um dado sistema linguístico, segundo Vennemann (1988), têm correlações fonéticas que podem variar conforme os contextos prosódicos e sintagmáticos. Estas correlações podem ser projetadas em um parâmetro fonético de grau de desvio de uma corrente de ar soante, chamado Força Universal de Consoante, que induz a um ordenamento dos sons da fala, cuja variação no traço de força corresponde ao grau de soância e de abertura do segmento. Isso significa que um segmento surdo e oclusivo tem mais força que um segmento sonoro e oclusivo, e este, mais força que um fricativo:

¹⁷ Em termos de um determinado parâmetro da estrutura silábica.

(20) Escala de Força Consonantal Crescente



Em (20), percebe-se que os sons oclusivos surdos são os mais resistentes a mudança, assimilação ou queda, ao passo que as vogais baixas seriam as menos resistentes, uma vez que seu grau de abertura é máximo. Assim, as restrições fonotáticas de cada língua é que regem a distribuição dos segmentos e a ordem em que eles ocorrem na sílaba, guiadas pelo Princípio de Sequenciamento de Soância, o que deu origem ao Princípio de Licenciamento Prosódico de Itô (1986, p 2).

2.1.3 Fonologia Métrica

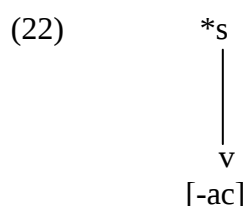
A fonologia métrica é um modelo teórico que faz uso da concepção hierárquica das estruturas linguísticas. De acordo com esse modelo, o acento não se relaciona diretamente com a vogal, mas provém de uma relação que se estabelece entre as sílabas, formando um contorno de proeminência. É determinado, segundo Liberman e Prince (1977, p. 265), em termos relacionais de posições fortes (*s-strong*) e fracas (*w-weak*).

A partir daí, o acento passa a ser visto como uma propriedade relacional das sílabas e recebe uma representação em termos de árvores métricas. Os diagramas arbóreos ou árvores métricas, tal como as representações sintáticas, foram utilizadas pelas primeiras abordagens da fonologia métrica para representar as sílabas agrupadas que, como constituintes, desenvolvem uma relação de dependência entre os nós

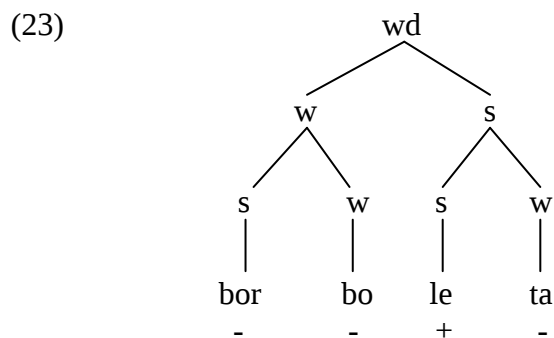
chamados de forte ‘S’ e de fraco ‘W’, caindo sobre o nó forte o acento primário, de acordo com o princípio estabelecido:

(21) “Se uma vogal é forte (s), então ela é [+ acento]” (LIBERMAN e PRINCE, 1977, p. 265)

Este princípio é considerado como a condição de boa formação da estruturas métricas, ficando, assim, proibidas configurações de *output*¹⁸ do tipo:



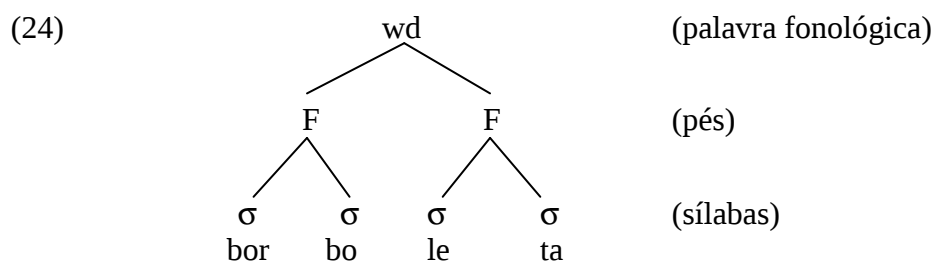
Desse modo, apenas uma sílaba acentuada pode ser o elemento forte de um pé métrico, como se pode ver na representação que segue:



Ao se observar (23), é fácil perceber que a árvore está puramente relacional, desprovida de pés, falha na representação de contrastes de acentos que podem ser encontrados em árvores de forma idêntica. Em uma tentativa de resolução deste problema, Liberman e Prince (1977) mantiveram um traço de acento segmental (+/- ac).

¹⁸ *Output* é a forma de superfície, isto é, um termo utilizado pela Gramática Gerativa para se referir a uma sentença que é produzida depois da aplicação de uma regra ou de um grupo de regras.

Halle e Vergnaud (1978) e Selkik (1982) foram os introdutores do pé como rótulo categorial nas árvores e o traço (+/- ac) foi eliminado, em busca de uma teoria completamente métrica. Segundo os autores, cada pé tem um só cabeça (a sílaba forte ou só uma sílaba), e sílabas fracas. A cabeça de pés é quem determina a distribuição das sílabas acentuadas, como mostra o exemplo que segue:



Como se pode observar, o pé está incluído na hierarquia de categorias prosódicas, logo acima da sílaba e abaixo da palavra fonológica.

É pertinente frisar que, embora as árvores mostrem a proeminência relativa de nós, elas não apresentam a alternância rítmica entre as sílabas fortes e fracas. A partir desse outro problema, surge a grade métrica como uma representação da estrutura rítmica (KAGER, 1999; LIBERMAN, 1975), conforme apresentado em (25).



A leitura das grades é realizada na vertical, assim, o peso das colunas na grade acima representa os níveis de proeminência do acento em cada sílaba. Logo, em (25) a sílaba acentuada é a terceira sílaba, já que é a mais proeminente.

O nível um, ou primeiro nível (linha 0), tem uma série de ‘x’ referentes a cada sílaba ou mora. O segundo nível (linha 1), tem os ‘x’ das sílabas que são acentuadas, correspondentes às cabeças dos pés. No último nível (linha 2), o ‘x’ aparece apenas sobre a sílaba detentora do acento em nível de palavra, como o exemplo que segue:

(26)		*	Wd	linha 2 (nível de palavra)
	*	*	F	linha 1 (nível de pé)
	*	*	* *	σ linha 0 (nível de sílaba/mora)

A construção da grade acontece a partir de três regras, depois da escansão das sílabas/moras na linha 0. A primeira regra confere asterisco à segunda mora de uma sílaba pesada, na linha 1, chamada de *Sensibilidade Quantitativa*. Dessa forma, a sílaba pesada recebe duas marcas e a sílaba leve apenas uma, no início do processo de montagem da grade. Levando em consideração a escala de hierarquia soante, a sonoridade característica declina entre as moras, projetando a sílaba dominante ao nível imediatamente mais alto. Surge então a primeira diferença básica entre a teoria de grade e a arbórea: a teoria de grade marca sílaba pesada como inerentemente tônica. Ao passo que, na teoria da árvore, se as sílabas pesadas forem cabeças de pés, elas serão marcadas como tônicas; caso contrário, as sílabas pesadas são consideradas átonas.

A segunda regra estabelece três pés limitados que atendem a uma direção, seja ela da direita para a esquerda ou vice versa, chamada de *Grade Perfeita*. Esta regra se move, assinalando marcas a qualquer outra já existente, em um nível imediatamente inferior. Por fim, aplica-se a *Regra Final*, que coloca uma marca de grade à esquerda ou à direita do domínio especificado, seja ele pé ou palavra, que indica o acento de maior proeminência, assinalando o acento principal em nível de palavra. Segundo Kager (1999, p. 382),

a grade é uma representação hierárquica de acento e ritmo, e, em sua forma mais simples, elimina a noção de constituição. Ela consiste em uma sequência de colunas de marcas de grade, cujo peso representa níveis de proeminência, enquanto a distância horizontal entre as marcas representa a estrutura rítmica.

O que as duas versões da teoria métrica compartilham é a idéia de proeminência relativa, pressupondo ambas que o acento é fundamentalmente um estudo da proeminência relativa de sílabas e de unidades de nível mais alto, tal como o pé, e que as características mais importantes que determinam os padrões de acento são o ritmo (a proeminência alternante) e a sensibilidade ao peso inerente da sílaba ou rima, além de as representações do acento serem hierárquicas. Ambas as versões se valem da extrametricidade (GOLDSMITH, 1990, p. 170).

Na próxima seção, tem-se uma breve revisão dos modelos teóricos mais utilizados pelo acento.

2.1.3.1 Hayes

Em 2.1.3, deixou-se claro, com o advento da fonologia métrica, que o acento não se relaciona diretamente com a vogal, mas provém de uma relação que se estabelece entre as sílabas, formando um contorno de proeminência. A partir daí, o acento passa a ser visto como uma propriedade relacional das sílabas e recebe uma representação em termos de árvores métricas (HAYES, 1995). Assim, para que uma sílaba seja interpretada como acentuada, esta deve ser mais proeminente que as demais.

Segundo Hayes (1995), existe um conjunto de constituintes denominados de pés métricos, que têm a responsabilidade de demonstrar a alternância rítmica entre as sílabas. Seguindo o modelo de Hayes (1995), o autor apresenta uma inovação na teoria métrica a partir de um inventário de pés assimétricos, com três pés básicos¹⁹:

(27)

a. troqueu silábico	(x .)	(x)
	$\sigma \sigma$ ou	-
b. troqueu mórico	(x .)	(x)
	$\cup \cup$ ou	-
c. iambo	(x .)	(x)
	$\cup \sigma$ ou	-

É a partir de Hayes (1995) que a fonologia métrica alcança um dos mais altos graus de formalização. Um dos objetivos deste modelo é reduzir a complexidade dos sistemas acentuais, que por sua vez, podem ser sensíveis à quantidade (respeitando a distinção entre sílabas leves e pesadas) e insensíveis à quantidade. Os pés são contados da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita.

¹⁹ Embora eles deem conta de padrões de acentos diversos e complexos de um grande número de línguas.

Este modelo métrico de Hayes²⁰ propõe grades parentetizadas e determina o ritmo por meio dos pés, cuja denominação em Troqueu Silábico, Troqueu Mórico ou Iambo depende de como se estruturam internamente (27).

Apoiado nos pressupostos originais da Teoria Métrica de Liberman (1975) e Liberman e Prince (1977), o autor apresenta o critério de culminatividade. Segundo esse critério, cada palavra ou frase tem um único acento principal, isto é, uma única sílaba mais forte, e abre mão da ideia de que cada série terá um e somente um acento principal.

A ideia de Hayes (1995) distingue-se da de Halle e Vergnaud (1987) a partir do momento em que, estes apresentam X como portadora do acento (podendo X ser uma vogal, um fonema na rima, um segmento lexicalmente designado). Já para Hayes (1995, p. 49), apenas a sílaba pode ser esta unidade portadora de acento.

Este inventário de pés assimétricos (com este formalismo paramétrico) surgiu a partir de experimentos que detectam a relação entre duração e intensidade rítmica. A música e a poesia, embora façam parte de outros domínios, reforçam a estrutura rítmica por meio do que o autor chama de Lei iâmbico/trocaica (HAYES, 1995, p. 80), como justificativa para os tipos de pés, consoante se vê em (28).

(28)

- a. Elementos que contrastam em intensidade formam agrupamentos com proeminência inicial, e
- b. Elementos que contrastam em duração formam agrupamentos com proeminência final.

Será um iambo a sequência de elementos que alterna em duração; e a que alterna em intensidade, um troqueu. Dessa forma, Hayes (1995) chega, então, a um pequeno conjunto de pés básicos limitados, secundado por condições relativas à admissão de pés degenerados e de constituintes extramétricos, devido à complexidade dos sistemas acentuais existentes.

²⁰ Este modelo já foi utilizado por vários autores na descrição do acento primário do PB, entre os quais Lee (1994), Massini-Cagliari (1995), Bisol (2002) e, mais recentemente, Magalhães (2004).

A outra proposta, a de base rítmica, diz respeito à alternância do ritmo com acentos espaçados em distâncias iguais (HAYES, 1995, p.25). Hayes considera também a hierarquia dos acentos, proposta por Liberman e Prince (1977), para expor a ideia de que as línguas têm graus de acento primário, secundário, terciário etc.

Foi na teoria de pés assimétricos que Hayes (1995) mostrou seu maior grau de economia descritiva, quando afirmou que um pequeno conjunto de pés assimétricos é regido por alguns parâmetros, ou seja, nessa teoria, eliminam-se os constituintes ternários, propostos por Halle e Vergnaud (1987), e passa-se a considerar apenas pés binários e ilimitados, usando, para isso o recurso da extrametricidade²¹, que deixa de fora da escansão métrica certos elementos. Seguem alguns exemplos de construção de pés binários, após a utilização da extrametricidade usada para ignorar a sílaba final.

Para fazer uso deste recurso, no entanto, Hayes (1995, p. 57) propõe algumas restrições, expostas abaixo:

- a. Dos constituintes (*Constituency*): só constituintes (segmento, sílaba, pé, palavra fonológica, afixo) podem ser marcados com o diacrítico extramétrico.
- b. Da posição do constituinte (*Peripherality*): um constituinte só pode ser extramétrico se ele estiver em uma borda determinada (direita ou esquerda) de seu domínio.
- c. Da marcação da borda (*Edge markedness*): a borda menos marcada para a extrametricidade é a da direita.
- d. Da exaustividade (*Nonexhaustivity*): bloqueia-se a regra de extrametricidade quando se torna extramétrico todo o domínio de aplicação da regra de acento.

É interessante deixar claro que Hayes exclui a mora na restrição dos constituintes, daí apenas os constituintes (segmento, sílaba, pé, palavra fonológica, afixo) poderem ser marcados com o diacrítico de extrametricidade. Ele refere que o *ponto crucial para qualquer teoria métrica paramétrica refere-se às formas básicas dos pés que ela permite* (1995, p. 62) e apresentou três tipos de pés (27), assumindo como primeiro tipo o Troqueu Silábico, marcado por considerar apenas sílabas, se levar em conta a estrutura interna (como o peso silábico, por exemplo), conforme pode se observar abaixo:

²¹ Procedimento realizado de forma sistemática nos sistemas que têm como acento tônico a antepenúltima sílaba, como o estoniano e o latim, em que a última sílaba é extramétrica (MAGALHÃES, 2005, seção 1.2).

(30)

Troqueu Silábico²² → $\begin{matrix} (x & .) \\ \sigma & \sigma \end{matrix}$

i. $\begin{matrix} (x & .) \\ \sigma & \sigma \end{matrix}$

ca sa

ii. $\begin{matrix} (x & .) \\ \sigma & \sigma \end{matrix}$

bos que

iii. $\begin{matrix} (x & .) \\ \sigma & \sigma \end{matrix}$

car tas

Por levar em consideração apenas construções binárias (dissilábicas), Hayes (1995, p. 63) sugere que todas as sílabas devem ser escandidas. Contudo, se houver alguma série que contenha número ímpar, as sílabas não serão totalmente escandidas, ficando de fora, justamente, a que não tiver acento, como mostra Hayes (op. cit.) a partir de um exemplo do Pintupi, que tem a direção de construção dos pés é da esquerda para a direita:

(31)

$\begin{matrix} (x & .) & (x & .) & (x & .) \\ \sigma & \sigma & \sigma & \sigma & \sigma & \sigma & \sigma \\ t & i & l & i & r & i & \eta & u & l & a & m & p & a & t & i & u \end{matrix}$

O *iambo* é um pé com proeminência à direita e permite maximamente duas sílabas em sua formação. Este pé é diferente do troqueu silábico tanto em relação à borda em que se situa a proeminência, quanto na formação de sua estrutura. Ele é formado, de preferência, por uma sílaba leve e uma pesada / $\sim \text{ } ^-$ /, ou por duas sílabas leves / $\sim \text{ } \sim$ /, ou, ainda, por uma sílaba pesada / $\text{ } ^-$ /.

(32)

Iambo $\begin{matrix} (\text{ } \cdot & \underline{x}) \\ \text{ } \cdot & \underline{x} \end{matrix}$ $\begin{matrix} (\underline{x}) \end{matrix}$

a. $\begin{matrix} (\text{ } \cdot & \underline{x}) \\ \text{ } \cdot & \underline{x} \end{matrix}$

so.lar

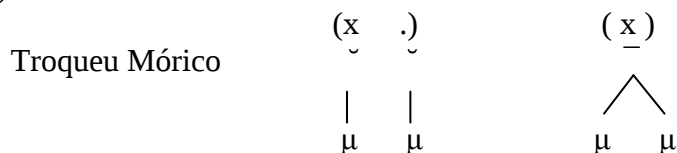
b. $\begin{matrix} (\underline{x}) \end{matrix}$

bar

²² A estruturação do Troqueu Silábico é feita em forma de pés dissilábicos com proeminência inicial.

O *troqueu mórico* é um pé formado por uma sílaba pesada que equivale a duas moras, sendo a primeira a mais forte, como em (33).

(33)



- | | |
|--|---|
| <p>a. (x .)</p> <p style="margin-left: 40px;">μ μ</p> <p style="margin-left: 40px;">teto</p> | <p>b. (<u>x</u>)</p> <p style="margin-left: 40px;">μμ</p> <p style="margin-left: 40px;">mar</p> |
|--|---|

Dessa forma, chega-se à conclusão de que o padrão de acento pode contrastar em termos de duração ou intensidade, respectivamente iambo e troqueu, como observado em (27), já que a lei trocaica/iâmbica leva em consideração aspectos da estruturas rítmica de uma sequência capazes de diferenciar o sistema de acento. Em relação aos pés, os elementos são formados por duas sílabas ou por duas moras, de forma binária.

Massini-Cagliari (1999) faz uso do modelo de Hayes (1995), quando define o PB como um sistema de pés troqueus móricos (2.1.3.1). Lee (1994) também faz menção a Hayes (1995) e define o pé do PB como tendo ora proeminência à direita, ora sendo troqueu (27), o que traz um certo custo à sua análise.

Segundo Magalhães (2004), o português brasileiro é marcado pelo padrão trocaico. Os troqueus podem ser agrupados ora em sílaba, ora em moras. E esta proposta é o que norteará nossa análise sobre a reestruturação silábica proveniente do apagamento da vogal postônica não final, no subcapítulo 4.4.2.

Nem sempre, é possível fazer a escansão métrica total dos pés, ficando impossibilitada a formação de pés canônicos. E apoiado na lei iâmbica/trocaica (28) e devido à complexidade dos sistemas acentuais existentes, o pequeno conjunto de pés básicos limitados a que chega Hayes é secundado por condições relativas à admissão de pés degenerados e de constituintes extramétricos (SOARES, 1994, p.17).

2.1.3.2 Extrametricidade

Proposto por Liberman e Prince (1977) e muito utilizado por Halle e Vergnaud (1987), o instrumento da extrametricidade tornou-se alicerce da teoria métrica em Hayes (1991), visto que elementos extramétricos não são analisados pelas regras de acento. Isto é, as regras são “cegas” aos elementos extramétricos, da mesma forma em que estes são tidos como invisíveis às regras.

2.1.4 O Acento no Português Brasileiro

O PB tem um acento previsível, que sempre cai em uma das três últimas sílabas da palavra, e a formulação da regra de acento foi sempre um dos assuntos mais discutidos na fonologia do português. Análises como as de Câmara (2002); Mateus (1983); d’Andrade & Laks (1991); Bisol (1994, 2002); Lee (1997), Massini-Cagliari (1999) e Wetzels (1992) são atribuídas ao referido fenômeno. Segundo Bisol (1994, 1994), Wetzels (1992) e Massini-Cagliari (1995), a regra de acento do português é sensível ao peso silábico, resultando o padrão de acento como troqueu moraico; para Lee (1997, 2001, 2002), essa regra é insensível ao peso silábico, e o padrão do acento do PB é um constituinte binário de cabeça à esquerda para os não verbos e troqueu silábico, para os verbos.

Vários estudiosos, como Câmara Jr. (1970), Duarte (1977), Maia (1981), Mateus (1983), Carvalho (1989), d’Andrade & Laks (1991), Bisol (1994, 2002), Wetzels (1992), Alvarenga (1993), Lee (1994, 1995), Massini-Cagliari (1995, 2007) e Cagliari (1997, 1998) analisaram o acento no português do Brasil. Esses estudiosos assumem posicionamentos teóricos diferentes sobre a análise do acento: Câmara Jr. (1970) descreve o acento sob a perspectiva estruturalista; Duarte (1977), Maia (1981) e Mateus (1983) assumem a perspectiva do gerativismo padrão, e Carvalho (1989), d’Andrade & Laks (1991), Bisol (1994, 2002), Wetzels (1992), Alvarenga (1993), Lee (1994, 1995), Massini-Cagliari (1995), Cagliari (1997, 1998) e Pereira (1999) assumem a perspectiva da fonologia não linear.

A redação deste capítulo será pautada nos trabalhos de Bisol (1994, 2002) e de Lee (1994), embora se saiba que eles convergem em alguns pontos e se distanciam em

tantos outros, o que justifica um quadro comparativo como ponto de partida para conclusões posteriores.

Para facilitar o trabalho, serão apresentados em dois quadros teóricos: aqueles que são favoráveis ao valor quantitativo do peso silábico no PB, como Bisol (1994, 2002²³); e aqueles que são contrários a essa postulação, defendendo diferenças lexicais, morfológicas e rítmicas para a atribuição do acento no PB: Lee (1994).

Apesar de haver certas diferenças entre as análises apresentadas abaixo, em todas elas, a tendência do PB ao ritmo binário tem seu espaço, seja como coadjuvante (Lee, 1994) ou como protagonista (Bisol, 1994, 2002). Mais especificamente, a maioria das análises aqui apresentadas pressupõe a organização das sílabas em pés binários trocaicos, ou seja, com acento à esquerda. Tomar-se-á, primeiramente, o olhar de Bisol (1994, 2002), para os dados do PB, e os demais olhares em relação ao acento no PB virão consecutivamente.

2.1.4.1 Bisol (1994, 2002)

A primeira análise do acento no PB apresentada por Bisol (1994) fundamenta-se, essencialmente, em Halle & Vergnaud (1987), cuja proposta é alicerçada em Liberman & Prince (1977), Hayes (1981), Prince (1983) e Hammond (1986). Segundo a autora, neste momento, a pesquisa de Halle & Vergnaud (1987) constitui a linha mais avançada da Fonologia Métrica.

Bisol (1994) adota uma mesma regra de acento tanto para os verbos, quanto para os não verbos, sendo diferenciado, no entanto, o domínio de aplicação dessa regra:

- a) Para os nomes: a regra aplica-se na palavra derivacional, a partir do radical + vogal temática, ciclicamente;
- b) Para os verbos: aplica-se na palavra pronta, ou seja, a palavra lexical, de uma só vez.

²³ A proposta norteadora deste trabalho será a de Bisol (2002).

A regra é a mesma, mas sua aplicação, no léxico é diferenciada. Nos nomes, quando se acrescenta um sufixo, por exemplo, carta – carteiro, a regra do acento volta a se aplicar. Por essa razão, diz-se que o acento é cíclico. Já nos verbos, como o acento se aplica somente quando a palavra estiver completamente pronta, a regra não é cíclica.

Bisol (1994) utiliza duas noções importantes na elaboração da regra de acento: o peso silábico e o pé métrico. As exceções à regra a autora resolve por meio do recurso da extrametricidade.

(35)

Regra do Acento Primário

Domínio: a palavra

- i. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, i. é, sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não iterativamente) com proeminência à esquerda, do tipo (* .), junto à borda direita da palavra.

Quanto ao peso silábico, a regra de acento é sensível à sílaba pesada final. Deste modo, o acento é atribuído às oxítonas terminadas em consoante ou ditongo, como: (o) jantar, chapéu, papel; por meio de (35i). Quanto ao pé, a regra determina que o acento cairá sobre a segunda sílaba, a contar da borda direita da palavra, desde que a primeira seja leve. Deste modo, o acento é atribuído às paroxítonas, como *casa*, *parede* e *bicicleta*, por meio de (35ii).

A extrametricidade (ver seção 2.1.3.3) permite que um elemento, seja ele sílaba, mora, ou segmento, não seja visto pela regra de acento. Isso resulta em um recuo do acento, uma sílaba à esquerda da sua posição esperada. Nos nomes, a extrametricidade recai sobre exceções, sendo, portanto, uma informação marcada sobre a forma subjacente da palavra. Nos verbos, a extrametricidade é atribuída no decorrer da derivação.

A segunda análise de Bisol (2002) é reinterpretada à luz de Hayes (1995) e é esta que norteia o presente estudo. Nessa análise, Bisol assume que o domínio é a palavra lexical, e a aplicação das regras é cíclica em não verbos e não cíclica em verbos. Ainda segundo a autora, a extrametricidade é marcada no léxico em não verbos e é dada por

uma regra geral em verbos. Sendo assim, a regra, antes pautada na teoria de Halle & Vergnaud (35), passa a ter a seguinte organização (36):

(36)

Regra do Acento Primário

Domínio: Palavra Lexical

i. A aplicação cíclica em não verbos; não cíclica em verbos.

Quanto à extrametricidade, Bisol (2002) propõe que se atribua a extrametricidade a formas nominais lexicalmente marcadas. Quanto aos verbos, marcar como extramétrica a sílaba final da primeira e da segunda pessoa do plural de tempos de imperfeito; nos demais casos, a coda com status de flexão.

Dessa forma, ter-se-ia a regra final como (37):

(37)

i. Forme um troqueu mórico se a palavra acabar em sílaba ramificada;
ii. Nos demais casos, um troqueu silábico, não iterativamente, da direita para a esquerda.

Bisol (2002, p. 108) oferece as seguintes exemplificações para formalização desta regra:

(38)

a.	po.mar (*) (*)	ca.fé (*) (*)	na.riz (*) (*)	pe.rau (*) (*)	Troqueu Mórico Regra Final
b.	al.to (* .) (*)	car.tei.ro (* .) (*)	ca.sa (* .) (*)	pa.re.de (* .) (*)	Troqueu Silábico Regra Final
c.	li.der <μ> (* .) (*)	ca.rá.ter <μ> (* .) (*)	lá.pis <μ> (* .) (*)	ho.mem <μ> (* .) (*)	Extrametricidade Troqueu Silábico Regra Final

d.	a.bó.bo.ra <σ>	pé.ta.la <σ>	ró.tu.lo <σ>	Ró.mu.lo <σ>	Extrametricidade
	(* .)	(* .)	(* .)	(* .)	Troqueu Silábico
	(*)	(*)	(*)	(*)	Regra Final
e.	fós.fo.ro <σ>	lâm.pa.da <σ>	ver.ti.ce <σ>	pór.ti.co <σ>	Extrametricidade
	(* .)	(* .)	(* .)	(* .)	Troqueu Silábico
	(*)	(*)	(*)	(*)	Regra Final
f.	can.tá.va.mos <σ>	can.tas <σ>	can.tei <μ>	can.tou <μ>	Extrametricidade
	Ø	Ø	(*)	(*)	Troqueu Mórico
	(* .)	(* .)	Ø	Ø	Troqueu Silábico
	(*)	(*)	(*)	(*)	Regra Final

A partir do exposto acima, Bisol (2002) propõe uma regra geral para a síncope das proparoxítonas, não alcançada em sua análise mórica. Ainda de acordo com a autora, observa-se em (38de) *contexto similar para a síncope que apaga o membro fraco de um pé métrico, independentemente de o acento incidir em sílaba leve como em abóbora ou pesada como em fósforo* (grifo da autora). Dessa forma, Bisol (2002) aponta a seguinte regra para o apagamento da postônica não final:

(39)

Síncope

$\sigma \rightarrow \emptyset / (* _) \sigma]$ não verbos

(BISOL, 2002, p. 109)

Lendo-se: Apague a sílaba que ocupa a posição fraca de um pé, quando seguida de outra sílaba à fronteira de uma palavra.

Esta regra, de acordo com Bisol, é uma regra de origem antiga, que vem se mantendo viva e que estabelece elos às diferentes etapas da história da língua. Esta regra se torna importante, uma vez que dá conta de palavras com acento por peso

silábico, formando um pé mórico somente quando a sílaba pesada se encontra em posição final, como em (38a). E nos demais casos, a regra geral forma um troqueu silábico, sem olhar o peso silábico. Como se pode ver, esta proposta (36) é bem diferente da primeira (35).

Bisol (2002) lembra que as duas regras estão em relação de *Elsewhere Condition*. Isso significa que a mais restrita, o troqueu mórico, tem prioridade de aplicação. Se for satisfatória em um determinado contexto, o troqueu silábico não tem vez. Porém, se o mórico não encontrar contexto, o troqueu silábico, por *default*, aplica-se. É a partir dessa ideia que palavras do tipo: **pédestre*, **córrente*, **carteiro* não existem, já que não existe contexto para o mórico na posição final, então o troqueu silábico se forma da direita para a esquerda, coincidindo sempre a posição fraca do pé com uma sílaba não ramificada da palavra *pedestre*, *corrén*te, *carte*iro.

Em posição forte do troqueu silábico pode ocorrer uma sílaba ramificada, como também uma simples (38b). Mas, na posição fraca, devido à relação de *Elsewhere Condition*, apenas ocorre a sílaba não ramificada.

Vê-se, então, que o acento primário é atribuído por duas regras, uma na linha de Halle & Vergnaud (35) e outra na linha de Hayes (36), sendo o pé mórico a regra específica, e o troqueu silábico, a regra geral.

O trabalho de Massini-Cagliari (1995)²⁴ também sustenta a relevância do peso silábico no PB, uma vez que sua visão e a primeira análise de Bisol (1994) convergem para ângulos bastante semelhantes.

A proposta de Lee (1994) vem em sentido contrário ao descrito na seção anterior, já que ele assegura que o *português* não é sensível ao peso silábico. Para melhor entendimento, ter-se-á agora uma breve noção desta proposta.

²⁴ Massini-Cagliari (1999) assume para a atribuição do acento no PB propostas semelhantes para verbos e não verbos. Segundo esta autora, o troqueu com proeminência de acento à esquerda é o pé básico no PB, assim como diz Bisol (1994). Massini-Cagliari afirma que o PB é sensível ao peso silábico e propõe a construção de pés da direita para a esquerda, não iterativamente, explicando, assim, a grande maioria das palavras do PB: *paroxítonas terminadas em sílaba leve*, *oxítonas terminadas em sílaba pesada* e *monossílabos pesados*. Além disso, reconhece que três casos constituem exceções clássicas à regra *default* de acentuação do PB: as oxítonas terminadas em vogal, as paroxítonas terminadas em sílaba pesada e todas as proparoxítonas. Massini-Cagliari (1999) aceita, ainda, a postulação de uma consoante abstrata na coda da rima final, e vai um pouco mais além, quando diz que, *se a última sílaba das oxítonas terminadas em vogal se comporta como pesada (atraindo acento), é porque ela é pesada*.

2.1.4.2 Lee (1995)

A regra de acento do não verbo aplica-se no domínio do radical derivacional, enquanto a regra de acento do verbo aplica-se no domínio da palavra (LEE, 1995, p. 140). O autor ainda diz em seus trabalhos que o PB não é sensível à quantidade, e o fator determinante da regra de acento é a categoria lexical. Assim, ele acredita que haja diferenças claras entre as regras de acento para verbo e não verbo, sendo que as regras do acento do não verbo aplicam-se no nível α , onde ocorrem os processos derivacionais, a flexão irregular e alguns processos de composição; ao passo que as regras de acento do verbo aplicam-se no nível β , onde ocorrem os processos de flexão regular de verbos e não verbos e a formação produtiva.

Lee (1995) propõe também que a extrametricidade seja dominada pela morfologia e sujeita à *Condição de Perifericidade*. O autor argumenta que, à primeira vista, os dados do PB levam à conclusão de que a quantidade é fator relevante na atribuição do acento, mas tal abordagem provocaria *problemas relacionados à: abstração da representação subjacente, extrametricidade, à Regra de Ritmo, etc.* (p. 148) motivando a criação de uma análise pautada na categoria lexical.

Lee (1995) ainda questiona a utilização da extrametricidade proposta por Bisol (1994), que ora incide sobre a sílaba, ora sobre a coda final. Com o intuito de minimizar o uso da extrametricidade, Lee (1995, p. 150) sugere a postulação de domínios diferentes para verbos e não verbos: *Nos verbos, o domínio de aplicação do acento é a palavra, sendo a extrametricidade condicionada morfológicamente; nos não verbos, o domínio é o radical derivacional, sendo extramétrico o marcador de palavra*. Assim, oxítonos marcados podem responder às mesmas regras dos paroxítonos não marcados, pois o acento incidirá sempre sobre a última vogal do radical.

O autor acredita que a estrutura do não verbo é constituída por radical + (vogal temática), tendo como domínio acentual o radical derivacional. Assim, o ambiente para os não verbos será o mesmo que para os verbos, já que a vogal temática pode estar ou não presente. Lee (1995, p. 152), então, apresenta uma versão final à Regra de Acento Primário do Não Verbo:

Domínio: Nível α

a. Casos Não Marcados: constituinte binário, cabeça à direita, direção: direita para esquerda, não iterativo;

b. Casos Marcados: constituinte binário, cabeça à esquerda, direção: direita para esquerda, não iterativo.

A partir desta regra, pode-se explicar a maioria dos casos de não verbo oxítono e paroxítono, uma vez que, ao se considerar o radical derivacional como domínio acentual, pode-se tratar como caso não marcado o oxítono e dispensar a abstração de uma consoante adjacente, já que o oxítono pode também ser tratado como caso não marcado. A vogal temática apagada na aplicação da regra (paroxítonos) é visível na regra final por *Stray Adjunction* (42). A restrição da extrametricidade é uma outra vantagem desta regra. Os proparoxítonos, aqui, têm o radical derivacional marcado lexicalmente.

Como bem mostra a última citação direta, para Lee (1995), o domínio do acento do não verbo é o radical, e a extrametricidade está sujeita à condição de perifericidade. Para ele, as proparoxítonas são um caso marcado, já que apresentam pé binário de cabeça à esquerda, enquanto a regra geral cria pé binário de cabeça à direita, como se pode observar no exemplo que segue:

(40)

a.	xi ca r]a	o cu l]os
Troqueu	(* .)	(* .)
Regra final	(*)	(*)
Saída	[xícara]	[óculus]

b.	ar vo r]e	cha ca r]a
Troqueu	(* .)	(* .)
Regra Final	(*)	(*)
Saída	[árvori]	[chácara]

As representações acima formam um constituinte binário de cabeça à esquerda (um troqueu). Uma questão que se tem que considerar nessa proposta não quantitativa é que o pé sendo construído ora como constituinte binário de cabeça à esquerda, ora como troqueu, o pé oferece um certo custo à análise. Além dos casos marcados, que

constituem problema na aplicação desta regra, Lee (1995) cita alguns exemplos para dar conta da atribuição do acento desses dois tipos de não verbo. A regra supracitada é, então, aplicada da seguinte maneira:

(41)

túnel	jovem	último	abóbora	
(* .)	(* .)	(* .)	(* .)	Regra de acento primário do não verbo
(*)	(*)	(*)	(*)	RF

A motivação ou justificativa à mudança de direção da cabeça nos casos marcados de paroxítonos não é esclarecida pelo autor, haja vista que a construção de pé troqueu (cabeça à esquerda) tem um custo alto, em uma teoria que aposta em um constituinte binário de cabeça à esquerda como pé básico para o PB.

Lee (1995) mostra que o uso da extrametricidade é *motivado morfológicamente, atingindo o morfema flexional nos verbos, e nos não verbos o marcador de palavra, restringindo e simplificando a regra, eliminando os vários tipos de extrametricidade postulados por Bisol*.

É incontestável a importância das análises aqui apresentadas e discutidas acerca do acento, independentemente do seu ponto de vista. Seja descrevendo *a categoria lexical como fator relevante para a atribuição do acento*, (relevante o processo de formação da palavra, porque terá como domínio acentual o radical derivacional), como coloca Lee (1995), seja *considerando o peso silábico como fator relevante à atribuição de acento, e como domínio acentual a palavra, a sílaba final e a coda silábica terão valor especial*, defendido por Bisol (1992).

O importante é que as duas discussões são praticáveis e pertinentes, a depender, claro, do prisma em que se vê o acento e do domínio acentual em questão. Neste trabalho, será seguida a ideia postulada por Bisol, já que, as leituras e as discussões para sua elaboração foram todas na linha de raciocínio desta autora, embora seja de suma importância elencar algumas das principais teorias estudadas sobre o acento. É bom deixar claro que a proposta do troqueu silábico foi entendida como o molde melhor para as proparoxítonas, atribuindo extrametricidade à sílaba final.

2.1.5. Hierarquia Prosódica

Uma das noções básicas da linguística é a de constituintes. Constituinte é, segundo Bisol (2001, p. 229), *uma unidade linguística complexa, formada de dois ou mais membros, que estabelecem entre si uma relação do tipo dominante/dominado*. Daí, a preocupação maior da prosódia ser o conhecimento da sílaba predominante, chamada *tônica*, uma vez que todo constituinte pressupõe, como antes mencionado, um dominante (cabeça) e um ou mais dominados.

A teoria prosódica é uma teoria de maior abrangência que a métrica, já que ela trata de constituintes maiores, isto é, além dos constituintes sílabas e pés. Estes constituintes são responsáveis pela interação da fonologia com os componentes morfológicos, sintático e semântico da gramática. Como o constituinte fonológico, sintático ou morfológico tem suas próprias regras e princípios, é de suma importância que se tenha em mente que o constituinte prosódico não apresenta compromissos de isomorfia com os constituintes de outras áreas da gramática.

2.1.5.1 A Fonologia Prosódica de Nespor & Vogel (1986)

Tomando por base a ideia de constituintes prosódicos, Nespor e Vogel (1986) apresentam o conceito de hierarquia prosódica. De acordo com as autoras, as regras e as restrições da língua são sensíveis ao domínio desses constituintes.

Bisol (2005, p. 243) define constituinte como uma unidade linguística complexa composta por uma ou mais unidades. Essas unidades estabelecem uma relação entre dominante e ~~de~~ dominado, ou seja, um membro domina outro, instaurando entre eles uma hierarquia. Nessa hierarquia, a sílaba pertence ao pé métrico que, por sua vez, deve pertencer à palavra fonológica. Esta teoria organiza a fala em um conjunto finito de constituintes fonológicos hierarquizados²⁵ da seguinte forma:

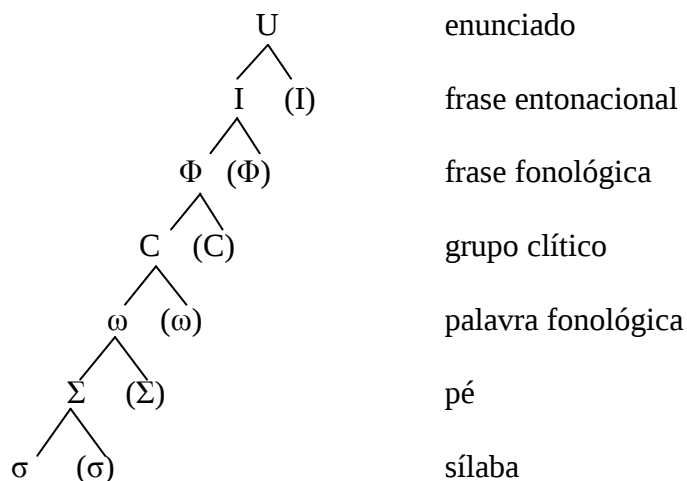
²⁵ Para o presente estudo, apenas nos interessam os dois primeiros constituintes, isto é, a sílaba e o pé.

(42)

Hierarquia Prosódica

enunciado	U (do inglês <i>utterance</i>)
frase entonacional	I (do inglês <i>intonational phrase</i>)
frase fonológica	Φ
grupo clítico	C
palavra fonológica	ω
pé	Σ
sílaba	σ

E ainda por diagrama arbóreo:



Os princípios que regulam a hierarquia prosódica, anteriormente apresentada, são os seguintes:

- i) cada unidade de hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades categóricas imediatamente mais baixa;
- ii) cada unidade está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- iii) os constituintes são estruturas n-árias;
- iv) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só nó se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (w).

De acordo com Nespor & Vogel (1986, p. 07), a estrutura interna de cada constituinte prosódico tem uma mesma configuração geométrica, e as árvores das diferentes categorias têm forma idêntica. A partir daí, elas propõem a seguinte regra de construção do componente prosódico:

(43)

Junte a uma ramificação n -ária X_p todos os X_{p-1} incluídos em uma sequência limitada pelo domínio de X_p .

De acordo com este critério, a teoria prosódica forma um subsistema do componente fonológico, que interage com outros subsistemas de diferentes teorias. Amaral (1999) explica bem esta teoria, quando refere:

um tipo de interação se dá no conjunto de regras que tem que ver com os fenômenos de proeminência relativa e de ritmo, que necessitam um tratamento em termos de grade métrica no que se refere ao conteúdo das regras, e um tratamento em termos de teoria prosódica no que se refere a seus domínios.

As regras fonológicas podem fazer referência a qualquer nível da gramática, a partir de regras de mapeamento ou de projeção, seguindo a ideia de se agruparem os elementos terminais de uma sentença, independentemente de haver ou não uma relação biunívoca com os constituintes da hierarquia morfossintática (AMARAL, 1999). De acordo com esta noção, os constituintes prosódicos não são, necessariamente, isomórficos a constituintes morfológicos ou sintáticos. Mas são justamente tais regras de mapeamento que dão conta da interface entre a fonologia e os demais componentes da gramática.

Segundo Collischonn (1997, p. 52) a silabação baseia-se em princípios e condições e apresenta uma integração entre a Teoria Silábica e as Fonologias Prosódica e Lexical, economizando princípios válidos para os mesmos módulos.

2.2 TEORIA DA VARIAÇÃO

Nesta seção, pretende-se traçar um panorama da linguística a partir do momento em que a Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista, desenvolvida mediante a proposta de Weinreich, Labov e Herzog (1968), surge, guinando os estudos linguísticos com o objetivo de descrever a língua e seus determinantes sociais e linguísticos, levando em consideração o seu uso variável.

A Sociolinguística Variacionista estuda as línguas em sua relação com as sociedades que as empregam. Ela procura responder a questões do tipo “quem fala o quê?, onde?, quando?, como? e por quê?” e tenta mostrar que toda e qualquer língua é constituída de variedades de formas com o mesmo valor de verdade. Sob esse ponto de vista, as línguas não podem ser encaradas como blocos homogêneos.

Sob a ótica sociolinguística, a competência linguística humana ultrapassa o monolinguismo. O ser humano detém uma capacidade inata para o plurilinguismo²⁶ dentro de sua própria língua: em casa, fala-se o idioma familiar; na escola, modifica-se a linguagem, adaptando-a a outras variantes regionais e/ou sociais. De acordo com o meio, as línguas humanas se acostumam a novos socioletos²⁷ e assim se percebe, pouco a pouco, que as línguas se constituem de um aglomerado de níveis de expressão, que atestam que nenhuma comunidade é inteiramente homogênea. De fato, cada falante é, ao mesmo tempo, usuário e agente modificador de sua língua (mesmo que inconscientemente), em que imprime marcas geradas pelas novas situações com que se depara.

A Sociolinguística, há anos, vem estudando a influência que os fatores sociais – como classe social, sexo, faixa etária, entre outros – exercem sobre a fala. Os sociolinguistas perceberam, com estudos sistemáticos, que tais fatores atuavam probabilisticamente no fenômeno da variação, correlacionando, assim, aspectos sociais e estruturais a determinados fenômenos linguísticos, chamados de variáveis.

Como se sabe, há uma coexistência entre o aspecto social e o linguístico de uma língua e que cada elemento linguístico tem um aspecto ou avaliação social. No geral, estruturas linguísticas e sociais são domínios isolados, que não suportam uma sobre a outra. Mas a força da avaliação social, positiva ou negativa, é, geralmente, quem leva a suportar os aspectos superficiais da língua: o léxico e a fonética. Ou seja, não é o som que recebe estigma ou prestígio, mas o uso de um determinado alofone para outro fonema.

²⁶ Fenômeno em que ocorre o uso de várias linguagens em um contexto específico, isto é, várias línguas coexistem em um mesmo ambiente e a um mesmo nível.

²⁷ Variedade linguística de cunho social, isto é, variedade característica dos falantes pertencentes a um determinado estrato social (BRANDÃO, 1991: 82).

Chambers (1995) concebe que *classe social*, *sexo* e *idade* são três fatores sociais que são determinantes na vida do ser humano, porquanto esses fatores influenciam diretamente a sua forma de falar.

Quando há uma inovação linguística numa sociedade, a inovação pode ser ou não adotada por ela de forma simultânea e uniforme. Os grupos que a adotam são chamados de inovadores. Em contrapartida, os que não a adotam são chamados de conservadores, posto que mantêm as formas já estabelecidas pela comunidade. Labov (1972 [1965]) concebe que a escolha de certas variantes deve-se à associação dos valores sociais, às quais as formas linguísticas são associadas, e que são caracterizadores dos falantes que a utilizam. Isto significa que, quando se associa a dado falante ou grupo social de *status* considerado superior, uma variante linguística adquire prestígio, sendo aceita por pessoas desse grupo, como também copiada por falantes de grupos considerados inferiores. Por outro lado, quando realizadas por falantes de baixa classe social, tais variantes são tidas como estigmatizadas. Esse conceito de variante estigmatizada ou de prestígio é relacionado às variantes-padrão (formal, culto) ou não padrão (informal).

Pretende-se mostrar aqui uma retrospectiva da evolução do estudo da variação e da mudança linguística, que tem sido objeto de pesquisa faz algum tempo. Para alcançar tal intento, nos subcapítulos que seguem, traçar-se-á um panorama da história da Sociolinguística para melhor entendimento deste trabalho.

2.2.1 Sociolinguística Variacionista

A concepção de língua como objeto de estudo da Linguística foi desenvolvida pelo Estruturalismo, com Ferdinand de Saussure, que, por meio de sua concepção de língua, conseguiu responder à problemática inicial de que dispunha a Linguística naquele momento: *produzir uma concepção de língua globalizante que pudesse orientar todos os estudos que dela se fizerem* (SAUSSURE, s.d.). Dessa forma, o Estruturalismo alcançou a posição de hegemonia no cenário da ciência linguística com *essa perfeita articulação teórica entre a maneira de conceber a língua como objeto e o modo de aprendê-la através da análise linguística* (LUCCHESI, 1998, p. 171).

Assim, a grande questão que marca o desenvolvimento estruturalista da Linguística é a de como a língua funciona, centrada na identificação das suas unidades funcionais e no estabelecimento das relações objetivas que lhe garantem o funcionamento como um processo organizado e autônomo. Inicia-se, assim, a luta por uma concepção social da língua. O linguista francês, Antoine Meillet (1938), insistiu em numerosos textos, que a língua é um fato social, dando um conteúdo bem preciso a essa característica. Em seu artigo, “Comment les mots changent de sens”²⁸ (Como as palavras mudam de sentido), ele propunha uma definição desse “fato social”, enfatizando, ao mesmo tempo e sem ambiguidade, sua filiação ao sociólogo Émile Durkheim (CALVET, 2002):

- “os limites das diversas línguas tendem a coincidir com os dos grupos sociais chamados nações; a ausência de unidade de língua é o sinal de um Estado recente, como na Bélgica, ou artificialmente constituído, como na Áustria”;
- “a linguagem é eminentemente um fato social. Com efeito, ela entra exatamente na definição proposta por Durkheim; uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam e, mesmo que ela não tenha nenhuma realidade exterior à soma desses indivíduos, ela é, contudo, por sua generalidade, exterior a eles”;
- “as características de exterioridade ao indivíduo e de coerção pelas quais Durkheim define o fato social aparecem na linguagem como evidência última”. (Meillet, Comment les mots changent de sens *apud* CALVET, 2002, p. 13-14)

Apesar de Meillet ter sido apresentado como discípulo de Saussure, com a publicação do *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG), ele ressalta que *ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende, Ferdinand Saussure a priva de realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável* (CALVET, 2002, p. 14).

Dessa forma, Meillet entrava em desacordo com, pelo menos, uma das dicotomias saussurianas (sincronia/diacronia) e com uma das frases mais importantes do curso (“a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”). Enquanto Saussure procurou elaborar um modelo abstrato da língua, Meillet se vê em conflito entre o fato social e o sistema que tudo contém. Isso que dizer que, para Meillet (1938), era impossível compreender os fatos da língua sem fazer referência à diacronia, à história.

²⁸ Publicado em L’Année sociologique, 1905-1906, reimpresso em Linguistique historique et linguistique générale, Paris, Champion, 1921.

Apesar de Saussure e Meillet utilizarem quase a mesma fórmula, eles não dão o mesmo sentido de língua. Para Saussure, a língua é elaborada pela comunidade e somente nela é social; já Meillet dá à noção de fato social um conteúdo mais preciso. Na realidade, enquanto Saussure distinguiu, cuidadosamente, estrutura de história, Meillet quis uni-las.

No capítulo oito, de *Sociolinguistic Patterns* (LABOV, 1992), encontra-se uma retomada das idéias de Meillet, “Estudo da língua em seu contexto social”, e uma passagem que mostra claramente o laço que une Labov a Meillet:

Para nós, nosso objeto de estudo é a estrutura e a evolução da linguagem no seio do contexto social formado pela comunidade linguística. Os assuntos do ‘linguística geral’: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica [...]. Se não fosse necessário destacar os contrastes entre este trabalho e o estudo da linguagem fora de todo contexto social, eu diria de bom grado que se trata simplesmente de linguística. (LABOV, 1972 [1963], p. 258)

Daí a impossível distinção entre uma linguística geral, que estudaria as línguas, e uma sociolinguística, que levaria em conta o aspecto social dessas línguas. Radicalizando Meillet, Labov leva a sério a definição da língua como fato social, mas para por aqui a comparação²⁹. E, dessas suas pesquisas, nasce a Linguística Variacionista.

A consciência da iminência dos “problemas” que a mudança representava à sua teorização já era clara para Saussure, como bem atesta Labov (1982, p. 19), quando afirma que a *existência de mudança linguística dentro da comunidade de fala cria sérios problemas para aqueles que trabalham com a expectativa de uma estrutura homogênea*. Dessa forma, se uma língua X encontra-se em processo de mudança, não haverá, a princípio, apenas uma resposta a esta questão, isto é, não haverá uma explicação de como a língua X funciona, pois língua, de modo geral, funciona de várias e de diferentes modos (LABOV, 1982). Weinreich, Labov e Herzog (1968) destacaram que há uma contradição implícita entre a visão estruturalista de língua e os fatos da mudança. Segundo eles, *à proporção em que a Linguística se tornava mais impressionada com o caráter sistemático da estrutura da língua, tornava-se mais difícil conceber a mudança dentro do sistema*.

²⁹ É bom deixar claro que Meillet trabalhou com línguas mortas; já Labov trabalha continuamente com situações contemporâneas concretas, ou seja, constrói um instrumento de descrição que tenta ultrapassar o modelo de Meillet, integrando os métodos heurísticos da linguística estrutural.

Essa se torna a principal contradição desse modelo, pois há uma incoerência teórica entre sistema e mudança gerada pelo Estruturalismo na Linguística, sendo essa oposição (entre sistema e mudança) que constituirá uma das vigas fundamentais para a sustentação, edifício teórico saussuriano.

O Círculo Linguístico de Praga e a tendência funcionalista do Estruturalismo Linguístico, dirigida por André Martinet, promoveram o aprimoramento da teoria saussuriana, articulada à concepção estrutural. A noção de funcionalidade se aplica à estruturação interna do sistema linguístico, como também às funções que esse sistema desempenha na sociedade (daí o porquê de a língua ser vista como um sistema funcional). Essa tendência do Círculo Linguístico de Praga constituiu um novo ciclo no desenvolvimento do Estruturalismo, de acordo com Lucchesi (1998, p. 173), por duas razões:

- (i) formalizou um modelo de análise que permitiu a aplicação dos princípios teóricos gerais de Saussure à análise concreta dos fatos linguísticos; e
- (ii) buscou superar a contradição estabelecida por Saussure entre sistema e mudança, com o objetivo de dar maior concretude à apreensão e representação do objeto de estudo da Linguística.

Nesses dois planos, uniu-se à noção de funcionalidade a concepção saussuriana de língua, desempenhando um papel decisivo, pois, segundo Lucchesi (1998, p. 173-4), *permitiu-se a integração do nível fônico da língua, antes excluído por Saussure, no campo linguístico*. Assim, o sistema fonológico que marcou profundamente os estudos linguísticos nas décadas de 30, 40 e 50, já que a fonologia tornou-se o principal nível de estudo da língua, desfrutando do Estruturalismo seus maiores êxitos, consagra-se como a mais completa realização analítica da concepção de língua como sistema.

A transição entre um sistema linguístico e outro se explicaria tanto pelo funcionamento interno do sistema fonológico, quanto por sua funcionalidade externa como forma de comunicação social, articulada aos limites impostos pelo formato do aparelho fonador, reunido num conceito de economia, criado por Martinet.

Estudos posteriores demonstraram que pelo menos uma parte das mudanças fônicas não são lexicalmente bruscas, como defendem os neogramáticos e como o consolidaram os estruturalistas, que viam a mudança fonológica como sistemática.

Lucchesi (1998, p. 176) mostra, ainda, que o Estruturalismo, vendo a língua como um sistema homogêneo e unitário, só pôde admitir uma lógica atuando em nível do sistema:

... a mudança fonológica devia ser regida por uma lógica única e operar sistematicamente. A demonstração de que a mudança fonológica não é regida por uma única lógica sistemática, mas por “várias lógicas concorrentes”, não apenas demonstra a incapacidade de a abordagem estrutural apreender adequadamente os processos de mudança linguística como também atinge a sua concepção de língua. Se o sistema linguístico é realmente unitário e homogêneo, como explicar que várias lógicas concorrentes atuem no seu interior? Ou, como explicar que ele opera de várias maneiras?

Assim, o estudo da mudança tornou-se terreno privilegiado para que a Sociolinguística desenvolvesse um novo aparato teórico-metodológico, baseado numa nova forma de representar a língua como objeto de estudo, como bem apresenta Labov (1982, p. 19-20):

Por que então Weinreich, Labov e Herzog (1968) propuseram princípios especificamente como fundamentos para a teoria da mudança Linguística? A primeira razão é tática. A demanda por homogeneidade, e a consequente retratação ao idioleto são movimentos razoáveis como primeiros passos de uma descrição linguística. Mas, no estudo da mudança linguística, é totalmente diferente. É possível estudar mudanças concluídas, como uma série de substituições discretas de elementos em sistemas homogêneos. Mas ninguém jamais perdeu de vista o fato de que a mudança é o processo de substituição, não o resultado desse processo. Quando nós estudamos esse processo diretamente, nós somos confrontados imediatamente com o caráter heterogêneo do sistema linguístico. Mudança implica variação; mudança é variação.

Daí a diferente abordagem da Sociolinguística em relação ao Estruturalismo. Para Saussure, a organização estrutural do sistema linguístico é gerada de forma alheia à ação do falante, à sua prática linguística ou às estruturas onde essa prática se efetiva. No modelo sociolinguístico, oferece-se um sistema heterogêneo, no qual o falante atua de acordo com aptidões estruturadas em que a prática linguística se atualiza. Assim, o falante, em um dado momento, escolhe, quase conscientemente, uma em meio às variantes concorrentes na estrutura linguística, ou seja, ele optará por uma variante de acordo com a situação a que ele esteja exposto, pois a opção é estabelecida, muitas vezes, pelo propósito de o falante facilitar a sua admissão num dado ambiente ou segmento social, segundo expressa Labov (1982):

Como os sistemas linguísticos mudam, eles oferecem para seus locutores um alcance mais amplo de possibilidades para reconhecimento de relações, por acomodar a outros, e por negociar diferenças sociais. Três recentes estudos empíricos afetam as funções de variação linguística em interação social. (...) Hindle (1980) localizou a realização de vogais da Filadélfia por um único locutor registrado num dia de trabalho (novamente a agência de viagens), um jantar em família, e amigos no jogo de ponte. Armado com um modelo de doze variações na comunidade de Filadélfia, Hindle pôde mostrar como o locutor preferiu um determinado uso de uma variável de acordo com o contexto social, o sexo do destinatário e o escritório fixado, e as formas mais avançadas em interação com perscruta no jogo de ponte. A atmosfera relaxada do jantar familiar era intermediária.³⁰

O termo “Sociolinguística” apareceu pela primeira vez, em 1953, em um trabalho de Haver C. Currie. O estudo dessa disciplina desenvolveu-se nas décadas de 50 e 60, nos Estados Unidos, e o interesse despertado pela pesquisa deve-se à grande divulgação dos estudos de comunicação, à necessidade de maior aproximação com outros povos, ou de conhecimento melhor da própria comunidade e à divulgação dos estudos de Sociologia e Linguística. Era uma volta às teorias de Humboldt, segundo as quais a língua organizaria a visão do mundo, peculiar a cada povo. É comum, em uma sociedade falante, encontrarem-se formas linguísticas em variação, mais conhecidas por variantes. Segundo Tarallo (2002, p. 8), variantes linguísticas *são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.*

Todo e qualquer trabalho que envolve variação pode e deve ser sistematizado, como mostra Tarallo (2002, p. 10):

... Tal sistematização consiste em primordialmente:

1. Um levantamento exaustivo de dados de língua falada para fins de análises, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade;
2. Descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem;
3. Análise dos possíveis fatores condicionadores (linguísticos e não linguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s);

³⁰ As linguistic systems change, they offer their speakers a wider range of possibilities for self identification, for accommodating to others, and for negotiating social differences. Three recent empirical studies bear on the functions of linguistic variation in social interaction. (...) Hindle (1980) traced the realization of Philadelphia vowels by a single speaker recorded through-out a working day (again at travel agency), at family dinner, and friends in the bridge game. Armed with a template of twelve changes in progress in the Philadelphia community, Hindle was able to show how the speaker shifted her use for the variables according to the social context, the sex of the addressee, and the office setting, and the most advanced forms in interaction with peers in the bridge game. The relaxed atmosphere of the family dinner was intermediate.

4. Encaixamento da variável no sistema linguístico e social da comunidade: em que nível linguístico e social da comunidade pode ser colocado;
5. Projeção histórica da variável no sistema sociolinguístico da comunidade. A variação não implica necessariamente mudança linguística (ou seja, a relação entre contemporização entre as variantes). A mudança, ao contrário, pressupõe a evidência de estado de variação anterior, com a resolução de morte para uma das variantes.

Um debate que se ascendeu no grupo da Sociolinguística foi o que se verificou no confronto das posições de Bernestein e Labov a respeito da maneira de interpretar as oposições dos níveis socioletos em uma determinada comunidade linguística.

Na década de 20, Antoine Meillet pensava a explicação de mudança a partir da consideração do contexto social. Ele também é mencionado como aquele que corroe a rígida dicotomia do mestre de Genebra entre análise sincrônica e diacrônica, por meio de suas análises estruturais de variações sucedidas no passado³¹.

Mas é a averiguação de Gauchat (1905), na comunidade francófona suíça de Charmey, que é tida como “protótipo” da abordagem sociolinguística da mudança³². Os estudos de Gauchat destacam-se por ser pioneiros, objetivando a mudança linguística em progresso. Ele analisou a variação em seis traços fonológicos na comunidade de fala, e, observando a diversidade a partir de três faixas etárias, concluiu a existência de mudanças em progresso nos traços fonológicos estudados.

Essa união dos estudos de Labov (1992) com os estudos de Gauchat (op. cit.) explicita um propósito de análise sociolinguística: rever a ideia de que a mudança linguística não podia ser estudada diretamente, mas só depois de concluída³³. Para superar esse obstáculo, Labov (1992) procurou perceber a mudança em progresso na variação observada na língua, num dado momento, estabelecendo-a como estudo da mudança no tempo aparente. Desse modo, o estudo sincrônico abria caminhos para a superação terminante da dicotomia supracitada.

³¹ O que, mais uma vez, comprova a tese de que o Estruturalismo Diacrônico abriu cominhos para o molde sociolinguístico.

³² The prototype of close studies of sound change in a single community is Gauchat's (1905) investigation of the patois of Charmey, in French-speaking Switzerland. (LABOV, 1972 [1963], p. 22-23)

³³ Discorrendo sobre os empecilhos impostos pela tradição linguística à sua forma de interpretar a mudança, Labov (1972 [1963], p. 19-20) destaca, além da inflexível dicotomia de Saussure – diacronia vs sincronia – a impossibilidade apontada por Bloomfield e Hockett de se analisar diretamente a mudança linguística: “Bloomfield defened the regularity of sound change against the irregular evidence of the present by declaring (1933, p. 364) that any fluctuations we might observe would only be cases of dialect borrowing. Next Hockett observed that while sound change was too slow to be observed, structural change was too fast (1958, p. 457)”.

No entanto, para provar a relação entre variação e mudança como elemento norteador do processo da mudança linguística, era necessário aceitar a variação como parte inerente do sistema linguístico, para que ela constituísse objeto de análise linguística sistemática e rompesse, definitivamente, com a visão estruturalista de que tal sistema seria o domínio da invariância. Determinar a sistematicidade da variação faz-se necessário para considerar os chamados fatores externos na análise linguística, tornando-se sistemático quando correlacionado com os fatores sociais e estilísticos. A explicação para a descoberta dos padrões que nortearam a variação na estrutura linguística foi encontrada na estratificação social e na avaliação social das variantes linguísticas, tanto no estudo de Martha's Vineyard quanto no estudo de Nova York.

Superava-se, assim, a visão estruturalista de que a análise linguística restringia os limites das relações internas ao sistema linguístico. A teoria sociolinguística afirmava que apenas a consideração desses fatores estruturais internos não era suficiente para constituir a explicação da mudança. Então, o modelo sociolinguístico de explicação da mudança quebra as fronteiras impostas pelos estruturalistas, dilatando a visão do encaixamento estrutural esboçada por Martinet (1955).

O ano-chave para a eclosão da Sociolinguística Variacionista nos Estados Unidos é 1964, com a publicação de livros de Gumperz, Labov, Hymes³⁴ e a conferência de William Bright em Los Angeles, vinda a lume dois anos depois. Para Bright, o escopo da Sociolinguística Variacionista seria “mostrar a sistemática co-variação da linguística e da estrutura social e talvez até mostrar uma relação causal numa ou noutra direção”.

Weinreich, Labov e Herzog (1968) confirmam a existência da nova teoria, trazendo seus princípios empíricos. Assim, a Sociolinguística enfrenta o desafio de tentar processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada. A sociolinguística quantitativa surgiu, então, por meio do teórico-metodológico William Labov, sociolinguista americano. Segundo Tarallo (2002, p. 7), *podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana*.

³⁴ Muito embora Gumperz e Hymes defendam outra proposta.

Entre sociedade e língua não há uma relação de mera casualidade. Quando um cidadão nasce, um mundo de signos linguísticos passa a cercá-lo, e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais a partir do momento em que, pela imitação ou associação, inicia-se a formulação de mensagens. Sons, gestos e imagens cercam a vida do homem moderno, compondo mensagens de toda ordem, transmitidas pelos mais diferentes canais. Em todos eles, a língua desempenha um papel preponderante, seja ela oral ou escrita.

Os estudos de Labov, acerca de mudança em progresso, conduziam-no a uma nova teoria da mudança. O *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, escrito por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, entre 1966 e 1968, traz, além dos estudos labovianos sobre Martha's Vineyard e dos de Nova York, os estudos de Herzog sobre a dialectologia do iídiche no norte da Polônia, e o trabalho de Weinreich no Language and Culture Atlas of Ashkenazic Jewry (WEINREICH, U. LABOV, W & HERZOG, M., 1968).

Segundo os autores há pouco mencionados, esta obra impunha nova realização analítica da língua, integrando o conjunto de realizações sociais, culturais e ideológicas³⁵. Portanto, a língua não seria um sistema homogêneo, unitário, mas um sistema heterogêneo e plural. Weinreich, Labov e Herzog (1968) reforçam a aptidão do falante em lidar com essa heterogeneidade do sistema, sem que haja um comprometimento da eficácia da comunicação linguística. Esse ajuste da competência linguística do falante em relação à heterogeneidade linguística é mostrado como empiricamente valioso à sustentação da concepção da língua, de acordo com a Sociolinguística, como bem mostram Mattos e Silva (1980/81, p. 96-97):

O fundamental dessa nova proposta se insere num entendimento novo da estrutura linguística. A especulação linguística a partir de uma visão de estrutura linguística como homogênea pelos estruturalistas e gerativistas é considerada ineficaz por não ser compatível com a realidade; para os chamados sociolinguistas americanos, a estrutura é intrinsecamente heterogênea, e heterogeneidade e estrutura não são incompatíveis, ao contrário, são necessárias para o funcionamento real de qualquer língua. Prova-se isso pela capacidade e competência do indivíduo em codificar e decodificar essa heterogeneidade. A partir dessa visão de estrutura linguística, os autores propõem que as variáveis contextuais, estilísticas, etárias, sociais se insiram nas regras de competência e não sejam consideradas como fenômeno de desempenho.

³⁵ Conjunto de relações que se atualizam nessa representação.

A Sociolinguística Variacionista, a partir do trabalho de Weinreich, Labov e Herzog (1968), destaca cinco problemas que foram reunidos e sistematizados para resolver a questão crucial da mudança linguística: o problema dos fatores condicionantes (*constraints problem*), o problema da transição (*transition problem*), o problema do encaixamento (*embedding problem*), o problema da avaliação (*evaluation problem*) e o problema da implementação (*actuation problem*)³⁶.

O primeiro problema, o dos fatores condicionantes, define que condições favorecem ou restringem as mudanças, e, conseqüentemente, apresentará um bloco de possíveis variantes linguísticas. Ao estabelecer hipóteses que possam regular as variáveis linguísticas, comprova que não existe variação livre, uma vez que esta é estabelecida por fatores sociais e estruturais.

O outro problema colocado, o da transição, foi a necessidade de definir e investigar o percurso realizado pela mudança. O tempo real seria o estudo da variante em diferentes tempos, ou seja, diacronicamente³⁷. Sincronicamente, esse estudo seria realizado em função da faixa etária dos informantes, para se alcançar a primeira dimensão histórica da análise (TARALLO, 2002).

O problema do encaixamento é fundamentado na máxima do Estruturalismo Diacrônico, de que só haveria mudança linguística quando houvesse introdução de uma variante no sistema linguístico, no qual ela se inserisse. Procura-se comprovar ou não o encaixamento linguístico e social de uma dada variável. No modelo sociolinguístico, é o encaixamento na estrutura social que revela o seu maior avanço. Por isso, a explicação dos fatos linguísticos exige um maior número de dados, compreensão escrupulosa da rede de relações sociais, onde as atividades linguísticas se atualizam. Por fim, a tarefa mais árdua é precisar a medida e o grau de intensidade da covariação entre as diferenças nos padrões sócio culturais e ideológicos e a mutação observada no processo de estruturação da língua.

Outro problema, o da avaliação, baseia-se, exatamente, na avaliação dos membros da comunidade a respeito de dada variável. Esse tratamento sociolinguístico relembra Saussure, em um princípio em que o indivíduo não aceita o processo de

³⁶ Ver também Bagno (2006, p. 121).

³⁷ Observaria uma variante hoje, e, em outro momento, a mesma variante, com os mesmos informantes; daí se saberia que direção essa variante tomou.

estruturação linguística passivamente. Essa avaliação pode ser feita por meio de comparativos em vários estilos de fala, com um cruzamento entre classes sociais analisadas, ou testes que estimulem o uso de uma dada variável pelos informantes (teste de produção) e, ainda, questionamentos sobre os indicadores e os marcadores linguísticos que não se mostram em nível de conhecimento na comunidade: a diferença entre as duas consiste no fato de determinados marcadores permitirem essa variação linguística (TARALLO 2002, p. 62).

O problema da implementação desvenda onde e quando determinada mudança ocorreu:

Em outras palavras, inicia-se o processo de investigação no momento presente; volta-se ao passado para o devido encaixamento histórico das variantes, retornando-se, a seguir, ao presente para o fechamento do ciclo de análise. (TARALLO, 2002, p. 64).

A necessidade de a investigação ter início no presente e retornar ao passado se justifica pelo princípio da uniformidade.

Segundo esse princípio, as forças que atuam no momento sincrônico presente são (ou deveriam ser) as mesmas que atuam no passado e vice-versa. Portanto uma teoria da mudança linguística deve guiar-se por uma articulação teórica e metodológica entre presente e passado e presente. (TARALLO, 2002, p. 64).

Como se observou, o problema da implementação estabelece que a mudança da língua começa quando um dos traços característicos da variação da fala se espalha por todo um subgrupo da comunidade de fala.

Neste sentido, a pesquisa sociolinguística busca sistematizar a variação. Para que isso aconteça, deve-se formar um *corpus* fundamentado em dados naturais de fala, descrever detalhadamente uma dada variável e suas respectivas variantes, estabelecer quais os possíveis fatores linguísticos e sociais que influenciam a variável, encaixar linguisticamente, avaliá-la e observar os processos de transição e implementação que a envolvem. Assim, dá-se conta da dimensão social, cultural e histórica de determinado fenômeno linguístico.

Todavia, como mostra Tarallo (2002, p. 84), a pesquisa sociolinguística não para por aqui:

Uma teoria geral de mudança linguística para ser satisfatória deverá dar conta das condições que determinam o início, a velocidade, a direção, a propagação e o término de uma determinada mudança, e, eventualmente, a partir de dados analisados de vários sistemas, generalizar o conjunto de tais condições para a mudança linguística.

Nessa perspectiva, o fenômeno de mudança linguística vai além das variadas escalas temporais. As explicações para sua ocorrência são várias, porém vieram da Sociolinguística as mais novas e eficientes propostas, que possibilitaram o estudo sistemático da diversidade linguística, correlacionando aspectos sociais e linguísticos ao fenômeno estudado. Essa sistematicidade torna-se o foco de estudos na pesquisa sociolinguística.

3 Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, tomou-se por base o modelo teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa ou modelo laboviano, tendo em vista que a heterogeneidade linguística é ordenada, isto é, passível de descrição por regras. De acordo com Naro (1992, p. 17), essas regras favorecerão ou não, variavelmente e com pesos específicos, as formas usadas em cada contexto analisado, sendo chamadas de *regras variáveis*, havendo, assim, a possibilidade de identificar uma série de categorias independentes que influenciarão na ocorrência de uma ou outra variante.

As ocorrências foram extraídas de entrevistas feitas na cidade de Sapé, um município brasileiro do estado da Paraíba, com uma área de 316,33 km², distante a 55 km da capital paraibana - João Pessoa - e a 75 km da cidade de Campina Grande, as maiores e mais importantes cidades do estado da Paraíba. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2006 sua população era estimada em 47.682 habitantes, sendo que 35.516 são moradores da zona urbana. A denominação Sapé originou-se da existência de um tipo de capim abundante na região, conhecido pelos indígenas como “Eça-pé” que significa: o que ilumina o caminho, o que dá clareza.

A cidade de Sapé é conhecida como a cidade do abacaxi, por ser um forte exportador do produto na região. Sua agricultura é predominante na economia municipal. Além da produção de abacaxi, destaca-se a de cana-de-açúcar. Tem-se também a produção, embora em menor escala, da mandioca, do feijão, do inhame e da batata-doce. Em relação ao comércio, o município denota uma tendência crescente, apesar de fatores superiores terem influenciado uma queda notável na economia sapeense.

O setor industrial é pouco desenvolvido, ainda que o município possua algumas indústrias, com destaque para Frutos Tropicais da Paraíba; a filial da Penalty, produtora de peças para confecção de tênis; e a Atacadan, produtora do açúcar Ouro Bom.

No cenário estadual e no regional, Sapé se destaca como a mais conhecida e combativa das Ligas Camponesas existentes, fundada e liderada pelo agricultor João Pedro Teixeira, como Associação dos Lavraores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé, e contava com mais de sete mil sócios.

As Ligas Camponesas foram criadas inicialmente como associações e tinham como objetivos prestar assistência social e defender direitos de arrendatários, assalariados e pequenos proprietários rurais. Tais Ligas eram voltadas para a iniciativa de ajuda mútua e passaram a atuar, no início da década de 60, como ferramentas de organização do movimento agrário, isso porque a sindicalização no campo era praticamente inexistente. A ousadia despertou a ira dos latifundiários da época a ponto de, em 1962, terem sido acusados de mandar matar João Pedro Teixeira.

A cultura sapeense também está consagrada na literatura através do poeta eleito paraibano do século, Augusto dos Anjos, filho de Sapé, nascido em 20 de abril de 1884, no Engenho Pau d'Arco.

Augusto dos Anjos recorreu a uma infinidade de termos científicos, biológicos e médicos ao escrever seus versos de excelente fatura, nos quais expressa por princípio um pessimismo atroz. A métrica rígida, a cadência musical, as aliteraões e rimas preciosas dos versos fundiram-se ao esdrúxulo vocabulário extraído da área científica para fazer do *Eu* – desde 1919 constantemente reeditado como *Eu e outras poesias* – um livro que sobrevive, antes de tudo, pelo rigor da forma.

Com o tempo, Augusto dos Anjos tornou-se um dos poetas mais lidos do país e sobreviveu às mutações da cultura e a seus diversos modismos. Vitimado pela pneumonia aos trinta anos de idade, morreu em Leopoldina em 12 de novembro de 1914.

Quanto à educação, a cidade de Sapé conta com os ensinos pré-escolar, fundamental e médio. Segundo Oliveira (2010, p. 135-136), tomando por base os principais estabelecimentos de ensino fundamental e médio, soma-se um total aproximado de 14 escolas - municipais, estaduais e privadas. Sendo que 10 localizam-se na zona urbana da cidade e quatro na zona rural, todas municipais. Em termos de percentuais, a educação local, levando em consideração todos os estabelecimentos de

ensino do município, conta com 4% de escolas que ofertam ensino médio; 46%, o ensino pré-escolar, e 57% escolas que oferecem o ensino fundamental.

A escolha desta cidade se justifica por sua importância no cenário estadual, regional e nacional. A partir daí, levantou-se, assim, nesse município, um *corpus* de língua falada que representasse a comunidade de falantes em estudo como um todo. As entrevistas³⁸ foram gravadas em situações naturais de interação social. Elas foram realizadas com base no interesse dos informantes, levando em consideração as informações presentes nos questionários anteriormente aplicados.

3.1 SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Para a seleção dos informantes, seguiu-se o modelo de amostragem aleatória, conforme falado anteriormente, e os informantes foram selecionados seguindo os seguintes critérios³⁹:

- i) Ser natural de Sapé ou morar nessa cidade desde os cinco anos de idade;
- ii) Nunca ter passado mais de dois anos consecutivos fora dessa comunidade.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Neste trabalho, priorizou-se apenas a zona urbana da cidade de Sapé (ver Fig. 1). Primeiramente, foi aplicado um questionário visando a traçar um perfil linguístico, no que concerne ao uso do apagamento da vogal postônica não final, sendo estas pessoas passíveis de serem selecionadas para as entrevistas. Uma vez aplicado o questionário, observou-se quem melhor se encaixava no perfil estabelecido pela pesquisa e voltou-se a falar com essas pessoas, preenchendo uma ficha social do informante, que serviria de base à seleção da amostragem.

³⁸ Conferir anexos 4 e 5.

³⁹ De acordo com os critérios estabelecidos pelo VALPB (Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba).



(Figura 1 – Mapa do Estado da Paraíba, focalizando Sapé)

A amostra desta pesquisa é composta por 36 informantes, sendo 18 homens e 18 mulheres da zona urbana do município. Entre esses informantes, encontraram-se pessoas que exercem as seguintes profissões: professor, pedreiro, comerciante, horticultor, motorista, bibliotecário, auxiliar administrativo, vigilante, como também senhoras do lar, aposentados e estudantes.

A seleção dos informantes seguiu o modelo da amostragem aleatória estratificada, conforme abordado anteriormente. Assim, estratificaram-se, 18 células, seguindo as variáveis *sexo*, *faixa etária* e *anos de escolarização*. Cada célula é formada por dois informantes, obedecendo à seguinte distribuição:

- i) Sexo: *masculino e feminino*
- ii) Faixa etária: *15 – 25 anos; 26 – 49 anos e 50 anos em diante*
- iii) Anos de escolarização: *Pouca escolarização até 2 anos; 6 – 8 anos e mais de 9 anos*

Ao combinar as três variáveis, tem-se, o quadro 1:

QUADRO 1 – CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES

SEXO	FAIXA ETÁRIA	ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO
1. Masculino	15 – 25 anos	Pouca até 2 anos
2. Masculino	15 – 25 anos	6 – 8 anos
3. Masculino	15 – 25 anos	Mais de 9 anos
4. Masculino	26 – 49 anos	Pouca até 2 anos
5. Masculino	26 – 49 anos	6 – 8 anos
6. Masculino	26 – 49 anos	Mais de 9 anos
7. Masculino	50 anos em diante	Pouca até 2 anos
8. Masculino	50 anos em diante	6 – 8 anos
9. Masculino	50 anos em diante	Mais de 9 anos
10. Feminino	15 – 25 anos	Pouca até 2 anos
11. Feminino	15 – 25 anos	6 – 8 anos
12. Feminino	15 – 25 anos	Mais de 9 anos
13. Feminino	26 – 49 anos	Pouca até 2 anos
14. Feminino	26 – 49 anos	6 – 8 anos
15. Feminino	26 – 49 anos	Mais de 9 anos
16. Feminino	50 anos em diante	Pouca até 2 anos
17. Feminino	50 anos em diante	6 – 8 anos
18. Feminino	50 anos em diante	Mais de 9 anos

Conforme a estratificação acima, a amostra contém 18 células sociais com dois informantes em cada uma, totalizando, assim, 36 informantes (anexo 1).

3.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada de agosto a dezembro de 2004. Um aspecto que ajudou bastante foi o fato de o entrevistador/pesquisador já ter morado nesse município, ser conhecedor dos bairros e ter certa noção de onde poder encontrar os prováveis informantes da pesquisa. Mesmo sabendo da advertência de Tarallo, quando expressa:

Seja qual for a comunidade, seja qual for o grupo, jamais deixe claro que seu objetivo é estudar a língua tal como é usada pela comunidade ou grupo. Se você inadvertidamente o fizer, ou mais grave ainda, se o fizer conscientemente, é muito provável que o comportamento de seus informantes – já prejudicado pelo uso do gravador e por sua presença – se altere ainda mais, e a pesquisa, conseqüentemente, se torne ainda mais enviesada. Procure, portanto, colocar ao informante os objetivos de sua pesquisa fora do campo da linguagem. Lembre-se também de que, sendo a língua propriedade do grupo

estudado, seus informantes poderão se sentir ameaçados e embaraçados. (TARALLO, 2002, p. 21)

Esta advertência foi, de certa forma, contrariada, já que foi levado ao conhecimento dos informantes que o pesquisador estava ali para desenvolver um trabalho para a universidade, visando à coleta de depoimentos e de conhecimento de mundo deles, uma vez que nosso tipo de entrevista não se dava por estilo livre, mas por conversa dirigida. Essa conversa dirigida acontecia logo após a fala das gravuras, sendo esta de duas formas: *inquérito fonético* (fazendo-se uso de gravuras para o surgimento das formas linguísticas que se queria observar⁴⁰) e a *leitura de palavras no texto*⁴¹ (em que se usaram frases-guias para a leitura e o aparecimento das formas linguísticas por nós observadas).

Esses dois modelos (*inquérito fonético* e *leitura de palavras no texto*) foram empregados porque as palavras proparoxítonas são menos frequentes na língua portuguesa, e, conseqüentemente, na fala dos que fazem uso dela. Como era necessário o uso dessas palavras, pelos informantes, para a criação do *corpus*, resolveu-se montá-lo conforme explicado acima, visto que registrar dados de fala natural não é tarefa fácil, pois se corre o risco de os falantes não enunciarem as palavras desejadas.

Antes de iniciar a gravação do inquérito fonético e da leitura das palavras, havia uma conversa prévia com o informante, com o preenchimento de uma segunda ficha (anexo 2), com mais alguns dados dos entrevistados. Fez-se isso conscientemente com o intuito de deixá-los mais à vontade e certos de que estavam prestando uma grande ajuda para a execução desta pesquisa.

⁴⁰ Vale esclarecer que, nessa etapa, mostrava-se um cartão com um grupo de figuras e, a partir daí, criava-se um diálogo entre o entrevistador e o informante, dando-se, então, o uso das variáveis em estudo, conforme o anexo 4.

⁴¹ Ver anexo 5.

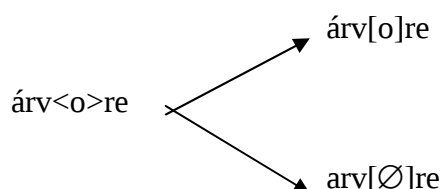
3.4 DEFINIÇÃO OPERACIONAL DA VARIÁVEL

3.4.1 Variável Dependente

A variável dependente é caracterizada pelas diferentes formas, que dependem de determinados ambientes. No caso, deste trabalho, há duas (presença ou ausência da vogal postônica não final), que correspondem a diferentes formas de se dizer a mesma coisa, num mesmo contexto, com o mesmo valor de verdade (TARALLO, 2002, p. 8). Logo, a síncope regeria a variação neste estudo.

Assim, com as proparoxítonas, tem-se o seguinte esquema de representação da variável dependente:

(44)



Para Tarallo (2002), *as variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência*. Aqui, essa relação é averiguada com a variante *árvore*, que corresponde à variante padrão vs *arvre*, considerada não padrão.

3.4.2 Variável Independente

A variável independente é tida como um conjunto de fatores que orientam a ocorrência das variáveis dependentes, a partir de comprovações de que fatores extralinguísticos (externos/sociais) e linguísticos (internos/estruturais) têm-se mostrado bastante pertinentes aos estudos variacionistas, atuando como fortes condicionadores em determinadas pesquisas. Nesta pesquisa, controlam-se três variáveis independentes, sendo três sociais (sexo, faixa etária e escolarização), uma estilística e cinco linguísticas (contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, traço de articulação da vogal, estrutura da sílaba e extensão da palavra).

3.4.2.1 Variáveis Sociais

São aquelas que levam em consideração os aspectos sócio culturais dos informantes. Segundo Tarallo (2002):

Tudo aquilo que servir de pretexto e co-texto à variável (isto é, tudo aquilo que não for estritamente linguístico) poderá ser relevante para a resolução de seu “caso”. A formalidade vs a informalidade do discurso, o nível socioeconômico do falante, sua escolaridade, faixa etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores.

Essa variável vem mostrando uma significativa influência nos estudos já realizados em algumas línguas, como o português e o inglês. Podem-se citar, por exemplo, trabalhos em português, em que fatores externos ao ambiente linguístico mostram-se relevantes nesses estudos, muitas vezes, sendo até selecionados com um alto índice estatístico, como é o caso do *enfraquecimento das fricativas sonoras* (MARQUES, 2001), a *palatalização das oclusivas dentais* (HORA, 1997), a *concordância nominal* (SCHERRE, 1988), dentre outros. A seguir, apresentam-se os três fatores sociais:

- a. Sexo;
- b. Faixa etária;
- c. Anos de escolarização.

a. **Sexo**

Fisher (1964) foi quem primeiro controlou o fator sexo, quando analisou a variação entre *-ing* e *-in* na fala de crianças de uma comunidade rural da Nova Inglaterra (EUA), mostrando a preferência dos falantes femininos pelo uso da forma de prestígio *-ing*, comprovando, assim, a sensibilidade do sexo feminino pelo uso das formas padrão e de prestígio.

Chambers (1995) apresenta duas diferenças entre homens e mulheres: pré-natal e pós-natal. A primeira está, sem dúvida, no aspecto físico e fisiológico, denominado de diferença pré-natal – genitálias diferentes, tipo sanguíneo, desenvolvimento do feto, entre outras. A segunda, a pós-natal, está relacionada aos papéis que o homem e a

mulher assumem na sociedade (i.e. o homem é o cabeça da casa, por sua vez, deve trabalhar, e a mulher fica a cuidar de casa).

Uma das questões de interesse no estudo da relação língua e sociedade diz respeito às diferenças linguísticas entre homens e mulheres. A questão é: seriam diferenças de ordem biológica ou sociocultural? As diferenças biológicas estão ligadas ao sexo, e as socioculturais são concernentes ao gênero. O sociólogo britânico Giddens (2002) define sexo como diferenças biológicas ou anatômicas entre homem e mulher, enquanto gênero diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre machos e fêmeas. A esse respeito, Beserra (2004) faz a seguinte observação:

Enquanto a maioria dos estudos sociolinguísticos tradicionais tem reportado o uso de variantes linguísticas de prestígio ao valor econômico num mercado linguístico, estudos mais recentes têm dado maior atenção às ideologias de feminilidade e masculinidade, reafirmando assim a importância do gênero para uma análise mais apurada da questão da variação.

A importância de os estudos sociolinguísticos envolverem sexo e gênero deu-se devido à forma peculiar de homens e mulheres falarem. Assim, precisamos de mais definições de diferenciação. Várias questões têm sido discutidas, como esta, por exemplo: Todas as pessoas biologicamente fêmeas desenvolvem gênero feminino? Nas perspectivas de construção social, tanto o sexo quanto o gênero são vistos como desenvolvimento de *status* social.

O sexo sempre foi apontado em diversos estudos sociolinguísticos (PEDROSA, 2000; MARTINS, 2001, MARQUES, 2001.) como um fator bastante importante, levando em consideração que é condicionante da heterogeneidade linguística. Sobre este aspecto, Silva (2001) assim se pronuncia:

É sabido que o papel social da mulher difere, em vários aspectos, do papel social do homem, que, obrigatoriamente, não necessita de afirmação social. As mulheres têm mais consciência das formas de *status* social do que os homens, além disso, são mais receptivas à atuação da norma escolar. A responsabilidade na educação dos filhos também contribui para que detenham um comportamento linguístico mais esmerado.

As mulheres são mais sensíveis à forma padrão do que os homens que, por sua vez, fazem maior uso da forma não padrão em situação estável. Mas vale deixar claro que as mulheres aceitam mais e fazem mais uso da inovação padrão; já os homens se mostram mais conservadores. A partir daí, Romaine (2000) faz a seguinte observação acerca do status dedicado pela sociedade ao gênero feminino:

As mulheres podem estar usando meios linguísticos como uma forma de obtenção de status negado a elas em outros momentos. Desde que foi negada à mulher a igualdade com o homem até onde oportunidades de emprego e educação interessam. Não há indicadores confiáveis para o status feminino ou ao status que ela almeja ter. Assim, o lugar no mercado de trabalho estabelece o valor do homem em condições econômicas, mas o único tipo de valor que a mulher pode ter é simbólico. Ela pode ser uma “boa” dona de casa, uma “boa” mãe, uma “boa” esposa, etc., com respeito às normas da comunidade para o comportamento apropriado⁴².

Em muitos estudos, as mulheres são apontadas como peças fundamentais e de grande valor no mecanismo de mudança linguística. Assim, tomando como base todas essas afirmações acerca do fator sexo, considera-se bastante relevante sua inclusão nesse trabalho. Portanto, esse fator foi extratificado da seguinte forma:

- i. masculino;
- ii. feminino.

A relação de poder entre os sexos dá margens a algumas explicações. Enfatiza-se que o comportamento feminino é mais expressivo que o masculino, numa tentativa de autoafirmação de sua posição diante da supremacia masculina em situações políticas e econômicas. Segundo Amaral (1999):

Na visão popular, as mulheres falam melhor ou mais corretamente do que os homens. Em comunidades desfavorecidas, a sensibilidade a padrões externos de correção está associada à mobilidade social ascendente. Em comunidades negras, estudantes femininas mostram maior sucesso do que os homens na escola e maior capacidade para conseguir emprego.

⁴² Women may be using linguistic means as a way to achieve status denied to them through other outlets. Since women have long been denied equality with man as far as educational of a woman's status or the status she aspired to. Thus, the market-place establishes the value of man in economic terms, but the only kind of capital a woman can accumulate is symbolic. She can be a 'good' housewife, a 'good' mother, a 'good' wife, etc., with respect to the community's norms for appropriate behavior.

Labov (1966), em seu estudo na cidade de Nova Iorque, também observou a influência da variável *sexo* e comprovou que as mulheres dão preferência às formas de prestígio. No Brasil, vários estudos também apontam para o mesmo caminho. Silva & Paiva (1996) analisaram a influência de variáveis sociais em doze trabalhos sociolinguísticos sobre o português falado na cidade do Rio de Janeiro e chegaram à seguinte conclusão: a correlação *sexo/variação*, dentro de muitos estudos sociolinguísticos, mostra que as mulheres tendem a preferir formas socialmente valorizadas. Essa tendência é frequente em situação de variação estável.

b. Faixa Etária

A *faixa etária* é um fator de grande relevância para o estudo sociolinguístico, pois é a partir dele que se torna possível o esboço do estágio que uma regra variável desempenha dentro do sistema linguístico: variação estável ou mudança em progresso. De acordo com Tarallo (2002), deve haver uma correlação das variantes ao fator idade, após análise dos fatores condicionadores internos. O autor afirma ainda que:

A relação de estabilidade das variantes (situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso...

A literatura pertinente (LUCENA, 2001; MARTINS, 2001; MARQUES, 2001) afirma que os falantes mais velhos de uma dada localidade geralmente são mais conservadores em relação à mudança ou à estabilidade de um fenômeno linguístico. Por isso, a busca para saber se os falantes de maior faixa etária mostram evidências de que esse processo (o de apagamento da postônica não final) seja característico deles. Dessa forma, estratificou-se a *faixa etária* em:

- i. de 15 a 25 anos;
- ii. de 26 a 49 anos;
- iii. de 50 anos em diante.

c. Anos de Escolarização

Para estudos que analisam o comportamento social de uma determinada comunidade, a *escolarização* é tida como um fator de grande relevância, pois distingue o estilo de fala padrão do não padrão. O estilo de fala não padrão está, de certa forma, relacionado às formas inovadoras, estigmatizadas ou não, a depender do contexto social no qual estejam inseridas. Vale salientar que as formas não padrão são, na maioria dos casos, combatidas pelas instituições educacionais, o que vem fundamentar que, quanto maior o ano de escolarização do falante, maior a sua consciência do uso da forma considerada padrão (PEDROSA, 2000; LUCENA, 2001; SILVA, 2001). Quanto à *escolarização*, traçaram-se as seguintes restrições:

- i. pouca escolarização até a 2ª série do fundamental;
- ii. de 5ª a 8ª série do fundamental;
- iii. do 1º ano do médio em diante.

Acredita-se que quanto maior for o ano de escolarização, maior será o conhecimento do falante em relação à língua por ele utilizada, sem falar que esse fator tem sido apontado, por meio de diversos estudos de língua falada, como tendo uma forte influência na escolha de uma variante em detrimento de outra. Labov (1966), estudando o inglês de Nova Iorque, observou que os falantes menos escolarizados, frequentemente, usavam mais as formas não padrão, enquanto que as formas padrão eram mais utilizadas pelos mais escolarizados. Essa é uma tendência encontrada em muitos trabalhos linguísticos quantitativos até o presente momento. Scherre (1996) aponta evidências de que a escolarização mostrou ser um fator decisivo para a atuação dos fenômenos linguísticos já estudados sobre o português do Brasil. Scherre (1996) apresenta três tendências observadas em relação à influência da escolarização sobre a forma padrão:

- a) Podem ocorrer casos em que os falantes entram na escola oscilando entre um grande e um pequeno uso da variante padrão; a escola “poda” a criança que não se amolda ao sistema de ensino. [...] Nesses casos, trata-se de variantes estigmatizadas pela escola, que chegam a ser sistematicamente corrigidas.
- b) Em outros casos, em que a maioria dos falantes entra na escola sem usar a variante padrão, esta é adquirida durante sua escolarização sem que desapareça, porém, a variante não padrão. Enquanto no primeiro ano escolar

só há indivíduos que tendem a usar a variante não padrão, os últimos anos escolares há falantes que tendem a usar ambas variantes.

c) Finalmente, uma terceira modalidade ocorre quando os falantes entram na escola apenas com a variante que se considera não padrão, mas, paulatinamente, substituem essa variante pela considerada padrão.

(SCHERRE, 1996, p. 346-349)

Em relação a *anos de escolarização*, Bezerra (2004) aponta a escola como agente direto ou indireto na modificação do comportamento linguístico dos falantes. Segundo a autora

[...] a participação da escola acaba sendo decisiva como condicionante do comportamento linguístico. O trabalho que ela faz com os alunos a fim de levá-los a falar segundo a norma culta é determinante para que eles coloquem em prática o que é passado, e mesmo aqueles que rejeitam tal norma apresentam na fala alguns traços da atuação da escola. O próprio fato de os alunos conviverem com outros de nível de escolarização superior, ou até mesmo com os professores, também é condicionante para que eles privilegiem a forma padrão. Sendo assim, os falantes analfabetos têm tendência bem maior de falar a forma não padrão, já que não têm acesso à escola, e muitas vezes, relacionam-se com pessoas de mesmo nível de escolaridade.

O fator *anos de escolarização* foi o fator social mais significativo, posto que a hipótese corrente é de que informantes mais escolarizados usam mais as formas padrão, e os não ou menos escolarizados utilizam mais as formas não padrão.

3.4.2.2 Variáveis Estilísticas

A entrevista dirigida pode ser *direta* ou *indireta*. De acordo com Chambers & Trudgill (1980), a aplicação do questionário de Gilléron por Esmond Edmont é o exemplo clássico do uso direto: uma lista com aproximadamente 1.500 itens, em que o entrevistador fazia perguntas claras a seus informantes, do tipo “Como você diz ‘cinquenta’?”. Jaberg e Jud (alunos de Gilléron), que criaram o estilo de questões indiretas, em seu levantamento de áreas de fala italiana, inovaram levando os informantes a darem respostas mais naturais a perguntas do tipo: “O que é isto?”, segurando uma xícara. Mais tarde, tanto pesquisadores americanos quanto ingleses resolveram aderir às perguntas de uma forma mais natural, colocando o questionário de lado.

Assim, usaram-se gravuras, em que os informantes só teriam um tipo de resposta, e eles eram interrogados da seguinte forma: “O que temos nesta ficha?” [Mostra-se uma figura de uma árvore] (logo, árvore será a resposta!).

Há críticas sobre essa técnica para levantamentos de dados, porque eles resultam de um estilo cuidadoso de fala do informante. Sabe-se que estilos mais casuais aumentam a ocorrência de acentos regionais e vocábulos simples. Daí se colocarem várias figuras⁴³ em cada ficha, para promover uma maior espontaneidade por parte do informante.

Apesar de muito parecida com a mencionada anteriormente, a leitura de palavras em frases nos dá noção de uma entrevista mais formal. Ou seja, o informante lê as palavras que queremos que ele pronuncie, não de forma solta, mas inseridas em frases, como: “*Todo sábado, um bêbado pacífico frequentava um círculo católico, embaixo de uma árvore, numa chácara*”. Dessa forma, o informante pronunciava as palavras proparoxítonas sem perceber que elas eram o nosso verdadeiro objeto de estudo.

A primeira parte, a entrevista dirigida, consistiu de 18 fichas, onde havia um total de 83 possíveis palavras a serem pronunciadas. A maioria das palavras era de uso cotidiano dos informantes. Para evitar certa tensão, apenas perguntávamos: “O que temos nesta ficha?”. Daí o informante falava o que viesse em mente e, caso não aparecesse o vocábulo que estávamos esperando, fazíamos uma pergunta na qual, possivelmente, ela surgiria. Assim, os informantes ficavam do modo mais natural possível durante o transcorrer da entrevista. Ao término da leitura das gravuras, era feito um questionário com 16 perguntas⁴⁴, cujas respostas eram precisas, como: “Qual o dia da feira em Sapé?” (Sábado).

Na segunda parte, a coleta de dados deu-se através de 10 frases, que os informantes liam. No meio delas, estavam as palavras proparoxítonas, que eram observadas. Por exemplo: “A *prática* de esporte, segundo meu *médico*, faz bem ao *músculo* e ao *cérebro*. Nos faz perder a aparência *tísica* e melhora nosso estado de *espírito*”

⁴³ Cf. Anexo 4.

⁴⁴ Cf. Anexo 5.

Para que este trabalho tivesse sucesso e credibilidade, apostou-se na qualidade do *corpus* selecionado. A coleta desses dados foi feita de modo direcionado, uma vez que os vocábulos aqui trabalhados são de difícil ocorrência, pela sua escassez na língua portuguesa. Tomaram-se por base, então, dois tipos de coletas: o *inquérito fonético* e a *leitura de palavras no texto* (onde havia um grande número de palavras proparoxítonas).

a) inquérito fonético

b) leitura das palavras no texto⁴⁵.

O uso dessas duas formas de entrevista apenas teve o objetivo de assegurar um número satisfatório de palavras proparoxítonas, devido à sua ausência, conforme mencionado acima.

3.4.2.3 Variáveis linguísticas

Ao se falar em variáveis linguísticas, tomou-se por base a reunião de fatores estruturais que, por sua vez, podem condicionar a escolha e/ou o uso de uma dada variante. Neste estudo, essa variável está intrinsecamente ligada ao domínio da fonologia.

No estudo da vogal postônica não final, a preocupação é verificar o motivo dessa síncope, isto é, que fonema, em particular, faz com que haja essa supressão. A noção de direcionalidade é de suma importância neste estudo, pois é a partir dele que se pode dizer se um fonema tem maior afinidade com o som que o precede ou que o antecede (KATAMBA, 1993). Neste trabalho, observar-se-á a circunvizinhança da vogal postônica não final, objetivando descrever que elemento mais se afina com o seu enfraquecimento e em que posição ele se encontra (se precedente ou seguinte ao segmento analisado).

Definiram-se, então, cinco grupos de fatores linguísticos:

⁴⁵ Cf. anexo 3.

- a) Contexto fonológico precedente;
- b) Contexto fonológico seguinte;
- c) Traço de articulação da vogal;
- d) Estrutura da sílaba tônica;
- e) Extensão da palavra.

a. Contexto Fonológico Precedente

Em muitas pesquisas sociolinguísticas (AMARAL, 1999; MARTINS, 2001; MARQUES, 2001), de cunho laboviano, esse fator tem se mostrado bastante relevante e, neste estudo, mais ainda, tendo em vista que *contexto fonológico precedente* vem a desempenhar certo efeito na variável em estudo, principalmente quanto ao ponto de articulação. Daí a seleção desse fator para a análise dos dados. Serão observados os seguintes contextos:

- i. oclusiva (xí**c**ara)
- ii. fricativa (ár**v**ore)
- iii.nasal (estô**m**ago)
- iv.líquida vibrante (espí**r**ito)
- v. líquida lateral (parabó**l**ica)

b. Contexto Fonológico Seguinte

A síncope de segmentos que precedem as líquidas *r* e *l* é de tradição histórica, sem falar que essa variável tem sido relevante em alguns trabalhos variacionistas (GUY, 1981; MAGY & REYNOLDS, 1997). Devido a essa ideia, resolveu-se verificar a influência do segmento consonantal seguinte à postônica não final nesse processo de supressão. Nessa variável, analisar-se-ão os seguintes contextos:

- i. líquida vibrante (pá**s**saro)
- ii. líquida lateral (pé**r**ola)
- iii.não líquida (mé**d**ico)

c. Traço de Articulação da Vogal

Com a seleção desse fator, quer se verificar se o *traço de articulação das vogais*, ou seja, se os traços de pontos ativados para a realização das vogais (AMARAL, 1999) promovem alguma influência sobre o apagamento das postônicas não finais, objeto desta pesquisa. Para isso, serão analisados os contextos:

- i. labial (fós**fo**ro)
- ii. dorsal (másc**ar**a)
- iii. coronal (fís**ic**o)

d. Estrutura da Sílabas Tônicas

Espera-se, com esse fator, investigar a qualidade da sílaba (AMARAL, 1999; LUCENA, 2001), isto é, se a sílaba anterior *leve* (aberta) ou *pesada* (fechada) propicia ou não a supressão da sílaba postônica não final. A sílaba é *leve* quando for terminada em vogal, e *pesada*, em consoante.

- i. leve (fí**.ga**.do)
- ii. pesada (mús**.cu**.lo)

e. Extensão da Palavra

Para ser considerado proparoxítono, um vocábulo deve ter, pelo menos, três sílabas. Assim, resolveu-se observar se a *extensão das palavras* proparoxítonas também exerceria algum papel de destaque no apagamento da postônica não final. Esse fator se fez relevante em alguns trabalhos, como o de Martins (2001), Amaral (1999) etc.

- a) 3 sílabas (úl**.ce**.ra)
- b) 4 sílabas (re**.tân**.gu.lo)

3.5 LEVANTAMENTO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Os dados foram levantados a partir de *entrevistas dirigidas* e *inquérito fonético*, feitos com o uso de um gravador digital (MD). Após as gravações, passou-se todo o conteúdo dos minidiscos para CDs, que facilitaram bastante o manuseio e o trabalho de escuta, e, conseqüentemente, a respectiva transcrição do material coletado. Com os dados transcritos, analisaram-se as ocorrências do fenômeno variável, com a aplicação ou não da regra, no contexto em que se encontravam inseridas. Em seguida, estes dados foram armazenados, acompanhados da codificação, de acordo com os fatores investigados, visando ao uso do pacote de programas do VARBRUL, utilizado para fazer a análise estatística dos dados.

3.6 MÉTODO DE ANÁLISE: O PROGRAMA VARBRUL

De posse da amostra de dados, transcrita, armazenada e codificada, os dados foram digitados num arquivo de texto (.txt), com seus códigos para submetê-los, então, à análise, usando os programas apropriados do pacote VARBRUL.

Vários outros modelos estatísticos foram desenvolvidos para a verificação dos estudos linguísticos variacionistas. O que teve verdadeiro destaque, no entanto, foi o modelo introduzido por Rousseau & Sankoff (1978). Baseado nesse modelo estatístico, Sankoff desenvolveu um programa computacional para pesquisas variacionistas, que foi posteriormente adaptado aos microcomputadores do tipo IBM, por Susan Pintzuk, em 1988 e 1992, passando a denominar-se VARBRUL 2S, programa computacional utilizado para análise dos dados nesta pesquisa.

O pacote de programas VARBRUL é constituído de um conjunto de programas ordenados, denominados de: CHECKTOK, READTOK, MAKECELL, IVARB, TVARB, MVARB. Os três últimos variam de acordo com a quantidade de células a serem verificadas. O CROSSTAB, o TEXTSORT e o TSORT são programas auxiliares que também fazem parte do pacote e operam no tratamento dos dados.

Tomando por base uma escala de valores entre 0 e 1, o modelo binário estabelece que o ponto neutro é de 0.50. Da mesma forma, valores acima de 0.50 são

interpretados como favorecedores à aplicação da regra; abaixo de 0.50, como inibidores. O peso relativo 0.50 indica que há uma possibilidade de que o fato ocorra 50 vezes em cada 100 casos. Nesse sentido, é válida esta observação feita por Silva (2001):

Mesmo sendo o programa computacional bastante importante na verificação estatística dos fenômenos variáveis, cabe direta e irrestritamente ao pesquisador coletar, codificar, armazenar, estabelecer os grupos de fatores que condicionam a ocorrência do fenômeno em estudo e analisar os dados, com base na teoria variacionista. A função do programa computacional no processo de análise é de caráter coadjuvante, cabendo ao pesquisador o conhecimento necessário de todo o processo para a interpretação dos resultados.

No próximo capítulo, o da Análise Estatística e Discussão dos resultados, serão abordadas as teorias que norteiam este objeto de estudo: a ressilabação no apagamento da vogal postônica não final nos falantes da cidade de Sapé-PB.

4 Análises

4.1 ANÁLISE ESTATÍSTICA DA SÍNCOPE

Analizou-se um total de 3.590 dados de fala da comunidade de Sapé-PB, referentes ao apagamento das vogais postônicas não finais nos vocábulos proparoxítonos, evidenciando os resultados estatísticos de sua ocorrência e especificando os fatores que a favorecem. Aqui, apresentar-se-ão as variáveis mais favorecedoras ao processo de apagamento da vogal postônica não final.

Da totalidade dos dados obtidos para esta pesquisa, 30% sofreram o processo de apagamento, e 70%, não, como mostra o quadro que segue:

TABELA 1 – APAGAMENTO/PRESENÇA DA VOGAL POSTÔNICA MEDIAL

PROCESSOS	Aplicação/ Total	%
Apagamento	1077/3590	30%
Presença	2513/3590	70%

A partir da obtenção desses números, foi possível trabalhar sobre a aplicação e chegou-se aos fatores que mais propiciam o processo em questão. Pautando-se em Silva (2006)⁴⁶, serão apresentados aqui os resultados, por ordem de significância, para que se possa ter uma visão mais acurada e ampla destes resultados e se possa então traçar um comparativo com outros estudos já realizados, em outras partes do país, acerca do fenômeno em estudo.

⁴⁶ Cita-se Silva (2006), porque usou-se os dados colhidos naquele momento, para a confecção de sua dissertação. Ambas as pesquisas utilizam o mesmo *corpus*, porém a atual vai mais além do que a de (2006), já que não só refaz o estudo Sociolinguístico, como também faz uso da Teoria da Fonologia para explicar o fenômeno de apagamento da vogal postônica não final.

As análises estatísticas foram realizadas em três níveis, observando-se os fatores: sociais, estilísticos⁴⁷ e linguísticos. Neste estágio, serão mostrados os fatores que mais e os que menos contribuíram para o efeito da síncope⁴⁸. Durante a análise dos fatores sociais, serão feitos cruzamentos entre eles para melhor interpretação dos dados e, conseqüentemente, melhor apreciação dos resultados.

O VARBRUL não eliminou nenhum dos fatores anteriormente elencados na metodologia. Dessa forma, passemos à sua apreciação.

4.1.1 Fatores Sociais

De fundamental importância para os estudos sociolinguísticos, as variáveis sociais são consideradas condicionadoras do comportamento linguístico do falante. O ambiente em que o indivíduo vive, as pessoas com as quais interage, o seu nível escolar, tudo isso corrobora sua forma peculiar de falar.

Dados relevantes em pesquisas sociolinguísticas já foram levantados sobre a fala do brasileiro. Na literatura sociolinguística, é apontado que falantes do sexo feminino fazem uso da variante padrão, o que lhes confere um status em seu ambiente social (prestígio encoberto). De acordo com Rommaine (2000), isso seria uma *demonstração de sua impotência na esfera pública, reflexo de sua subordinação em relação ao homem*. Aqui, os falantes de faixa etária e de nível de escolarização mais elevados também aparecem como detentores de padrão.

Apresentar-se-á, neste momento, o grupo de fatores que tiveram a maior e a menor relevância no processo em estudo. Observou-se que os fatores sociais, antes mencionados, exercem uma influência bem significativa no processo de variação que envolve o apagamento da vogal postônica não final em vocábulos proparoquitos. Todos os fatores sociais foram selecionados como relevantes para o fenômeno linguístico em estudo (sexo, faixa etária e anos de escolarização). Porém o resultado mais significativo foi em relação ao fator *anos de escolarização*, que veio confirmar as

⁴⁷ Como ficou próximo ao ponto neutro, resolvemos não apresentar os resultados referente a este fator.

⁴⁸ Os resultados aqui apresentados foram mostrados em Silva (2006). Aqui eles serão reapresentados, de modo breve, porém acrescidos de comparações com outros estudos realizados em outras regiões do Brasil, como os de Lima (2008), no sudoeste goiano, e Ramos (2009), no noroeste paulista. Para uma visão mais acurada e ampla destes resultados, ver Silva (2006).

hipóteses. O fator *sexo* foi o último selecionado, mostrando-se pouco influenciador no processo de apagamento da vogal em estudo.

Passar-se-á, então, à descrição detalhada dos resultados dessas variáveis, salientando que aqui será apresentado apenas o resultado mais favorecedor e o menos favorecedor⁴⁹.

4.1.1.1 Anos de Escolarização

O fator social *escolarização* foi selecionado pelo VARBRUL como sendo o mais relevante para a aplicação da redução da vogal postônica não final, assim como também aconteceu nos trabalhos, de mesmo tema, realizados por Amaral (1999), na zona rural da cidade de São José do Norte - RS; por Lima (2008), no sudoeste goiano; e, por Ramos (2009), no noroeste paulista.

Anos de escolarização foi o fator social mais significativo, o que vai ao encontro da hipótese corrente, de que informantes mais escolarizados usam mais as formas padrão, e os não ou menos escolarizados utilizam mais as formas não padrão.

Utilizaram-se, nesta pesquisa, apenas três grupos de escolarização: Pouco escolarizado a dois anos de escolarização, 6-8 anos e de 9 anos em diante. Esta distribuição foi realizada pela necessidade de restringir a amostra, já que os dados foram coletados de forma mais diretiva.

Por meio da tabela abaixo, pode-se ter acesso aos resultados estatísticos acerca do apagamento das postônicas não finais.

⁴⁹ Em Silva (2006), há um maior detalhamento desses resultados, já que naquele momento, fez-se um estudo mais sociolinguístico. Dessa forma, não se repetirão aqui tais resultados.

TABELA 2 - ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO (Apagamento da vogal postônica medial)

ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO	Aplicação/ Total	%	PR
0 – 2 anos	364/781	46%	.71
6 – 8 anos	304/1250	24%	.45
Mais de 9 anos	378/1559	24%	.43

Input: 0.25

Significância: 0,015

Ao analisar este fator, percebe-se que, à medida que esses informantes vão elevando seu grau de instrução, vão utilizando menos a variante não padrão, preferindo, assim, o uso da considerada padrão. Observou-se também que, em termos de porcentagem, os informantes de 6-8 anos (24%) e mais de nove anos de escolarização (24%) se equiparam. Eles mantêm-se um pouco distanciados no que se refere ao peso relativo, respectivamente (.45) e (.43).

Com base nos dados expostos acima, pode-se supor que os falantes do ensino médio e os universitários aplicam menos a regra de simplificação da vogal postônica não final. Dessa forma, privilegiam o uso da variante padrão, não sincopada, ou seja, tendem a apagar menos do que aqueles que nunca foram à escola ou foram até a 2ª série, no máximo. Confirmou-se, assim, a hipótese de que o fator anos de escolarização tem um papel importante na preservação da forma padrão das palavras.

Observou-se, na tabela 2, que há uma correlação inversa entre escolaridade e síncope, isto é, quanto mais anos de escolarização, menos apagamento. Este resultado era esperado, porque a maior parte da população deste município é formada por pessoas cujo trabalho não necessita de muita escolaridade, como: comerciantes e agricultores. Uma menor parte da população estudou até o ensino médio, e alguns poucos buscaram o ensino superior em cidades vizinhas e/ou na capital, já que, no município, não há nenhuma universidade.

Trabalhos realizados acerca deste fenômeno em outras localidades, revelam que, dentre os fatores extralinguísticos, dois dos três trabalhos apresentaram a *escolaridade* como o de maior expressividade. Apenas o trabalho de Ramos (2009) fugiu à regra, pois

apresentou *faixa etária* como sendo a mais relevante ao estudo do apagamento da vogal postônica não final. Mesmo havendo uma pequena divergência entre o trabalho de Silva (2006), o de Amaral (1999) e o de Lima (2008), em relação à escolaridade⁵⁰, foi possível traçar um paralelo entre os trabalhos aqui comparados, chagando-se aos seguintes resultados, em termos numéricos, para cada pesquisa realizada:

TABELA 3 - ANOS DE ESCOLARIZAÇÃO (Paralelo entre pesquisas anteriores)

PESQUISAS	Anos de Escolarização	Aplicação/ Total	%	PR
Amaral (1999)	0 – 4 anos	269/926	29%	.60
Silva (2006)	poucos – 2 anos	364/781	46%	.71
Lima (2008)	0 – 4 anos	234/503	46%	.78

Com base nos dados expostos acima, pode-se entender que os falantes do ensino médio e os universitários aplicam menos a regra de simplificação da vogal postônica não final, privilegiando, assim, o uso da variante padrão, não sincopada, ou seja, tendem a apagar menos do que aqueles que nunca foram à escola ou foram até a 2ª série, no máximo. Confirmou-se, assim, a hipótese de que o fator *anos de escolarização* tem um papel importante na preservação da forma padrão das palavras.

Observa-se, na tabela 3, que há uma ocorrência maior do apagamento da postônica não final, estabelecendo uma proporção inversa em relação à escolaridade, i. é, quanto maior o ano de escolarização, menor o uso desse apagamento.

4.1.1.2 Sexo

Na maioria das pesquisas linguísticas existem duas tendências referentes à diferenciação do *sexo*. A primeira diz que, em situações estáveis, os homens usam as

⁵⁰ As coletas de dados de Silva (2006), Amaral (1999) e Lima (2008) foram observadas de forma distinta: Silva tem informantes com poucos anos de escolarização até dois anos; enquanto que as demais pesquisadoras têm informantes de zero a quatro anos de escolarização. Porém foi viável realizar tal paralelo entre as pesquisas, uma vez que as variáveis se assemelham, no que tange à baixa e à alta escolarização, já que se observaram, em ambos os trabalhos, pessoas com menor e maior escolarização.

formas não padrão com maior frequência; a segunda que, em situações de mudança linguística, as mulheres utilizam bem mais as formas inovadoras.

Os resultados de Lima (2008) e de Amaral (1999), bem como os resultados aqui obtidos, confirmam a literatura acerca desse fator, conforme visto acima. As mulheres são as mais favorecedoras ao uso das variantes padrão. Isso significa que, seguindo o raciocínio de Amaral, se a variação não representar mudança em andamento, as mulheres farão mais uso da norma padrão do que os homens.

TABELA 4 – SEXO (Apagamento da vogal postônica não final)

SEXO	Aplicação/ Total	%	PR
Homem	558/1790	31%	.53
Mulher	488/1800	27%	.47

Input: 0.25

Significância: 0,015

Os resultados obtidos mostram que os falantes do sexo masculino utilizam mais a variante não padrão, ou seja, fazem maior apagamento da vogal postônica não final em vocábulos proparoxítonos (.53), e os falantes de sexo feminino favorecem a forma padrão, isto é, não fazem o apagamento desses vocábulos (.47).

A hipótese levantada neste trabalho é de que as mulheres teriam o maior índice de aplicação da forma não sincopada, ou seja, a hipótese de que a mulher seria detentora da forma padrão foi confirmada. A tabela mostra que os falantes do sexo masculino utilizam mais a variável não padrão, ou seja, fazem maior apagamento da vogal postônica não final em vocábulos proparoxítonos (.53), e os falantes de sexo feminino favorecem a forma padrão, isto é, realizam menos síncope nesses vocábulos (.47).

Vê-se, então, que não há grande diferença entre os fatores da variável sexo em nossos dados. Nesse caso, o sexo não desempenha um papel muito significativo, posto que os resultados, um tanto próximos do ponto neutro, parecem indicar que esse fator pouco interfere na aplicação do fenômeno aqui estudado.

Para uma comparação com outros trabalhos realizados em diversas regiões do Brasil (sul, centro-oeste, sudeste e nordeste), pode-se observar que os trabalhos apresentaram praticamente o mesmo resultado em se tratando da variável *sexo*, tal como foi previsto, tanto neste estudo quanto no de Amaral (1999) e no de Lima (2008). Vale lembrar que, no trabalho de Ramos (2009), tal variável não foi selecionada como sendo relevante.

A hipótese levantada pelos pesquisadores foi a de que os informantes de *sexo* masculino aceitariam mais o fenômeno de apagamento das vogais postônicas não finais em palavras proparoxítonas.

Os resultados de Lima (2008) e de Amaral (1999), bem como os resultados aqui obtidos, confirmam a literatura acerca desse fator: as mulheres são as mais favorecedoras ao uso das variantes padrão. Isso não significa que, seguindo o raciocínio de Amaral, se a variação não representar mudança em andamento, as mulheres farão mais uso da norma padrão do que os homens. A partir desse resultado, a hipótese levantada confirma-se!

TABELA 5 – SEXO (Paralelo entre Pesquisas Anteriores)

PESQUISAS	Sexo	Aplicação/ Total	%	PR
Amaral (1999)	masculino	224/863	26%	.56
Silva (2006)	masculino	558/1790	31%	.53
Lima (2008)	masculino	247/861	28%	.53

Como se pode ver, não há grande diferença entre o fator *sexo* nos trabalhos apresentados. Nesse caso, esse fator pode não desempenhar um papel muito significativo, posto que os resultados, próximos do ponto neutro, parecem indicar que ela pouco interfere na aplicação do fenômeno aqui estudado.

4.1.1.3 Faixa Etária

Neste trabalho, a *faixa etária* foi selecionada como a segunda mais relevante no que concerne à variável social. Nas pesquisas de Amaral (1999) e de Lima (2008) esta variável sequer foi selecionada. Já para Ramos (2009), foi tida como a mais importante no apagamento da vogal postônica não final. Segundo esta última autora, os informantes de 36 a 55 anos são as que tendem a realizar o processo de supressão, com um peso relativo de (.75).

Estes resultados mostram que, para a variedade em estudo, observa-se a tendência a uma estabilidade entre as variantes aplicação e não aplicação do processo de apagamento da postônica não final.

4.1.1.4 Cruzamento Entre os Fatores Sociais

Para melhor entender o que ocorreu com os dados de Sapé, optou-se por fazer uma segunda rodada dos dados, cruzando os fatores sociais, com o intuito de melhor observar onde o apagamento da vogal postônica não final era mais recorrente.

O cruzamento mais relevante para o programa VARBRUL foi entre as variáveis *faixa etária* e *escolarização*. Esses resultados podem ser confirmados na tabela 6:

TABELA 6 – CRUZAMENTO ENTRE FAIXA ETÁRIA E ESCOLARIZAÇÃO (Apagamento da vogal postônica não final)

ESCOLARIZAÇÃO	FAIXA ETÁRIA					
	15 - 25 anos		26 - 50 anos		Mais de 50 anos	
	Aplic/Total	Freq.	Aplic/Total	Freq.	Aplic/Total	Freq.
Pouco a 2 anos	93/335	27%	152/265	57%	119/181	65%
5 a 8 anos	79/459	17%	132/438	30%	93/353	26%
Mais de 9 anos	103/477	21%	108/482	22%	167/600	27%

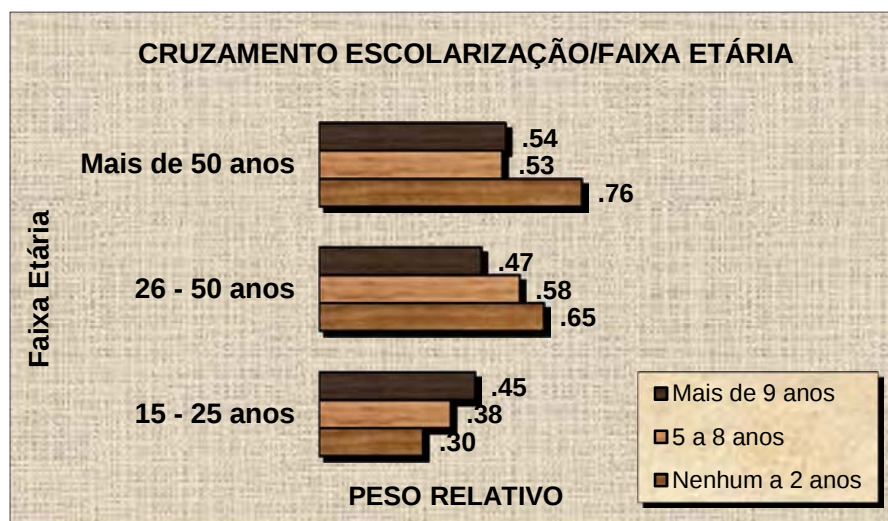
Esse cruzamento comprova que os idosos (mais de 50 anos) analfabetos e/ou com pouca escolaridade (pouca escolaridade a 2 anos) são os que mais apagam a vogal postônica não final, com peso relativo de **(.76)**; em seguida, vêm os dos adultos (26 - 50 anos), também analfabetos (de pouca escolarização a 2 anos), que têm um total de **(.65)** no peso relativo. Os adultos (26 a 50 anos / de 5 a 8 anos de escolaridade) aparecem logo em seguida com peso relativo de **(.58)**.

Os idosos (mais de 50 anos) com ensino médio e superior (mais de 9 anos) se equiparam àqueles (mais de 50 anos) com ensino fundamental (de 5 a 8 anos de escolaridade). Eles têm praticamente a mesma frequência de ocorrência, respectivamente, **27%** e **26%** e peso relativo bastante próximo também **(.54)** e **(.53)**, respectivamente). Logo em seguida, aparecem os jovens (15 - 25 anos) não e/ou pouco escolarizados (pouca escolaridade a 2 anos), com uma frequência de **27%** e **(.30)** de peso relativo.

Os adultos (26 - 50 anos) e os jovens (15 - 25 anos) com ensino médio e superior (mais de 9 anos) também se equiparam. Ambos têm praticamente a mesma frequência de aplicação da regra de supressão da vogal postônica não final, com o valor de **22%** e **21%**, respectivamente, e peso relativo também próximo de **(.47)** e **(.45)**.

Logo, são os jovens (15 - 25 anos) com ensino fundamental (de 5 a 8 anos de escolaridade) os grandes detentores da forma padrão, ou seja, são eles que menos fazem uso da regra de redução da vogal postônica não final. De acordo com o programa, eles aparecem com **17%** da frequência e com peso relativo de **(.38)**. Podem-se observar melhor os resultados obtidos no gráfico 1:

GRÁFICO 1 – CRUZAMENTO ENTRE FAIXA ETÁRIA E ESCOLARIZAÇÃO (Apagamento da vogal postônica não final)



Acredita-se que o fenômeno acima descrito ocorre pelo fato de que esses jovens têm de manter o uso padrão uma vez que ainda estão engajados nas atividades escolares, havendo assim uma preocupação com vestibulares, concursos e uma série de atividades acadêmicas a serem seguidas. Já com os idosos, o uso freqüente da forma não padrão ocorre pelo fato de serem aposentados, ou seja, não exercem mais suas atividades profissionais. Isso proporciona mais flexibilidade e liberdade à forma que empregam no ato de comunicação.

O segundo cruzamento tomado como relevante foi entre *sexo* e *faixa etária*. Nesse cruzamento, a hipótese de que as mulheres seriam as maiores detentoras da forma padrão não se confirma completamente, pelo menos em se tratando das não escolarizadas ou com pouca escolaridade, porquanto são elas que mais realizam o fenômeno aqui observado. Já nas demais categorias, as mulheres se sobressaem aos homens. Com a tabela que segue a visualização torna-se mais clara:

TABELA 7 – CRUZAMENTO ENTRE SEXO E ESCOLARIZAÇÃO
(Apagamento da vogal postônica não final)

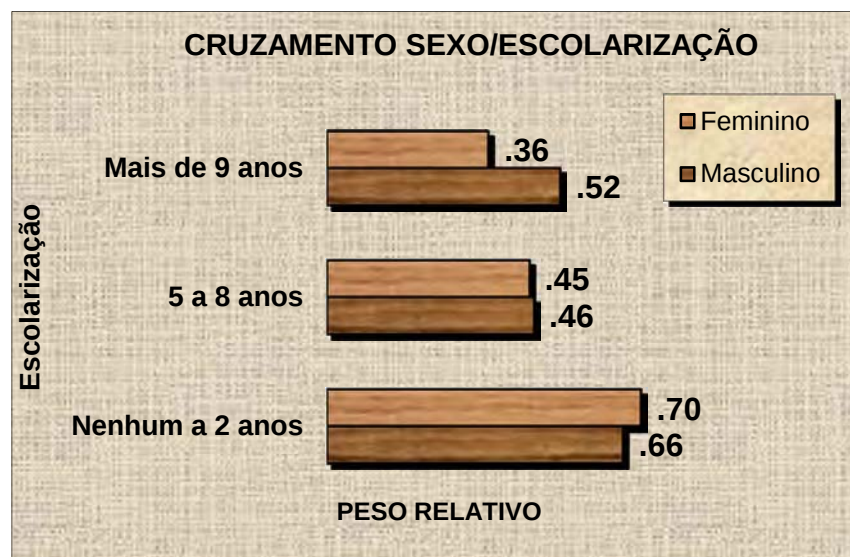
ESCOLARIZAÇÃO	SEXO			
	MASCULINO		FEMININO	
	Aplic/Total	Freq.	Aplic/Total	Freq.
Pouca a 2 anos	176/397	44%	188/384	48%
5 a 8 anos	140/570	24%	164/680	24%
Mais de 9 anos	242/823	29%	136/600	18%

As mulheres analfabetas e/ou com poucos anos de escolarização (de pouca escolaridade a 2 anos) são as maiores usuárias das formas sincopadas, com o maior peso relativo (.70) em relação aos demais entrevistados. Em seguida, vêm os homens, também analfabetos, e/ou com poucos anos de escolarização, que apresentam o peso relativo de (.66). Como comentado no item anterior, acredita-se que a explicação para essa frequência acentuada nos idosos esteja no fato de já serem aposentados e estarem afastados de suas atividades profissionais, não mais necessitando fazer um monitoramento de sua fala.

Fato interessante ocorre com os que cursaram o ensino fundamental (de 5 a 8 anos de escolaridade). Sejam homens ou mulheres, eles têm o peso relativo bastante próximo, respectivamente (.46 e .45), o que também vem comprovar nossa tese de que os pertencentes a essa camada escolar tendem a manter o uso padrão, porquanto ainda vivem e respiram a escola e se preparam para alcançar seus objetivos de vida, o que depende do uso da forma padrão.

Quanto àqueles informantes com o maior nível de escolaridade - os que cursaram o ensino médio e o superior (mais de 9 anos) - ocorre um fato bastante relevante, que comprova a hipótese de que as mulheres são as maiores detentoras desse fenômeno. Aqui os homens surgem como sendo os grandes favorecedores das formas sincopadas, pois aparecem com (.52), e as mulheres, tendem ao uso padrão, com (.36), firmando-se, assim, como as maiores detentoras da forma padrão.

GRÁFICO 2 – CRUZAMENTO ENTRE SEXO E ESCOLARIZAÇÃO
(Apagamento da vogal postônica não final)



Esse gráfico mostra em peso relativo o resultado obtido com o cruzamento aqui realizado. Mais uma vez, observa-se que as mulheres com maior nível de escolaridade são as maiores detentoras da forma padrão e, as que detêm menor escolarização são as maiores usuárias da forma não padrão.

Após a rodada de cruzamento, com o apoio do VARBRUL, foi possível detectar que o cruzamento realizado entre as variáveis *sexo* e *faixa etária* é menos significativo. Os resultados obtidos foram bastante próximos, tanto em relação à frequência quanto ao peso relativo, como se pode ver na tabela abaixo:

TABELA 8 – CRUZAMENTO ENTRE SEXO E FAIXA ETÁRIA
(Apagamento da vogal postônica não final)

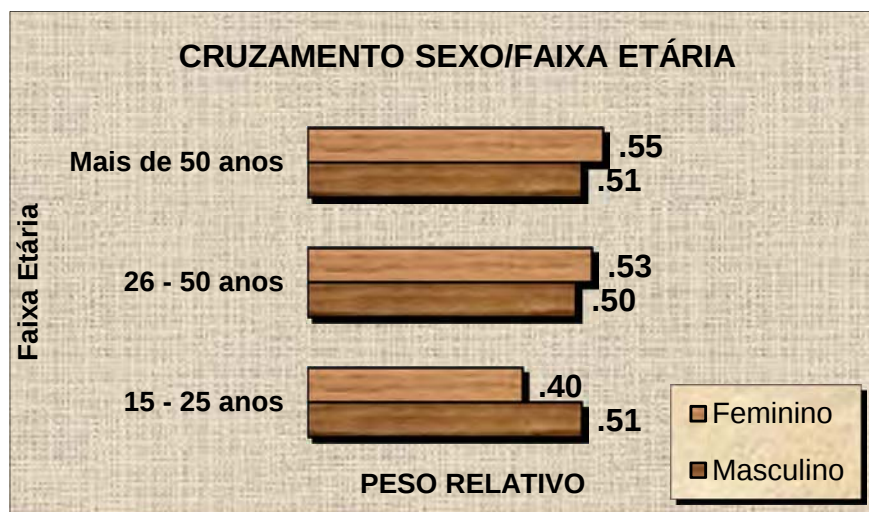
FAIXA ETÁRIA	SEXO			
	MASCULINO		FEMININO	
	Aplic/Total	Freq.	Aplic/Total	Freq.
15 - 25 anos	168/649	25%	107/622	17%
26 - 50 anos	204/619	32%	188/566	33%
Mais de 50 anos	202/575	35%	177/559	31%

Os percentuais de frequência estão bastante próximos e confirmam os resultados e as hipóteses anteriormente mencionados. Aqui os homens mais velhos (com mais de 50 anos) são os maiores realizadores do apagamento da postônica não final em vocábulos proparoxítonos, com frequência de 35%. E esse valor, em comparação com as mulheres de mesma faixa etária, não está muito distante, já que a frequência referente a elas é de 31%. No que concerne ao peso relativo, homens e mulheres também estão bastante próximos. Vale, no entanto, ressaltar que, quando comparado o peso relativo entre eles, (.51), para os homens e (.55) para as mulheres, elas se destacam como maiores usuárias da forma não padrão.

Em relação aos adultos, os resultados referentes à frequência foram muito parecidos, os homens, com 32% e as mulheres, com 33%. Porém, quando visto o peso relativo acerca desse cruzamento, constatou-se uma pequena diferença, mas que não chega a ser tão significativa. Nessa perspectiva, o peso relativo das mulheres foi de (.53), e dos homens, de (.50). Percebemos, aqui, a partir do peso relativo entre eles, um maior uso da variável padrão por parte dos homens e, em contrapartida, um uso maior da variável não padrão pelas mulheres, o que mantém ainda os homens como maiores usuários do uso da norma padrão.

Quanto aos jovens – os que menos fazem uso da regra de apagamento da vogal postônica não final em proparoxítonas – os valores também são bastante próximos. Mas, aqui, os homens é que aparecem como maiores usuários da síncope. Os resultados para a frequência foram os seguintes: homens, com 25%, e mulheres, com 17%. Essa diferença também é visível quando observado o peso relativo nesse cruzamento. As mulheres permanecem com o menor valor de uso da variável não padrão (.40), e os homens, com (.51). Para melhor exposição dos pesos relativos, expõe-se abaixo o gráfico 4, com os valores referentes ao peso relativo nesse cruzamento:

GRÁFICO 3 – CRUZAMENTO ENTRE SEXO E FAIXA ETÁRIA
(Apagamento da vogal postônica não final)



A partir desse gráfico, observa-se que os valores estão bastante próximos, com exceção dos valores referentes aos jovens, que apresentam maiores nos valores em relação às demais faixas etárias.

4.1.2 Fatores Linguísticos

Nesta seção, apresentar-se-á o resultado mais e o menos expressivo dentre todas as variantes linguísticas pertinentes a este estudo, porquanto o pacote de programas VARBRUL selecionou como relevantes todas as variáveis. Aqui também serão colocadas algumas interpretações que podem explicar o comportamento da variável dependente em relação a cada fator selecionado.

4.1.2.1 Contexto Fonológico Seguinte

Entre os grupos de fatores linguísticos, o contexto fonológico seguinte foi selecionado pelo programa como sendo o mais relevante. O resultado é muito significativo. O *contexto fonológico seguinte* foi dividido em: *líquida vibrante*, *líquida lateral* e *não líquidas*, conforme a tabela 9 e obteve-se o seguinte resultado:

TABELA 9 – CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE (Apagamento da vogal postônica medial)

CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE	Aplicação/ Total	%	PR
Líquida Vibrante	288/707	40%	.63
Líquida Lateral	221/557	55%	.84
Não Líquidas	537/2485	21%	.40

Input: 0.25

Significância: 0,015

Por meio dessa tabela, constata-se que a *líquida lateral* /l/ é quem favorece o processo, seguida da *líquida vibrante* /r/. Já as *não líquidas* são as que apresentam maior rejeição ao apagamento da postônica não final. O processo tende a aplicar com *lateral* (.84): *músculo* > *musclo*; *pétala* > *petla*; *óculos* > *oclus*; *maiúsculo* > *maiusclo*; *triângulo* > *trianglo*, seguida de *vibrante* (.63): *árvore* > *arvre*; *chácara* > *chacra*; *xícara* > *xicra*; *abóbora* > *abobra*; *mascara* > *mascra*. Já com as *não líquidas* (.40), a tendência é não aplicar o processo da síncope: *médica* > **medca*; *relâmpago* > **relampgo*; *estômago* > **estomgo*; *termômetro* > **termomtro*.

Sabe-se que o padrão silábico CCV do português permite a formação de ataque complexo desde que a segunda consoante seja uma *líquida* (*abóbora* > *abobra*; *triângulo* > *trianglo*). Ao formar o novo vocábulo, por meio da queda da vogal, esse padrão surge, como nos exemplos supracitados, ou seja, resulta em ataque complexo bem-formado.

Os resultados concernentes a este fator mostram a *líquida lateral* /l/ como sendo a melhor consoante para a formação do ataque complexo bem-formado, mesmo sendo apesar de *líquida vibrante* /r/ ser a formadora do maior número de grupos consonantais no PB, como se pode ver em (18).

Ao pensar, no entanto, na escala de força de Katamba, (1993, seção 1.2), é possível observar que a *líquida lateral* /l/ é a que tem menor força consonantal. E, observando, ainda, a Hierarquia de Soância de Kiparsky (1979, p.432), ver-se-á que ela tem maior soância, como se vê, em destaque, no esquema:

(45)

Hierarquia de Soância: oclusivas, fricativas, nasais, líquidas (*l*, *r*), glides e vogais.

Já as *não líquidas* (oclusivas, fricativas e nasais), em um contexto seguinte à vogal postônica não final, não são licenciadas para formar a segunda consoante do ataque complexo com o ataque da sílaba final, ficando assim sujeitas ao apagamento junto com a vogal postônica não final, como em: lâmpada > *lampda > lampa. Neste corpus, também se observaram formas como: máquina > makna; cômoda > comda.

Sendo assim, o padrão geral da tabela 5 encaixa-se na expectativa da hierarquia de soância. As *não líquidas* (oclusivas, fricativas e nasais), quando ataque da vogal postônica final (e.xér.ci.to), por serem menos soantes e não poderem se ressilabar com o ataque da vogal apagada (e.xér.ci.to), promovem um nível muito baixo de apagamento da vogal postônica não final (*e.xér.cto; *e.xérc.to; e.xér.ço). Portanto, o maior índice de apagamento da vogal em questão se estabelece quando há uma líquida no ataque da sílaba final que possa legalmente agregar-se à consoante que flutua na sílaba anterior, criando um novo ataque.

Logo, as proparoxítonas mais propícias ao apagamento da vogal não final são aquelas cuja consoante forma um grupo consonantal licenciado pelo sistema ao serem ressilabadas, como: xí.ca.ra > xí.cØ.ra > xi.cra; a.bó.bo.ra > a.bó.bØ.ra > a.bo.bra; cír.cu.lo > cír.cØ.lo > cir.clo; tri.ân.gu.lo > tri.ân.gØ.lo > tri.an.glo.

O *contexto fonológico seguinte* foi o primeiro confrontado, entre os quatro trabalhos aqui apresentados, em relação aos fatores linguísticos já que este foi tido como mais relevante em todas as análises.

Os resultados obtidos entre as pesquisas aqui obeservadas foram um tanto divergentes. Tanto no trabalho de Silva (2006), quanto no de Ramos (2009), o *contexto fonológico seguinte* que mais favorece a supressão da vogal postônica não final é a *líquida lateral* /*l*/, em Silva, com (.84), em Ramos com (.99); seguida da *líquida vibrante* /*r*/, Silva com (.63) e Ramos com (.98); e, por fim, encontram-se as *não líquidas* ou demais consoantes (oclusivas, fricativas, nasais), com peso relativo de (.40) no trabalho de Silva (2006) e (.35) no de Ramos (2009).

Os resultados de Amaral (1999) e de Lima (2008) apontam as *líquidas laterais* como as mais favorecedoras. Como Lima (2008) foi a única a dividir as consoantes não líquidas em dois tipos (obstruintes e nasais), apresentar-se-ão os resultados de Amaral (1999) separadamente dos de Lima (2008)⁵¹.

No trabalho desenvolvido por Amaral (1999), a *líquida vibrante* /r/ é a maior favorecedora da supressão, com (.83); seguida da *líquida lateral* /l/, com (.54), ficando, também, as *não líquidas* como as menos favorecedoras do processo aqui estudado, com um valor de (.25).

Lima (2008) aponta a *líquida vibrante* como sendo a mais favorecedora ao processo em questão, com (.75), seguida da *líquida lateral*, com (.41); e da obstruinte, com (.44); ficando a *nasal* com a menor porção (.32).

Os demais pesquisadores observaram as *líquidas vibrantes* e *laterais*, além de demais consoantes ou *não líquidas*. Observe-se a tabela 10 para melhor entender o processo em relação a este contexto.

TABELA 10 – CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE (Paralelo entre pesquisas anteriores)

PESQUISAS	Contexto Fonológico Seguinte	Aplicação/ Total	%	PR
Amaral (1999)	Líquida Vibrante	293/629	47%	.83
Silva (2006)	Líquida Lateral	221/557	55%	.84
Lima (2008)	Líquida Vibrante	199/438	45%	.75
Ramos (2009)	Líquida Lateral	5/16	31%	.99

Resultado diferente também ocorre quando observada o *traço de articulação da vogal*, o próximo fator a ser comentado.

⁵¹ Os demais pesquisadores – Amaral (1999), Silva (2006) e Ramos (2009) – observaram as *líquidas vibrantes* e *laterais*, além de demais consoantes ou *não líquidas*.

4.1.2.2 Traço de Ponto de Articulação das Vogais

Embora não tenha sido considerada, pelo programa, como o mais relevante para o processo, este fator apresentou resultados significativos. A tabela 9 mostra que as *vogais labiais* /o, u/ são as que apresentam o menor peso relativo (.38), ou seja, são ambientes em que a tendência a não aplicar a síncope é maior enquanto que a tendência à síncope é maior (.55) nas sílabas com *vogais coronais* /e, i/, que são as maiores favorecedoras da síncope. As sílabas com *vogal dorsal* /a/ aparecem muito próximas do ponto neutro (.49). Podem-se visualizar melhor esses resultados na tabela que segue:

TABELA 11 – TRAÇO DE PONTO DE ARTICULAÇÃO DA VOGAL
(Apagamento da vogal postônica não final)

TRAÇO DE ARTICULAÇÃO DA VOGAL	Aplicação/ Total	%	PR
Labial /o, u/	316/770	41%	.38
Dorsal /a/	245/801	30%	.49
Coronal /e, i/	485/2019	24%	.55

Input: 0.25

Significância: 0,015

Clements & Hume (1995) estabelecem para as vogais os mesmos traços de constrictão que atribuem às consoantes labial, coronal e dorsal, equivalentes aos traços posterior, anterior e arredondado da teoria padrão. Portanto, /o/ e /u/ têm o traço labial, /a/ é uma vogal dorsal, mas não labial, e /e/ e /i/ são vogais coronais.

Câmara Jr. (2002), baseado no dialeto culto do Rio de Janeiro, assevera que a vogal /e/ permanece ao lado do /i/. Já o /o/ não se mantém ao lado de /u/, o que significa que, nessa oposição, houve uma neutralização. Câmara Jr. (op. cit.) propõe, então, um subsistema de quatro vogais átonas para as proparoxítonas. Mas vale salientar que, nos dialetos do sul, não se pode descartar o sistema de cinco vogais, uma vez que há a elevação variável, e não categórica, nessa oposição (VIEIRA, 2002, p. 127-159)

O que chamou a atenção neste trabalho foi a informação que diz respeito à *vogal dorsal* /a/, tida como a mais resistente a tais processos. Vasconcelos (1912, p. 254)

refere-se a ela como *a vogal mais persistente, menos exposta a alterações*, e Nunes (1969, p. 56) entende que, *das vogais átonas, é o a a mais resistente*. Nos dados desta pesquisa, embora o resultado do fator se aproxime do ponto neutro (.49), a dorsal (estômago > *estomo*; cágado > *cago*; chácara > *chacra*; xícara > *xicra*; pássaro > *passo*; sábado > *sabo*; pétala > *petla*) também está sujeita à síncope.

Referente à /e/ e /i/, ou seja, às coronais (.55), a tendência é aplicar a síncope (*cócega* > *cosca*; *música* > *musca*; *técnico* > *tecno*; *número* > *numo*; *príncipe* > *prinspe*; *máscara* > *masca*; *ácido* > *asdo*). Os dados revelam que a *coronal* apareceu como a mais favorecedora do processo, embora a literatura aponte o contrário. Lemle (1978, p.66) atribui a essa vogal a propensão de palavras proparoxítonas que não se reduzem, considerando-a mais resistente à queda (*político*, *cólica*, *pacífico*). Aragão (1999) observa que mesmo as pessoas com menor escolarização mantêm as proparoxítonas, como em *ótima*, *fábrica*, *político*. Pode-se dizer, contudo, que as *vogais coronais* são as menos resistentes, em relação ao apagamento da postônica não final, na cidade de Sapé.

Assim, pode-se observar que as vogais labiais (*músculo* > *musclo*; *pérola* > *perla*, *árvore* > *arvre*; *fósforo* > *fosfo*; *maiúsculo* > *maiusclo*; *óculos* > *oclus*), com (.38), são as grandes preservadoras, ou seja, são menos propícias à queda do que as outras. Entre elas, a vogal *baixa* mostra-se relativamente mais sensível do que as *coronais*.

Em relação ao fator *traço de articulação da vogal postônica não final*, os resultados, nos estudos de Amaral (1999), para a variedade de São José do Norte (RS); de Lima (2008), para a variedade de Rio Verde e Santa Helena de Goiás (GO); de Ramos (2009), para a variedade do noroeste paulista (SP), e do estudo aqui apresentado, foram bastante divergentes. O grupo de vogais mais propícias à aplicação do processo foi diferente em cada estudo realizado.

Três estudos apontaram a análise deste fator como influenciadora do processo: o de Amaral (2000), o de Lima (2008) e este. Nesse sentido, Amaral (2000) e Lima (2008) afirmam, por exemplo, que as *vogais coronais* são desfavorecedoras do processo devido ao fato de os ambientes circunvizinhos apresentarem grupos de ataque proibidos pelo *Princípio de Sequenciamento de Soância*.

Nesta pesquisa, tais vogais são tidas como mais favorecedoras porque, ao analisar as proparoxítonas, não se considerou apenas o apagamento da vogal postônica não final. Em itens como: *técnico* > *tecno*, por exemplo, pode ocorrer o processo, já que outros fonemas são apagados para que o resultado da ressilabificação seja uma sílaba bem formada.

No estudo desenvolvido por Ramos (2009), o traço [dorsal] foi o que teve maior peso relativo, de (.99). A autora afirma que *as diferenças obtidas entre as variedades estudadas no que diz respeito ao traço da vogal postônica não são interpretadas como evidências de diferenças entre as variedades* (p. 103).

Quando comparado este resultado com os das autoras aqui apresentados, os de Amaral (1999) e Lima (2008) têm resultados iguais, divergindo, assim, deste. Segundo a pesquisa das autoras supracitadas, as *vogais labiais* são mais propícias ao processo de apagamento com (.62), para Amaral, e (.60), para Lima. As *vogais dorsais* aparecem como segundas favorecedoras, com (.47) em ambos os resultados, bem como as *vogais coronais*, que aparecem com (.43) nas duas pesquisas.

Contrariamente aos resultados de Amaral (1999) e Lima (2008), Silva (2006) aponta as *vogais coronais* como as mais favorecedoras ao processo, com peso relativo de (.55), as *dorsais* com (.49) e as *labiais* com (.38). Surge então uma pequena inversão quanto às *vogais labiais* /o, u/ e *coronais* /e, i/, porém, quando confrontadas as *vogais dorsais* /a/, o resultado é mais próximo.

Assim, no que tange às *vogais dorsais*, o resultado é bastante parecido tanto na pesquisa de Silva (2006) quanto nas pesquisas de Amaral (1999) e de Lima (2008), respectivamente (.49), (.47) e (.47). Porém, ao se observarem as *vogais labiais* e *coronais*, há, mais uma vez, a inversão de resultados. De acordo com Silva (2006), as *coronais* aparecem como sendo as mais favoráveis à aplicação da regra de apagamento da vogal postônica não final em vocábulos proparoxítonos, com peso relativo de (.55). Já as *vogais labiais* surgem como sendo as menos favorecedoras da regra, com (.38). Silva (2006, p. 86) traçou a seguinte sequência para essa variável: **coronal** > **dorsal** > **labial**.

O contrário acontece no trabalho de Amaral (1999) e Lima (2008), em que, as vogais se comportam da seguinte forma, respectivamente: as *labiais* são as mais

favoráveis (.62) e (.60), seguidas das *dorsais* (.47) e das *coronais*, ambas com (.43). Assim, a sequência referente ao *traço de articulação das vogais*, neste trabalho, ficaria da seguinte forma: **labial** > **dorsal** > **coronal**, deixando bem visível a diferença nos resultados.

Ainda mais diferente foi Ramos (2009), que obteve os seguintes resultados em sua pesquisa: *vogais dorsais* (.99), *labiais* (.76) e *coronais* (.32). Assim, pode-se observar que não é o traço da vogal candidata ao apagamento um fator que propicia o processo aqui em estudo. Segundo Ramos (2009, p. 103), *as diferenças obtidas entre as variedades estudadas no que diz respeito ao traço da vogal postônica não são interpretadas como evidências de diferenças entre as variedades*.

4.1.2.3 Contexto Fonológico Precedente

A partir desse fator, observou-se o apagamento da vogal postônica não final em relação ao ponto de articulação do seguimento anterior. A tabela 12 oferece uma melhor visão sobre os resultados desse fator:

TABELA 12 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Apagamento da vogal postônica não final)

CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE	Aplicação/ Total	%	PR
Oclusiva	525/1526	34%	.53
Vibrante	43/304	14%	.34
Fricativa	350/941	37%	.63
Nasal	105/587	17%	.38
Lateral	23/232	9%	.33

Input: 0.25

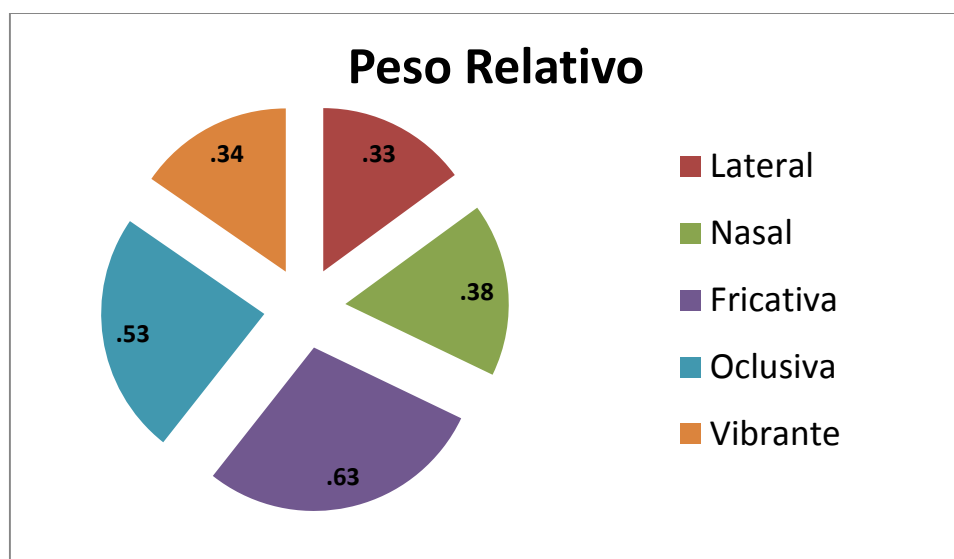
Significância: 0,015

A *fricativa* (.63), como se pode ver, é o fator que mais favorece o apagamento (*música* > *musca*; *fósforo* > *fosfro*; *próximo* > *prosmo*; *cócega* > *cosca*; *ácido* > *asdo*;

físico > *fisco*; *príncipe* > *prispe*); a *oclusiva* (.53) encontra-se próxima do ponto neutro (*sábado* > *sabo*; *chácara* > *chacra*; *fígado* > *figo*; *máscara* > *mascra*; *triângulo* > *trianglo*; *bêbado* > *bebo*; *círculo* > *circlo*).

A *nasal* (.38) vem em seguida, apresentando um rápido favorecimento ao uso da síncope (*número* > *numo*; *câmara* > *cama*; *fenômeno* > *fenomo*; *agrônomo* > *agromo*; *estomago* > *estomo*). Já a *vibrante* (*cérebro* > *ceibro*; *espírito* > *esprito*; *perola* > *perla*; *elétrico* > *eletro*; *fotógrafo* > *fotogra*) e a *lateral* (*cólica* > *coica*; *católico* > *catoico*; *parabólica* > *parabola*) apresentam-se como as menos favorecedoras do processo de apagamento da postônica não final, com (.34) e (.33), respectivamente. No gráfico 4, esse fator é expresso com mais clareza:

GRÁFICO 4 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Apagamento da vogal postônica não final)



Assim, a partir desses resultados, pode-se observar bem a influência da *Escala de Força* e de *Sonoridade* (ver seção 1.2). Como as *oclusivas* e *fricativas* têm maior força e menor sonoridade, é de fácil entendimento que elas sejam menos resistentes à supressão, junto à vogal postônica não final. Já as *laterais* e as *nasais*, como têm menor força e maior sonoridade, apresentam-se com menor flexibilidade ao apagamento, razão pela qual palavras como *cólica*, *católico*, *estômago*, *número*, entre outras, sofrem, com menor frequência, apagamento da postônica não final.

Em relação à variável *contexto fonológico precedente* à vogal postônica não final, os resultados obtidos por Amaral (1999) e por Lima (2008) mostram que as consoantes velares são as mais propícias à aplicação do processo. Segundo as autoras, no contexto em que há velar na variável consoante precedente à vogal postônica não final, e líquidas na variável consoante seguinte à vogal postônica não final, ocorre mais o apagamento, como em *óculos* > *oclos*, *máscara* > *mascra* e *abóbora* > *abobra*. A partir do exposto acima, pode-se observar que a língua tende a formar ataques complexos bem formados, seguindo o princípio de seqüenciamento de soância: 0 > 2 > 4.

A tabela que segue apresenta as variáveis que mais favorecem o apagamento da vogal aqui em estudo, de acordo com cada pesquisador.

TABELA 13 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Paralelo entre pesquisas anteriores)

PESQUISAS	Contexto Fonológico Precedente	Aplicação/ Total	%	PR
Amaral (1999)	Velar	134/387	35%	.62
Silva (2006)	Fricativa	350/941	37%	.63
Lima (2008)	Velar	219/425	51%	.77
Ramos (2009)	Fricativa	7/63	11%	.98

Tanto nos resultados de Silva (2006), quanto nos resultados de Ramos (2009) houve uma convergência quanto ao fator *consoante precedente* à vogal postônica não final. Aqui os resultados revelam que as *consoantes fricativas* /s/ e/ou /z/ mostraram-se como as mais relevantes na aplicação do processo. Vale ressaltar que em Silva (2006, p. 70) as *fricativas* foram analisadas em um único grupo, embora o autor tenha deixado claro que as *fricativas* favorecedoras do processo são /s/ e/ou /z/ como, por exemplo, em: *música* > *musca*; *próximo* > *prosmo*; *cócega* > *cosca*; *acido* > *asdo*; *físico* > *fisco*; *príncipe* > *prispe*.

4.2 ANÁLISE DA RESISTÊNCIA À SÍNCOPE

Como se viu no subcapítulo anterior, há alguns fatores que favorecem o processo de apagamento da postônica não final. Isso significa que há contextos em que este processo não ocorre, porém abre possibilidades para a realização de outros processos variáveis.

A variação, no âmbito das vogais médias, é uma característica marcante no PB, haja vista que estas vogais são palco de alguns processos variáveis, como o de alçamento, que resulta em neutralizações, e o de abertura.

Em contexto postônico final, segundo Câmara Jr (2002 [1970]), o processo de alçamento atuaria plenamente devido a três segmentos:

- Arquifonema /I/, resultado da neutralização dos fonemas /ɛ/, /e/ e /i/, como em: árvore (árvor/ɛ/, árvor/e/ e árvor/i/).
- Arquifonema /U/, proveniente da neutralização dos fonemas /ɔ/, /o/ e /u/: semáforo (semáfor/ɔ/, semáfor/o/ e semáfor/u/).
- Fonema /a/, como em: casa (cas/ə/).

Ainda segundo Câmara Jr (2002 [1970]), em relação ao contexto postônico não final, a neutralização só ocorreria entre as médias e a alta posteriores, mantendo-se a oposição entre /e/ e /i/, conforme acontece nas sílabas pretônicas, resultando, assim, em um quadro de quatro segmentos fonológicos. Como o objetivo desta seção é apenas fazer uma breve análise das vogais postônicas não finais, observando o que acontece a elas, quando não apagadas, no próximo subcapítulo, será feito um estudo comparado dos resultados desta pesquisa em relação ao processo de alçamento, em comparação com o resultado de outros pesquisadores.

O *corpus* em estudo tem um total de 3.590 ocorrências. Deste total, tem-se um número de 2.513 ocorrências que não sofreram o processo de apagamento da vogal postônica não final, como visto na tabela 1, seção 4.1.

Das 2513 ocorrências sem apagamento, tem-se um total de 1.987 dados de vogal média que não sofreu processo algum e 526 que apresentaram algum processo

fonológico, como: alçamento (fósf/u/ro), abertura (fósf/ɔ/ro) ou mudança por uma outra vogal (fósf/ε/ro). Para melhor entendimento de todos estes números, observe-se a tabela 14:

TABELA 14 – FENÔMENOS RECORRENTES À VOGAL MÉDIA POSTÔNICA NÃO FINAL

PROCESSOS	Aplicação/ Total	%
Sem Processos	1987/2513	79%
Abertura	348/2513	14%
Alçamento	156/2513	6%
Mudança de Vogal	22/2513	1%

Input: 0.23

Significância: 0,008

No decorrer da pesquisa, à medida que se iam observando os resultados das rodadas e após constatar que os processos acima mencionados faziam-se presentes nos dados da pesquisa, levantavam-se em outras hipóteses, tais como:

- A *abertura* seria mais frequente que o *alçamento*, haja vista os falantes pessoenses usarem mais as vogais pretônicas abertas (HORA, 2004, p. 127). Se no uso pretônico é mais frequente haver *abertura* das médias, seria, nas postônicas, mais fácil ocorrer o processo de *abertura* em vez do de *alçamento*;
- O *alçamento* seria, embora menos frequente, bastante recorrente no falar sapeense, porém sendo de maior uso quando vogais labiais;
- Restrições de natureza social não condicionariam tais processos, tendo, estes motivações de natureza fonética.

Como a proposta deste subcapítulo é analisar os processos que ocorrem nos vocábulos resistentes ao apagamento, de modo exaustivo, passar-se, então a tal discussão.

4.2.1 Análise dos Processos que Recaem sobre a Postônica Medial

Após observar os resultados expostos na tabela 7, viu-se a necessidade de dividir os dados e estudá-los separadamente, já que há dois processos bastante presentes e usuais no PB: o alçamento e a abertura da vogal em estudo. Quanto ao processo de mudança de uma vogal por outra (fósf/o/ro ~ fósf/ε/ro), este não será tratado aqui, podendo até ser tema de estudos futuros, uma vez que não se dispõe deste com tanta frequência no *corpus* em análise.

Fizeram-se duas rodadas, utilizando as mesmas variáveis usadas no tratamento das palavras que sofreram o processo de apagamento, no pacote estatístico VARBRUL: uma, primeira referente ao alçamento, e outra, para a abertura das vogais em questão.

4.2.1.1 Abertura e Alçamento das Vogais Postônicas Médias

Como o processo de *abertura* das vogais fez-se mais presente nos dados, uma vez que este processo é bastante presente na fala dos nordestinos, resolveu-se, então, tratar, primeiramente, dele e só depois fazer as devidas considerações sobre o processo de *alçamento*.

A. Abertura das vogais postônicas mediais

Ao submeter os dados à análise pelos programas do pacote estatístico VARBRUL, o único grupo de fatores selecionado foi o *contexto fonológico precedente*. Nenhum dos fatores sociais foi considerado relevante em relação à abertura da vogal postônica não final.

a. Contexto Fonológico Precedente

Os resultados obtidos mostram que a vogal postônica não final tende a ser aberta quando precedida por uma consoante oclusiva (.85), como em: abób/o/ra ~ abób/ɔ/ra; helicópt/e/ro ~ helicópt/ε/ro. Já a *consoante fricativa* diminui o processo de abertura,

com peso relativo de (.36), como em: ár_v/o/re ~ ár_v/ɔ/re; pêss/e/go ~ pêss/ɛ/go. A tabela que segue mostra melhor todos os resultados obtidos após esta rodada:

TABELA 15 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Abertura da vogal postônica média)

CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE	Aplicação/ Total	%	PR
Oclusiva	84/88	95%	.85
Nasal	93/133	70%	.53
Fricativa	112/165	68%	.51

Input: 0.79

Significância: 0,000

Para melhor observar o fenômeno de abertura das vogais postônicas mediais, realizou-se uma segunda rodada, pondo, de um lado, as vogais labiais e, de outro, as coronais. Acredita-se que, desta forma, veja-se com maior clareza qual das duas opções vai favorecer ao processo em questão. Após a realização desta rodada, observou-se que as *vogais coronais*, com 67%, são mais propícias ao fenômeno de abertura, ficando as *vogais labiais* com um total de 43%.

B. Alçamento das Vogais Postônicas Mediais

Outro processo recorrente é o de *alçamento* das vogais postônicas mediais, que não é tão recursivo no *corpus* em estudo, como mostra a Tabela 5, já que, das 2513 palavras que não foram sincopadas, 518 destas tinham vogal média postônica medial. Dessas, apenas 156 sofreram processo de alçamento.

Na análise pelo pacote de programas estatístico VARBRUL, percebeu-se que foram selecionadas quatro grupos de fatores como sendo relevantes no processo de alçamento das vogais em análise. São elas, respectivamente de acordo com seu grau de relevância:

- a. Traço de Ponto de Articulação da Vogal
- b. Extensão da Palavra
- c. Contexto Fonológico Precedente
- d. Contexto Fonológico Seguinte

Como se vê, apenas os fatores linguísticos foram tidos como favoráveis ao processo de *alçamento* das vogais médias postônicas. Mais uma vez, fica claro que os fatores sociais em nada influenciam no processo em questão. Depois de realizado o tratamento dos dados, chegou-se às seguintes conclusões acerca de cada fator, seguindo, claro, a ordem em relação ao grau de relevância apresentado pelo pacote de programas computacionais.

a. Traço de Ponto de Articulação da Vogal

Este foi eleito mais relevante ao processo de alçamento das vogais postônicas mediais. De acordo com os resultados, as *vogais médias labiais*, como: *semáf/o/ro* ~ *semáf/u/ro*, tendem a sofrer mais o processo em estudo, com peso relativo de (.70), enquanto as *vogais médias coronais* ficam com (.12), como em: *núm/e/ro* ~ *núm/i/ro*. Para um melhor tratamento acerca das vogais mediais, serão feitas outras rodadas dos dados: uma rodada só com as vogais labiais e outra rodada só com as vogais coronais para se verificar melhor quais fatores favorecem ao fenômeno de alçamento. Acredita-se que, com isso, poderão se estabelecer melhor os motivos/fatores que levam tais vogais a alçarem.

b. Extensão da Palavra

Tida como o segundo fator relevante ao alçamento, a *extensão da palavra* aponta como favoráveis ao processo as palavras com maior número de sílabas, como em *agrôn/o/mo* ~ *agrôn/u/mo* e *fenôm/e/no* ~ *fenôm/i/no*, com peso relativo de (.34), e inibidoras as palavras com menor número de sílabas, como em: *pér/o/la* ~ *pér/u/la* e *núm/e/ro* ~ *núm/i/ro*; com (.85). Segue a tabela 16 para melhor entendimento:

TABELA 16 – EXTENSÃO DA PALAVRA (Alçamento da vogal postônica média)

EXTENSÃO DA PALAVRA	Aplicação/ Total	%	PR
3 Sílabas	97/193	50%	.85
4 Sílabas ou mais	56/72	78%	.34

Input: 0.58

Significância: 0,006

O fator linguístico *extensão da palavra* também é apontado por Silva (2006) como maior favorecedor do processo de apagamento da vogal postônica medial, sendo as palavras com maior número de sílabas as em que mais ocorre síncope.

Assim, pode-se pensar que a velocidade de fala (não controlada nesta pesquisa, nem por Silva (2006)), tenha a ver com o fenômeno de apagamento, que Caixeta (1989) afirma acontecer não só com falante analfabeto, como também com falante com alto grau de escolarização, levando-se em consideração a velocidade, o que provou que, em estilos mais rápidos, as proparoxítonas tendem a ser sincopadas. Logo, se a velocidade de fala interfere no processo de apagamento, ela também pode interferir em outros processos, como é o caso do alçamento, aqui apresentado.

c. Contexto Fonológico Precedente

O *contexto fonológico precedente* também foi tido como importante ao alçamento, já que o pacote de programas computacional estatístico o selecionou, apontando como elemento motivador do alçamento a *líquida vibrante* (.95), como por exemplo: pér/o/la ~ pér/u/la e cér/e/bro ~ cér/i/bro. Vale deixar claro que não se encontrou nenhum exemplo de alçamento com contexto fonológico precedente oclusivo com vogal coronal.

Para melhor tratamento dos dados, será feita outra rodada dos dados no decorrer do trabalho, a fim de melhor explicar os contextos mais relevantes para o alçamento da vogal medial postônica, dividindo-as em labial e coronal. Dessa forma, espera-se

apontar quais vogais (labiais ou coronais) aceitam o processo de alçamento com menor resistência.

Silva (2006) observou que, quando havia consoantes *líquidas vibrantes*, como contexto fonológico precedente, as vogais postônicas mediais sofriam menos o processo de apagamento. Essas consoantes, marcadas como contexto propício ao não apagamento, seriam estas expostas a outros fenômenos, como o de alçamento.

d. Contexto Fonológico Seguinte

Em relação ao alçamento das vogais mediais, o *contexto fonológico seguinte* mostrou-se relevante. O alçamento foi mais propício sempre que ocorria um contexto *líquido vibrante* (.74), após a vogal em estudo (abób/o/ra ~ abób/u/ra e núm/e/ro ~ núm/i/ro). Já com um contexto seguinte *não vibrante*, o alçamento foi menos propício, com (.38), como em: agrôn/o/mo ~ agrôn/u/mo e fenôm/e/no ~ fenôm/i/no.

Na pesquisa de Silva (2006) acerca do apagamento das vogais postônicas mediais, apontou-se a *líquida lateral* como sendo a mais favorecedora ao processo de síncope. Logo, era de se esperar que ela estivesse envolvida em outro tipo de processo fonético/fonológico, como é o de alçamento.

Visando a melhores respostas ao processo de alçamento da vogal postônica medial, foi realizada uma segunda rodada, mas, dessa vez, as vogais ficaram separadas. Em uma rodada expuseram-se as vogais postônicas labiais e em outra, as vogais postônicas coronais. Os resultados serão comentados a seguir.

4.2.1.1.1 Abertura das Vogais Postônicas Médias Labiais

Ao submeter os dados à análise pelos programas do pacote estatístico VARBRUL, os grupos de fatores selecionados em relação à abertura das vogais pretônicas mediais labiais foram, seguindo a ordem de relevância apresentada pelo programa:

- a. Contexto Fonológico Seguinte
- b. Estrutura da Sílabla Tônica
- c. Contexto Fonológico Precedente

a. Contexto Fonológico Seguinte

O *contexto fonológico seguinte* foi selecionado como sendo o mais relevante para a abertura das vogais pretônicas mediais labiais, tendo como fator favorecedor as consoantes *líquidas vibrantes* (.72), como em: *cóc/o/ra* ~ *cóc/ɔ/ra*; seguidas das *não líquidas* (.38), como: *côm/o/da* ~ *côm/ɔ/da*; e das *líquidas laterais* (.01), *pér/o/la* ~ *pér/ɔ/la*, como expresso na tabela abaixo:

TABELA 17 – CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE (Abertura da vogal postônica média labial)

CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE	Aplicação/ Total	%	PR
Líquida Vibrante	107/122	88%	.72
Não líquidas	16/36	44%	.38
Líquida Lateral	7/19	37%	.01

Input: 0.86

Significância: 0,039

Este resultado já era esperado uma vez que, segundo Silva (2006), as *líquidas vibrantes* foram tidas como a segunda consoante, no que tange ao contexto fonológico seguinte, das que menos sofriam o processo de síncope. Logo, era uma das que mais mantinham a vogal, tornando-a passível a algum processo fonético.

Outro fator a ser observado é o da harmonização vocálica. Quando se tem uma vogal tônica aberta, os dados mostram que a postônica não final tende a abrir também, como em *abób/ɔ/ra*; *fósf/ɔ/ro*; *pér/ɔ/la*. Porém quando a tônica é fechada no léxico, a vogal postônica não final, em consonância com a tônica, se mantém fechada, como se pode ver em: *côm/o/da*; *agrôn/o/mo*.

b. A Estrutura da Sílabla Tônica

A *estrutura da sílaba* aparece como o segundo fator relevante ao processo de abertura das médias postônicas labiais, sendo que, quando a sílaba tônica em palavras propároxítonas é leve, o processo de abertura tende a ocorrer (.67), como em: semáf/o/ro ~ semáf/ɔ/ro. O contrário acontece, isto é, há uma inibição do processo de abertura da vogal postônica labial quando a sílaba tônica é pesada (.15), em: árv/o/re ~ árv/ɔ/re.

Acredita-se que as sílabas tônicas, quando leves, criem contexto para a abertura, devido à quantidade de soância presente na sílaba acentuada, ou seja, é possível que a quantidade de soância da sílaba acentuada não esteja funcionando como um elemento preservador do padrão do vocabulário. É como se a saliência fônica não estivesse a exercer papel algum, deixando a vogal da sílaba seguinte suscetível à variação. Neste caso, à abertura desta vogal. O que reitera a ideia da harmonização vocálica, já que, quando leve, a vogal tônica fica mais próxima da postônica não final, propiciando-lhe o fenômeno de abertura desta vogal.

c. Contexto Fonológico Precedente

Tido como o último fator relevante ao processo de abertura da vogal postônica medial labial, o *contexto fonológico precedente* tem no fator consoante líquida vibrante (.98) o que tende a favorecer o processo, como em: pér/o/la ~ pér/ɔ/la. Já a consoante nasal é inibidora do processo, com peso relativo de (.09), como em: agrôn/o/mo ~ agrôn/ɔ/mo. Mais uma vez, a harmonia vocálica surge como um ponto importante, ao se observarem os contextos em que o processo de abertura acontece. Isso só vem a reiterar a ideia de que a vogal tônica tem total participação no processo de abertura da vogal postônica não final.

Mais uma vez, os resultados correspondem ao esperado, já que a *líquida vibrante* e a *lateral*, segundo Silva (2006), são as maiores detentoras do padrão, no que tange à preservação da sílaba postônica medial. De acordo com o autor, os contextos com *líquidas vibrante* e *lateral*, respectivamente (.34) e (.33), são os que menos

promovem o processo de apagamento da vogal em questão. Consequentemente, por serem as maiores detentoras do padrão, as *líquidas vibrantes* e *laterais* seriam as que mais sofreriam certos processos fonológicos, como o da abertura das postônicas mediais. A tabela a seguir ilustra melhor tal resultado:

TABELA 18 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Abertura da vogal postônica média labial)

CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE	Aplicação/ Total	%	PR
Líquida Vibrante	6/8	75%	.98
Oclusiva	72/80	90%	.70
Fricativa	37/52	71%	.45
Nasal	17/37	41%	.09

Input: 0.86

Significância: 0,039

Na tabela acima, pode-se observar que embora a *líquida vibrante* seja apontada como a favorecedora da abertura da vogal, a *consoante oclusiva* tem um número maior de ocorrências, aparecendo logo em seguida e talvez mereça atenção nesta análise.

Os resultados referentes ao apagamento ou não da vogal em questão apontam para as *oclusivas* como sendo as segundas maiores favorecedoras da supressão da vogal postônica medial (SILVA, 2006). Segundo o autor, as *oclusivas* e as *fricativas* são menos resistentes à síncope devido ao fato de estas terem maior força e menor sonoridade (Cf. 2.1.3.3). Levando em consideração esta idéia, pode-se entender que as consoantes *oclusivas*, quando não apagam, favorecem a variação linguística, neste caso, a abertura das vogais postônicas mediais labiais.

4.2.1.1.2 Alçamento das Vogais Postônicas Médias Labiais

Ao se observar o alçamento das vogais postônicas mediais, foi constatado que 156 palavras que apresentaram o processo em análise. A partir daí, dividiu-se este grupo

em dois: o das vogais mediais labiais e o das vogais mediais coronais. Após esta divisão, um total de 137 vocábulos, do grupo das vogais mediais labiais, foi exposto a análise pelo pacote de programas estatístico VARBRUL. Realizado o tratamento, o programa apontou os seguintes fatores como os condicionadores do alçamento das vogais médias labiais, seguindo o grau de relevância por ele apresentado:

- a. Extensão da Palavra
- b. Contexto Fonológico Precedente
- c. Contexto Fonológico Seguinte

Como já falado, os *fatores sociais* em nada influenciam no processo de alçamento, sendo, assim, deixados de lado pelo pacote de programas estatístico computacional VARBRUL. Sabedor dos fatores que condicionam o processo em questão, passa-se então à análise dos dados.

a. Extensão da Palavra

O fator *extensão da palavra* foi considerado pelo programa como o mais relevante, pois apontou as palavras com *mais de três sílabas* (.77) como favorecedoras do processo de alçamento, e as palavras com *apenas três sílabas* (.38), as inibidoras do processo em questão. A tabela abaixo mostra bem este resultado:

TABELA 19 – **EXTENSÃO DA PALAVRA** (Alçamento da vogal postônica média labial)

EXTENSÃO DA PALAVRA	Aplicação/ Total	%	PR
4 Sílabas ou mais	47/53	89%	.77
3 Sílabas	90/132	68%	.38

Input: 0.79

Significância: 0,006

Acredita-se que a velocidade de fala interfere no processo de alçamento das vogais postônicas medias labiais (agrôn/o/mo ~ agrôn/u/mo; abób/o/ra ~ abób/u/ra;

semáf/o/ro ~ semáf/u/ro), assim como ele interfere no processo de apagamento (SILVA, 2006).

b. Contexto Fonológico Precedente

Neste fator, ficou claro que a consoante *líquida vibrante* favorece o processo de alçamento da vogal postônica medial labial, com peso relativo de (.99). Como se pode observar, quase todos os vocábulos têm uma consoante líquida vibrante, precedendo a vogal postônica medial labial, alçam. Das 31 ocorrências com o contexto apresentado acima, 29 alçaram, porém todas as ocorrências referem-se a um só vocábulo: pér/o/la ~ pér/u/la.

O segundo contexto considerado pelo pacote de programas estatístico computacional foi o de *consoante oclusiva*, com peso relativo de (.63), em palavras do tipo: abób/o/ra ~ abób/u/ra; paráb/o/la ~ paráb/u/la; agríc/o/la ~ agríc/u/la; cóc/o/ra ~ cóc/u/ra.

O VARBRUL aponta a *consoante nasal* como sendo o contexto com menor influência para o alçamento das vogais postônicas mediais labiais, com (.18). Como exemplo, podem-se citar: agrôn/o/mo; côm/o/da.

Para melhor observação e entendimento do processo de alçamento, em relação às vogais postônicas mediais labiais, observe-se a tabela 20.

TABELA 20 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Abertura da vogal postônica média coronal)

CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE	Aplicação/ Total	%	PR
Líquida Vibrante	29/31	94%	.99
Oclusiva	12/20	60%	.63
Fricativa	50/65	77%	.28
Nasal	45/67	67%	.18

Input: 0.79
Significância: 0,006

Observando a tabela acima, nota-se perceber que os contextos que têm maior frequência são os que têm *fricativa* e *nasal* como contexto fonológico precedente, com 77% e 67%, respectivamente. Embora tenham menor frequência, as *líquidas vibrantes* e as *oclusivas*, mantêm-se como as condicionadoras do processo de alçamento das vogais postônicas mediais labiais.

c. Contexto Fonológico Seguinte

Do último fator relevante no processo de alçamento das vogais postônicas mediais labiais, o VARBRUL aponta para a consoante *líquida vibrante* (.76) como sendo o mais favorável ao processo em questão, como em: abób/o/ra ~ abób/u/ra; semáf/o/ro ~ semáf/u/ro; fósf/o/ro ~ fósf/u/ro, e a consoante *líquida lateral* como a que menos aceita o processo de alçamento, apresentando-se com peso relativo de (.04).

TABELA 21 – CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE (Alçamento da vogal postônica média labial)

CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE	Aplicação/ Total	%	PR
Líquida Vibrante	60/75	80%	.76
Não líquidas	47/68	69%	.69
Líquida Lateral	30/42	71%	.04

Input: 0.79
Significância: 0,006

A tabela acima mostra que, embora tenha o menor peso relativo, a *líquida lateral* tem um bom número de ocorrências. Convém enfatizar que, das 42 ocorrências que envolvem a *líquida lateral* como contexto precedente a vogal postônica medial labial, todas são referentes à palavra: pér/o/la ~ pér/u/la.

4.2.1.1.3 Abertura das Vogais Postônicas Médias Coronais

Feita a análise da *abertura* das vogais postônicas mediais labiais, procedeu-se a outra rodada dos dados apenas com as vogais coronais em estudo. Para as vogais coronais, o programa estatístico VARBRUL elegeu os seguintes fatores como relevantes ao processo de abertura das vogais postônicas mediais coronais, seguindo-se, claro, a ordem de relevância dada pelo programa:

- a. Contexto Fonológico Precedente
- b. Estrutura da Sílabas
- c. Tipo de Entrevista

Constata-se, mais uma vez, que o programa estatístico computacional não seleciona sequer uma variável social, mas linguística e estilística. Isso só reforça a hipótese de que tal processo, o de abertura da vogal postônica medial, seja ela *labial* ou *coronal*, não é condicionado por nenhuma restrição de natureza social. Esse processo é motivado por aspectos de natureza puramente fonética.

a. Contexto Fonológico Precedente

O *contexto fonológico precedente* foi selecionado como sendo o mais relevante em relação ao processo de abertura que envolve as vogais pretônicas mediais coronais. De acordo com a rodada realizada, evidenciou-se que as consoantes *líquidas vibrantes* são as grandes favorecedoras do processo de abertura das vogais em questão, com peso relativo de (.84), como em: *cér/e/bro* ~ *cér/ε/bro*, e as *oclusivas* como sendo as menos favorecedoras, com (.03), como em: *helicópt/e/ro* ~ *helicópt/ε/ro*. A tabela 11 mostra, de modo detalhado, o resultado da rodada.

TABELA 22 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Abertura da vogal postônica média coronal)

CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE	Aplicação/ Total	%	PR
Líquida Vibrante	44/47	94%	.84
Nasal	74/94	79%	.52
Fricativa	80/116	69%	.45
Oclusiva	12/18	67%	.03

Input: 0.79

Significância: 0,026

Tanto em relação às vogais labiais quanto às vogais coronais, as consoantes *líquidas vibrantes* são sempre as favorecedoras do processo de abertura. As Oclusivas, devido ao fato de apresentarem uma ocorrência pequena, tornam-se quase irrelevantes. As *nasais* com (.52), seguidas das *fricativas* que, assim como nas *labiais*, apresentaram um peso relativo de (.45), desempenham papel neutro. Como as *fricativas* aparecem assiduamente envolvidas no processo de abertura, independentemente de serem tais vogais labiais ou coronais, acredita-se que tanto as *líquidas vibrantes*, quanto as *fricativas* sejam bastante relevantes ao processo de abertura da vogal postônica coronal.

Assim como as vogais postônicas não finais labiais, as coronais também se mostram sensíveis à qualidade da vogal, i. é, sofrem o processo de abertura por influência da vogal tônica. Observando-se os exemplos, vê-se que a harmonização vocálica está presente, já que *pêss/e/go*, *fenôm/e/no*, *termôm/e/tro* mantêm-se fechadas; e *cóc/e/ga*, *cér/e/bro*, *helicópt/e/ro*⁵² seguem a abertura da vogal tônica.

Já no que tange às consoantes *nasais* e *oclusivas*, há uma inversão quando se comparam as vogais médias labiais e as médias coronais. Comparando os resultados apresentados nas Tabelas 10 (labiais) e 11 (coronais), percebe-se que, para as labiais, as *oclusivas* mostram-se bastante favoráveis à abertura das vogais; já as *nasais*, não. O inverso acontece em relação às vogais médias coronais, que se mostram mais propícias ao processo de abertura quando a consoante que a precede é uma *nasal*, e menos

⁵² Divergentemente das vogais postônicas labiais, nas coronais sílabas pesadas propiciam o processo de abertura desta vogal, como se pode ver no item a seguir.

favoráveis quando precedidas por uma *oclusiva*. Vale ressaltar que, em se tratando da abertura das vogais pretônicas mediais, com consoante *nasal* precedendo-a, observa-se que todas as ocorrências de abertura acontecem com um só vocábulo: *número*.

b. Estrutura da Sílabas Tônica

O pacote de programas estatístico VARBRUL selecionou o fator *estrutura da sílaba* como sendo o segundo mais relevante na abertura da vogal postônica não final coronal. De acordo com o programa, as sílabas tônicas *pesadas* são as grandes favorecedoras do processo de abertura das vogais médias coronais, com (.96), enquanto as *leves* ficam com (.45). Exemplo disso são, respectivamente, as palavras: *úlc/e/ra* ~ *úlc/ε/ra* e *núm/e/ro* ~ *núm/ε/ro*.

Há uma inversão de papel nesse fator, pois como as vogais labiais, as maiores favorecedoras são as *sílabas leves*; já com vogais coronais, são as *pesadas*. A partir daí, pode-se considerar que quando a sílaba tônica for leve, em um contexto de vogal postônica medial labial, a vogal da sílaba átona seguinte tenderá a abrir, mas com as *pesadas*, não. Contrariamente acontece com as médias coronais, já que ocasionará a abertura da sílaba tônica pesada, tendo como inibidora do processo de abertura a sílaba tônica leve.

c. Variável Estilística Tipo de Entrevista

O *tipo de entrevista* foi considerado como sendo o último fator importante na abertura da vogal postônica medial coronal. De acordo com esta rodada de dados, o *inquérito fonético* (.58) favoreceu a abertura, e a *leitura de palavras no texto* (.40) desfavoreceu.

O interessante, nesse fator, é que, quando Silva (2006) observou o apagamento da vogal postônica medial, o fator *inquérito fonético* foi o que mais beneficiou a síncope, embora estes dois fatores tenham ficado também bem próximos do ponto neutro, respectivamente, (.52) e (.47). A partir desta comparação, é possível perceber que quando se tem *inquérito fonético*, isto é, palavras soltas, mas ditas

espontaneamente, sem leitura, os processos fonéticos ficam mais propícios a acontecerem, já que tanto no apagamento, quanto na abertura, este fator foi selecionado pelo pacote de programas estatístico VARBRUL como sendo relevante.

4.2.1.1.4 Alçamento das Vogais Postônicas Médias Coronais

Do total de 156 palavras, que apresentaram mudança fônica das vogais, apenas 23 eram médias coronais. Após tratamento, pelo programa estatístico computacional VARBRUL, alguns fatores foram selecionados como importantes no processo de alçamento das médias coronais, a saber:

- a. Extensão da Palavra
- b. Contexto Fonológico Precedente

a. Extensão da Palavra

Assim como nas médias labiais, o fator *extensão da palavra* também foi selecionado como o mais relevante no processo em estudo. Isso demonstra que este fator é realmente importante no alçamento das vogais médias postônicas coronais.

TABELA 23 – EXTENSÃO DA PALAVRA (Alçamento da vogal postônica média coronal)

EXTENSÃO DA PALAVRA	Aplicação/ Total	%	PR
4 Sílabas ou mais	15/25	60%	.75
3 Sílabas	8/63	13%	.39

Input: 0.15

Significância: 0,009

O resultado, mais uma vez leva a caracterizar as palavras com o *maior número de sílabas* como as mais propícias ao alçamento, como em: helicópt/e/ro ~ helicópt/i/ro, fenômeno ~ fenôm/i/no e termôm/e/tro ~ termôm/i/to, assim como ocorreu com as

médias labiais em relação ao alçamento. Nas coronais, o peso relativo é de (.75), quase o mesmo valor referente às labiais, que foi de (.77).

Com pesos relativos bastante próximos, tanto as labiais, quanto as coronais, mostram-se suscetíveis ao alçamento, sempre que a palavra tiver mais de três sílabas. Com apenas três sílabas, está tenderá a não sofrer tal processo.

b. Contexto Fonológico Precedente

Presente em todos os processos, tanto no de alçamento, quanto no de abertura da vogal postônica média, independentemente de esta vogal ser labial ou coronal, o *contexto fonológico precedente* apresenta-se como sendo um fator bastante importante nos processos mencionados.

De acordo com os resultados obtidos, a consoante que mais propicia o alçamento nas vogais postônicas médias coronais é a *líquida vibrante* (.85) - *cér/e/bro* ~ *cér/i/bro* -, seguida da *nasal* (.77) - *núm/e/ro* ~ *núm/i/ro* -, da *obstruinte* (.38) - *helicópt/e/ro* ~ *helicópt/i/ro* -, e da *fricativa* (.19) - *pêss/e/go* ~ *péss/i/go*.

TABELA 24 – CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE (Alçamento da vogal postônica média coronal)

CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE	Aplicação/ Total	%	PR
Líquida Vibrante	2/3	40%	.85
Nasal	19/39	49%	.77
Oclusiva	1/7	14%	.38
Fricativa	1/37	3%	.19

Input: 0.15

Significância: 0,009

Nota-se, aqui, que os resultados são relevantes até certo ponto, pois a frequência das ocorrências não dá muita concretude aos resultados. O programa estatístico computacional aponta para a *nasal* como sendo a maior motivadora do processo de

alçamento, mas, observando-se mais atentamente, são apenas dois alçamentos em três ocorrências. É muito pouco para se dizer que esse, realmente, é o principal causador do processo em questão.

Um fator bastante relevante diz respeito à *nasal*, já que aparece com 39 ocorrências, sendo que em 19 delas, ocorre alçamento, o que significa que a metade dos alçamentos ocorreu quando o contexto fonológico precedente à vogal postônica medial coronal era uma consoante *nasal*, em um total de 49%.

As *oclusivas* e *fricativas* não parecem ser também tão relevantes, haja vista que ambas são contexto num pequeno número de ocorrências. As *oclusivas* apresentam um alçamento em sete; e as *fricativas*, uma ocorrência em 37. Logo, não podem dar um parâmetro preciso do alçamento em vogais postônicas médias coronais. Sendo assim, pode-se afirmar que as *nasais* são as grandes motivadoras do processo de alçamento da vogal em estudo.

4.3 NEUTRALIZAÇÃO DA POSTÔNICA MEDIAL EM COMPARAÇÃO COM OUTROS ESTUDOS

Há um grande número de regras fonológicas atuantes no sistema vocálico do PB. Por vezes, estas regras são de natureza prosódica, fonotáticas ou morfológicas (BATTISTI e VIEIRA, 2005). E as vogais médias são quase sempre alvo destas regras fonológicas: ora alternando entre si, ora alternando com vogais altas.

De acordo com estas regras, além do apagamento da vogal postônica não final entre as vogais médias e as vogais altas, os dados aqui trabalhados apontam para este efeito, o da alternância vocálica. Esta alternância ocorre quando o processo de apagamento não pode acontecer em determinadas situações, ou seja, quando a fonotática⁵³ da língua não permite a síncope, ou, então, quando outro processo fonológico atua em lugar dela, como é o caso da neutralização, apontado como recorrente em palavras proparoxítonas por vários estudiosos do PB, como Câmara (1979), Amaral (1999), Bisol (1999, 2002), Battisti e Vieira (2005).

⁵³ Regras fonotáticas são regras específicas de cada língua, que determinam as posições em que cada som ou sequências de sons pode aparecer, como por exemplo: na língua portuguesa é permitida a sequência BR (braço, branco, Brasil), mas não a sequência RB.

As vogais portuguesas constituem o que Trubetzkoy chamou de sistema vocálico triangular. Seriam vogais anteriores, produzidas por meio de um avanço da parte anterior da língua com elevação gradual; vogais posteriores, causadas por um recuo da parte posterior da língua seguida também de uma elevação gradual e um progressivo arredondamento dos lábios, entre as quais, tem-se a vogal /a/ como vértice mais baixo do triângulo de base para cima. Com a elevação gradual da língua, tanto na parte anterior quanto na posterior, classificam-se articulatoriamente como vogal baixa, vogais médias abertas (1º grau), vogais médias fechadas (2º grau) e vogais altas. Segundo Câmara Jr. (2002, p. 41), tem-se o seguinte quadro:

(46)

altas	/u/		/i/	
médias	/o/		/e/	(2º grau)
médias	/ɔ/	/ɛ/		(1º grau)
baixa		/a/		
	posteriores	central	anteriores	

Assim, no contexto da sílaba tônica, os sons vocálicos são simétricos e criam oposições como *b[a]to*, *b[e]co*, *b[ɛ]to*, *b[o]to*, *b[ɔ]to*, *b[i]co*, *b[u]le*. É importante observar que se classificam em vogais nasais (ou nasalizadas, de acordo com CÂMARA Jr., [1970] 2002.), tônicas, pretônicas e postônicas orais. Estas últimas se subdividem em postônicas finais e mediais. Câmara (op. cit., p. 43-44) propõe o seguinte quadro para as vogais nasais ou nasalizadas - quando diante de consoante nasal na sílaba seguinte:

(47)

altas	/ũ/		/ĩ/
médias	/õ/	/ẽ/	
baixa	/ã/		
	[â]		

exemplificadas como: *c[ã]to*, *b[ẽ]to*, *c[õ]to*, *b[ĩ]go* e *m[ũ]ito*. Já o das vogais pretônicas é:

(48)

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	

como por exemplo: *p[a]nela*, *m[e]diocre*, *m[o]leque*, *m[i]nhoca* e *b[u]zina*⁵⁴. O quadro das postônicas dos proparoxítonos ou penúltimas vogais átonas fica assim:

(49)

altas	/u/	/i/
médias	/.../	/e/
baixa	/a/	

como: *sáb[a]do*, *câm[e]ra*, *mús[i]ca* e *cúm[u]lo*. No que diz respeito às vogais átonas finais⁵⁵, apresenta-se da seguinte forma:

(50)

altas	/u/	/i/
baixa	/a/	

e teria como exemplos os seguintes vocábulos: *cas[a]*, *bol[u]* e *fom[i]*.

As vogais constituem o ápice da sílaba que, por sua vez, apresenta-se como pretônica, tônica e postônica, a depender da intensidade (força expiratória), associada, por conseguinte, a uma ligeira elevação da voz (tom). Nesse sentido, deter-se-á aqui apenas a postônica, porque está intrinsecamente ligada ao presente estudo: apagamento e consecutiva ressilabação das vogais postônicas não finais.

De acordo com Silva (2002, p. 87), em alguns dialetos do português brasileiro, encontra-se essa variação de pronúncia das vogais postônicas não finais; isso, devido ao

⁵⁴ No registro do dialeto carioca (informal), as oposições /o/ – /u/ e /e/ – /i/ ficam prejudicadas, pois há uma tendência a harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica quando esta é átona. Esse fenômeno, de acordo com Câmara Jr. (2002, p. 44), foi chamado, por Silveira (1960), de *Harmonização Vocálica* por Silveira (1960).

⁵⁵ Esteja essa vogal diante ou não de /s/ no mesmo vocábulo.

estilo de fala: formal e informal. Têm-se, na maioria dos dialetos do português brasileiro, em estilo formal, as vogais [i, e, a, o, u] ocorrendo em posição postônica não final. Já em alguns outros dialetos, como o da Região Nordeste, por exemplo, as vogais [ɛ, ɔ] ocorrem em posição postônica medial em estilo formal. O quadro 1 mostra como se daria essa possibilidade de variação entre o dialeto carioca⁵⁶ e o da Região Nordeste, representado pelo dialeto sapeense:

QUADRO 2 – COMPARAÇÃO ENTRE OS DIALETOS CARIOCA E SAPEENSE NO ESTILO FORMAL⁵⁷

Estilo Formal	Português Brasileiro	Dialeto Sapeense
música	mús[i]ca	mús[i]ca
pêssego	pêss[e]go	pêss[e]go
cérebro	cér[e]bro	cér[ɛ]bro
pétala	pét[a]la	pét[a]la
agrônomo	agrôn[o]mo	agrôn[o]mo
abóbora	abób[o]ra	abób[ɔ]ra
círculo	círc[u]lo	círc[u]lo

Em ambos os dialetos, todas as cinco vogais [i, e, a, o, u] aparecem. A distinção entre estes dialetos acontece quanto à ocorrência das vogais [ɛ, ɔ]. A ocorrência das vogais [e, o] e [ɛ, ɔ], em posição postônica não final, depende, principalmente, da vogal tônica que a precede (SILVA 2002, p. 87).

Em um estilo informal, a distribuição da vogal postônica não final, na maioria dos dialetos do português brasileiro, que ocorrem no estilo formal como [i,a,u], é reduzida respectivamente a [ɪ, ə, ʊ] no informal⁵⁸.

⁵⁶ Seguindo a ideia de Câmara Jr (1979), mesmo seu estudo sendo realizado de forma intuitiva, não seguindo os padrões sociolinguísticos.

⁵⁷ A ideia de estilo foi retirada a partir de Silva (2002, p. 87).

⁵⁸ Consoante Silva (2002, p. 90).

**QUADRO 3 – COMPARAÇÃO ENTRE OS ESTILOS FORMAL
E INFORMAL**

	Estilo Formal	Estilo Informal
pacífico	pacíf[i]co	pacíf[ɪ]co
chácara	chác[a]ra	chác[ə]ra
triângulo	triâng[u]lo	triâng[ʊ]lo

Remetendo-se agora à redução das vogais médias [e, ɛ, o, ɔ], em posição postônica não final, Silva (2002, p. 90) observa que as vogais postônicas [o, ɔ] são reduzidas a [ʊ] na maioria dos dialetos do PB. Já na comunidade linguística sapeense, não ocorre esta redução. De acordo com o quadro abaixo, tais vogais mediais labiais podem manter-se fechadas e sofrer processos fonológicos de abertura (o mais normal, em se tratando de fazer parte da Região Nordeste) e o de alçamento.

**QUADRO 4 – COMPARAÇÃO ENTRE OS ESTILOS FORMAL E
INFORMAL NOS DIALETOS PB⁵⁹ E SAPEENSE**

	Português Brasileiro		Dialeto Sapeense	
	Estilo Formal	Estilo Informal	Estilo Formal	Estilo Informal
pérola	pér[o]la	per[ʊ]la	pér[o]la	pér[ɔ]la
cócora	cóc[o]ra	cóc[ʊ]ra	cóc[o]ra	cóc[ɔ]ra
árvore	árv[o]re	árv[ʊ]re	árv[o]re	árv[ʊ]re
agrônomo	agrôn[o]mo	agrôn[ʊ]mo	agrôn[o]mo	agrôn[ʊ]mo

Assim, pode-se afirmar que o grupo [e, ɛ] apresenta a maior variação fonética dentre as vogais postônicas mediais. Silva (2002, p. 90) assevera que:

Em alguns casos, o “e ortográfico postônico medial” pode reduzir-se a [ɪ]. Nestes casos temos pronúncias como “hipó[ʃɪ]se, almôn[dʒɪ]ga” em que a palatalização do **t/d** demonstra a ocorrência da vogal alta anterior **i**. O “e ortográfico postônico medial” pode também se reduzir a zero (...). Neste

⁵⁹ Ver Silva (2005, p. 87).

caso temos grupos consonantais anômalos ocorrendo em posição postônica: nú**m**ro/número; hipót**z**e/hipótese. Em algumas palavras, a omissão da vogal postônica medial causa a omissão concomitante da consoante que a segue: númo/número; câma/câmara.

Há o caso em que o “*e ortográfico postônico medial*”, como coloca Silva (2002), pode aparecer como uma vogal central alta não arredondada [ɨ], ocorrendo em posição postônica não final no português brasileiro, em fala informal, como nas palavras *número*, *cérebro*, *helicóptero*. Já no português europeu, essa vogal corresponde ao *e* ortográfico, que pode ser opcionalmente omitido: [ˈnumrɐ] ~ [ˈnumirɐ] “número”; [ˈpzar] ~ [piˈzar] “pesar”.

Segundo Câmara Jr (1977, p. 58), no PB, há duas séries de fonemas vocálicos: os de articulação na parte anterior da boca, isentos de arredondamento dos lábios (/ɛ/, /e/, /i/, /y/); e os de articulação na parte posterior, provenientes de um arredondamento dos lábios (/ɔ/, /o/, /u/, /w/). A vogal /a/, tida como um fonema não arredondado, não se encaixa em nenhuma das posições há pouco mencionadas, já que se articula no centro, levemente anterior (CÂMARA Jr., 1977, p. 58).

Como se pode ver em (50), Câmara Jr (1979, p.44) define o sistema vocálico do PB na posição medial como sendo formado por quatro segmentos. Segundo o autor, há uma neutralização para a posição postônica, que se dá apenas entre o /o/ e o /u/, não passando de mera convenção ortográfica sua grafia ora com *e*, ora com *i*. No entanto, em análise dos dados da cidade de Sapé, percebeu-se que a sistematização do quadro vocálico para a posição da postônica não final é composto por cinco vogais. Embora seja real a presença dos processos fonológicos nessas vogais (como o de abertura e o de alçamento das vogais /e/ e /o/ postônicas não finais), estes processos apresentam um comportamento variável entre a aplicação e a não aplicação.

Dessa forma, têm-se não apenas quatro segmentos vocálicos postônicos mediais (49), como proposto por Câmara Jr (1979), na variedade sapeense, mas um quadro simétrico de cinco vogais postônicas mediais, como em (51).

(51)

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	

Para melhor entendimento, o quadro abaixo apresenta alguns exemplos das formas com vogais postônicas não finais presentes no dialeto sapeense:

QUADRO 5 – FORMA BASE DAS VOGAIS POSTÔNICAS NÃO FINAIS NO DIALETO SAPEENSE

Postônica Não Final	Português Brasileiro	Dialeto Sapeense
I	música	mús[i]ca
E	pêssego	pêss[e]go
A	pétala	pét[a]la
O	agrônomo	agrôn[o]mo
U	círculo	círc[u]lo

A partir do quadro acima, fica evidente a presença de processos fonológicos como o de abertura e o de alçamento das vogais postônicas mediais, como expresso no quadro a seguir:

QUADRO 6 – PROCESSOS DE ABERTURA E ALÇAMENTO NO DIALETO SAPEENSE

Postônica Não Final	Estilo Formal	Abertura	Alçamento
e	Fenômeno	fenôm[ɛ]no ⁶⁰	fenôm[i]no
	Pêssego	pêss[ɛ]go	pêss[i]go
	Número	núm[ɛ]ro	núm[i]ro

⁶⁰ É importante enfatizar que as palavras com contexto precedente nasal e/ou vogal tônica fechada tendem (não obrigatoriamente) a não sofrer processos fonológicos, embora algumas poucas palavras com contexto precedente nasal e vogal tônica fechada, sofram algum tipo de processo, tanto o de alçamento, quanto o de abertura.

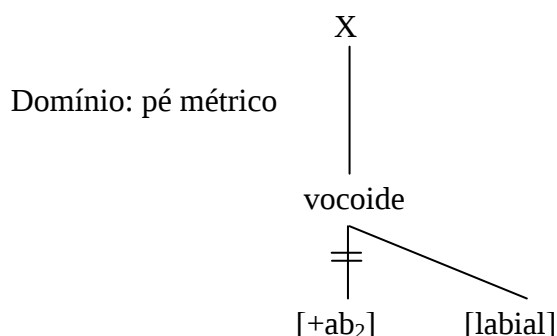
o	Abóbora	abób[ɔ]ra	abób[u]ra
	Árvore	árv[ɔ]re	árv[u]re
	Pérola	pér[ɔ]la	pér[u]la

A literatura já aponta para fenômenos recorrentes com vogais médias postônicas não finais. De acordo com Amaral (1999), no litoral sul do Brasil, é evidente a variação de /o/ e /u/ e de /e/ e /i/, pois, naquela comunidade linguística, se diz (*fósforu* ~ *fósfuru*), (*númeru* ~ *númiru*), (*alfândega* ~ *alfandiga*), (*hipótese* ~ *hipótise*), indicando que, em alguns dialetos, o sistema postônico não final é o mesmo das pretônicas, ou seja, um sistema de cinco vogais. Esta posição também é defendida por Vieira (1997), quando ela refere:

Apesar de as análises existentes sobre a neutralização na posição postônica não final centrarem-se somente na vogal /o/, pode-se constatar que a vogal /e/ também sofre elevação: núm[i]ro, prót[i]se, sínt[i]se, cóc[i]ga. No entanto, a vogal é preservada em contextos tais como vésp[e]ra, câm[e]ra, úlc[e]ra. O que se observa em relação à vogal /e/ na posição postônica não final é o fato de ela se realizar ora como /e/ ora como /i/, não havendo, aparentemente, um contexto que propicie ou bloqueie a elevação. No entanto, /e/ difere de /o/, porque a elevação de /o/ ocorre com mais facilidade. (VIEIRA, 1997, p. 102)

Wetzels (1992) reinterpreta o sistema vocálico do PB de Câmara Jr (1979) e propõe uma regra que neutraliza a oposição entre /o/ e o /u/ na posição postônica não final da seguinte forma:

(52) Regra de neutralização da postônica não final



Logo, é o pé o domínio da regra de neutralização da postônica não final proposto por Wetzels. A partir dessa regra, entende-se que, nas palavras marcadas por um acento excepcional, que é o caso das proparoxítonas, a última sílaba é considerada extramétrica, porquanto fica fora da formação do pé. Seguindo este raciocínio, pode-se entender que o pé troqueu mórico de cabeça à esquerda é formado e a sílaba à direita torna-se um elemento fraco, como em [zi] na palavra *música*, em que o pé tem duas sílabas leves [mu.zi].

Esta regra, proposta por Wetzels (1992), aplica-se à vogal labial do membro débil do pé métrico. Ao retirar o traço [+ab₂], a diferença entre as vogais médias e as vogais altas é eliminada, favorecendo a vogal alta, como nos exemplos mostrados em (52).

Bisol (2003) afirma que este processo de neutralização, apresentado por Câmara Jr (1979) e reinterpretado por Wetzels (op. cit), *cria uma assimetria no subsistema de vogais postônicas mediais, desfazendo a assimetria inerente a todas as línguas naturais*. No entanto, propõe a hipótese de que as vogais postônicas mediais têm *status* flutuante entre o subsistema das átonas finais e das pretônicas, encontrando-se, desse modo, a grade de vogais flutuantes entre três e cinco segmentos. Esta ideia de flutuação da postônica não final em direção ao subsistema das vogais pretônicas é justificada por meio de dois argumentos propostos pela referida autora, a saber:

1. Há, nos dialetos da região sul, manifestações de alternâncias vocálicas como as seguintes: *fósforo* ~ *fósfuro*, *abóbora* ~ *abóbura*, *alfândega* ~ *alfândiga*, *epêntese* ~ *epêntise*, *córrego* ~ *córrigo*, *prótese* ~ *prótise*. Alternâncias estas que, por si, levam por terra a hipótese de Câmara Jr., pois indicam a presença do fonema *Ĭ* em posição postônica não final.
2. É possível relacionar, assim como no subsistema de vogais pretônicas, vogais neutralizadas a vogais preservadas (por derivação), como nos exemplos: *perolar* < *pérula* ~ *pérola*; *fosforear* < *fósfuro* ~ *fósforo*; *alfandegário* < *alfândiga* ~ *alfândega* (BISOL, 2003, p. 280).

Tomando por base a ideia de que a última sílaba é extramétrica em palavras proparoxítonas, fora da formação do pé, pode-se entender que o pé trocaico mórico de cabeça à esquerda se forma e, de acordo com Amaral (1999), *a sílaba à direita torna-se o elemento fraco, como (bo) na palavra abóbora, em que o pé tem duas sílabas leves (bobo); e (fo) em fósforo, que está fora do pé*.

Como bem observou Amaral (1999, p. 88), a aplicação da regra de neutralização da vogal postônica não final:

tem: como alvo a vogal labial do membro fraco do pé métrico e, ao desligar o traço [+aberto2], elimina a diferença entre vogais médias e vogais altas, favorecendo a vogal alta: fósf[u]ru, árv[u]ri, mét[u]du.

Ao analisar um corpus com cerca de 100 palavras proparoxítonas não derivadas com /o/ na posição postônica não final, Vieira (1997) observa que, em alguns contextos de vogal postônica não final, a elevação da vogal medial labial é bloqueada, como em *cócoras* e *ágora*. A autora também mostra que há outros contextos em que o alçamento da vogal média labial à vogal alta labial é favorecido: *abóbora* ~ *abób[u]ra* e *ídolo* ~ *íd[u]lo*. Segundo a autora, isso indica que o contexto adjacente é responsável pelo processo de alçamento. Ela observou também que este alçamento de [o] para [u] ocorre, preferencialmente, depois de uma consoante labial, como em *árvore* ~ *árv[u]re* e *época* ~ *ép[u]ca*.

O corpus utilizado nesta pesquisa revelou a presença de alguns processos inerentes à vogal postônica medial não final, como apresentados e exemplificados no quadro 5. Com isso observa-se que, em vez de se ter uma neutralização, tem-se uma redução variável, com o maior uso de regras de abertura e, em proporção menor, o de regras de alçamento. Esta redução se mostra frequente tanto nas vogais postônicas mediais labiais quanto nas mediais coronais. Vale frisar que não há um contexto específico que engatilhe ou bloqueie os processos fonológicos que ocorrem nas vogais mediais, como exposto acima.

É importante lembrar que tais processos, tanto de abertura, quanto de alçamento, ocorrem com frequências diferenciadas. Ou seja, ocorre maior abertura com a vogal coronal [e] (.71), como por exemplo: *número* ~ *núm[ε]ro*; *cócega* ~ *cóc[ε]ga*; *helicóptero* ~ *helicópt[ε]ro*.

Já a vogal média labial [o] é a maior responsável pelo processo de alçamento nas vogais postônicas mediais (.83), fazendo com que [o] passe a [u], como em: *pérola* ~ *pér[u]la*; *árvore* ~ *árv[u]re*; *semáforo* ~ *semáf[u]ro*.

Um contexto propício ao alçamento é o contexto fonológico precedente. Observou-se que, quando há uma consoante líquida vibrante (.74), o processo de

alçamento torna-se mais usual. Vieira (1997) e de Amaral (1999), não apontaram nenhum contexto que engatilhasse ou travasse o processo de elevação. Mas, tanto nesta pesquisa, quanto na pesquisa das autoras acima mencionadas, o processo de elevação do [o] ocorre mais frequentemente⁶¹.

Cabe aqui, então, a apresentação de um ajuste da regra (69), já que Câmara Jr. aponta a labial como sendo alvo da neutralização, tomando por base o trabalho no dialeto carioca⁶². Assim, após os estudos aqui apresentados, conclui-se que esta regra não se aplica ao uso linguístico sapeense, dada a variedade existente entre a aplicação do processo de abertura e do de alçamento no dialeto em questão.

Sendo assim, propõe-se uma regra de redução para a postônica não final, tomando por base o sistema de traços de abertura das vogais tônicas do PB apresentada por Wetzels (1992).

QUADRO 7 – TRAÇOS DE ABERTURA DAS VOGAIS TÔNICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

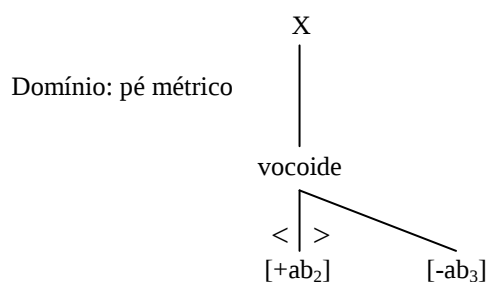
Abertura	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
ab ₁	-	-	-	+
ab ₂	-	+	+	+
ab ₃	-	-	+	+

(WETZELS, 1992, p. 22)

A partir do quadro 6, desfaz-se a oposição entre vogal média alta e vogal média baixa, apagando os valores do traço [aberto 3], seguindo a mesma linha de entendimento de Amaral (1999, p. 90), que propõe, então, uma regra postônica não final, em sua região, e dá a seguinte explicação:

⁶¹ Como no sul do país o processo de abertura não é tão frequente como no Nordeste, é normal que as autoras não tenham encontrado (se é que foi observado) tal processo nessas vogais. Em contrapartida, o processo de alçamento seria mais fácil para elas controlarem, já que este é um fenômeno mais recorrente naquela região.

⁶² Mesmo não sendo esta uma pesquisa sociolinguística, mas apenas de caráter observacional.

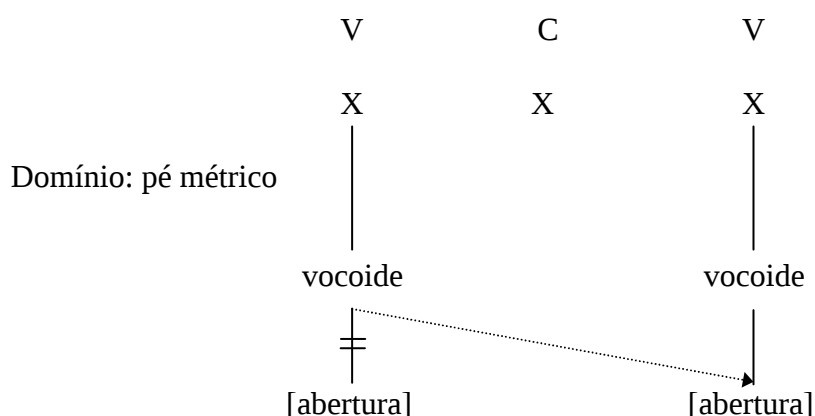


onde < > significam apagamento variável; e onde a desassociação, que acarreta apagamento, pressupõe uma regra de redundância que substitui o traço apagado pelo seu valor oposto.

Nos dados aqui em estudo, só ocorre o processo de abertura quando se tem uma vogal tônica arredondada. De acordo com Silva (2005, p. 78), em um estudo piloto (1994), a ocorrência das vogais [e, o] e [ɛ, ɔ] em posição postônica não final depende, principalmente da vogal tônica que a precede. Isso significa que há um espriamento de traços, ou seja, uma assimilação progressiva das vogais: as vogais postônicas médias [e, o] abaixam-se em consonância com as vogais que as precedem.

Este tipo de fenômeno apenas foi observado em consoantes, como se pode ver em Lima (2008) e na subseção 4.4.3 deste trabalho. A partir daí, ter-se-ia a seguinte regra de mudança de traço para as vogais postônicas mediais não finais:

(53)



Conforme visto em 4.2.1.1, o contexto fonológico precedente foi o grande favorecedor, com as oclusivas (.82), do processo de abertura das vogais postônicas não finais. Em seu trabalho acerca das médias pretônicas no falar pessoense, Pereira (1997) afirma que as variantes destas vogais são em maioria abertas [ɛ] e [ɔ], apesar de haver ocorrência significativa de variantes elevadas [i] e [u] e fechadas [e] e [o]. Porém ela explica o pouco uso do alçamento e a forma padrão da vogal pretônica, afirmando que as variantes elevadas e as fechadas apenas acontecem em contextos de subordinação às vogais de mesma altura na sílaba seguinte. O que só corrobora a ideia de que, havendo abertura da vogal tônica, haverá abertura da vogal postônica não final, como se pode ver abaixo:

QUADRO 8 – ABERTURA DAS VOGAIS POSTÔNICAS NÃO FINAIS

Postônica Não Final	Estilo Formal	Abertura
E	Cérebro	cér[ɛ]bro
	Cócega	cóc[ɛ]ga
	helicóptero	helicóp[ɛ]ro
O	Abóbora	abób[ɔ]ra
	Pérola	pér[ɔ]la
	Cócora	cóc[ɔ]ra

De acordo com a tabela acima, a vogal média aberta tônica é que provoca a abertura da média postônica não final. O que apenas confirma o uso da regra (55). Em palavras como *pêssego*, *agrônomo* e *termômetro*, a aplicação dos processos é pequena, já que têm vogal tônica fechada, inibindo tanto a abertura, quanto o alçamento.

Em relação ao processo de alçamento das vogais aqui em estudo, pode-se comprovar que o fenômeno ocorre quando há, como contexto fonológico precedente, uma líquida vibrante (.74) ou uma nasal (.67). O quadro que segue confirma essa assertiva:

QUADRO 10 – MANUTENÇÃO DAS VOGAIS POSTÔNICAS NÃO FINAIS

Postônica Não Final	Estilo Formal	Abertura
e	pêssego	pêss[e]go
	Fenômeno	fenôm[e]no
	termômetro	termôm[e]tro
o	Cômoda	côm[o]da
	Agrônomo	agrôn[o]mo

A partir do exposto acima, acerca da abertura e do alçamento das vogais postônicas não finais, é possível afirmar que em Sapé-PB:

- a. A vogal postônica tende a sofrer mais o processo de abertura que o de alçamento;
- b. O processo de abertura é engatilhado pela vogal aberta tônica (55);
- c. A vogal fechada tônica inibe a abertura das vogais;
- d. A vogal postônica não final apenas sofrerá processo de alçamento quando houver uma líquida vibrante⁶³ ou uma oclusiva nasal como consoantes precedentes.

Após as ponderações acerca da forma base das vogais postônicas não finais, passar-se-á agora à discussão do fenômeno fonológico da síncope da vogal postônica não final na fala dos sapeenses, observando aqui alguns processos de ressilabação e de assimilação (progressiva ou regressiva) e finalizando com a reestruturação dos pés.

4.4 ANÁLISE FONOLÓGICA DA SÍNCOPE

Neste capítulo, serão apresentados os processos fonológicos que estão envolvidos no apagamento da vogal postônica não final na cidade de Sapé, interior da

⁶³ Quando há uma líquida vibrante como, consoante posterior, a vogal postônica não final também sofre o processo de alçamento, mas isso só ocorre com o vocábulo *número*, por isso, não foi considerado na regra.

Paraíba-PB. Aqui serão analisados alguns processos como: ressilabação, assimilação e reestruturação dos pés métricos, fenômenos ligados diretamente à síncope e, de alguma forma já analisados em outros trabalhos, como os de: Lima (2008) e os de Ramos (2009). Ao fim deste capítulo, se espera mostrar com clareza que os processos fonológicos provocados pela síncope são explicados pelos modelos métricos de Selkirk (1982), no que tange à sílaba, e pelo de Hayes (1995), para o acento.

4.4.1 O Processo de Apagamento da Vogal Postônica Não Final sob a Ótica da Fonologia

O processo de síncope foi bastante comum no latim e atingia unicamente as vogais breves e átonas nas proximidades das sílabas tônicas. *No português coloquial e dialetal do sec. XVI, com a intensificação do acento, a penúltima vogal das proparoxítonas começou a cair: árvore > arvre, diálogo > diaglo, pêssago > pesgo* (WILLIAMS, 1991, p. 66).

Faria (1957, p. 187) observou que as palavras eram atingidas naturalmente pela síncope em sua segunda sílaba, como em *retetuli > rettuli*, isso porque o antigo acento itálico, que foi conservado no latim pré-histórico e no proto-histórico, sempre incidia sobre a sílaba inicial do vocábulo.

O autor ainda verificou que, durante o processo de síncope, era provável que antes de seu desaparecimento total, a vogal sofresse efeitos de apofonia. Dessa forma, o exemplo composto **primo-capem* não apresentaria desde logo a síncope de /o/ para resultar em *principem*, mas passava pelas seguintes formas intermediárias em sua evolução: **primocapem > *primecepem > *primicipem > principem* (AMARAL, 1999).

Abaixo, seguem alguns casos de síncope no latim vulgar:

(55)

i. O /e/ postônico é apagado quando precedido por uma consoante que possa formar sílaba com a vogal precedente, como em *mare > mar*. É também sincopado quando se encontra em sílaba medial postônica, como em *generum > genro*. Observa-se que palavras proparoxítonas como *véspera* e *víbora* mantêm o /e/ postônico na língua escrita, mas apagam, como regra geral, na língua vulgar: *vespra, bibra*.

- ii. O /i/ e o /o/ átonos postônicos eram sincopados em palavras proparoxítonas, como em *viridem* > *verde*, *amáricum* > *amargo*, *parábolam* > *palavra*, *léporem* > *lebre* etc.
- iii. Apaga-se também o /d/ por síncope, como em: *lampadam* > *lâmpada* (erudito) > *lampa*, *nidum* > *ninho*, *pedem* > *pé*.

Segundo Marroquim (1934), os romanos que falavam o *sermo cotidianus* evitavam os esdrúxulos (paroxítonos), cortando em sua pronúncia as vogais átonas que vinham depois da tônica, obedecendo, assim, ao princípio do menor esforço. Embora a gramática latina tenha tentado corrigir o impulso simplificador da língua, esse fenômeno continuou livremente o seu caminho, na Península Ibérica, e tem-se hoje de *speculum* > *espelho*, de *masclum* > *macho*, de *vetlum* > *velho*; de *articlum* > *artelho*.

A maioria dos proparoxítonos é de vocábulos cultos, eruditos. Pela lei do menor esforço, ou pelo princípio de economia linguística ou por tendência a seguir a natureza da língua, as pessoas tendem a transformar os vocábulos proparoxítonos populares, como *sábado*, *câmara* e *estômago*, em vocábulos paroxítonos, resultando, respectivamente em: *sabo*, *cama* e *estomo*.

Estudos linguísticos (ARAGÃO, 1999; BISOL, 1998, 2003; GUY, 1981; HORA, 2004; LABOV, 1992) têm mostrado o dinamismo da língua, marcado por fenômenos fonológicos. Considerando que a língua é dinâmica por natureza, ela está apta a sofrer modificações determinadas por fatores fonéticos, morfológicos e sintáticos (CALLOU & LEITE, p. 43-44). Ainda seguindo este pensamento, as autoras dizem que *as modificações sofridas pelos segmentos no eixo sintagmático podem alterar ou acrescentar traços, eliminar ou inserir segmentos* (p. 44). Portanto, a síncope é um fenômeno fonológico, visto que tais alterações podem acontecer no nível fonológico da língua e alterar o nível fonético, modificando as palavras proparoxítonas por meio do apagamento da vogal postônica não final.

A partir daí, os processos de evolução do latim para o português continuam atuantes, levando em consideração que podem ser verificados sincronicamente. A síncope é um bom exemplo para mostrar uma regra que se originou no latim e que continua a atuar nas palavras proparoxítonas, objeto desta pesquisa, na cidade de Sapé-PB.

Por ser um processo que acontece no interior de uma sílaba, sincopando tal vogal, o apagamento da vogal postônica não final pode ser explicado a partir do estudo da estrutura silábica, de modo que a sílaba seja reestruturada, adequando-se a um padrão silábico da língua. Os dados em estudo mostram que os falantes têm consciência deste fato em relação ao apagamento da postônica não final e apenas realizam a síncope quando é possível haver uma reestruturação silábica de acordo com os moldes silábicos do PB (12).

(56)

Palavra	Apagamento	Junção do ataque à sílaba anterior	Junção do ataque à sílaba seguinte	Apagamento total da sílaba medial
a. abóbora	a.bó.b[ø].ra	*a.bob.ra	a.bo.bra	a.bo.ba
b. música	mú.s[ø].ca	mus.ca	*mu.sca	mu.ca
c. pétala	pé.t[ø].la	*pet.la	pe.tla	pe.la
d. médico	mé.d[ø].co	*med.co	*me.dco	me.co

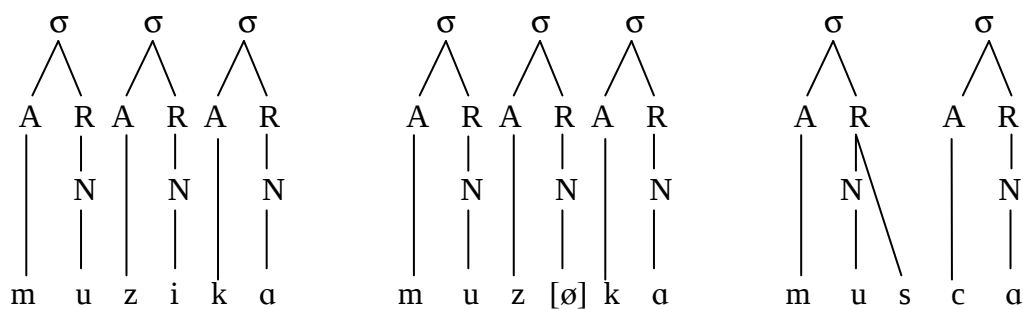
Como se observa no quadro acima, palavras como (56) não são favoráveis ao apagamento da postônica não final, já que não é possível a ressilabação, nem com a sílaba precedente, nem com a seguinte. Em (56b), a síncope é realizada normalmente, e a consoante flutuante /s/, que resta desse apagamento, é associado à sílaba anterior. Já em (56c), acontece a síncope seguida de uma junção da consoante flutuante /t/ à sílaba seguinte. Fato semelhante ocorre em (56a), já que há o apagamento da vogal medial, resultando na junção da consoante flutuante /b/ à sílaba seguinte.

Na coluna de *apagamento total da sílaba*, é possível observar que, embora todos os exemplos citados tenham boa-formação no PB, uns parecem ser pouco usuais, como é o caso de *aboba*, encontrado nos dados em estudo, e *muca*, que é possível ser encontrado em fala de crianças em fase de aquisição da linguagem. Outros parecem ser mesmo impraticáveis, como é o caso de *pela* e *meco*, já que estes parecem dar margem a uma outra significação, que não a original, e, até mesmo, não ter nenhuma significação.

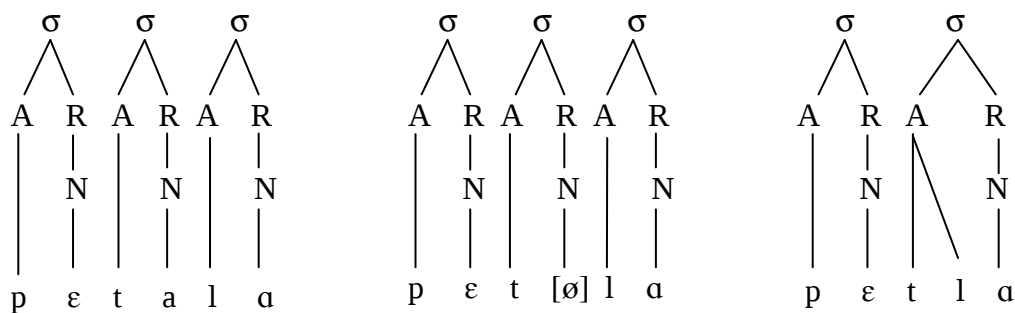
É importante frisar que, em todos os casos passíveis de apagamento, ocorre, além da síncope, a mudança acentual. Isso significa que, com o apagamento da vogal postônica não final, o acento muda de posição, mas não muda de sílaba. Ele deixa de ocupar uma posição antepenúltima e passa a assumir uma posição penúltima na sílaba o que indica que a síncope não apenas favorece a reestruturação silábica, como visto acima, como também altera a posição do acento, como se pode observar em (59).

(57)

a.



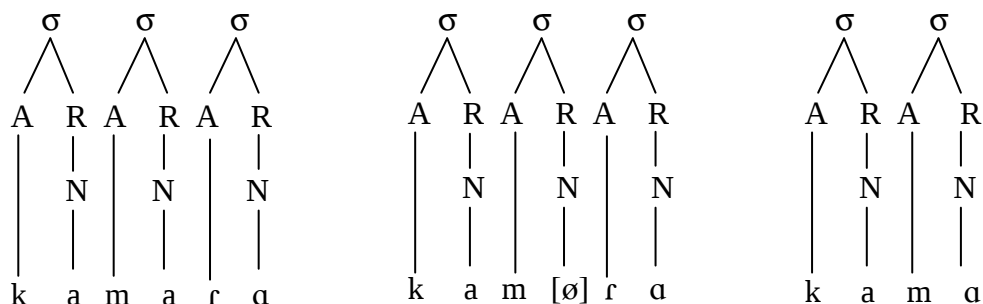
b.



Os exemplos (57ab) mostram bem como as sílabas se reorganizam mediante o apagamento da postônica não final, criando uma nova estrutura silábica. Em (57a), a consoante flutuante /s/ incorpora-se à sílaba precedente, passando a coda, já que esta não se sustentaria como primeira consoante de um ataque complexo (18). No segundo caso, em (57b), a consoante flutuante /t/ junta-se à consoante da sílaba seguinte, formando um ataque complexo [tl] licenciado pelo PB.

Um caso interessante acontece em outro contexto. Além do apagamento da vogal postônica não final acontece o apagamento do primeiro segmento da sílaba seguinte, isto é, a síncope do ataque, como em (58):

(58)



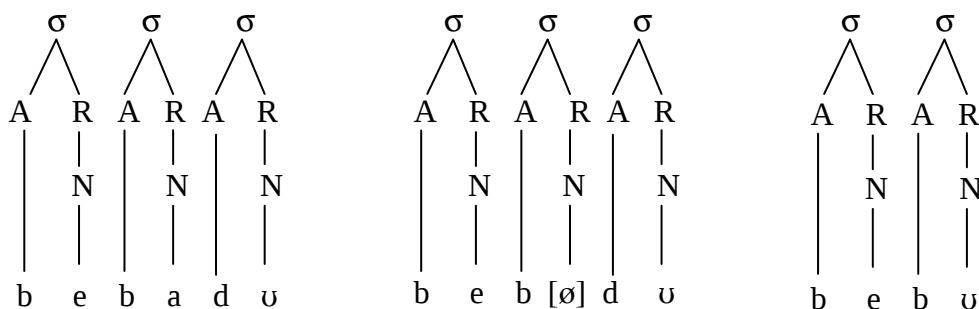
Como visto em (57), quando acontecia o apagamento, o resquício da sílaba apagada juntava-se, isto é, ressilabando-se, ora à sílaba precedente, ora à seguinte. Em (58), com o apagamento, esvai-se também o ataque silábico da sílaba seguinte, havendo uma ressilabação entre o elemento solto da sílaba postônica não final e o elemento solto da sílaba postônica final.

Uma questão levantada acerca de (58) é: o processo se dá como exposto acima, ou seja, há o apagamento da vogal postônica não final e do ataque da sílaba seguinte, ou o processo acontece de modo diferente? Será que o apagamento é total, de modo que o elemento que realmente sofre a síncope seja a sílaba postônica final? Esta ideia foi levada em consideração porque a palavra *câmara* sofre um processo de apagamento do tipo *câmara* > *cama*.

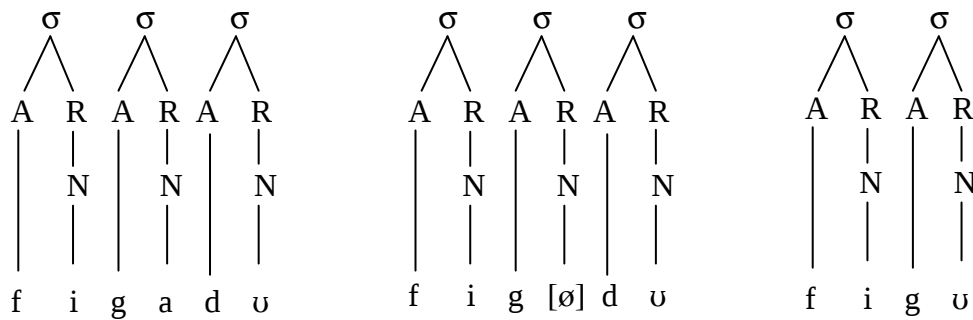
Nos dados aqui em estudo, mais palavras que tivessem um processo parecido, e os seguintes exemplos foram encontrados, entre outros:

(59)

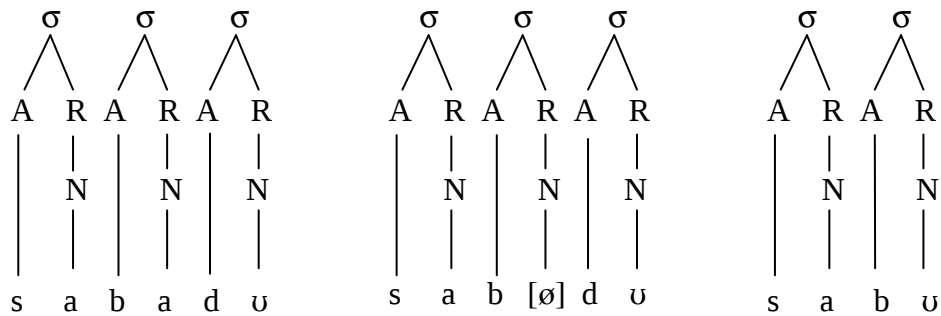
a.



b.



c.



No estudo mais detalhado dos dados, observou-se que tais palavras, que teoricamente, sofrem o mesmo processo, como se pode ver em (59abc), têm uma mesma estrutura silábica entre as postônicas não finais e as postônicas finais: as não finais têm o ataque formado por uma oclusiva, e as finais também. Outras análises já foram realizadas acerca deste tema. Em Amaral (1999), Silva (2006), Lima (2008) e Ramos (2009), e constatarem-se processos muito próximos dos aqui verificados.

Levando-se em consideração este fato, presume-se que a ressilabação, tanto com a sílaba seguinte (a. beb.do; b. fig.do; c. sab.do) quanto com a precedente (a. be.bdo; b. fi.gdo; c. sa.bdo), seria impossível, segundo os princípios silábicos apresentados no item 2.1.3, como:

(60)

- i. O PCSB, que determina uma sequência sonora bem formada;
- ii. O PSB, que mostra de que forma são organizadas as sequências de segmentos em sílabas, sendo impossível no PB uma formação silábica dessa maneira;
- iii. O PD, que aponta uma elevação constante, em termos de soância, que vai das margens ao pico;

- iv. O PSS, que, a partir de uma escala de soância, os segmentos com posição mais baixa ficam nas margens, garantidos pelo *Ciclo de Soância* de Clements;
- v. O LCS, assegurando que o final da primeira sílaba é maior, sonoramente falando, do que o começo da segunda; e
- vi. O CLP, que determina as estruturas possíveis da língua, delimitando restrições fonotáticas no PB.

Estes princípios asseguram que haja, em tais palavras, como as apresentadas em (59), um apagamento entre as consoantes oclusivas, não deixando uma coda obstruinte (como em *beb.do*; b. *fig.do*; c. *sab.do*) nem tampouco um ataque mal formado (como em *be.bdo*; b. *fi.gdo*; c. *sa.bdo*), porque tais possibilidades são improváveis de acontecer no PB segundo esses princípios.

Dois princípios, em especial chamam a atenção à explicação do questionamento acerca do apagamento do ataque da postônica não final: o Princípio de Sonoridade Sequencial e a Lei do Contato Silábico. Segundo o PSS, seria impossível uma coda obstruinte no PB, posto que, segundo o Ciclo de Soância (Cf. Clements, 1990), a coda não pode ter elementos com valor 0 de sonoridade, pois, como se sabe, somente as soantes /l, n, r/ e /s/ são licenciadas, de acordo com a *Condição de Coda*, para ocupar tal posição. Em relação ao ataque, há uma preferência do PB por sílabas com elementos adjacentes separados por uma distância mínima de dois graus na escala de soância, que faz com que uma sequência do tipo *obstruinte+obstruinte* seja bloqueada.

O outro princípio, quiçá o mais forte, que ajuda na explicação, é a Lei do Contato Silábico, segundo a qual o segmento final da primeira sílaba deve ser maior, em termos de sonoridade, do que o segmento inicial da segunda sílaba. Dessa forma, seria impossível ter uma coda obstruinte, já que o ataque da sílaba seguinte também é formado por outra obstruinte.

Observando os exemplos apresentados em (59), vê-se que os ataques apagados na sílaba postônica final, provenientes do efeito da síncope da postônica não final, são todos formados por obstruíntes sonoras (embora tanto o ataque da sílaba postônica não final quanto o ataque da sílaba postônica final sejam formados por uma oclusiva sonora).

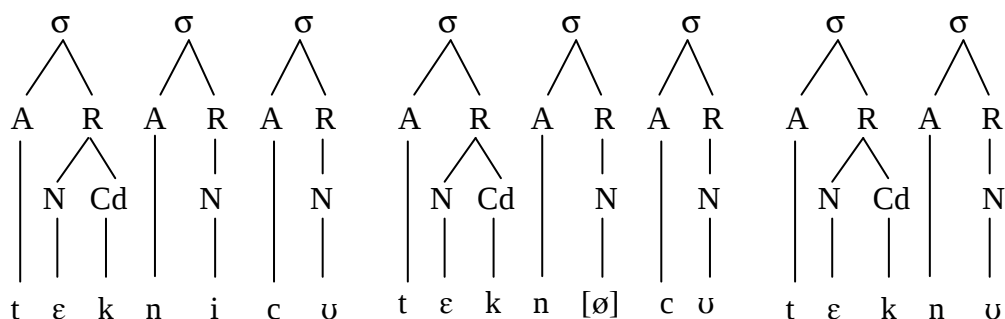
Retomando a ideia de Vennemann (1988), em tais correlações, ocorre um parâmetro fonético de grau de desvio de uma corrente de ar soante, chamado Força Universal de Consoante, que induz a um ordenamento dos sons da fala, cuja variação no traço de força corresponde ao grau de soância e de abertura do segmento. Ou seja, um segmento surdo e oclusivo tem mais força do que um segmento sonoro e oclusivo, e este mais força que um fricativo, isto é, sons oclusivos surdos são os mais resistentes a mudança, assimilação ou queda, já que seu grau de abertura é máximo. Dessa forma, a colocação dos segmentos e a ordem em que eles ocorrem na sílaba são regidas pelas restrições fonotáticas do PB, ficando, assim, a cabo do PSS o ordenamento em que estes segmentos ocorrem na sílaba (Cf. PRINCÍPIO DE LICENCIAMENTO PROSÓDICO DE ITÔ, 1986, p. 2).

Há que se ressaltar que, quando a postônica não final é apagada, tem-se uma sequência do tipo *obstruinte sonora + obstruinte sonora* (OS+OS), e o apagamento de uma delas também ocorrerá devido à condição de boa-formação de um ataque complexo, que assegura o seguinte:

O primeiro elemento do Ataque Complexo pode ser ocupado pelas oclusivas /p, b, t, d, k, g/ ou pelas fricativas labiais /f, v/. A segunda posição será ocupada pelas líquidas /l, r/. Essa Condição de Ataque dá origem à sequência Obstruinte + Líquida (OL), seja esta líquida vibrante simples ou lateral, respeitando o Princípio de Sequenciamento de Sonoridade. (SILVA, 2006)

Outra forma de ressilabação silábica apareceu nos dados desta pesquisa, em decorrência do apagamento da postônica não final, como no exemplo que segue:

(61)



Essa forma de ressilabação também segue os mesmos princípios apontados em (60). O exemplo (61) difere do (59), no que tange à forma de ressilabação. Em (59), o

apagamento acontece pelo fato de não ser possível a formação de uma sílaba com uma obstruinte na coda ou um ataque complexo formado por duas obstruintes. Em (61), o ataque da sílaba postônica não final é formado por uma nasal. Neste caso, acredita-se que, após o processo de apagamento da vogal postônica, a nasal mantenha-se devido à ideia contida no PSS, de que toda obstruinte é tida como detentora de menor sonoridade, entre as consoantes (CLEMENTS, 1990). Dessa forma, é selecionada para apagamento, juntamente com a vogal postônica não final, embora esta pertença à sílaba postônica final: *téc.ni.co* > *téc.nø.co* > **tecn.co* > **tec.nco* > *tec.no*.

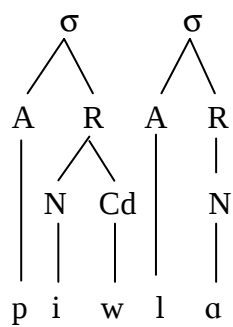
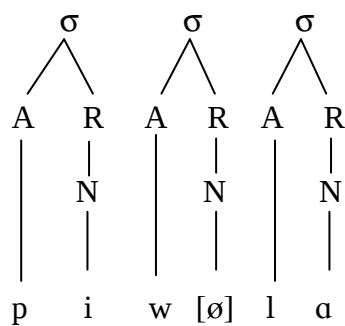
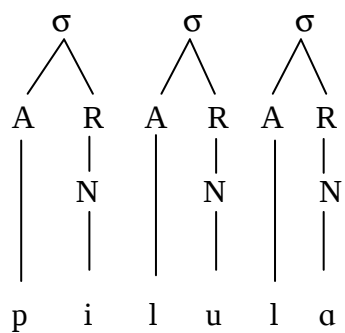
Este processo de síncope também abrangeu palavras como *número* ~ *numo*, presentes em nossos dados. Nessa palavra, com o apagamento da postônica não final, os resquícios deixados pelo fenômeno resultam em uma grande proximidade, em termos de sonoridade, como em: *nú.me.ro* > *nu.mø.ro* > **num.ro* > **nu.mro* > *nu.mo*. De acordo com Clements, há uma forte tendência entre as línguas de preferirem sílabas em que elementos adjacentes não sejam tão próximos um do outro em grau de soância (Cf. Restrições de Distância Mínima, 1999, p. 317)⁶⁴. Em (15), pode-se ver que a Escala de Sonoridade vai de 0 a 4, seguindo a sequência: obstruintes < nasal < líquida < glide < vogal, o que indica que as vogais têm maior grau de soância 4, e as obstruintes, o menor grau 0. Assim, tanto no português quanto em outras línguas, há a preferência de sílabas com elementos adjacentes separados por uma distância mínima de dois graus na escala de soância, e isso faz com que sequências do tipo NL sejam bloqueadas, como é o caso do encontro entre a nasal e a líquida em *número* > *numo*. Desse modo, a sequência *mr* de **nu.mro* é mal formada, já que a sequência N+L viola tal princípio, não dando uma distância mínima de dois graus na escala de soância, como falado acima.

Outra forma ocorrida a partir do fenômeno do apagamento da postônica não final foi o de uma ditongação, como mostra este exemplo:

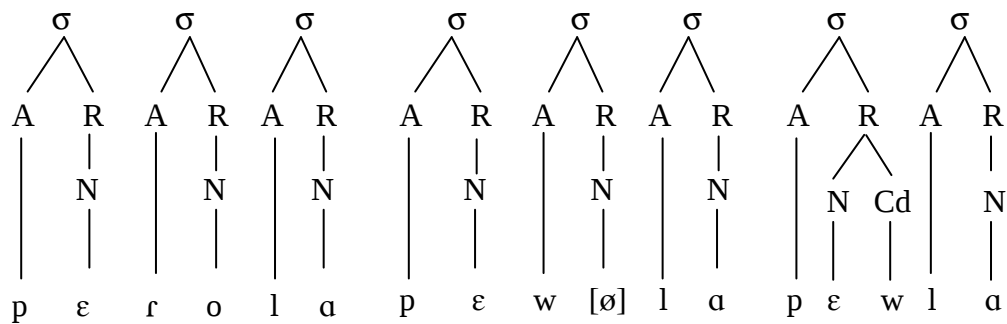
⁶⁴ Vale ressaltar que essas restrições são aplicáveis apenas na demissílaba inicial, já que, nas finais, os segmentos tendem a ser próximos um do outro em termos de soância.

(62)

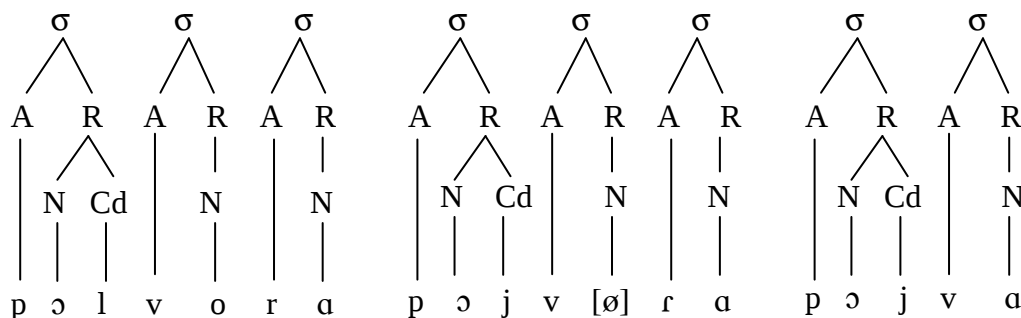
a.



b.



c.



Analisando cada exemplo, tem-se o seguinte: em (62a) e (62b), ocorre o fenômeno de apagamento da postônica não final e, em seguida, desenvolve-se uma ditongação, i. é, ocorre o processo de vocalização, que resulta em uma ditongação que, de acordo com alguns estudos, é fortemente condicionada pela posição e pela tonicidade da sílaba na palavra.

Para Aquino (2004), o uso da ditongação é pouco frequente em posições mediais e iniciais de palavras, mas um possível prognóstico da autora é de que o processo de ditongação está acontecendo na posição final e se alastrando para a medial e a inicial. Observando os dados desta pesquisa, nota-se que houve ditongação na primeira sílaba, e não, na última. Esse processo de ditongação, ocorre em vários contextos, não apenas pela inserção de uma semivogal (doze > do[w]ze, paz > pa[j]z), mas pela modificação de uma consoante, em posição de coda silábica (mal > ma[w], arco-íris > a[w]co-íris ou a[j]co-íris).

Porém, de acordo com Leite, Callou e Moraes (1998), o princípio de saliência fônica atua no processo de implementação do glide [j]: *quanto menor a dimensão da palavra, maior a possibilidade de haver ditongação*. Assim, com a diminuição da palavra, devido ao processo de síncope, o ataque da vogal apagada assume uma posição de coda, porém vocalizada: *pí.lu.la > pi.l[ø].la > *pi.lla > pil.la > piw.la; perola > pe.r[ø].la > *pe.rla > per.la > pew.la*.

Na comunidade linguística sapeense, é comum o uso de ditongação em paroxítonas, como os apresentados nas proparoxítonas. Por fazer parte de uma comunidade fechada, sem trânsito de pessoas (indo ou vindo para a cidade), a comunidade linguística faz uso de palavras como: *po/j/co ~ porco, po/j/ta ~ po/r/ta*,

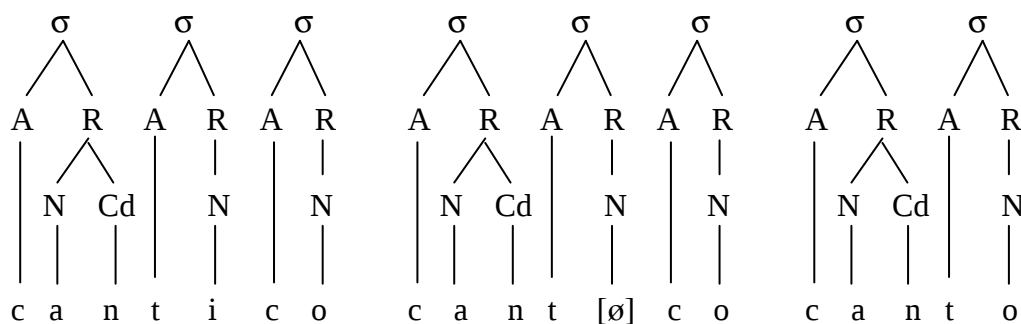
pa/j/mo ~ pa/l/mo, ne/w/vo ~ ne/r/vo, ce/j/to ~ ce/r/to, transpo/j/te ~ transpo/r/te, fo/j/ga ~ fo/l/ga; bem como suas derivadas: po/j/caria ~ po/r/caria, po/jtʃ/aria, ~ po/r/taria, po/jtʃ/eiro ~ po/r/teiro, ne/r/voso ~ ne/w/voso, fo/j/gado ~ fo/l/gado.

Outra forma havia sido levantada nas hipóteses para (62b), mas que não seria possível em (62a): pensou-se que o ataque da vogal apagada pudesse se transformar em uma coda da sílaba precedente, já que esta consoante é licenciada para ocupar tal posição, como por exemplo, em *per.la*. Mas não foi o que os dados indicaram! Em momento algum, essa forma se realizou dessa maneira, mas sim, como /'pewle/.

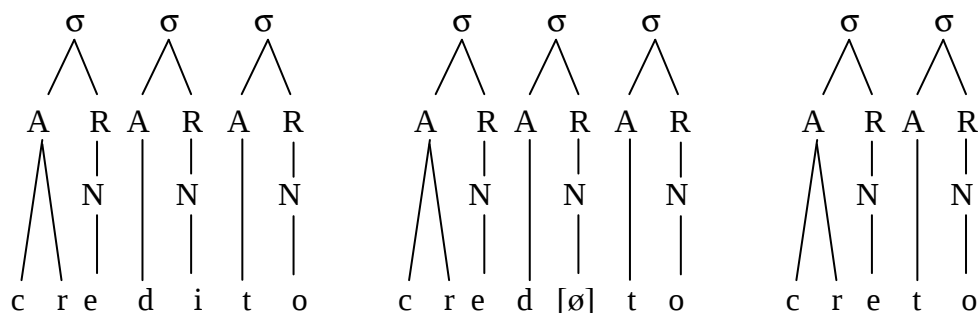
Em (62c), levanta-se nova explicação, tendo em vista o apagamento tanto da vogal postônica não final, quanto do ataque da sílaba seguinte ao processo de apagamento. Em (62c), recorre-se ao apagamento do ataque, acima citado, visando a uma melhor ressilabação da “nova” palavra, embora fosse possível um ataque do tipo *vr*, de acordo com o PSS: *pól.vo.ra* > *pój.v[ø].ra* > *poj.vra* > *poj.va*.

(63)

a.



b.



A partir do exposto acima, pode-se retomar a ideia do apagamento da postônica final da palavra *câmara* > *cama*. Em todos os exemplos apresentados em (59) houve o apagamento do ataque da postônica final. Com base nestes exemplos, é possível dizer que o ataque da postônica final de *câmara* também é sincopado, haja vista tal apagamento ser constante nos exemplos.

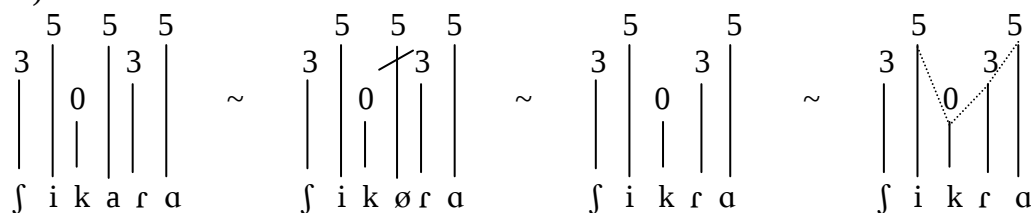
4.4.2. Ressilabação Mediante Apagamento da Postônica Não Final

Viu-se, em (5), que a sílaba do português tem uma estrutura binária formada por ataque e rima. Esta última também é detentora de uma binariedade, formada por um pico e uma coda. Em (6) observou-se que tanto o ataque quanto a coda podem ser também formados maximamente por dois elementos (ataque complexo e coda complexa), marcados por restrições fonotáticas, como se pode ver em (7).

A partir desta ideia, Bisol (1996, p. 161) afirma que o processo de *ressilabação* consiste em *agregar consoantes em torno de picos de sonoridades que projetam sílabas*. *Esses picos são, em português, necessariamente vogais (V)*. O grau de sonoridade dos segmentos marginais são noteados pelo Princípio de Sonoridade Sequencial (PSS), já mencionado no item 2.1.2.3. De acordo com este princípio, o grau de sonoridade dos segmentos, que fazem parte da margem do núcleo silábico deve ser crescente, do ataque para o núcleo, e decrescente, do núcleo para a coda, como se pode observar em (18). Segundo Bonet e Mascaró (1997), as oclusivas constituem, levando em consideração a escala de sonoridade, os segmentos menos sonoros, porquanto as vogais apresentam máxima sonoridade, como se pode ver em (15).

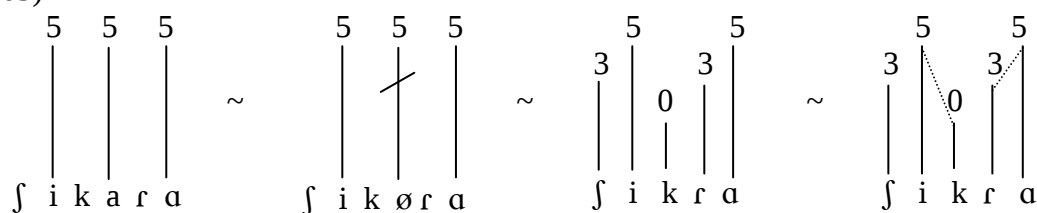
Após o processo de apagamento da vogal postônica não final, o segmento, que antes ocupava a posição de ataque, deverá ser reagrupado, isto é, incorporado a outra sílaba - tônica ou postônica final - independentemente de sua tonicidade. E, como as sílabas devem pertencer aos pés, e os pés, à palavra fonológica, vale ressaltar que, para que esse segmento seja incorporado a uma sílaba, esse deverá obedecer ao Princípio de Sonoridade Sequencial, ao Princípio de Sequenciamento de Sonoridade e ao Princípio de Licenciamento Prosódico, como se pode ver em (64).

(64)



Após o processo de apagamento da vogal postônica não final, considerando-se o PSS, a palavra poderia se apresentar silabada da seguinte forma: *xic.ra* ou *xi.cra*. Uma solução para tal problema de estrutura encontra-se na condição de língua particular e no Princípio de Maximização do Ataque (PMA). Na posição de coda, a oclusiva fica impossibilitada, já que é impossível, de acordo com a condição de língua particular, a consoante ocupar tal posição silábica, como em *xic.ra*. O PMA controla a maximização do ataque em consonância com o PSS. Isto é, a partir da silabação, ocorre seguidamente a identificação do núcleo, logo após, o ataque é projetado maximamente à esquerda do núcleo, respeitando a sonoridade decrescente nas bordas.

(65)



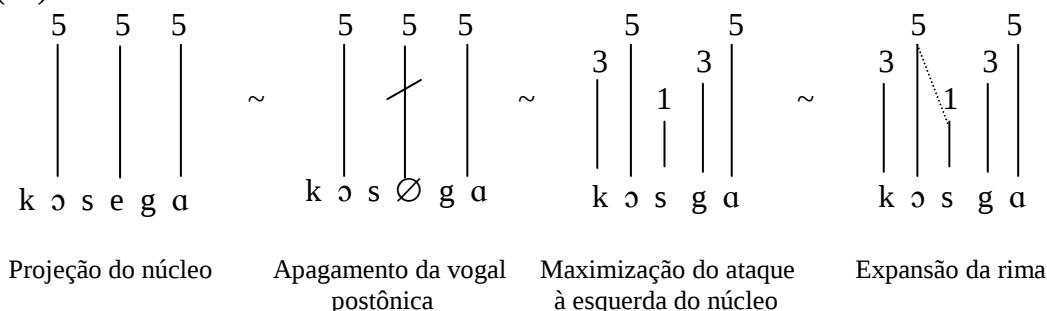
Projeção do núcleo

Apagamento da vogal
postônicaMaximização do ataque
à esquerda do núcleoFormação do ataque
complexo

Em outras palavras recorrentes no *corpus* da pesquisa, o mesmo fenômeno acontece, como em: *círculo* > *circlo*; *abóbora* > *abobra*; *óculos* > *oclos*; *chácara* > *chacra*; *semáforo* > *semafro*, *pétala* > *petla*, etc. Já em palavras como *príncipe*, *física*, *básica*, *cócega*, os elementos remanescentes do apagamento da vogal postônica não final são agregados à sílaba tônica e passam a ocupar a posição de coda, porque esses elementos são licenciados para ocupar tal posição. Em outras palavras, a condição de língua particular permite que a obstruinte /S/ ocupe a posição de coda e, conforme essa condição, o PSS vem a confirmar a ocupação de tal posição, tendo em vista que, de acordo com este princípio, a sonoridade deve crescer em direção ao núcleo e decrescer em direção à coda, resultando em, respectivamente: *prinspe*, *fisca*, *basca* e *cosca*. Ainda

segundo o PSS, o /s/ não poderia ocupar a posição primeira de um ataque complexo (C₁), seguida de um /k/ em posição segunda deste ataque (C₂), já que infringiria a escala de sonoridade, tomando por base que o /s/ apresenta grau 1 de sonoridade, enquanto que o /k/ apresenta grau 0 (15).

(66)



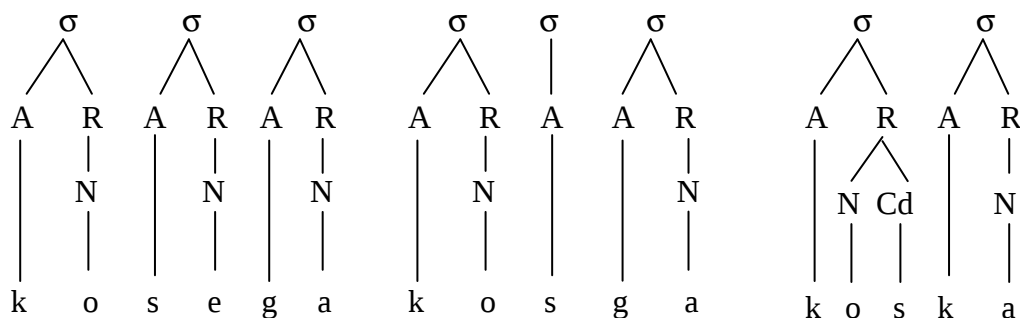
O apagamento da vogal em estudo, de acordo com Collischonn (2006, p. 44), implica em uma reformulação da estrutura silábica, já que, ainda segundo a autora, as palavras *ácido* > *a[s]do* e *xícara* > *xicra* *que ao perderem o núcleo da sílaba postônica, perdem também o nó silábico e, conseqüentemente, a consoante anterior à vogal apagada fica flutuando*.

É importante registrar que, nem sempre, os resultados de síncope, que envolvem a vogal postônica não final, comportam-se da forma como é descrito por Collischonn (2006). Os dados, aqui, apontam para outra forma de ressilabação depois de realizada a síncope, em que comprovam que a natureza dos segmentos adjacentes pode sofrer modificações (*cócega* > *cosca*; *pêssego* > *pesco*; *música* > *musga*), como também a estrutura da margem pode passar a uma nova configuração (*crédito* > *creto*; *cântico* > *canto*; *relâmpago* > *relampo*; *bêbado* > *bebo*; *fígado* > *figo*).

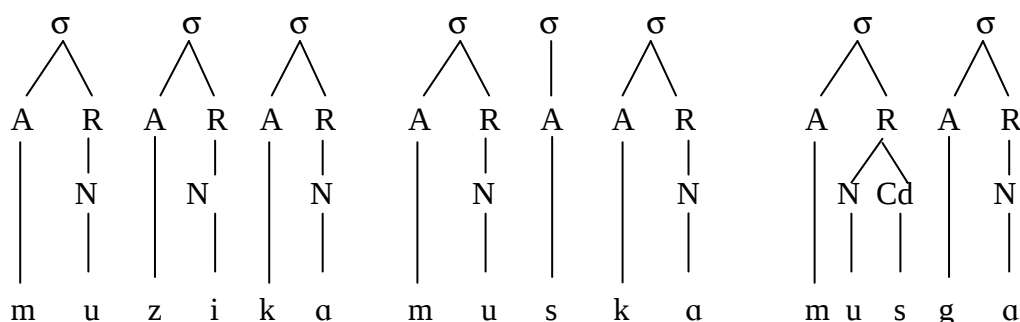
No primeiro caso citado, em que os segmentos adjacentes sofrem modificações, após o apagamento da vogal postônica não final, uma nova estrutura silábica é criada. Isto é, o /s/ incorpora-se à rima, assumindo a posição de coda da sílaba anterior ao processo de síncope e a consoante pertencente ao ataque da sílaba seguinte muda sua sonoridade - ora a perde (67a), ora a ganha (67b).

(67)

a.



b.



Este fenômeno gerado pelo processo de apagamento da vogal postônica não final é chamado de assimilação, que se verá a seguir, de forma mais detalhada.

O outro processo observado anteriormente diz respeito às novas configurações que a margem pode passar a ter. Visando a estas configurações, o processo de ressilabação sempre busca operar de forma a não intervir na fonotática da língua durante sua ação, mesmo quando, em alguns momentos, certos casos pareçam impossíveis. Há algumas palavras no PB que, durante o processo de apagamento da vogal postônica não final, deixam um segmento flutuante que não pode ser ressilabado com nenhuma das sílabas restantes, seja ela anterior ou posterior. Se não houver possibilidade de adjunção dessa consoante a nenhuma das sílabas adjacentes, ela será apagada, para que a ressilabação possa acontecer, respeitando-se o padrão silábico da língua em questão - o padrão CV.

Após o processo de apagamento da vogal postônica não final, as palavras *bêbado*, *fígado* e *sábado* não poderão ser ressilabadas, respectivamente, como *beb.do*, *fig.do* e *sab.do*, tampouco como *be.bdo*, *fi.gdo* e *sa.bdo*. Assim, vê-se a necessidade de

outro segmento adjacente ser apagado juntamente a vogal em estudo: o segundo segmento do ataque complexo não permitido no PB.

Segundo Magalhães⁶⁵, o ataque é formado, durante o processo de silabação, pela consoante mais à esquerda. Para esta explicação, o autor se baseia no processo de aquisição das crianças, que tendem a pronunciar as consoantes mais à esquerda em um ataque complexo, como em *prato* > *pato*, *claro* > *caro*, *grito* > *guito*, estruturando o padrão universal CV. O mesmo acontece em outras palavras proparoхítonas, depois que a vogal postônica não final é apagada, conforme ocorreu nos dados em estudo.

(68)

Silabação	Síncope	Ataque Complexo	Apagamento do segundo elemento	Ressilabação
a. bê.ba.do	bê.bø.do	bê.bdo	bê. bøo	bê.bo
b. fi.ga.do	fí.gø.do	fí.gdo	fí. gøo	fí.go
c. sá.ba.do	sá.bø.do	sá.bdo	sá. bøo	sá.bo
d. có.ce.ga	có.cø.ga	có.cga	có. cøa	có.ca
e. fe.nô.me.no	fe.nô.mø.no	fe.nô.mno	fe.nô.møo	fe.nô.mo
f. re.lâm.pa.go	re.lâm.pø.go	re.lâm.pgo	re.lâm.pøo	re.lâm.po
g. fór.mu.la	fór.mø.la	fór.mla	fór.møa	fór.ma
h. nú.me.ro	nú.mø.ro	nú.mro	nú.møo	nú.mo
i. xí.ca.ra	xí.cø.ra	xí.cra	xí.cøa	xí.ca
j. câ.ma.ra	câ.mø.ra	câ.mra	câ.møa	câ.ma
l. a.bó.bo.ra	a.bó.bø.ra	a.bó.bra	a.bó.bøa	a.bó.ba

(Adaptado de LIMA, 2008, p. 96)

Embora as formas (68i e 68l) sejam realizadas e recorrentes nos dados desta pesquisa, como *xícra* e *abóbra*, adicionaram-se tais formas nestes exemplos de síncope, tendo em vista que as formas *xíca* e *abóba* também surgiram em nossos dados, com um único informante.

Portanto, em (68), a ressilabação é guiada por vários princípios, como: o PSS, o PLP, o PMA e também pela condição de língua particular. Com o processo de

⁶⁵ Em conversa particular, durante a ABRALIN 2009, na cidade de João Pessoa-PB.

apagamento da vogal postônica não final, o padrão silábico ótimo das línguas naturais (CV) é desestruturado, surgindo, assim, formas CCV, como *chá.ca.ra* > *cha.cra*; e CVC, como *mú.si.ca* > *mus.ca*. Há que se concordar com Lima (2008, p. 96), quando ela diverge de Amaral (1999) e refere:

Amaral confirma que no Português Moderno as palavras proparoxítonas são, na maioria, vocábulos cultos, eruditos e que mesmo palavras comuns como “sábado”, “estômago” tendem a ser transformadas em paroxítonos pela Lei de Menor esforço ou pelo Princípio de Economia ou por tendência a seguir o padrão da língua.

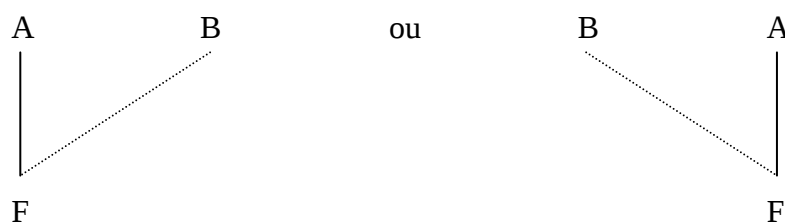
Como foi visto acima, formas silábicas complexas são formadas (CCV) com o processo de síncope, muito embora tais palavras diminuam ou caiam no padrão *default* do acento.

4.4.3. Assimilação no Processo de Apagamento da Postônica Não Final

Assimilação é uma das regras fonológicas mais recorrentes nas línguas do mundo. A fonologia gerativa padrão caracteriza a assimilação como cópia de traços, de forma que um segmento copia as especificações de traço de um segmento vizinho, o que significa que uma consoante pode assimilar traços de outra consoante ou traços de uma vogal, assim como uma vogal pode assimilar traços de outra vogal ou de uma consoante.

Para a Geometria de Traços, segundo Clements & Hume (1995), regras de assimilação são caracterizadas como associações ou espalhamento de traços ou nós F de um segmento A para um segmento vizinho B. Em outras palavras, as regras de assimilação são caracterizadas como sendo a propagação de um traço do segmento A para um segmento vizinho B, que se modifica ao assimilar uma característica de A, como em:

(69)



De acordo com o exposto, entende-se que, entre dois segmentos vizinhos, um influencia o outro. Como representado acima, a assimilação pode ser progressiva ou regressiva, respectivamente. No primeiro exemplo de assimilação, o som precedente faz com que o som seguinte se altere, por influência. Já no segundo exemplo, o de assimilação regressiva, o som seguinte altera o segmento anterior.

A assimilação mais comum nas línguas do mundo é a regressiva, embora, os dados desta pesquisa apresentem os dois tipos de assimilação: tanto a progressiva, quanto a regressiva, conforme exemplos que seguem:

(70)

a. Assimilação Progressiva

(i) 'fi.zɪ.kɐ > 'fi.z[Ø].kɐ > 'fiz . gɐ

F
[+son] [-son] F
[+son] [+son]

(ii) 'mu.zɪ.kɐ > 'mu.z[Ø].kɐ > 'muz . gɐ

F
[+son] [-son] F
[+son] [+son]

b. Assimilação Regressiva

(i) 'pe.se.gu > 'pe.s[Ø].gu > 'pez . gu

F
[-son] [+son] F
[+son] [+son]

(ii) 'mu.zɪ.kɑ > 'mu.z[Ø].kɑ > 'mus . kɑ

F
[+son] [-son] F
[-son] [-son]

Em (70a), em que há dois exemplos de assimilação progressiva, a consoante /k/, que tem o traço [-sonoro], assimila o traço [+sonoro] de /z/, passando a /g/, tanto em (i),

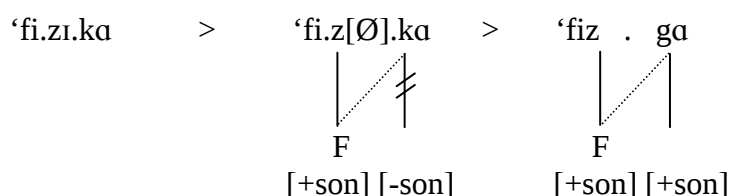
quanto em (ii). Já em (70b), em que se exemplificou a assimilação regressiva, há dois exemplos distintos: (70bi) a consoante /s/, que tem o traço [-sonoro], assimila o traço [+sonoro] de /g/, passando a /z/. Em contrapartida, um outro informante pronunciou *musca* (música), fazendo com que a consoante /z/, com o traço [+sonoro], assimilasse o traço [-sonoro] da consoante seguinte /k/, passando a /s/.

Portanto, neste *corpus*, existem os dois tipos de assimilação de traços em uma mesma palavra: *música*, ora a progressiva, ora a regressiva. Com isso, conclui-se que, após a aplicação do processo de apagamento da vogal postônica não final, mas já no processo de ressilabação ocorre também a assimilação. Os exemplos (70aii) e (70bii) mostram que a palavra *música* é pronunciada de duas formas, por dois informantes diferentes: /'muzgɐ/ e /'musçɐ/. No primeiro exemplo, o segmento /g/ espalha o traço [+sonoro] para o /s/ que, assim, passa a /z/, ocasionando, a presença de uma assimilação regressiva. Contudo, a mesma palavra, pronunciada por outro informante como /'musçɐ/, contraria a assimilação regressiva, já que a característica [-sonora] de /s/ propagou-se para /g/, modificando, assim, o segmento por meio da assimilação progressiva.

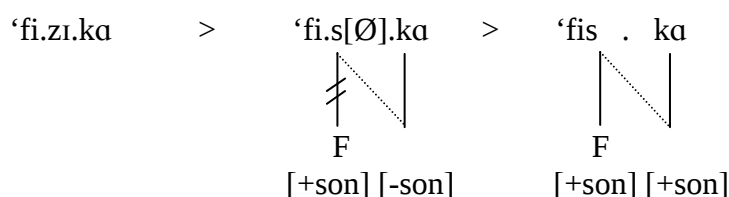
Igualmente a *música*, a palavra *física* apresentou os dois tipos de assimilação: tanto a progressiva, quanto a regressiva, ocasionando a ressilabação ora como *fisga*, ora como *fisca*. No primeiro caso (71a), ocorre uma assimilação progressiva, haja vista que o segmento /g/ assimilou o traço [+sonoro] de /z/, ou seja, o /k/ copiou a sonoridade da consoante precedente e passou a /g/. No segundo exemplo (71b), tem-se uma assimilação regressiva, já que o segmento /s/ assimilou a não sonoridade de /k/, mantendo-se, então, como /s/. Para melhor visualizar tais processos, observe-se (71):

(71)

a. Assimilação Progressiva



b. Assimilação Regressiva



Encontraram-se também, no *corpus* em estudo, outras palavras que sofrem o processo de assimilação regressiva. Em todos os casos encontrados, a consoante da última sílaba espraia o traço [-sonoro] para o segmento /z/, fazendo com que o segmento perca a sua sonoridade, e seja pronunciado como /s/, conforme exemplificado abaixo:

(72)

tísico > *tisco*

básica > *basca*

trânsito > *transto*

O processo de assimilação, nos dados desta pesquisa, apenas ocorreu em palavras que apresentavam os segmentos fricativos /s/ e /z/ na posição de ataque da segunda sílaba. Após o apagamento da vogal postônica, a consoante, representada pelo arquifonema /S/, ficou subespecificada nos casos de assimilação regressiva. Assim, durante o processo de ressilabação, essa consoante passa a ocupar a coda da sílaba tônica, recebendo um traço especificador da consoante seguinte. Já nos casos de assimilação progressiva, o arquifonema /S/ realiza-se como /z/. Dessa forma, o traço [+sonoro] prevalece e, conseqüentemente, a consoante seguinte assimila a sonoridade desse segmento.

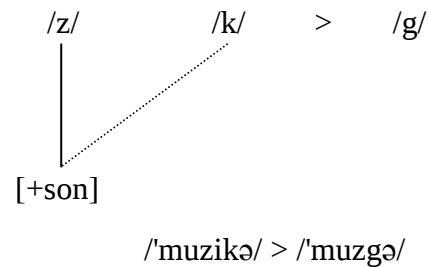
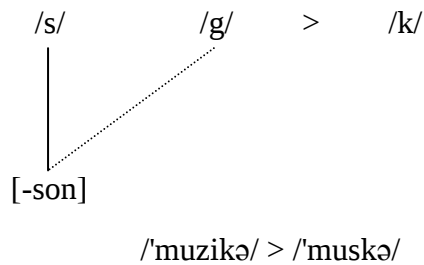
Esses dois tipos de assimilação também foram apresentados por Lima (2008), e o mais interessante é que apenas foi detectada assimilação regressiva de /S/ > /z/ diante de /g/; /S/ > /z/ diante de /m/; de /S/ > /s/ diante de /k/; e, de /S/ > /s/ diante de /t/. Quanto à assimilação progressiva, foram encontrados de /g/ > /k/ diante de /s/; e, de /k/ > /g/ diante de /z/.

Nos dados em questão, o mesmo ocorreu. O que diferencia os resultados de Lima (2008) dos aqui levantados é que nestes ocorreu uma assimilação regressiva de /S/

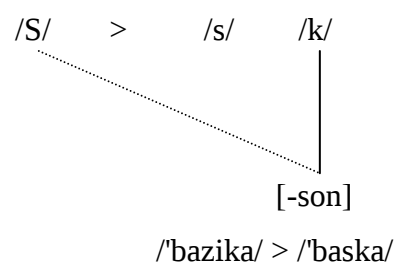
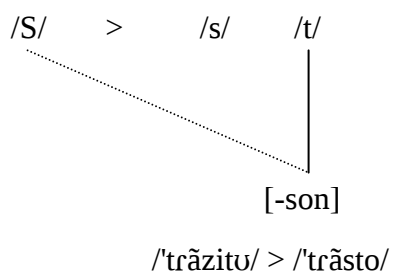
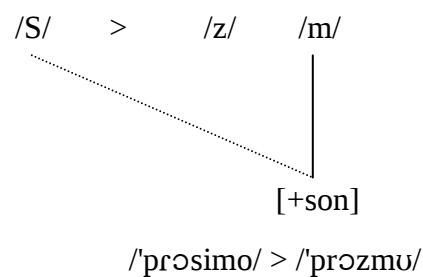
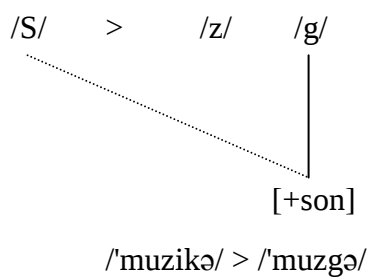
> /s/ diante de /t/, mas não chega a fugir à regra apresentada tanto por um autor, quanto pelo outro. Observem-se as ilustrações abaixo para melhor compreensão:

(73)

a. Assimilação Progressiva



b. Assimilação Regressiva



4.4.4. Reestruturação dos Pés

Bisol (1994), em sua primeira análise do acento, partindo da ideia de que o PB estrutura as sílabas de modo a formar troqueus, propõe em (35) uma regra de atribuição de acento primário que leva em conta o peso silábico. Além disso, Bisol admite como “pesada” qualquer sílaba de rima ramificada.

A proposta dessa autora (1994) gera muitas exceções entre não verbos e leva-nos a explicar o caso das proparoxítonas a partir da noção de extrametricidade (Cf. 2.1.3.2). Ela argumenta que *qualquer sílaba ou rima ou mora ou consoante ou até mesmo um morfema, dependendo da língua, pode ser ignorada pelas regras de acento, desde que estejam em posição periférica* (1994, p. 26). Isso significa que as sílabas, as consoantes etc. podem ser consideradas extramétricas em uma determinada língua, caso se encontrem em posição periférica. A partir do exposto acima, também será considerado que os proparoxítonos tenham a última sílaba extramétrica.

Parte-se, então, do pressuposto de que as sílabas em PB tendem a se estruturar em troqueus binários, da direita para a esquerda, e que o peso silábico deve ser levado em consideração no processo. Além disso, as exceções à regra (i.e. os grupos de não verbos mencionados há pouco) devem ser explicadas por meio de outros argumentos - como a extrametricidade - para que se ajustem à regra.

Juntamente com Bisol (1994) e Wetzels (2006), defende-se que o PB é sensível ao peso silábico em não verbos e se acreditar em uma estruturação deles em pés binários trocaicos, conforme se mostra a partir de agora.

Sabe-se que a síncope desencadeia um processo que transforma palavras com padrão de acento marcado em um padrão não marcado (COLLISCHONN, 2005, p. 142). Mas há palavras que não estão acessíveis a esse processo, portanto, são resistentes. No *corpus* desta pesquisa, palavras como: *máquina, elétrico, cômoda, mecânico* e *político* não sofreram o processo de apagamento. Isso se deve ao processo de reestruturação dos fonemas restantes, depois do apagamento, que só se confirmará quando houver um ambiente propício à ressilabação do que não apagou (Cf. item 4.4.2). Assim, em decorrência dos processos aqui apresentados, outro fenômeno é inevitável: a reestruturação dos pés.

Para tratar os dados desta análise, parte-se da idéia de Hayes (1995), para quem os pés são sempre binários, podendo ser dissilábicos ($\sigma \sigma$), ou bimoraicos ($\mu \mu$), ou ilimitados (ver seção 2.1.3.1). Seguindo o modelo de Hayes, Bisol (2002, p. 107-108) define as regras de acento do PB da seguinte forma:

(74)

Domínio: Palavra lexical. Aplicação cíclica em não verbos; não cíclica, em verbos.

Extrametricidade: Atribua extrametricidade a formas nominais lexicalmente marcadas; e para verbos, aplique a regra seguinte: Marque como extramétrica a sílaba final da primeira e da segunda pessoa do plural de tempos do imperfeito; nos demais casos, a coda com status de flexão.

Regra geral: Forme um troqueu mórico se a palavra acabar em sílaba ramificada; nos demais casos, um troqueu silábico, não iterativamente, da direita para a esquerda.

Regra Final: Promova o cabeça do pé a acento primário.

De acordo com os estudos de Bisol (1994), o mecanismo da extrametricidade é lexicalmente atribuído a formas não verbais marcadas. Dessa forma, as palavras com acento antepenúltimo são lexicalmente marcadas, menos recorrentes no PB, fazendo com que a sílaba final não acentuada da palavra prosódica seja marcada como extramétrica, ficando, pois, invisível às regras de acento. Esta sílaba antes invisível é posteriormente recuperada, depois da formação do pé binário, por meio da regra de Adjunção da Sílaba Extramétrica (ASE).

Segundo Bisol (2002), quando a palavra termina em sílaba com rima ramificada, tem-se um troqueu mórico (75ii). Caso não se tenha tal formação, o troqueu silábico seguirá dois parâmetros: a escansão do pé será não iterativa; da direita para a esquerda (75i). Em seguida, aplica-se a regra de fim, na qual se atribui o acento primário ao cabeça do pé. A aplicação de tais regras é apresentada no exemplo abaixo:

(75)

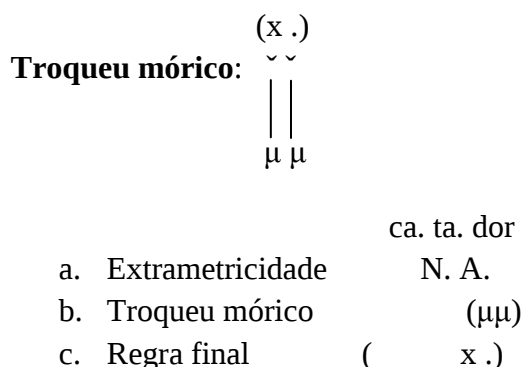
i. Forma lexicalmente marcada

(x .)

Troqueu silábico: $\sigma \sigma <\sigma>$

- | | |
|---------------------|---------------------|
| | más. ca. ra |
| a. Extrametricidade | más. ca. <ra> |
| b. Troqueu silábico | ($\sigma \sigma$) |
| | (x .) |
| c. Regra final | (x) |

ii. Forma lexicalmente não marcada



Como o português é caracterizado pelo pé binário, as proparoxítonas manifestam um pé ternário no nível da palavra prosódica pronta; mas, em nível mais interno, desenvolvem um pé binário, a regra geral, segundo Bisol (1994).

De acordo com a proposta de Hayes (1995), a sílaba é a unidade portadora de acento. Seguindo a hierarquia prosódica, ela se organiza em pé que, por sua vez, organiza-se em palavra fonológica (ver seção 2.1.5.1). Durante o processo de estruturação dos pés, as palavras com acento antepenúltimo podem ser escandidas em dois tipos: *troqueu silábico* e *troqueu mórico* (27). Se o pé é trocaico, os vocábulos proparoxítonos parecem adequar-se melhor ao troqueu silábico, porquanto nele não há evidência de peso.

A seguir, apresenta-se a análise do processo fonológico de apagamento das vogais postônicas não finais, nos nomes, na cidade de Sapé-PB, sob a perspectiva da Fonologia Métrica, no modelo de Hayes (1995). Há alguns estudos realizados acerca deste tema, que também empregaram o arcabouço da Fonologia Métrica, como os de: Bisol (2002) e Lee (2004), conforme apresentado na seção 2.1.4.

Apesar das diferenças de posições entre estes autores, há, em comum entre eles, a visão de que as proparoxítonas são exceções à regra de acento primário do Português do Brasil e que, por apresentarem um pé métrico ternário, sofrem o processo de apagamento da vogal postônica não final.

Seja qual for a sílaba postônica (não final ou final) considerada extramétrica, o processo de apagamento da vogal está relacionado com a formação e a forma do pé – troqueu silábico, segundo Lee (2004), ou datílico, segundo Wetzels (1992). As

propostas que sugerem o pé troqueu como caracterizador do sistema asseguram, também, a sensibilidade ao peso silábico. As propostas iâmbicas, por outro lado, apostam na insensibilidade do sistema ao peso da sílaba. Não se pode negar que há uma relação entre a formação e a forma do pé e a aplicação do processo de apagamento das vogais postônicas não finais.

O pé troqueu moraico tem as estruturas (*) e (* .), que contemplam os dois padrões de acento ditos não marcados no PB. Os pés troqueu silábico e iambo não evidenciariam esses padrões, posto que o troqueu silábico não contemplaria o acento oxítono terminado em consoante, e o pé iambo não contemplaria os paroxítonos.

Nesse momento, uma questão se faz pertinente: o resultado apresentado pelos dados revela o mesmo sistema acentual do Latim, segundo a proposta de Hayes (1995). O acento latino apresenta a última sílaba extramétrica, e o pé troqueu moraico forma paroxítonas, quando a penúltima sílaba é pesada, e proparoxítonas, quando é leve. Ao se incorporar a última sílaba, tem-se o molde apresentado em (29) para o português.

Na passagem do latim clássico para o latim vulgar, as mudanças se restringem a poucas palavras, mantendo-se o padrão geral quanto à pauta acentual, ou seja, a predominância de paroxítonos e proparoxítonos é marcante. No estágio de formação do galego-português, Massini-Cagliari (1999, p. 16) observa um número mais significativo de oxítonas na língua, as proparoxítonas praticamente desaparecem, ficando restritas a termos técnicos e empréstimos, que aparecerão nos textos em prosa.

Massini-Cagliari (1999) concebe que o acento do português é atribuído pela mesma regra de acento do latim. Isso se deve a não existir mudança nos parâmetros dos quais é composta a regra de acento, mas, sim, no módulo do componente lexical em que a regra é aplicada.

Massini-Cagliari (1999) apresenta três argumentos para justificar o pé troqueu irregular:

- i. A passagem de um pé irregular para um pé regular do Latim clássico para o Latim vulgar;
- ii. O processo de síncope; e
- iii. O processo de redução da vogal.

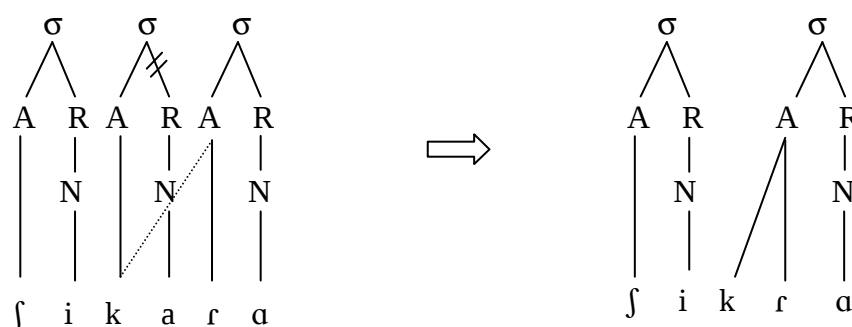
Em relação ao primeiro argumento, o inverso teria ocorrido na passagem do latim vulgar para o Português, i. é, ocorreu a mudança de um sistema não marcado para um marcado, já que o latim vulgar seria representado por um troqueu silábico, e o português, seria representado por um troqueu irregular.

Quanto ao processo de síncope, segundo Quednau (2002), pode-se formular por meio do pé troqueu irregular uma só regra: o apagamento do membro fraco do pé. Com o troqueu moraico, há o apagamento do membro fraco do pé e da sílaba não analisada em pés. Em Português, a síncope também ocorre em proparoxítonos, e outra generalização pode ser feita: o processo tem como justificativa a regularização de um pé binário (ver seção 2.1.5.2).

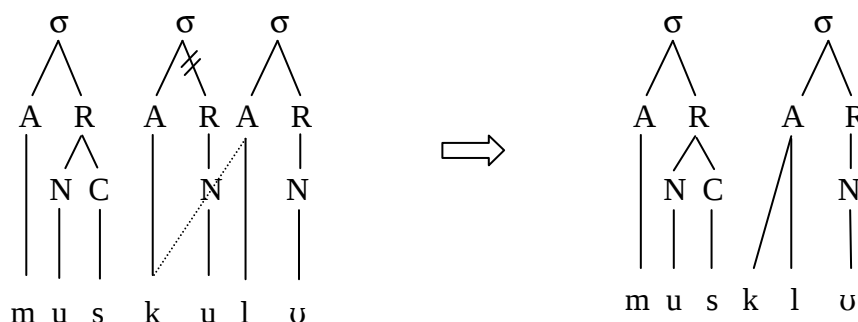
Nos dados, a aplicação do apagamento da vogal não ocorre de forma categórica, em todos os vocábulos testados, já que a coleta dos dados foi direcionada. Apenas os itens *triângulo*, *músculo*, *árvore* e *xícara* foram alguns com o maior índice de ocorrência de apagamento da vogal postônica não final, os quais têm em comum o fato de os segmentos lateral e tepe continuarem a ocupar a posição de ataque da sílaba após a aplicação do processo e a conseguinte reestruturação silábica, como se pode ver abaixo:

(76)

a.



b.



Já os itens *máquina, médica, parabólica, elétrico e lâmpada* quase não sofreram o processo em estudo e têm em comum o fato de os segmentos terem uma diferença sonora de 0 ou 1 na escala de soância (15). Sabe-se que a tendência do português é de preferir sílabas com elementos adjacentes separados por uma distância mínima de dois graus na escala de soância. Logo, formações do tipo: *maquna, *medca, *parabolca, *eletrco e *lampda (independentemente de as consoantes restantes do apagamento passarem a ocupar um onset ou uma coda) não seriam possíveis, já que tais sequências, do tipo OO, ON, NN e NL, são bloqueadas. Essas palavras tiveram um número mínimo de ocorrências em relação ao apagamento da postônica não final⁶⁶.

Nesse sentido, observa-se que, nos itens em que houve a aplicação do processo, o segmento flutuante mantém-se na posição de ataque após a reestruturação silábica (76), já nos demais itens, a aplicação do processo levaria também a uma mudança no número de sílabas, demandando não só o apagamento da vogal postônica não final, como também no apagamento da consoante da sílaba seguinte.

No que diz respeito aos resultados explicitados acima, encontra-se uma explicação em Beckman (1998), sobre o *Princípio da Posição Privilegiada*⁶⁷. A posição de ataque silábico, no sistema linguístico de muitas línguas, representa uma posição privilegiada em detrimento da posição de coda, uma vez que, no ataque, há a manutenção do contraste fonêmico, enquanto, na coda, há perda dos contrastes, em que, muitas vezes, ocorre neutralização.

Posto isto, é possível observar que o processo de apagamento das vogais postônicas não finais, no interior da palavra fonológica com contexto segmental propício à aplicação do processo, está condicionado, na variedade em estudo, à manutenção, nas mesmas posições silábicas, dos segmentos que se tornam flutuantes, após o apagamento das vogais postônicas não finais. Isso implica manter esse segmento especificado.

⁶⁶ Nas poucas ocorrências de apagamento, não só o núcleo da sílaba foi apagado, como também o onset da sílaba seguinte. Isso resolveu o problema da ressilabação em relação à escala de soância, resultando em: *maca, parabola, eletro e lâmpa*. A palavra *médica* foi a única que não sofreu em momento algum, o processo aqui trabalhado.

⁶⁷ *Positional Faithfulness*.

As proparoxítonas, cuja última sílaba é extramétrica, são descritas por um troqueu silábico não iterativo, da direita para esquerda, seguido da aplicação da regra final, após a incorporação da sílaba extramétrica, como mostram os exemplos a seguir:

(77)

Troqueu silábico

Léxico	/abɔbora/	/pɛrola/	/mascara/
Silabação	a bo bo ra	pe ro la	mas ca ra
Extrametricidade	<ra>	<la>	<ra>
Troqueu silábico	(x .)	(x .)	(x .)
ASE	(x . .)	(x . .)	(x . .)
Regra final	(x)	(x)	(x)
Saída	[a'ɔbɔɾa]	['pɛrola]	['maskara]

Na realização de uma análise mórica (78), uma sílaba, desses vocábulos proparoxítonos, ficará fora do pé. Hayes (1995) assevera que, *se essa sílaba fosse escandida em um único pé, ter-se-ia um pé degenerado, isto é, um pé mal-formado*. Sendo assim, Hayes não escande uma sílaba, que fica fora do pé. Ao se fazer isso, duas sílabas não são escandidas: a penúltima e a extramétrica. Para solucionar tal problema, Bisol (2002) propõe a utilização da regra de Adjunção da Sílaba Extramétrica (ASE). De acordo com a autora, esta regra faz com que estas duas sílabas sejam associadas ao pé, antes da aplicação da regra final, como se vê em:

(78)

Troqueu mórico

Léxico	/abɔbora/	/pɛrola/	/mascara/
Silabação	a bo bo ra	pe ro la	mas ca ra
Extrametricidade	a bo bo <ra>	pe ro <la>	mas ca <ra>
Troqueu Mórico	(x .)	(x .)	(x .) .
ASE	(. x . .)	(x . .)	(x . .)
Regra Final	(x)	(x)	(x)
Saída	[a'ɔbɔɾa]	['pɛrola]	['maskara]

De acordo com o exposto acima, pode-se inferir que ocorre uma reestruturação do pé das palavras depois do processo da síncope, devido ao fato de que o apagamento da vogal se dá justamente com o membro fraco do pé, i. é, na penúltima sílaba. Após

este processo, ocorre então, a incorporação da sílaba extramétrica ao pé na reestruturação, que antes fora adjungida durante a silabação, formando assim, necessariamente, um constituinte binário.

Mais do que a incorporação da sílaba, antes extramétrica, estes dados mostram que o pé passa por uma completa reestruturação, haja vista a perda e, ao mesmo tempo, o acréscimo de segmentos. Em (79) tem-se a formalização da reestruturação dos pés nos troqueus silábico e mórico.

(79)

Troqueu silábico

Léxico	/abɔbora/	/perola/	/mascara/
Silabação	a bo bo ra	pe ro la	mas ca ra
Extrametricidade	<ra>	<la>	<ra>
Troqueu silábico	(x .)	(x .)	(x .)
ASE	(x . .)	(x . .)	(x . .)
Síncope	(x Ø) <ra>	(x Ø) <la>	(x Ø) <ra>
Reestruturação do pé	(x .)	(x .)	(x .)
Regra final	(x)	(x)	(x)
Saída	[a'ɔɔbra]	['perla]	['maskra]

b. Troqueu mórico

Léxico	/abɔbora/	/perola/	/mascara/
Silabação	a bo bo ra	pe ro la	mas ca ra
Extrametricidade	<ra>	<la>	<ra>
Troqueu mórico	(x .)	(x .) .	(x .) .
ASE	(x . .)	(x . .)	(x . .)
Síncope	(x Ø) <ra>	(x Ø) <la>	(x .) Ø <ra>
Reestruturação do pé	(x .)	(x .)	(x .)
Regra final	(x)	(x)	(x)
Saída	[a'ɔɔbra]	['perla]	['maskara]

Em (79a), que o apagamento da vogal postônica acontece dentro do pé, em todos os casos. Vale lembrar que, para esse tipo de pé, é irrelevante o peso silábico, já que apenas sílabas são consideradas, sejam elas leves ou pesadas. No troqueu mórico (79b), a síncope acontece fora do pé, em palavras com a sílaba tônica pesada, como 'más.ca.ra'.

A partir do exposto, observa-se que a reestruturação do pé forma troqueus silábicos, já que esse tipo de pé acomoda a nova configuração métrica da palavra após a síncope, tanto nos vocábulos que apresentam rima ramificada na sílaba tônica quanto naqueles que apresentam apenas sílabas leves em todas as posições. Afora que, ao se considerar um troqueu silábico, há economia instrumental, já que todas as sílabas estarão escandidas e sempre o membro mais fraco do pé é que cairá, como já afirmara Bisol (2002).

Outro fator relevante e que favorece o uso do troqueu silábico nesta pesquisa é a utilização da sílaba extramétrica, já que é com a utilização deste recurso que se cria sempre um pé dissilábico com proeminência acentual à esquerda. A partir deste artifício o acento, que antes se acomodava na antepenúltima sílaba, passa a viver na penúltima, estabelecendo como palavras paroxítonas as que, antes, eram proparoxítonas.

5 Conclusão

O objetivo central deste estudo foi apresentar uma descrição e uma análise do comportamento das vogais postônicas não finais, nos nomes da variedade de Sapé-PB. É de conhecimento comum que o apagamento da vogal postônica não final é uma regra que vem desde as fases evolutivas do latim e fixou-se no português. Até hoje, caracteriza-se por transformar palavras proparoxítonas em paroxítonas.

A partir da análise do apagamento da vogal postônica não final, podem-se identificar e analisar outros processos fonológicos, como o de abertura e o de alçamento destas vogais, recorrentes nos vocábulos resistentes ao seu apagamento. Recuperando, neste momento, os principais resultados na análise dos processos, tem-se:

O primeiro objetivo desta tese foi rever a análise variacionista acerca do apagamento da Vogal Postônica Não Final, comparando os resultados obtidos na cidade de Sapé-PB (SILVA, 2006) aos resultados das pesquisas de Amaral (1999), realizada na zona rural do município de São José do Norte-RS; de Lima (2008), no sudoeste goiano (GO); e de Ramos (2009), no noroeste paulista (SP).

Quando confrontadas tais pesquisas, constatou-se que, em relação aos fatores extralingüísticos houve uma convergência e, certamente, a confirmação de uma tendência nos estudos sociolinguísticos, em relação à *escolarização* e ao *sexo*, como podemos ver a seguir:

- O fator *anos de escolarização* é o mais forte, concernente ao processo de apagamento da vogal postônica não final, sendo os *menos escolarizados* aqueles que mais realizam tal processo, de acordo com Amaral (1999), Lima (2008) e Silva (2006), confirmando, assim, a hipótese levantada acerca deste fator;
- O fator *sexo* é tido como o segundo mais importante fator, já que se apresenta nos resultados dos três pesquisadores, anteriormente mencionados. Estes pesquisadores apontam a mulher como detentora da variante padrão e os homens como maiores usuários da não padrão, o que

só vem a corroborar com a hipótese inicialmente levantada acerca deste fator;

- Em relação à *faixa etária*, apenas em Silva (2006) e Ramos (2009), foi selecionado como sendo um fator relevante a pesquisa, sendo, nesta última, selecionado como o mais relevante à pesquisa;

Ao se realizar um cruzamento dos dados referentes aos contextos sociais, concluiu-se que:

- Em relação ao cruzamento *escolarização vs idade*, os idosos analfabetos e/ou com poucos anos de escolarização são os que mais realizam o apagamento da vogal postônica não final, ficando e os jovens com ensino fundamental são os grandes detentores da forma padrão, devido ao fato de os mais jovens ainda estarem em ambientes escolares, envolvidos em atividades voltadas para concursos e vestibulares;
- Já com o cruzamento entre *sexo vs escolarização*, constatou-se que as mulheres analfabetas e/ou com poucos anos de escolarização são as maiores usuárias das formas sincopadas. Quando pertencentes à camada mais elevada de escolaridade, destacam-se como as maiores detentoras da variante padrão;
- O cruzamento *sexo vs faixa etária* foi descartado pelo programa computacional VARBRUL, devido aos resultados estarem bem próximos e não oferecerem nenhum diferencial a esta pesquisa.

Em se tratando dos fatores linguísticos o trabalho de Silva (2006) diverge, em parte, dos demais trabalhos aqui apresentados. Sempre há uma certa inversão com alguns resultados de outros trabalhos, bem como, por vezes, uma certa semelhança com outros resultados.

- Quando confrontados os resultados referentes aos fatores linguísticos, o *contexto fonológico seguinte* é apontado como o mais relevante para

todos os pesquisadores. Todos os trabalhos apontam a consoante *Líquida* após a vogal postônica não final como a maior favorecedora do processo de supressão. Amaral (1999) e Lima (2008) apontam as *Líquidas Vibrantes* como as maiores favorecedoras do processo de apagamento, quando estas estão antes das vogais postônicas não finais, ao passo que Ramos (2009) e Silva (2006) apontam as *líquidas laterais*, ratificando, assim, a hipótese de que esse fator é importante para a reestruturação silábica após o apagamento em busca de uma formação adequada e possível na língua;

- O *contexto fonológico precedente* também se mostra importante nas pesquisas aqui apresentadas, embora ocorra de diferente forma em cada trabalho. No trabalho de Amaral (1999) e no de Lima (2008), eles são selecionados e apontam uma *Velar* anterior à vogal postônica não final como sendo a mais relevante ao processo de supressão. Já Ramos (2009) e Silva (2006) indicam a *fricativa*, neste contexto, como sendo a maior favorecedora do processo em estudo;
- Quando confrontado o fator *Traço de Ponto de Articulação das Vogais* observou-se que apenas a pesquisa de Amaral (1999) e de Lima (2008) convergiram, pois apontam as vogais labiais como sendo as maiores responsáveis pelo processo em estudo, seguidas das vogais dorsais e das coronais. Já Ramos (2009) e Silva (2006) apresentaram resultados diferentes de todos os demais pesquisadores. Para Ramos (2009), as dorsais são as mais propícias, seguidas das labiais e por fim as coronais. Silva aponta o inverso das duas primeiras autoras, quando afirma que as coronais favorecem mais o processo de apagamento, seguidas das vogais dorsais e das labiais. A partir de pouca sistematização, pode-se afirmar que realmente o *Traço de Articulação da Vogal* não pode ser tomado como evidencia de diferença entre as variedades aqui expostas.

Com o confronto dos resultados obtidos em quatro distintas regiões do país – Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul –, pode-se chegar a algumas conclusões a respeito desse fenômeno do português falado no Brasil. Comprovou-se, com os resultados

obtidos pelas pesquisas aqui apresentadas, que elas divergem em alguns aspectos e, evidenciando que, mais do que um fenômeno observável apenas em pontos isolados do país, o fenômeno do apagamento da vogal postônica não final, em vocábulos proparoxítonos, tem um caráter abrangente.

Outro objetivo desta tese foi apresentar uma análise em relação ao não apagamento das vogais postônicas mediais não finais, haja vista que houve palavras em que este processo não ocorreu, abrindo precedentes à realização de outros processos variáveis (Ver Tabela 6). Após a análise, constatou-se que alguns processos eram realizados, como o de *abertura* e o de *alçamento* destas vogais (Ver Tabela 7).

Em relação ao processo de *abertura* das vogais postônicas não finais /e/ e /o/, ficou constatado que ele é mais freqüente que o de *alçamento* (ver tabela 7). Além disso, o processo de *abertura* é diferentemente regido de acordo com a vogal em questão. Quando a vogal postônica não final é uma *labial*, i. é, for a vogal /o/, o contexto mais favorecedor é uma *líquida vibrante*, em posição seguinte a esta vogal. Logo, palavras como *cóc/o/ra* e *abób/o/ra* passam, respectivamente, a *cóc/ɔ/ra*, e *abób/ɔ/ra*. Como os demais fatores ficaram abaixo do ponto neutro - *não líquidas*, com (.38), e *líquida lateral* (.01) -, a regra da abertura da vogal postônica não final é formalizada da seguinte maneira:

$$(81) \quad \begin{array}{c} V \\ \left[\begin{array}{c} + \text{lab} \\ - \text{ab} \end{array} \right] \end{array} \longrightarrow \left[\begin{array}{c} + \text{ab} \end{array} \right] \bigg/ \text{_____} \text{r}$$

Lê-se (81) da seguinte forma: a vogal labial postônica não final /o/ passará a /ɔ/ quando diante de uma /r/.

Já a vogal postônica não final coronal /e/ sofrerá processo de *abertura* quando, passando a /ɛ/ quando o *contexto fonológico precedente* a esta vogal for uma líquida vibrante /r/, como: *pér/o/la* > *pér/ɔ/la*. Sendo assim, pode-se formalizar a regra de abertura das vogais em estudo da seguinte forma:

(82)

$$\begin{array}{c} V \\ \left[\begin{array}{c} + \text{ cor} \\ - \text{ ab} \end{array} \right] \end{array} \longrightarrow \left[\begin{array}{c} + \text{ ab} \end{array} \right] \quad / \quad r \text{ ———}$$

Um dado importante que o *corpus* mostrou é que a vogal tônica também propicia o processo de *abertura* das vogais postônicas não finais. Nos dados trabalhados é fácil encontrar casos em que a vogal tônica seja aberta, e a postônica por harmonização vocálica também abra, embora não seja uma regra categórica, já que a postônica não final também pode alçar e não sofrer nenhum processo fonológico, respectivamente, nas labiais, como em: abób/o/ra > abób/u/ra, fósfo/o/ro > fósfo/o/ro; e, nas coronais: cér/e/bro > cér/ε/bro, pêss/e/go > pêss/e/go.

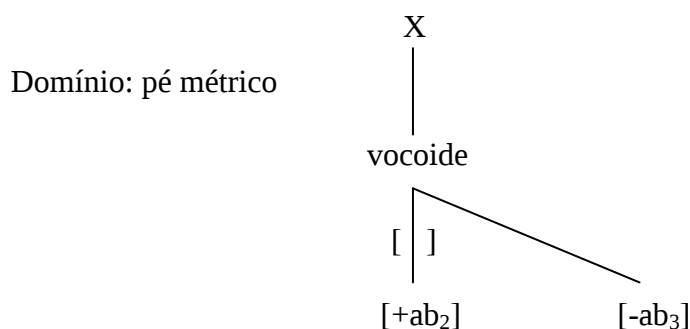
O processo de alçamento das vogais postônica não finais ocorreu em uma proporção de 156/2513 das palavras em que não sofreram o processo de apagamento. Depois de rodada no programa computacional VARBRUL concluiu-se que o processo de *alçamento* ocorre, tanto em vogais *labiais* /o/, quanto em vogais *coronais* /e/ a partir do fator *extensão da palavra*.

Isso significa que, em palavras com mais de quatro sílabas, o alçamento é mais recorrente, independentemente da vogal postônica não final, como vogais *labiais*: agrôn/o/mo > agrôn/u/mo; semáf/o/ro > semáf/u/ro, com (.77); e vogais *coronais* termôm/e/tro > termôm/i/tro; fenôm/e/no > fenôm/i/no (.75). Dessa forma, as que têm três sílabas, são menos propícias ao *alçamento*, o que não implica dizer que não podem sofrer um outro tipo de processo, como o de *abertura*, acima comentado.

Um segundo fator que favorece o *alçamento* tanto da vogal labial quanto da coronal postônica não final é o *contexto fonológico precedente*, em que a *líquida vibrante* é a maior influenciadora das labiais, com um total de 94% das ocorrências, como em: pér/o/la > pér/u/la; e as *nasais*, como as maiores favorecedoras das vogais coronais, com um total de 49%, como por exemplo: agrôn/o/mo > agrôn/u/mo.

A partir do exposto acima, é possível formalizar a seguinte regra de domínio do pé métrico para as vogais postônicas não finais na variedade linguística sapeense:

(83)



Os símbolos [] significam *abertura* e *alçamento* variável da vogal em estudo; e onde a desassociação acarreta apagamento. Logo, o quadro proposto por Câmara Jr. (49) não terá o mesmo valor na variedade da cidade de Sapé. Portanto, o quadro apresentado por Câmara Jr. passará a um quadro simétrico de cinco vogais postônicas não finais:

(84)

altas	/u/	/i/
médias	/o/	/e/
baixa	/a/	

passível de variação nas vogais médias:

(85)

altas	/u/	/i/
médias altas	/o/	/e/
médias baixas	/ɔ/	/ɛ/
baixa	/a/	

O último ponto a ser abordado nesta tese é a análise fonológica depois do processo de Síncopa. Aqui se conclui que a ressilabação, após o apagamento da vogal fraca, ocorre em consonância com alguns princípios e leis. Assim, o segmento que ocupava a posição de ataque da sílaba sincopada será incorporado ora à sílaba precedente (tônica), ora à sílaba seguinte (postônica final). Tal incorporação se deve, principalmente, a dois princípios: o de *Sequenciamento de Sonoridade* e o de *Maximização do Ataque*.

A natureza do segmento adjacente à sílaba apagada mudará mediante o processo de ressilabação, assumindo, então, o traço de um segmento vizinho, seja ele antecedente ou sucessor. Os dados coletados na cidade de Sapé-PB apresentaram dois tipos de processos: o de assimilação progressiva e o de assimilação regressiva.

A reestruturação dos pés ocorrerá em forma de um troqueu silábico, já que este tipo de pé é o que melhor se ajusta ao apagamento da vogal postônica não final. A partir desta reestruturação do pé, o acento, antes proparoquítono, passa a paroxítono, corroborando com a mudança do acento para o padrão *default* do português brasileiro.

A variação lingüística não pode ser desprezada. Como tudo na vida está ligado a um equilíbrio, a língua também incide nessa regra. Ela existe em função do equilíbrio de duas forças – uma conservadora, que a faria parar, caso não fosse bem equilibrada, e outra que tende a mudá-la e que, também não sendo bem trabalhada, faria com que ela se destruísse e se dissolvesse. É exatamente a luta entre essas duas forças que produz a variação lingüística.

No estudo da mudança lingüística, está o descobrir de muitos outros fenômenos e características de outras línguas. Um alargamento sobre o passado das línguas, unido aos métodos mais modernos de observação de um recorte sincrônico da língua, produzirá, ainda, sem dúvida, novas teorias sobre a variação e a mudança nos sistemas lingüísticos.

6 Referências Bibliográficas

- ABAURRE, M. B. M. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. In: **Boletim da ABRALIN**, 11, pp. 203-217. 1991.
- AMARAL, M. P. do. **As Proparoxítonas: teoria e variação**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1999.
- AQUINO, M. de F. Uso variável do ditongo em contexto de sibilante. In.: HORA, Dermeval (org.). **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. Santa Maria: Pallotti, 2004.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. **Aspectos fonéticos das proparoxítonas no falar de Fortaleza**. II Congresso Nacional da ABRALIN, UFSC, Florianópolis, fev de 1999.
- ARCHANGELI, D. Optimality theory: an introduction to linguistics in the 1990s. IN: ARCHANGELI, D.; LANGENDOEN, D. T. **Optimality Theory**. An overview. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.
- BATTISTI, E.; VIEIRA, M.J.B. O sistema vocálico do português. IN: BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 171-205.
- BISOL, L. **O Acento: Duas alternativas de análise**. Ms., 1992.
- _____. **O Acento e o Pé Binário**. Letras de Hoje, n. 29, PUCRS, 1994. 25-36.
- _____. **O Sândi e a Ressilabação**. Letras de Hoje, Porto Alegre, jun.1996. V.31, n.2. 159-168.
- _____. **A Nasalidade, Um Velho Tema**. In: *D.E.L.T.A.*, v. 14, no especial, pp. 24-46, São Paulo, 1998.
- _____. A Sílabas e seus Constituintes. IN: NEVES, Maria Helena Moura (Org). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora Humanista/FFLCH/USP, 1999. Vol. VII. 701-742.
- _____. A sílabas e seus constituintes. IN: NEVES, Maria Helena Moura (Org). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora Humanista/FFLCH/USP, 1999. Vol. VII. 701-742.
- _____. (org.) **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 4ª Ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005.
- _____. **O Acento, Mais Uma Vez**. Letras & Letras, Uberlândia, 18 (2). jul./dez. 2002. 103-110.

_____. **A Neutralização das Átonas.** *Revista Letras*. Curitiba: UFPR, n.61, especial, 2003. 273-283.

BONET, E; MASCARÓ, J. On representation of contrasting rhotics. IN: MARTÍNEZ-GIL, F; MORALES-FRONT, A (ed.). **Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages**. Washington: Georgetown University Press, 1997.

CAIXETA, V. (1989). **Descrição e Análise da Redução das Palavras Proparoxítonas**. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro, UFRJ.

CALLOU, D; LEITE, I. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 9.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CALLOU, D; LEITE, I. MORAES J. **Apagamento do R final no dialeto carioca**: um estudo em tempo aparente e em seu tempo real. D.E.L.T.A., Vol. 14, número especial, 1998. 61-72.

CÂMARA Jr., J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAPRISTANO, C. C. **Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem: Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CHOMSKY, N. & HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York, Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. N. The role of the sonority cycle in core syllabification. IN: KINGSTON & BECKMAN (eds). **Papers in laboratory phonology I: between the grammar and physics of speech**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. 283-333.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The Internal Organization of Speech Sounds. IN: GOLDSMITH, J. (org). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 2001.

COLLISCHONN, G. **Análise Prosódica da Sílabas em Português**. Tese de Doutorado Porto Alegre: UFRGS, 1997.

_____. A sílaba em português. IN: BISOL, Leda (org). **Introdução à Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 101-133.

_____. **Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase**. Porto Alegre: Gráfica UFRGS, 2006.

_____. Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: ARAÚJO, G. A. (org). **O Acento em Português**: abordagens fonológicas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 195-223.

CRYSTAL, David. **A Dictionary of Linguistics & Phonetics**. 5. ed. Blackwell Publishing, 2004.

CUNHA, A. P. N. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2004.

DUBOIS, J. (et. ali.). **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica**. São Paulo: Ática, 1991.

FARIA, E. **Fonética Histórica do Latim**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2002.

GOLDSMITH, J. **Autosegmental & Metrical Phonology**. Oxford: Blackwell. 1990.

GUY, Gregory R. **Variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history**. Doctoral dissertation, University of Pennsylvania, 1981.

HÁLA, B. **La Sílabla: su naturaleza, su origen y sus transformaciones**. 2ª Ed. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Instituto Miguel de Cervantes. Madrid, 1973.

HALLE, M. & VERGNAUD, J. R. **An Essay on Stress**. Cambridge, Mit Press., 1987.

HARRIS, J. W. **Syllable Structure and Stress in Spanish: a Non-linear Analysis**. *LI Monograph* 8. MIT Press. Cambridge. MA, 1983.

_____. **Syllable structure and stress in Spanish: A nonlinear analysis**. Cambridge Mass.: MIT Press, 1983.

HAYES, B. **Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. **Metrical Stress Theory: Principles and case studies**. Los Angeles, University of California, 1991.

HERNANDORENA, C. L. M. **Relações Implicacionais na Aquisição da Fonologia**. Letras de Hoje, Porto Alegre, 1996. v. 31, nº. 2. 67-76.

HORA, D. **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: Pallotti, 2004.

HORA, D.; PEDROSA, J. L. P.; CARDOSO, W. **Status da Consoante Pós-Vocálica no Português Brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?** Porto Alegre: Letras de Hoje, 2010. v. 45, nº. 1. 71-79.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

ITÔ, J. **Syllable theory in prosodic phonology**. Amherst: University of Massachusetts. PhD dissertation, 1986.

- JESPERSEN, O. **Lehrbuch der Phonetik**. 1932.
- KAGER, R. **Optimality Theory**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1999.
- KAHN, D. **Syllable-based generalizations in English phonology**. Mass: MIT PhD dissertation. Distributed by Indiana University Linguistic Club, 1976.
- KATAMBA, F. **An Introduction to Phonology**. London: Longman, 1993.
- KIPARSKY, P. **Metrical Structure Assignment is Cyclic**. *LI*, Cambridge, Mass, 1979. V 10, n. 3. 421-441.
- KURYLOWICZ, J. **Contribution à la Théorie de la Syllabe**. 1948, p. 80 – 114.
- LABOV, William. **The Social Estratification of English in New York**. Washington, D.C., Center for Appied de Linguistique, 1966.
- _____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam: J.B. Publishing Company, 1982.
- _____. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University Pensylvania Press, 1992.
- LEE, S. H. **A regra do Acento do Português: outra alternativa**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, 1994. 37-42.
- _____. **Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil**. Tese de Doutorado. Unicamp, 1995.
- LIBERMAN, M & PRINCE, A. **On stress and linguistic rhythm**. *LI*, Cambridge, Mass, 1977. V. 8. 249-336.
- LIBERMAN, M. **The Intonational System of English**. Doctoral Dissertation, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge. [Distributed by Indiana Universtiy Linguistics Club Bloomington]. 1975.
- LIMA, G. O. **O Efeito da Síncope nas Proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do Sudoeste Goiano**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UFU, 2008.
- LOPES, B. S. **The Sound Pattern of Brazilian Portuguese** (cariocan dialect). (Tese de Doutoramento). Los Angeles: University of California, 1979.
- LUCENA, R. M. de. **Comportamento sociolingüístico da preposição ‘para’ na fala da Paraíba**. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: UFPB, mimeo, 2001.
- MAGALHÃES, J. S. de. **O Plano Multidimensional do Acento na Teoria da Otimidade**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). PUCRS, Porto Alegre, 2004.

MARQUES, Sandra M. Oliveira. **A Produção Variável do Fonema /v/ em João Pessoa**. (Dissertação de Mestrado), João Pessoa: UFPB, 2001. mimeo.

MARROQUIN, M. **A Língua do Nordeste** (Alagoas e Pernambuco). São Paulo: Nacional, 1934.

MARTINS, I. F. de M. **Apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo -ndo na fala de João Pessoa**. (Dissertação de Mestrado). João Pessoa: UFPB, 2001. Mimeo.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico: um estudo do percurso histórico da acentuação em português**. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, 1995.

_____. Das cadências do passado: acento em português arcaico visto pela teoria da otimidade. IN: ARAÚJO, G. A. (org). **O Acento em Português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 85-120.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M; DUARTE, I.; FARIA, I. H. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1983.

MATZENAUER, C. L. B. **Modelos Fonológicos e Avanços Teóricos** - uma discussão com base no fenômeno do sândi vocálico externo. Revista Linguagem. Macapá: ILAPEC, 2005. n. 1.

MCCARTHY, J. e PRINCE, A. "Faithfulness and Reduplicative Identity". IN: J. Beckman, S. Urbanczyk, and L. Walsh (eds), **Occasional Papers in Linguistics 18: Papers in Optimality Theory**. Universtity of Massachusetts, Graduate Student Association, Amherst, 1995.

_____. **Prosodic Morphology**. Ms. University of Massachusetts and Brandeis University, Waltham, Massachusetts, 1986.

MEILLET. A. **Introduction à L'étude Comparative des Langues Indo-Européennes**, 1930.

MURRAY, R. W. & VENNEMANN, T. **Sound Change and Syllable Structure**. Language, nº 59, 1983, p. 514-528.

NAGY, N. & REYNOLDS, B. **Optimality Theory and Variable Word-Final Deletion in Featar**. Language, Variation and Change 9, 1997. 37-55.

NARO, A. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. (Cadernos Didáticos) IN: MOLLICA (org.) **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Rio de Janeiro, 1992.

NESPOR, M. & VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

OLIVEIRA, A. A. de. **Sapé – caminhando com Augusto**. João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2010.

OLIVEIRA, E. C. **Um outro olha para os erros de segmentação**. Tese (Doutorado em Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2007.

PEDROSA, J. L. R. **A Ordem Sujeito verbo/verbo Sujeito na Fala Pessoaense**. João Pessoa: UFPB, 2000. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

_____. **Análise do /s/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio?** João Pessoa: UFPB, 2009. Tese de Doutorado em Linguística

_____. **Status da Consoante Pós-Vocálica no Português Brasileiro**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 71-79, jan./mar. 2010.

PINTZUK, S. **VARBRUL Programs**. 1988. Mimeo.

PRINCE, A. **Relating to the Grid**. *LI*, 1983. v. 14, nº. 1. 19-100.

QUEDNAU, L. R. **O Acento do Latim ao Português Arcaico**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), PUCRS, 2000.

RAMOS, Adriana Perpétua. **Descrição das Vogais Postônicas Não Finais na Variedade do Noroeste Paulista**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UNESP, 2009.

ROMANE, S. *Language in Society: an introduction to sociolinguistics*. 2. ed. Oxford University Press, 2000.

ROUSSEAU, P.; SANKOFF, D. *Advances in variable rule methodology*. IN: SANKOFF, D. (ed.). **Linguistic Variation: models and methods**. New York, Academic Press, 1978. 57-68.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 9. ed. São Paulo: Cultrix.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da Concordância Nominal em Português**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988. 2º vol. Mimeo.

SELKIRK, E. (1995), **The Prosodic Structure of Function Words**. *University of Massachusetts Occasional Papers* 18, 1995. 439-470.

SELKIRK, E. *The syllable*. IN: HULST, H; SMITH, N. **The Structure of Phonological Representations**. Foris Publication, 1982.

SILVA, A. P. da. **Supressão da Vogal Postônica Não Final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar Sapeense**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 2006.

SILVA, R. N. A. da. (2001). **Variação ter/haver na Fala Pessoaense**. (Dissertação de Mestrado), João Pessoa: UFPB. Mimeo.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 8ed. Revisada – São Paulo: Contexto, 2002.

SOARES, M. F. **Do Tratamento Fonológico ao Ritmo**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 29, p. 7 – 23, dez de 1994.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2002.

VENNEMANN, T. **Preference Laws for Syllable Structure and the Explanation of Sound Change**. Berlin, Mouton de Gruyter, 1988.

VIEIRA, M. J. B. As Vogais Médias Postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs) **Fonologia e Variação: Recortes do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 127-159.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. I. (1968) Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P., MALKIEL, Y. (eds.) **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press. p. 95 - 195.

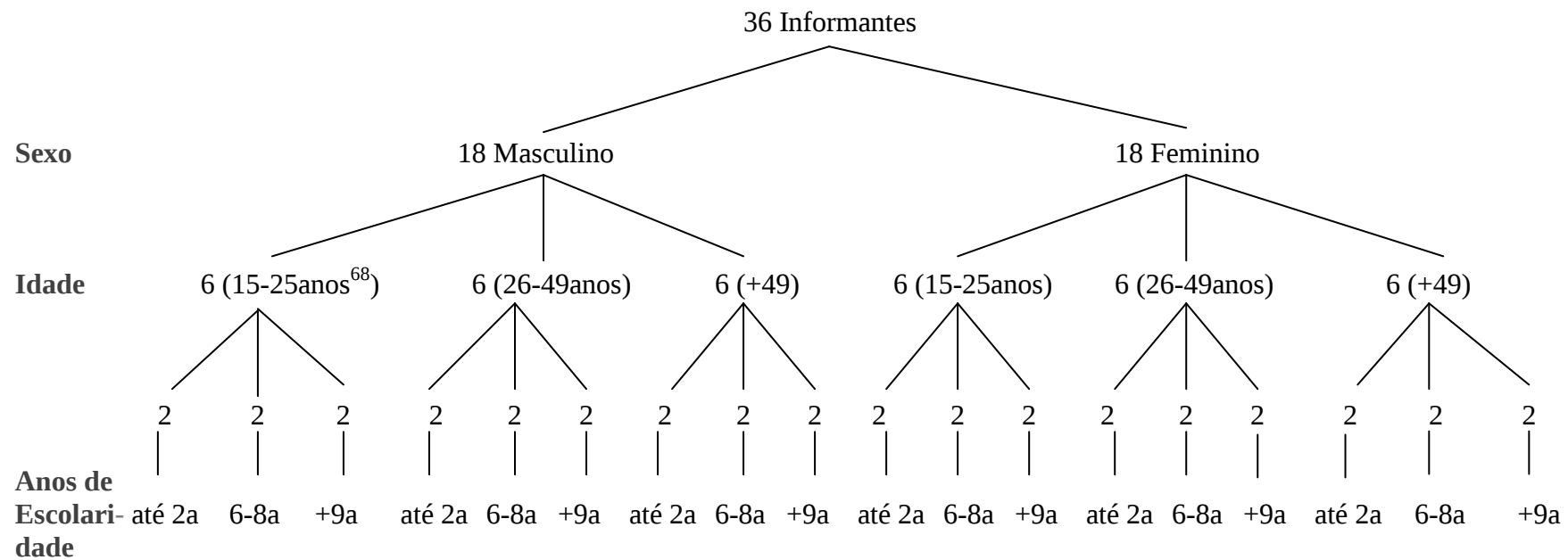
WELZELS, L. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. IN: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, 1992. nº 23. 19-55.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao Português**. Tradução: Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

ANEXOS

ANEXO 1

FORMAÇÃO DO CORPUS



⁶⁸ No que concerne a anos de escolarização, dividimos em três grupos: *Pouca escolarização até 2 anos*, de 6 – 8 anos e + de 9anos.

ANEXO 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES

FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

Entrevistador: **André Pedro da Silva**

Data: ____/____/2004

1. Nome: _____
2. Endereço: _____
3. Data de nascimento: ____/____/____
4. Você estuda: () SIM () NÃO () NUNCA ESTUDOU
5. Qual série? _____
6. Até que série você cursou? _____
7. Porque não continuou? _____
8. Você trabalha? () SIM () NÃO
9. Que tipo de atividade você faz? _____
10. Você é financeiramente independente? () SIM () NÃO
11. Você recebe alguma ajuda financeira? De quem? () FAMÍLIA
() OUTROS
12. Além de você, quantas pessoas moram em sua casa?
() NENHUMA () DE UMA A DUAS () MAIS DE TRÊS
13. Qual a relação de parentesco que há entre vocês?
() PARENTES () NÃO PARENTES
14. Você costuma ver TV? () SIM () NÃO
15. Que programa(s) você assiste?
() NOVELA () NOTÍCIAS () OUTROS
16. Você costuma ouvir rádio? () SIM () NÃO
17. Em que horário você ouve? _____
18. Você lê jornal? () NÃO () DIARIAMENTE () DE VEZ EM QUANDO
19. Qual(is) jornal(is)? _____
20. Que revista você lê? _____
21. Qual a sua diversão favorita? _____
22. Você gosta de carnaval? () SIM () NÃO
23. Você gosta de futebol? () SIM () NÃO
24. Você pratica algum esporte? () SIM () NÃO
25. Qual esporte? _____
26. Você pratica alguma religião? () SIM () NÃO
27. Qual? _____
28. Você é uma pessoa que: () NUNCA SAI DE SAPÉ
() SÓ SAI A NEGÓCIO
() SEMPRE SAI PARA PASSEAR
29. Passa muito tempo fora? () MENOS DE DOIS MESES
() MAIS DE DOIS MESES

ANEXO 3

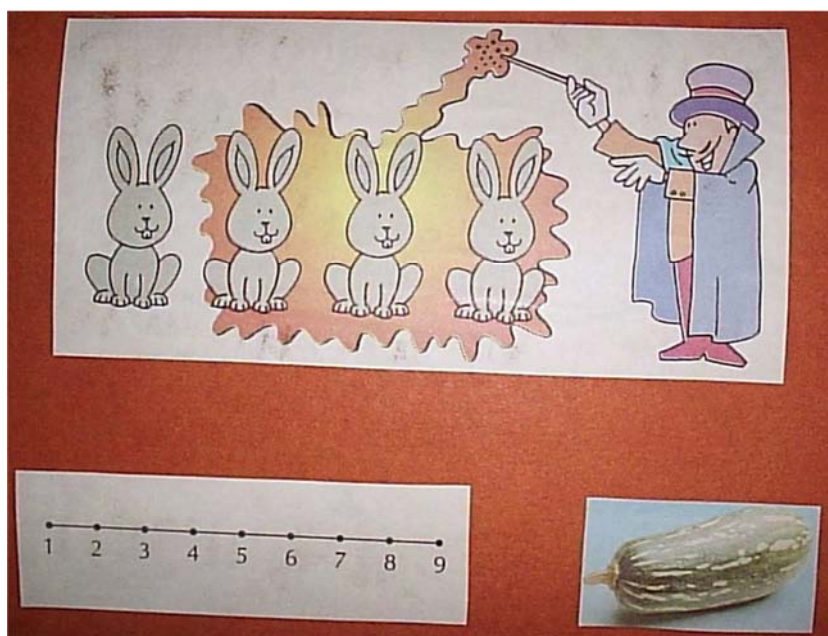
LEITURA DAS PALAVRAS NO TEXTO

1. Todo sábado, um bêbado pacífico frequentava um círculo católico, embaixo de uma árvore, numa chácara.
 2. O príncipe adorava doce de abóbora com uma bela xícara de chá.
 3. Certo dia, uma professora de matemática resolveu instalar uma parabólica em sua casa e tomou um choque elétrico, caindo, assim, sobre a cômoda, quebrando seus óculos.
 4. A prática de esporte, segundo meu médico, faz bem ao músculo e ao cérebro. Nos faz perder a aparência tísica e melhora nosso estado de espírito.
 5. Ao comer pêssgo, uma grávida passou mal. Seu marido, agrônomo, a levou ao médico. Ela imaginava ser uma úlcera ou fígado, algo relacionado ao estômago, mas na realidade foi constatado que eram apenas cólicas.
 6. Numa fábrica, a máquina de fósforo parou. Chamaram o mecânico. Numa análise básica, o técnico observou que havia sido um problema elétrico e não físico.
 7. O número de pessoas desacreditadas nesse político é grande. Nem os econômicos aceitam sua candidatura. Logo seu crédito foi pelo ralo!
 8. A máscara de plástico cor de pérola causava cócegas e irritava o rosto da criança.
 9. Aconteceu um fenômeno intrigante no clube. A lâmpada explodiu, clareando tudo como um relâmpago. Assustado, um rapaz do exército pediu para parassem a música e os cânticos.
- Aconteceu algo trágico no jardim de Margaridas, por acidente entornaram ácido nas pétalas das flores e todas morreram, dando-me um grande prejuízo.

ANEXO 4

FIGURAS UTILIZADAS NAS ENTREVISTAS

Ficha 1



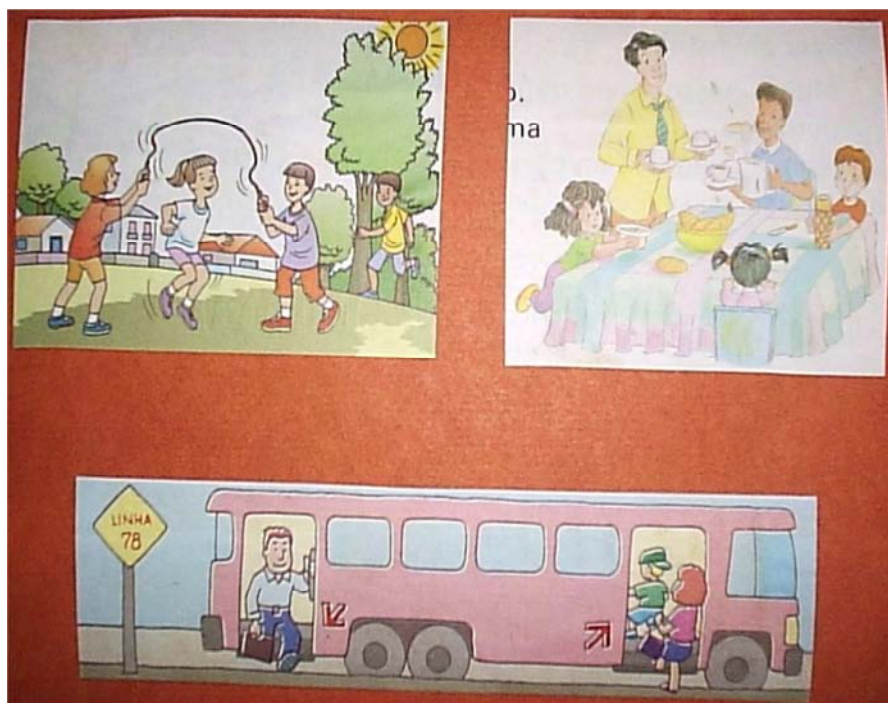
Mágico, mágica, número, matemática, abóbora.

Ficha 2



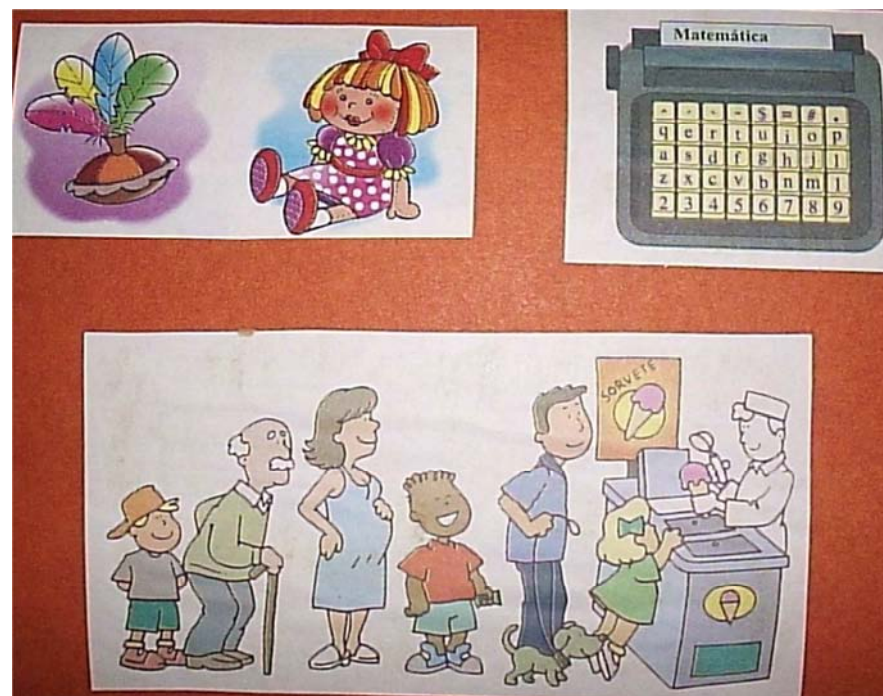
Música, elétrico, pétala, árvore.

Ficha 3



Educação física, árvore, xícara, ônibus.

Ficha 4



Plástico, máquina, número, matemática, grávida, cólica.

Ficha 5



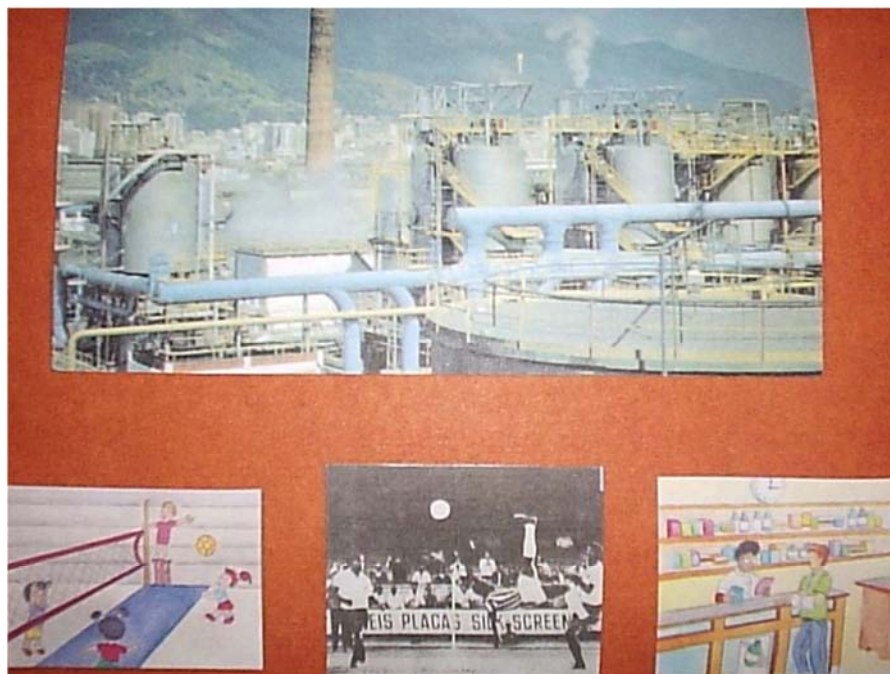
Católico, evangélico, cântico, chácara, árvore, semáforo, trânsito.

Ficha 6



Médico, músculo, xícara, cômoda, lâmpada.

Ficha 7



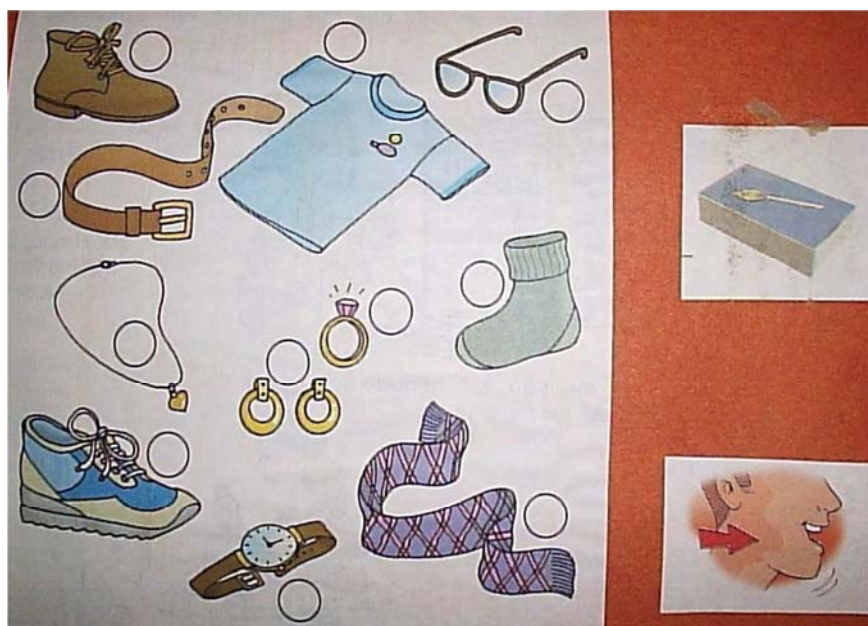
Fábrica, técnico, farmacêutico.

Ficha 8



Abóbora, música, músico, cágado, hipopótamo, máquina, câmara, fotógrafo

Ficha 9



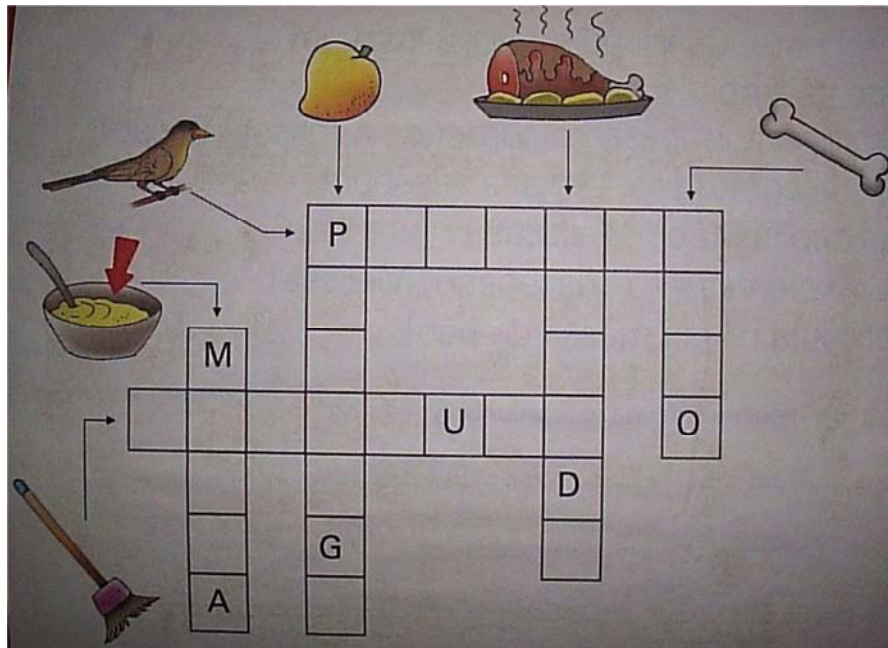
Óculos, fósforo, cócega.

Ficha 10



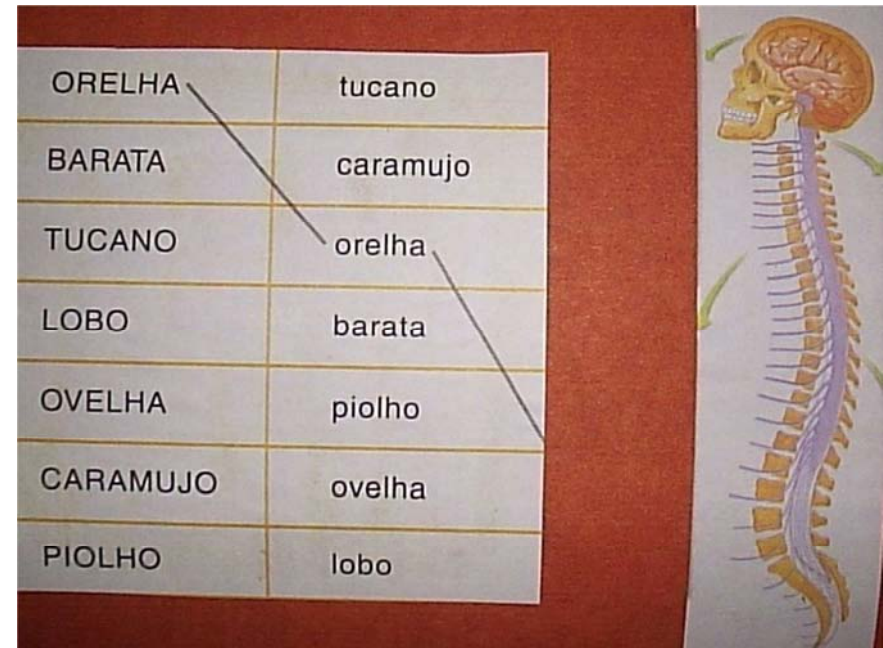
Helicóptero, fábrica, máquina, mecânico, elétrico, cômoda

Ficha 11



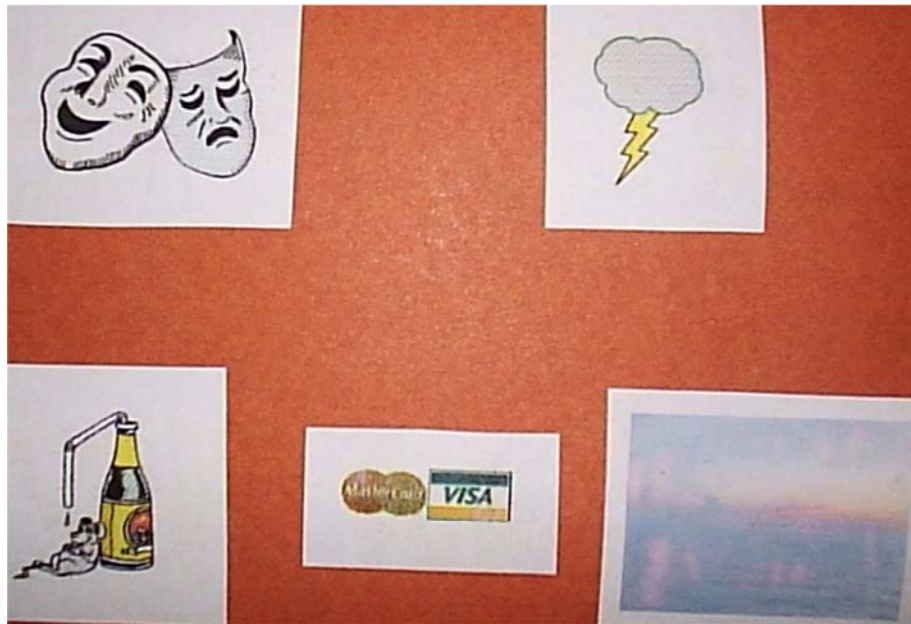
Pássaro, pêssego.

Ficha 12



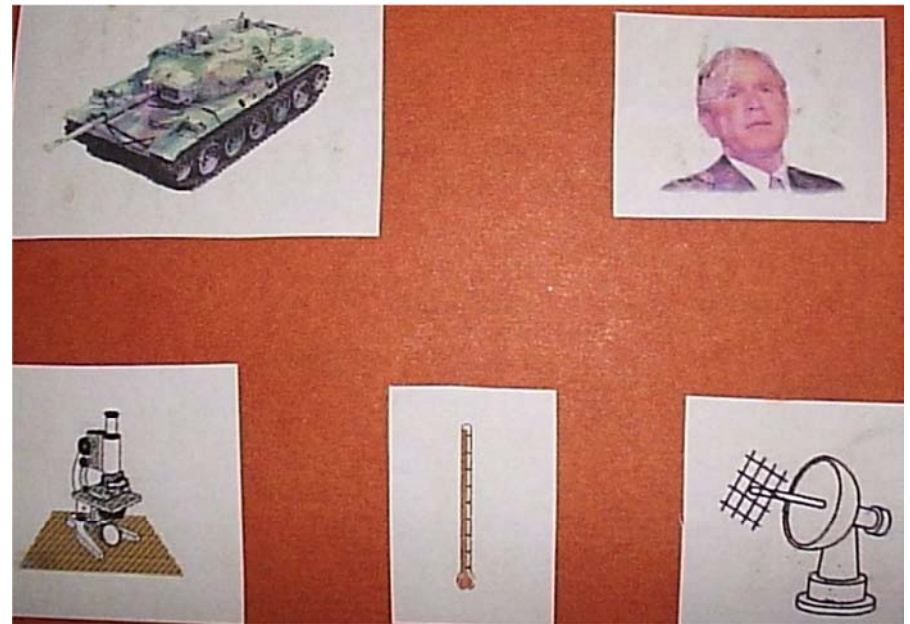
Maiúsculo, minúsculo, cérebro

Ficha 13



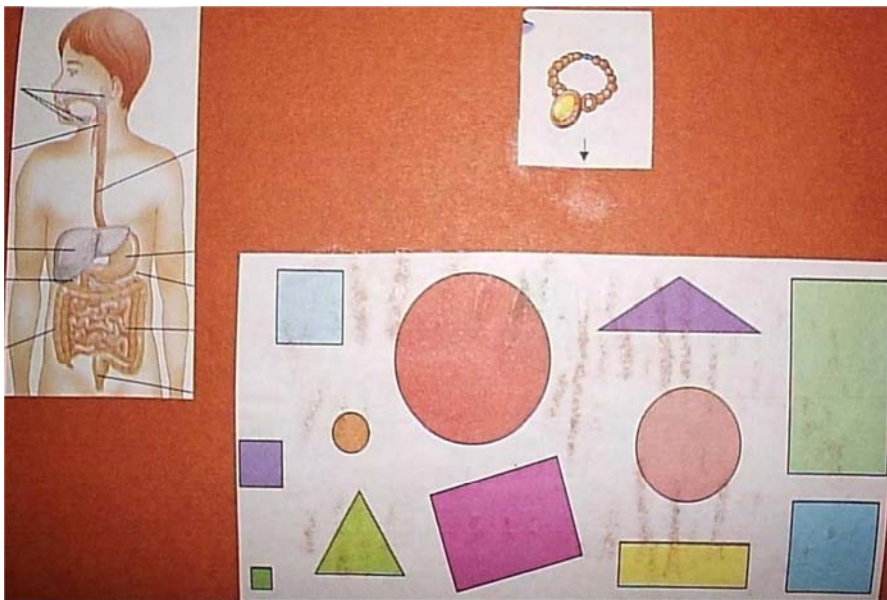
Máscara, bêbado, relâmpago, crédito, atlântico, pacífico, índico.

Ficha 14



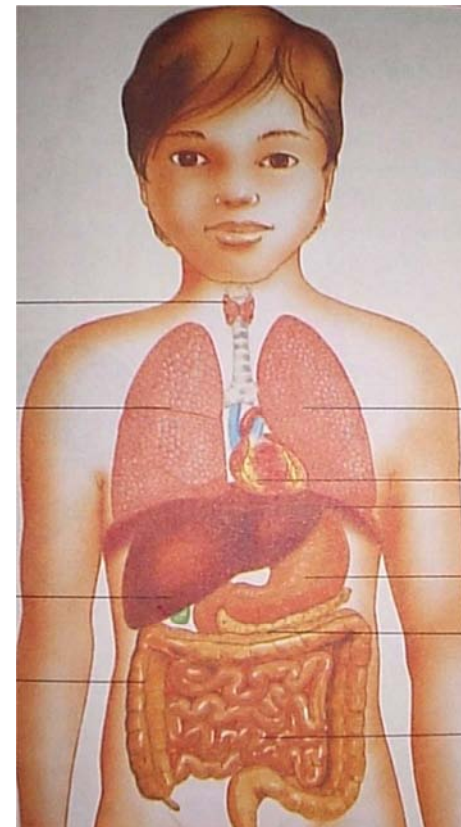
Exército, político, máquina, termômetro, parabólica

Ficha 15



Fígado, estômago, pérola, triângulo, retângulo, matemática.

Ficha 16



Estômago, úlcera, fígado

ANEXO 5

PERGUNTAS PARA OBTENÇÃO DAS PROPAROXÍTONAS

1. Como se chama aquela disciplina que a gente faz exercícios e depois fica jogando na quadra? **Educação Física**
2. Qual o dia da feira em Sapé? **Sábado**
3. Você sabe fazer o sinal da cruz? Pode fazer? **Espírito**
4. Como se chama o filho do rei? **Príncipe**
5. Rubinho Barrichello participa de que tipo de corrida? **Fórmula 1**
6. Você pode me falar o nome daquela doença que queima o estômago? **Úlcera**
7. Como se chama essas pessoas que estão se candidatando a prefeitos, vereadores?
Políticos
8. Como se chama aquela dor que as mulheres sentem antes e durante a menstruação?
Cólica
9. Como chamamos uma pessoa que está muito fraca e magra? **Tísico**
10. O homem que trabalha na EMATER é um...? **Agrônomo**
11. Quando uma pessoa mexe em nossa barriga, fazendo a gente rir, falamos que ela está fazendo...? **Cócega**
12. Você poderia falar dois principais mandamentos da Lei de Deus? **Próximo**
13. Como se chama aquela borracha que fica cheia de ar, dentro do pneu? **Câmara**
14. Como chamamos aquele sítio pequeno que geralmente as pessoas vão passar fim de semana pra se distraírem? **Chácara**
15. O jogo Brasil x Argentina terminou 2x2. Como foi que o Brasil ganhou? **Pênaltis**
16. Como é que Galvão Bueno chama o Ronaldo? **Fenômeno**
17. Quando nos abaixamos, ficamos de...? **Cócoras**
18. Como se chama o nome do pó que fica dentro das bombas de São João? **Pólvora**